

SÉRIE MEU MONSTRO MAFIOSO
- LIVRO 01 -

Gariota *Traficada*

LUA DAVES



GAROTA TRAFICADA

Série: Meu monstro mafioso

- Livro 01-

Lua Daves

Copyright © 2016 Lua Daves

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

Dedico esta obra aos meus leitores e a família maravilhosa da qual pertenço.

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPITULO 02](#)

[CAPITULO 03](#)

[CAPITULO 04](#)

[CAPITULO 05](#)

[CAPITULO 06](#)

[CAPITULO 07](#)

[CAPITULO 08](#)

[CAPITULO 09](#)

[CAPITULO 10](#)

[CAPITULO 11](#)

[CAPITULO 12](#)

[CAPITULO 13](#)

[CAPITULO 14](#)

[CAPITULO 15](#)

[CAPITULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPITULO 19](#)

[CAPITULO 20](#)

[CAPITULO 21](#)

[CAPITULO 22](#)

[CAPITULO 23](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[CONTATOS DA AUTORA:](#)

SINOPSE

Uma garota humilde, frágil, ingênua e amorosa não poderia cogitar ser vítima da crueldade humana.

Nascida na favela, Savannah teve seu mundo abalado pela morte dos pais. Expulsa da casa em que morava por falta de pagamento das mensalidades do aluguel, viu-se vagando pelas ruas, pois todas as vezes que procurou emprego, recebeu uma negativa em resposta. Esgotada, ela foi morando noite após noite num banco de praça.

Rodeada pelo perigo, confiava sua vida nas mãos do Criador, porém a frase que diz: "Deus escreve certo por linhas tortas" não poderia descrever melhor o que viria acontecer. Numa determinada noite em que, o desespero, a impotência, o abandono e a fraqueza lhe consumiam, tão rápida e impiedosamente quanto labaredas de fogo, Savannah foi abordada por criminosos. Sequestrada e traficada para Arábia Saudita, percebeu ali que seus pesadelos estavam apenas começando.

Pura e inocente foi levada a leilão, onde o objeto em vitrine seria seu corpo delicado.

Savannah se perdeu em meio ao pânico, medo e terror quando seus olhos encontraram os dele pela primeira vez, gélidos como um iceberg, tão negros quanto

a escuridão.

Masalom é um temido e calculista mafioso.

Quase o chefe de sua máfia, o também inacreditavelmente príncipe designado ao trono árabe, procurava naquela noite uma esposa submissa e, ao encontrar olhos arregalados, pele branca como cera e lábios rosados como uma pétala de rosa, não pestanejou em adquirir à oferta de uma “Garota traficada”.

PRÓLOGO

Se fosse possível fazer uma avaliação da minha vida, certamente a maior parte dela seria baseada na dor, miséria e angústia. Mas apesar disso, nunca me faltou amor; e esse sentimento é o bastante para me fazer feliz, afinal, ele é o pertence de valia mais inestimável que possuo.

Os meus pais são minha base e inspiração e foi ao lado deles que atravessei os altos e baixos do início da minha doença. Muito nova, fui diagnosticada com artrite reumatóide nas mãos. Para os que não conhecem, essa doença tem como característica dores quase insuportáveis nos músculos e nas articulações. Há dias que mal consigo segurar um copo.

Desde que tomaram conhecimento da minha triste realidade, meus pais começaram a trabalhar incansavelmente, a fim de me oferecer o melhor tratamento. Entretanto, as coisas foram ficando difíceis mesmo assim, pois muitas vezes passamos necessidades.

Por mais que tentássemos conseguir algum benefício do governo por vias normais, não conseguimos. Chegamos a procurar um advogado, mas o preço cobrado foi muito alto e por isso desistimos. Meus pais foram aos poucos se desfazendo das coisas para manter meu

tratamento e hoje moramos de aluguel.

Quando mais nova, sonhava em estudar, me formar, trabalhar e, com isso, proporcionar uma vida melhor para os meus pais. Lembro-me o quanto amava a escola. A doença não me impossibilita de ter uma vida normal, todavia, como citei anteriormente, tem dias que minhas mãos enfraquecem e o medo da dor faz com que eu evite o contato físico. No fim, acabei abandonando os estudos. Como sempre, meus pais apoiaram a minha decisão, e é por esse e outros motivos que eu os amo muito. Eles são meu tudo, minha fortaleza.

Hoje particularmente estou preocupada. Já passa da meia noite e eles ainda não chegaram. No entanto, resolvo esperar mais um pouco para ir atrás deles, afinal, às vezes eles fazem horas extras.

Os minutos não se apressam em passar e estou exausta. Decido ir dormir um pouco. e se eles demorarem muito eu vejo o que faço. Sigo em direção ao meu colchão,ajeitando-o no chão da sala para logo em seguida montar a minha cama improvisada. A casa é pequena, só tem um cômodo que é dividido pelo guarda-roupa e uma cortina e, mesmo a contragosto dos meus pais, o cedi para eles. Um casal precisa de privacidade, certo?!

Sorrio me lembrando da pequena discussão que tivemos até que eles entendessem que eu não iria mudar

de opinião. O sorriso se vai e meu corpo relaxa dando espaço ao sono.

Adormeço.

— Savannah! Querida, acorda! — alguém agita levemente meus ombros. Abro os olhos sentindo a claridade sobre mim, uma vez que, já amanheceu.

Sigo a mão que toca meus ombros e encontro Dona Zélia, a única pessoa que meus pais confiam neste lugar perigoso chamado favela e, por isso, tem a chave da nossa casa para um caso de emergência. Noto lágrimas em seus olhos. Sento-me rapidamente sentindo meu coração ser esmagado pela dedução de que algo não vai bem e, como se fosse um alerta, recordo dos meus pais. Levanto-me à procura deles, afinal, a pobre senhora apenas chora. A aflição toma conta de mim fazendo-me tremer quando vou até o quarto improvisado e vejo que a cama continua arrumada. Ninguém dormiu ali.

— Mãe... Pai... — os chamo mesmo sabendo que eles não voltaram ontem. Olho para Dona Zélia que agora me fita com pena. — Onde eles estão?

A mulher enfim fala algo.

— Meu amor vo... — ela funga e tenta secar as lágrimas que não param de descer. — Você precisa ser forte. — completa com muito custo.

— O que aconteceu? — indago num sussurro temeroso. — Me diz que e-eles estão b-bem! — imploro gaguejando.

Meu coração me avisara que algo muito ruim estava por vir, mas eu não estava preparada para as suas próximas palavras.

— Eles, Savannah, eles estão m-mortos, meu amor. — balanço a cabeça atordoada. — Foram vítimas de balas perdidas em um tiroteio.

Meu mundo gira e é como se o chão abrisse me levando diretamente para o inferno. As lágrimas turvaram minha visão que aos poucos escurece, tomo para o lado e me apoio na parede de tijolos logo atrás de mim.

— Não eram eles, não podem ser eles, Deus não faria uma injustiça dessas!

Os sorrisos de minha mãe...

Os olhos gentis de meu pai...

Eu nunca mais vou tê-los...

Nunca mais vou vê-los... Eles se foram.

Não consigo acreditar! Ontem, antes de saírem, estavam tão contentes, sorriam abertamente e beijaram minha testa dizendo o quanto me amavam...

— Meu Deus, por quê? — minha voz sai

embargada. — Por quê? Por quê? — grito repetidas vezes, tentando esvair a dor que me sufoca. Aos poucos minha voz vai diminuindo e vou deslizando até estar sentada no chão, com o rosto entre os joelhos. — Por quê? — minha voz já não passa de um simples sussurro.

Minha vida nunca mais foi a mesma a partir daquela notícia.

Nas duas semanas seguintes, a dor continuava vigente em meu peito. Sei que ela nunca irá embora, mas preciso reagir, ganhar algum dinheiro. Tentei conseguir algum trabalho. Nunca havia trabalhado na vida, pois meus pais não permitiam sabendo que isso poderia piorar minha condição, mas agora é diferente. Eu não tenho alternativas. Ou eu conseguiria um emprego, ou as coisas piorariam ainda mais.

Tentei por dias, mas as pessoas não queriam empregar alguém doente. O preconceito ainda é um dos maiores vilões deste país.

Dona Zélia ainda me ajudou durante a primeira semana, mas ela precisou se mudar para ajudar sua irmã que estava doente em outra cidade.

Sem trabalho, não tive como arcar com as despesas e, pouco tempo depois, fui enxotada da casa onde morava. Como não tinha parentes, me restou apenas a rua para chamar de lar.

Sem meus remédios, as dores se tornaram ainda mais agudas e constantes, tudo que segurava caía. Era como se eu estivesse enferrujada.

Estava suja, fazia dias que não tomava banho, me alimentava dos restos que as pessoas jogavam nos lixos e cantos. Minhas chances de conseguir um emprego eram cada vez menores senão inexistentes.

Às noites, eu dormia em um banco de praça que achei ser o mais escondido, afinal, eu temia que acontecesse algo, pois havia boatos de estupradores pela área. Por enquanto, nada me aconteceu nesse nível, mas não sei dizer até quando conseguiria me safar.

Com o passar dos dias, essa sarjeta em que estou só piora... Esta tarde fui procurar o que comer. Meu estômago estava roncando sem parar. Como não conseguia suportar levar nada nas mãos, deixei a mochila, que tinha coisas de casa, escondida próximo ao lugar onde dormia. Quando voltei, ela não estava mais lá.

— Meu Deus, quando isso vai acabar? Me ajuda... — Choro descontroladamente.

As únicas roupas, cobertores e pertences que tinha estavam ali. Agora só me restava as roupas do corpo e a foto dos meus pais, que, por sorte, nunca saía do meu bolso. Como já era noite, deitei no 'meu banco' sentindo as lágrimas banhando o meu rosto. Os meus soluços e o

barulho de conversas distantes eram os únicos sons que se escutava naquele lugar imenso... Me sentia solitária.

— Eu não aguento mais! — berrei com a voz estrangulada. O vento fazia meu corpo tremer e a dor nas minhas mãos fazia com que eu me espremesse contra o encosto do banco. — Me ajuda, mãe, eu sei que a senhora e meu pai estão olhando por mim, por favor, me diz o que fazer. — sussurro sentindo as lágrimas alcançarem meu pescoço.

Busco a foto deles em meu bolso, e fico observando um dos melhores momentos da minha vida. Depois de minutos, mesmo com os dentes batendo em decorrência do frio, o sono veio. Guardei a foto em meu bolso e me permiti cair no mundo dos sonhos.

Não consigo ter noção de quanto tempo depois, mas o fato é que acordo com uma voz rouca e potente.

— Olha o que achei aqui! — o dono da voz diz enquanto puxa o meu cabelo com tanta força que chego a sentir os tufos sendo arrancados de meu couro cabeludo.

— Ai! Para, por favor. — grito com lágrimas nos olhos.

— Quieta, cachorra, ou eu te mato! — rosna e eu fico atordoada. Não entendo o que está acontecendo.

Pelo canto do olho vejo dois brutamontes: um de

pele morena e o outro com a pele branca.

— Ela é bonita.

— Verdade. — o moreno disse ao me lançar um olhar safado antes de me forçar a ficar de pé. — Esses olhos castanhos e essa boca rosada são impressionantes. Isso sem contar a estatura pequena e a pele macia e alva. — me olhou de cima a baixo e eu comecei a me encolher tentando me proteger. Sei que dessa vez ninguém vai me ajudar. Eles vão me estuprar e matar.

— Só que ela fede. — diz o de cor branca retorcendo o rosto e completa: — Eu não vou comê-la, além do mais, se ela for virgem, vai render mais dinheiro para nós. — reflete e eu não sei se fico aliviada ou com mais medo.

Espera, o que ele quis dizer com mais dinheiro?

O outro interrompe meus pensamentos.

— Você tem razão! Que sorte, hein?! Nem precisamos iludir ninguém e nem teremos que nos preocupar com a família, porque, pelo visto, ela não tem. — gargalha alto fazendo os pelos da minha pele se arrepiarem em resposta. — Para qual país ela será mandada?

Me desespero ao ouvir essas palavras. Eles vão me traficar?!

Observo-o me soltar um instante e ambos conversarem, então, aproveito o momento de distração deles, levanto e começo a fazer a única coisa que posso para me livrar que é correr o mais rápido que consigo.

— Vadia do caralho, você não vai muito longe!
— escuto sua voz próxima a mim. Olho para trás e percebo o quão perto ele está. Esforço-me para ir mais rápido, mas meu esforço é em vão e logo ele me alcança furioso.

Recebo vários tapas no rosto e sinto a pele arder como uma queimadura. Meu peito também arde pelo esforço da corrida.

— Idiota, você pensou que iria fugir? Só não te mato nesse instante porque sua boceta deve ser valiosa.

Ele quer me vender e o pior é que tem razão. Eu nunca tive namorado, nunca beijei e tão pouco tive relações sexuais.

— O Brian vai verificar. Se você não for virgem, garota, eu não terei remorso algum em te mandar para o inferno. — continua rosnando próximo ao meu rosto enquanto vai colocando as mãos na minha vagina.

— Não! — grito e me sacudo desesperada para sair do seu aperto.

Estou suando frio.

— Vamos com isso, Brian. Verifique! Eu seguro a vadia! — diz para o moreno que se aproxima e levanta meu vestido.

Desesperada, tento gritar, mas a mão dele me cala antes mesmo que eu consiga emitir qualquer som. Debato-me em seus braços. Meu coração bate tão forte que parece que vai pular do peito. Meu corpo treme. Sinto minha calcinha ser arrancada. O homem que me segura, me levanta enquanto o outro separa minhas pernas. Sinto-me exposta, suja.

— E então? — pergunta enquanto o cara coloca os dedos nas minhas dobras e as abre.

— Ela é virgem. — responde sorrindo, como se a minha ingenuidade fosse um prêmio.

Lágrimas molham o meu rosto, quando um pano úmido é pressionado contra o meu nariz e a escuridão me leva até eu despertar em um lugar asqueroso, pior que qualquer coisa que já havia visto na vida. E olha que vivi em meio à sarjeta por semanas, mas esse local é pior. Bem pior.

O lugar fede a fezes, tem baratas e ratos rodeando meus pés. Levanto-me num pulo, horrorizada. Minha vontade é de correr, mas o espaço é do tamanho de uma geladeira. Dou um giro de 360° em torno de mim e o desespero me toma. Não há nenhum espaço aberto além de

pequenos furos no teto, provavelmente, para entrar oxigênio.

— Socorro! Socorro! Alguém me ajuda! — tento bater na superfície que cerca o lugar, mas não tenho forças nas mãos, que também doem. Só me resta continuar gritando e rezar para que alguém me escute.

O meu esforço faz com que o ar se torne ainda mais escasso.

Tento puxar o ar, forçá-lo a entrar em meus pulmões que tanto ardem. Parece que este é meu fim. Apavorada, tento gritar novamente, todavia, nada sai. Minha visão vai ficando turva. Procuro a todo custo inspirar e expirar calmamente, mas não consigo.

Sinto-me tonta.

No limite da minha agonia, a porta, ou sei lá como isso se chama, é aberta por aquele mesmo indivíduo que rasgou minha calcinha.

Lágrimas de alívio trilham meu rosto quando uma rajada de ar preenche meus pulmões. Contudo, sem me dar muito tempo, o homem me arrasta dali pelos cabelos.

— Sabia que você seria um pote de ouro, garota. Já temos um leilão agendado. — sua voz potente enche meus ouvidos. Encolho-me não só por suas palavras, mas também pelo que está por vir.

Ele me arrasta por vários corredores. Eu não tinha ideia de que horas eram até olhar de realce pela janela e ver a escuridão que se formava lá fora. Não pude ver mais nada depois, pois, logo sou empurrada para dentro de uma sala.

Massageio o couro cabeludo, que há pouco tempo estava sendo puxado. Amarro os cabelos em um nó no topo da cabeça, talvez assim ele não o puxe mais.

Nesse momento, é mais esperto não lutar, afinal, que chances eu teria contra alguém tão forte fisicamente?

Quando enfim consigo deixar de encarar o chão, olho para frente onde encontro uma mulher bem vestida me avaliando.

— Alguns cuidados e você se tornará uma bonita prostituta. — essas palavras são suficientes para me aterrorizar. — Deixe a garota num dos quartos com banheiro e envie uma das prostitutas mais experientes para cuidar da transformação dessa... Coisa. — me olhou com desprezo. — Depois lhe entregue as regras da casa para que ela possa ler e aprender. — em seguida abre uma gaveta e dela retira uma pasta e me entrega.

— Qual o problema? Sabe ler não é? — me pergunta com sarcasmo balançando a pasta diante de mim.

Olho aquela mulher e fico pensando em como ela pode ser tão cruel. Estou louca para mandá-la ir para

o inferno, contudo, sei que se fizer isso será pior pra mim. Apenas aceito a pasta calada e aceno que sim com a cabeça respondendo à sua pergunta. A mulher abanou as mãos nos dispensando e, imediatamente, o brutamontes segurou o meu braço levando-me dali. Mal sabia eu que algo muito pior estava por vir.

CAPÍTULO 01

SAVANAH

Assim como a mulher o havia instruído, o homem que me arrastava jogou-me num quarto e logo em seguida ouvi as trancas da porta sendo fechadas. Levanto do chão onde caí e olho ao redor. Estou em um lugar luxuoso, pelo menos para mim, que vivi na favela.

Fascinada, inspeciono o lugar.

No centro do cômodo há uma grande cama rodeada por um tipo de apoio para as cortinas azuis que estão amarradas em cada uma das suas extremidades. O colchão está impecavelmente coberto por um edredom azul royal e, sob ele, tem quatro travesseiros.

A divisão do espaço é impressionante. Há uma janela na lateral esquerda e tem uma porta do lado direito na qual, curiosa, giro a maçaneta e abro. Ao colocar a cabeça para dentro, constato ser um banheiro pequeno, mas, como o quarto, é de uma beleza exuberante, ricamente detalhado em mármore branco do piso às paredes, com um box dividindo-o.

Entro intrigada no banheiro e avalio tudo com calma.

A porta se fecha com um baque, fazendo-me entrar instantaneamente em pânico. Começo a passar mal. Minha respiração acelera. Não sei o que está acontecendo comigo, talvez, trauma por ter acordado naquele cubículo fechado. Corro em direção à porta e abro-a soltando um suspiro de alívio quando consigo.

Rapidamente caminho até a janela do cômodo e a puxo com o intuito de arejar um pouco o quarto, porém, meu estado piora quando avisto grades extremamente rígidas no lado externo.

Sento no chão com o rosto entre os joelhos, encostada naquelas paredes que podem ter um grande valor arquitetônico, no entanto, não tão inestimável como o amor que possuía na minha pacata vida de dias atrás.

Olho tudo tudo novamente pensando sensatamente.

Talvez ainda não estivesse raciocinando direito, porém agora o peso dos últimos acontecimentos atingiu-me em cheio. Estou presa num lugar que não faço ideia de onde seja, sem ninguém que se preocupe comigo a ponto de me procurar. Querem pôr a prêmio meu corpo e querem vender minha dignidade, que é a coisa que meus pais mais prezavam.

Queria poder voltar no tempo e ser só aquela garota que esperava os pais em casa com o jantar pronto.

Eles trabalharam o dia todo em prol do nosso bem estar e mereciam uma pequena recompensa, por mínima que fosse. Era uma refeição muito simples. Apenas de arroz ou feijão, um ou outro, nunca os dois. Mas isso não tinha importância se estivéssemos juntos e rodeados pelo amor que sentíamos um pelo outro.

As recordações trouxeram-me a lembrança da minha fotografia. Aflita, rezando para que ninguém a tivesse tirado de mim, procuro no bolso e a encontro, para o meu alívio. Esta fotografia retrata a única coisa boa que me restou.

Olho nossa felicidade naquele retrato. Estou no meio dos meus pais que abraçam-me de lado. Estávamos com nossas melhores roupas, ainda que simples. Minha mãe olhava meu pai e vice-versa com aquele brilho que tinham sempre que se entreolhavam. O mesmo brilho que passava carinho e ternura pra mim. Essa foto foi tirada em um dos nossos — quase escassos — momentos de lazer. Era uma festa da comunidade e... Saio das minhas lembranças, quando ouço vozes vindo lá de fora.

Guardo minha preciosidade de volta a tempo, pois, poucos segundos depois, a fechadura range e abre, mostrando aquele brutamontes junto de uma mulher portando algumas caixas.

— Quero ela pronta às nove horas. — o homem

diz. — Leia as regras com ela e explique-lhe tudo o que não entender. — completa empurrando a senhora para dentro como fez comigo.

Ela deixa cair as caixas e os papéis que segurava.

Como se nada tivesse acontecido, o homenzarrão simplesmente sai e tranca a porta. Sem hesitação, vou até a mulher com a intenção de ajudá-la.

— A senhora está bem? Se machucou? - questiono recolhendo as coisas que caíram. Entretanto, paro assustada quando ela agarra minha mão.

— Você é brasileira? — sua voz cansada me pergunta.

Olho pra mulher à minha frente com atenção. Seu rosto está tão cansado quanto sua voz, mas ainda assim ela é bonita. Cabelos castanhos escuros e pele morena. Seus traços são sutis, seus olhos são pretos e estão encarando-me arregalados.

— Sim, por que está tão assombrada? — pergunto-lhe olhando meu braço onde está a sua mão.

Ela a retira e desvia o olhar.

— Desculpa, eu só não esperava. Você sabe onde está? — indaga triste como se isso explicasse sua face alarmada.

— Não faço ideia. — Expresso sincera.

Ela parece ponderar suas próximas palavras por um momento.

— Você está na Arábia Saudita. — murmura ainda hesitante.

— O quê? — sussurro, pois, agora são os meus olhos que a encaram arregalados.

Como assim Arábia? Posso ter estudado apenas o ensino fundamental, no entanto, gostava muito de geografia e sei que a Arábia fica praticamente do outro lado do mundo em relação ao Brasil, no Oriente Médio, para ser mais exata. Não pode ser verdade, não é?

— A notícia te apavora. Fiquei assim quando cheguei aqui. Ao longo do tempo vai perceber que as coisas podem ser piores do que imagina. — afirma e eu arregalo os olhos ainda mais se é que possível. — Não estou querendo te amedrontar, entretanto, queria ter alguém que me abrisse os olhos quando cheguei. — ela continua enquanto junta todas as caixas em pilhas.

— Eu não... você só pode estar brincando! — replico numa tentativa frustrada de completar uma frase coerente.

— Infelizmente não, querida, mas acho melhor continuar esta conversa num lugar mais confortável, se

não se importa. — sorri pra mim, contudo, eu não consigo retribuir. Suas palavras ainda rondam minha cabeça. — Não tenho mais idade para sentar no chão, se é que me entende. — continua a falar em tom descontraído. Eu apenas forço um sorriso amarelo.

Tento não enlouquecer e sair aos gritos, até porque não adiantaria.

— Tem razão. — concordo e levanto antes de estender-lhe a mão para ajudá-la.

Finjo não estar aterrorizada, algo que, decididamente, não é verdade, e pego a pilha de caixas. Coloco-as sob a cama enquanto ela pega os papéis e me segue.

— Como veio parar aqui? — pergunta quando nos sentamos na cama.

Ela segura minhas mãos e olha dentro dos meus olhos. Seguro a vontade de chorar com aquele simples gesto de afeto.

Conto tudo a ela desde minha infância simples até o exato momento em que me encontro. Quando concluo, estou soluçando em seus braços.

Eliza também conta a sua história. Tem quarenta e cinco anos, brasileira, e veio para a Arábia Saudita com vinte e oito. Era para ser um emprego temporário, mas que

faria uma imensa diferença na sua vida e na de seu filho, que, com dez anos, na época, ficou com uma amiga. Eliza voltaria para o Brasil após três meses, mas nunca conseguiu cumprir a promessa. Chorando, diz o quanto o ama e fala da vontade de querer vê-lo antes de morrer e pedir-lhe perdão por não ter acompanhado seu crescimento. Ela diz também que vai me ajudar e que não vai deixar ninguém fazer comigo o que fizeram com ela.

Choramos abraçadas e, enfim, tenho a sensação de ter encontrado uma amiga com quem posso contar dali para frente.

Já recompostas, ela me mostra, com pesar, as tais regras que, destacadas em negrito, encontravam-se escritas:

NORMAS NAS QUAIS FUTURAS INTEGRANTES DEVEM ESTAR CIENTES:

REGRA Nº 01 - No caso de rebelião ou regras descumpridas, a sala de detenção será utilizada. (A sala citada é a mesma em que a garota deve estar ao despertar. Esta será o primeiro lugar do clube no qual ela conhecerá).

De repente as imagens daquele lugar fedorento, apertado, cheio de bichos asquerosos e, o pior de tudo, sem oxigênio suficiente para respiração, surge em minha

mente. Olho Eliza que me encara com tristeza.

— Quantas v-vezes você v-voltou àquele l-lugar, Eliza? — gaguejo.

Não queria ouvir a resposta, mas tinha que perguntar ou iria ficar com ela martelando na minha cabeça.

— Muitas. — me diz. — No início recusei seguir muitas dessas malditas regras. Aos poucos, o tempo me mostrou que ou eu seguia isso — aponta para o papel. — ou viveria toda a minha vida naquele lugar.

Meus olhos marejam outra vez, não só por meu futuro lamentável, como por tudo que essa mulher à minha frente passou. Ela é forte e eu tenho que seguir seu exemplo.

Com a visão turva pelas lágrimas, volto a ler em voz alta:

REGRA Nº 02 - Os clientes têm sempre razão.

Fico confusa com a segunda regra. Percebendo isso, Eliza complementa minha leitura:

— Você sabe ou faz ideia do motivo de estar aqui, não? — indaga e eu lembro da mulher dizendo que eu seria uma bela prostituta.

Desesperada, levanto e ando de um lado a outro puxando meus cabelos, o que piora a dor nas minhas mãos

em decorrência da doença, outra coisa que tenho que me preocupar.

Eliza fica silêncio esperando que eu lhe responda, então fecho os olhos com força, respiro fundo e repito a seguinte frase como um mantra:

Tenho que ser forte, tenho que ser forte, tenho que ser forte.

Abro os olhos então assinto com a cabeça e ela continua, para meu terror.

— Qualquer coisa que um deles te pedir na cama ou fora dela, digo fora por que tem um clube onde esperamos algum "pretendente", enfim, tudo que eles pedirem você tem que fazer. — faz aspas com as mãos para enfatizar o tipo de pretendentes aos quais ela se refere.

Volto a sentar enquanto tento abafar um soluço com a mão.

Ela me puxa para seus braços e vou de bom grado.

— Podemos continuar depois, querida. Ainda temos tempo e você está muito abalada. Eliza me conforta enquanto afaga minhas costas, mas tudo que quero é acabar logo com isso de uma vez.

Limpo meu rosto e continuo a ler.

REGRA Nº 03 - Deverá cuidar da limpeza do ambiente pela manhã, às sete horas em ponto, sem atrasos. A única exceção é se a moça ainda estiver com o cliente.

Como entendi tudo desta regra, sigo para próxima. Meu foco é terminar logo de ler esta porcaria.

REGRA Nº 04 - Em caso de gravidez, o aborto é a única solução viável. Em caso de DSTS (Doenças sexualmente transmissíveis) esta passará por julgamento onde será decidido seu futuro.

Fito essas palavras por um tempo considerável, tentando compreender como alguém pode ser tão monstruoso a ponto de fazer um ser humano passar por tais absurdos como estes aqui descritos. Nem me dou ao trabalho de observar o rosto da Eliza uma vez que, seu choro baixo, denuncia a dor que provavelmente transcende sua face.

Pergunto-me se ela já teve que abortar um feto... Sacudo minha cabeça e corto o rumo dos meus pensamentos antes que eu desabe de novo. Ainda falta uma regra para o término disto, então leio logo para acabar com esse martírio.

REGRA Nº 05 - No caso de venda, as responsabilidades passam a ser do comprador.

— Nós podemos ser vendidas? — minha voz sai estrangulada até mesmo para os meus próprios

ouvidos.

— Sim, mas não é algo que ocorre com muita frequência. Durante meu tempo aqui, isso aconteceu apenas uma vez e, bom, já vivo aqui há dezessete anos, então... — Eliza deixa a frase morrer enquanto remexe para o lado e abre uma das caixas de onde retira um vestido verde talhado em pedras, com uma grande abertura em um dos lados. Provavelmente mostra a perna de quem o vestir durante o ato de caminhar... O vestido é deslumbrante.

— Alguma dúvida? — questiona Eliza e eu nego com a cabeça. Acho que ela quer encerrar o assunto e eu não me oponho. — Ótimo, porque agora não temos muito tempo para lhe arrumar. — complementa abrindo todas as caixas e jogando as coisas por cima da cama.

Nas caixas havia toalhas de banho e rosto, cosméticos, produtos de higiene, perfumes, hidratante corporal, um par de sapatos altos prateados, um colar, brincos, pulseira e itens de maquiagem, mas o que me assustou foi a cera de depilação.

— Por que tudo isso? Eles q-querem que eu me p-prostitua h-hoje? — gaguejo aterrorizada.

— Não, querida, fique tranquila. Hoje eles vão só lhe apresentar. — Eliza explica e eu me acalmo um pouco. — Eles são espertos, sabem que quanto mais

tempo os homens lhe desejarem mais você valerá. — completa e eu não seguro as lágrimas.

— Mais dinheiro eu valeria. — repito com asco e uma pitada de ironia.

— Infelizmente... — murmura e limpa a garganta. — Bom, você precisa tomar um banho. — articula e me entrega um monte de coisas das quais ela tinha jogado na cama. Vou em direção ao banheiro, coloco o que carregava na pia, tiro minhas roupas imundas e sinto meu próprio odor. Só então me lembro de que faz dias que não tomo banho. Isso me anima um pouco.

Logo ouvi leves batidas na porta e era uma das moças do clube, ela veio ajudar na depilação total. Nunca tinha feito. Doeui muito. Quando ela parte entro no box e ligo o chuveiro. Sem pensar muito, coloco-me embaixo deixando a água morna levar a sujeira por alguns momentos. Então desligo a água para pegar os cosméticos. Vou apoiando em meus braços o shampoo, condicionador, sabonete líquido e acabo derrubando alguma coisa. Me curvo para pegar e vejo que se trata da cera de depilação que restou... Bufo e volto a ligar a água deliciosamente quente enquanto utilizo tudo.

Limpa e cheirosa, envolvo meu corpo na toalha felpuda enxugando-me. Em seguida visto a calcinha e o sutiã, ambos na cor preta. Escovo os dentes e retorno a

envolver meu corpo na toalha.

Regresso ao quarto percebendo que Eliza continuava sentada onde estava antes do meu banho. Ao me ver, levanta sorrindo.

— Agora que está limpa, vamos deixá-la ainda mais linda! — fala me estendendo o vestido.

Sinto meu rosto esquentar quando percebo que ela também vai me ver em roupas íntimas. Eliza parece perceber meu desconforto, pois fecha os olhos sorrindo.

Apressadamente entro no vestido e o ajusto ao corpo.

— Pronto. — digo ao estar vestida.

Ela vira e me dá um sorriso satisfeito.

— Ótimo! Vamos secar seus cabelos e retocar seus traços com um pouco de maquiagem.

Depois de algum tempo, estava pronta.

Eliza colocou o colar, a pulseira e os brincos.

— Agora coloque o sapato e vá se olhar no espelho do banheiro e me diga o que achou. — replica animada.

Coloco os sapatos e fico meio desengonçada no início, mas logo pego o jeito com as dicas da Eliza de como andar com aquilo.

Vou até o espelho e ao olhar-me quase não me reconheço. Meus cabelos castanhos estão levemente enrolados nas pontas, meus lábios estão mais rosados que o normal, por consequência do batom. Meus olhos também castanhos estão realçados por uma sombra cinza que dão mais visibilidade às minhas sobrancelhas pretas. Meu corpo magro modulou-se perfeitamente ao vestido... Estou parecendo uma princesa. Mas o meu encanto logo quebra ao ouvir uma voz de homem no quarto.

Hesitante saio do banheiro e vejo a Eliza feliz de instantes atrás, dar espaço àquela cansada e abatida que vi no chão a algumas horas atrás.

O brutamontes segura seu braço e vem em minha direção fazendo o mesmo.

— Vamos logo. — Rosna e nos arrasta porta afora.

Após passar por inúmeros corredores e portas de quartos, chegamos a um salão cheio de homens bem vestidos, mulheres dançando, outras quase sem roupas e algumas beijando homens descaradamente.

Escandalizada! É como fico ao ver toda aquela promiscuidade.

Olho para Eliza que me presenteia com um sorriso amarelo e desvia o olhar. Respiro fundo e volto a observar, aturdida, as cenas ao meu redor. Na mesa à

nossa esquerda, há três homens sentados de frente a uma mulher dançando sensualmente. Ela baixa as alças do vestido vermelho que traja e deixa que ele caia em uma poça aos seus pés, ficando vestida apenas com uma minúscula calcinha também na cor vermelha. Seus movimentos ritmados continuam, suas mãos acariciam as laterais do seu corpo e logo afaga um dos seios desnudos.

Desvio o olhar para os homens.

Um deles morde os lábios olhando-a com luxúria. O segundo tem a mão movimentando-se dentro da calça. Não satisfeito, desce o zíper da veste e acaricia seu membro agora visível. Segundos depois, ele joga a cabeça para trás em êxtase. Envergonhada, foco no terceiro homem que nada fazia, apenas olhava a moça desejoso, porém, de repente ele levanta e vai até ela a passos largos. A garota esbugalha os olhos. Parece aflita. O homem fica atrás dela e agarra sua cintura. Empurra as mãos dela que estavam nos próprios seios e ele mesmo aperta. Ela solta um grito de dor.

Engulo em seco tremendo incontrolavelmente. Estou com pena da moça, principalmente ao me imaginar no seu lugar. Não controlo um tremor que toma o meu corpo só de pensar nessa possibilidade.

Enquanto tento controlar meu terror, o brutamontes volta a nos arrastar pelo salão. Passamos

bem próximo a um homem que me fita intensamente. Ele parece despir-me com os olhos, minha vontade é de correr pra bem longe desse prostíbulo de luxo, digo de luxo porque, observando tudo ao meu redor, encontro apenas homens elegantes

— Mais um milionário de olho na sua boceta virgem, garota. — a voz rouca do homem ao meu lado me assusta. Sua frase faz meu coração martelar contra minhas costelas.

Engulo em seco amedrontada.

Um dos homens de vestido sinaliza para Eliza. Ela me fita diretamente e seu olhar é um misto de pedidos. Este me implora calma e paciência, não entendo o que isso significa até ouvir nosso carrasco.

— Vá lá e faça seu trabalho. — e empurra Eliza que caminha de cabeça baixa até o homem que acenou.

Minha respiração falha ao perceber o que isso significa e me preocupa saber o que vai acontecer com a minha amiga. Meu Deus, onde foi que eu vim parar?

— Vamos, garota! — o cara me puxa.

Andamos mais um pouco e chegamos a um palco grande. Ele vai de um lado ao outro em um dos cantos do salão. Tem uns 45 cm de altura e sob o mesmo, ao lado direito, há dois palcos redondos bem menores. Num deles

encontra-se sentada uma menina loura muito bonita. O outro, vazio, está reservado pra mim.

— Nada de gracinha ou eu não respondo por mim, entendeu? — fala o homem.

Concordo atordoada e ele vai andando até o lado esquerdo onde recebe um microfone de um outro cara.

Ele começa a falar em um idioma diferente e os homens de saia voltam sua atenção a ele e, logo depois, a nós. A menina do meu lado se encolhe e eu fico sem entender, até ele voltar a falar, porém em português:

— Senhores sejam bem vindos ao Zicult Arábia Saudita! Vocês provavelmente estão de passagem porém, anuncio àqueles que vão ficar aqui por um tempo e pretendem visitar novamente nosso estabelecimento que o leilão dessas duas garotas será no domingo, ou seja, amanhã. — esbugalho meus olhos abraçando minha própria cintura em forma de proteção. O homem continua a falar, mas eu já não escuto com clareza. Procuro respirar normalmente, no entanto, meu pavor só aumenta.

Eu vou ter meu corpo comercializado amanhã?! Isso repete-se na minha cabeça constantemente. Lágrimas brigavam para sair, mas eu segurei. Tenho que ser forte não vou dar o gosto a eles de me verem chorar.

Não sei quanto tempo passou. Tudo não passava de um borrão até outro homem me arrastar para o quarto

novamente.

Não estou conseguindo processar nada do que se passa. Tudo que eu penso são nos meus pais e em como isso lhes daria desgosto. Tudo isso é injusto. Pergunto-me o que fiz para merecer esse castigo. Quero chorar, mas estou engasgada e nada sai.

Caio no chão pelo empurrão já corriqueiro que recebo toda vez que passo pela porta do quarto.

Levanto-me automaticamente e caminho até a cama. Me jogo ali de qualquer maneira e fico igual a uma estátua. De repente, um soluço rasga meu peito e lágrimas rolam pelo meu rosto, sei que prometi não chorar, mas a promessa foi em vão. Quem no meu lugar não choraria até as lágrimas secarem e não restar nada além do vazio?

— O que eu fiz, meu Deus? — grito enquanto tento rasgar meu vestido num ato desesperado, mas a droga das minhas mãos não têm a força necessária. Respiro descompassadamente. — O que eu fiz pra merecer essa maldita doença? — tiro e jogo os sapatos com a força que me resta. — O que eu fiz para que levasse meus pais de mim? — jogo as pulseiras soluçando. — O que eu fiz pra vir parar nesse inferno?

Deitei socando o travesseiro e a dor nas minhas mãos é insuportável, mas a do meu coração é muito maior.

— Me ajuda! Oh, meu Deus, me ajuda, por

favor me ajude... Eu não tenho mais forças... O que eu vou fazer? Me mostra uma saída, me ajuda... — continuo pedindo clemência a Deus. Minha mãe dizia que para Ele nada é impossível e eu preciso muito de um milagre.

Choro incontrolavelmente com o rosto enterrado no travesseiro.

Acho que acabei dormindo porque acordo com batidas na porta e alguém chamando meu nome.

Desvencilho-me das cobertas e vou até a porta.

— Oi. — respondo receosa.

— Querida é a Eliza. Desconfio de que chorou a noite toda, então vim acordá-la. Você precisa estar pronta para as tarefas de limpeza. — murmura do outro lado. — Vá depressa! Eu vou voltar ao meu quarto antes que me peguem. — fala tão rapidamente que acho que nem respirou.

— Obrigada! — agradeço e corro para o banheiro onde escovo os dentes, tomo um banho e me desespero ao lembrar que não tenho o que vestir.

Retorno ao quarto de toalha e vejo uma mala próximo à janela que, em meio à agonia de ontem, nem tinha visto. Caminho até lá e, ao abrir, encontro roupas. Escolho um short jeans e uma blusa branca. Encontro as langeries e pego a mais confortável, afinal, vamos fazer a

limpeza. Visto tudo, penteio meus cabelos e prendo em um nó improvisado no topo da cabeça.

Organizo a bagunça que fiz enquanto espero alguém vir me buscar. Estou dando o último retoque quando no tempo exato a porta abre.

— Vamos. — é tudo que o homem diz e eu lhe sigo. Quando saio pela porta surpreendo-me com a quantidade de mulheres atrás dele. São umas oito, inclusive, contando com a Eliza. — O grupo de vocês vai ficar responsável pelo salão. — avisa o homem.

Andamos até o dito cujo e recebemos o material necessário. Umas receberam aspirador de pó, outras baldes e rodos. Eu recebi a última opção, o que significa que fiquei responsável por lavar o piso. Olho pra Eliza e vejo que segura um rodo também. Menos mau, assim não ficarei sozinha no meio dessas mulheres desconhecidas.

Passamos a manhã inteira limpando o piso. Foi cansativo! Aquele lugar é imenso! Porém conheci algumas mulheres, conversamos, contamos histórias. Fiquei sabendo que a hora da limpeza era a única em que elas podiam interagir entre si. Aquele momento descontraído foi a única diversão que tive desde a morte dos meus pais.

Em uma oportunidade, fiquei a sós com a Eliza e perguntei como ela conseguiu sair do seu quarto para me chamar se ficamos sempre trancadas. Ela me disse que

tinha seus meios adquiridos ao longo dos anos, ou seja, tinha roubado a chave de um cliente bêbado.

Logo após seu relato, as meninas voltaram a se reunir conosco. Fomos almoçar, mas nossa festa acabou quando fomos trazidas de volta para nossos respectivos quartos.

Agora estou novamente na minha prisão. A cada segundo que passa, o meu destino cruel se aproxima. Quando estava fazendo a limpeza, nem estava recordando desse detalhe pavoroso. Meus olhos lacrimejam mais uma vez e choro de novo implorando por um milagre. Passo muito tempo assim e, quando olho pela janela, percebo que já é bem tarde, pois o sol está desaparecendo no horizonte.

Sem ânimo, levanto da cama, tomo banho e visto a roupa que me trouxeram mais cedo. Estou arrumada para meu próprio funeral. Digo isso porque nunca vou deixar que me toquem. Eu prefiro cometer suicídio. Pensei muito e cheguei a essa conclusão. Eu nunca vou conseguir seguir em frente depois de ser estuprada porque é isso que vai acontecer. Porém enquanto tiver forças, vou lutar bravamente contra meu comprador. Como prometi, vou ser forte, mas se por um acaso não alcançar meu objetivo...

— Anda garota! — dou um sobressalto, pois

estava tão submersa nos meus pensamentos que não vi aquele homem entrar até ouvir sua voz.

A passos comedidos, sigo-lhe. Dessa vez, ele não me leva pelo braço e eu fico tentada a correr, mas como iria sair, se até a janela do quarto em que durmo é gradeada? Além disso, o lugar é tão alto que se alguém tentasse pular morreria pela queda... Tento me distrair, pensar em qualquer outra coisa, mas nada está funcionando. As minhas pernas estão a ponto de dobrar. Meu corpo treme como um liquidificador. Meu coração bate descompassadamente. Já não sinto mais minha respiração...

A cada passo que dou é como se fosse ser morta por enforcamento em praça pública. É como se fosse entrar num lugar repleto de leões famintos ou indo em direção à minha condenação de morte. Estou tão mal que tudo ao meu redor não passa de um borrão. De repente, sou arremessada como um saco de batatas naquele mesmo palco de ontem. Interpreto isso como o fim da linha pra mim e que daqui eu só vou sair com um homem asqueroso. Sem controle, começo a chorar, mas meu cabelo é puxado e o homem rosna ameaçadoramente bem perto do meu rosto mandando eu parar. Com muito esforço, engulo o choro e me encolho.

No meu torpor, não sei quanto tempo se passa

até que ouço:

— Boa noite, cavalheiros. Esta noite teremos dois sortudos. Sim, meus caros, dois. Eu disse dois sortudos. Essas belas jovens virgens podem ser defloradas por um de vocês. Basta que deem seus lances. Começaremos nosso leilão por essa loura gostosa com a quantia de cinco mil dólares. Alguém se interessa? — Ele parece repetir isso em mais duas línguas antes de ouvirmos:

— Eu dou seis mil dólares. — procuro a voz em meio o aglomerado de homens e quando encontro, engulo em seco, pois o cara é um velho cheio de rugas.

— Dez mil. — diz outro homem, mas esse é jovem, talvez, tenha uns vinte e cinco anos. Ele é alto, branco, musculoso, usa aquelas roupas que mais parece um vestido e carrega um sorriso sombrio, seu semblante remete perigo.

Os valores continuam a subir. Agora a quantia é de trezentos mil, que passa a ser quinhentos, logo seiscentos e, então, ela é arrematada por setecentos mil dólares pelo mais jovem.

O brutamontes continua a falar:

— Um de vocês já está com a festa garantida. Parabéns pela aquisição de hoje, senhor. Agora vamos descobrir quem será o sortudo a levar pra cama essa

brasileirinha virgem.

— Lance inicial de vinte mil dólares, afinal, estamos falando de uma brasileira e nós sabemos o quanto elas podem ser quentes e escandalosas.

Meu sangue ferve. Fulmino o maldito desgraçado. Ele nunca deve ter ouvido aquele ditado que diz nunca julgue o todo pela metade porque se tivesse ouvido saberia que nem toda brasileira é a prostituta que eles procuram além do mais...

— Nunca comi uma brasileira. Dou cinquenta mil dolares para ter essa belezinha na minha cama. — não consigo completar meus pensamentos, pois escuto essa frase e sinto um arrepio percorrer meu corpo. Não é um arrepio bom. É aquele que te diz pra fugir, pois você corre perigo.

Procuro rapidamente quem deu o primeiro lance e vejo um homem que aparenta ter uns quarenta e cinco anos, cabelos grisalhos, porte atlético. Ele não é um dos que usa saia, pelo contrário, ele veste um terno preto feito sob medida. Seus olhos negros são ferozes. Seu olhar exala perigo.

— Eu dou oitenta mil. — retruca um moreno, de uns vinte e cinco anos, mas nem por isso deixa de ser forte, alto e ter a mesma seriedade no olhar como o do seu oponente.

— Duzentos mil. Eu dou duzentos. — grunhe o mais velho, bem irritado, porém, não se deixa intimidar pelo jovem que volta a confrontá-lo.

— Quinhentos mil. — assim eles iniciam uma espécie de confronto. Para meu desespero, os lances vão aumentando cada vez mais.

— Um milhão de dólares. — rosna o mais velho com o semblante decidido. Parece que não aceita perder. O jovem suspira e senta.

— Um milhão! Alguém dá mais? — ninguém diz nada e o brutamontes continua. — Dou-lhe uma, dou-lhe duas...dou-lhe três. A noite com a brasileira foi vendida ao senhor. Para os compradores, peço que venham buscar as chaves do quarto das suas aquisições. Por favor, deixem-nas trancadas quando saírem pela manhã e devolva a chave ao segurança da entrada. Boa noite a todos e aproveitem

Fecho os olhos com força reprimindo o choro. Esse é o último decreto. Eu vou ser obrigada a dormir com esse homem.

Quando volto a abrir meus olhos, o comprador da minha ingenuidade está ao meu lado. Encolho-me aterrorizada. Minha respiração fica presa. Ao ver meu medo, ele sorri sombrio e pega uma coleira igual as que se usa em cachorro. Só respire, Savannah, digo

internamente tentando obter calma.

— Estou louco para comer seus buracos. — puxa meu pescoço e um grito de terror escapa da minha boca. — Não faz assim que isso só aumenta minha ereção princesa. — ele prende a coleira no meu pescoço e volta a falar. — Agora levanta e me leva até seu quarto. — ordena.

Tento levantar, mas minhas pernas não obedecem e o homem gargalha alto.

— Caramba, princesa, vejo que te comer será inesquecível. Você está fazendo valer cada centavo.

Ele puxa meus cabelos me obrigando a ficar em pé. Meus joelhos fraquejam.

— Agora me obedeça ou será bem pior pra você. — fala com seriedade. Ele muda de humor muito rápido.

— E-eu n-não sei c-como chegar ao q-quarto. — gaguejo.

O homem exala fortemente.

— Então venha, pois vou exigir que alguém nos acompanhe até ele. — rosna furioso e puxa a coleira no meu pescoço.

Sigo-o em meio ao salão tropeçando nas pessoas que dançam.

Ele conversa com um homem que nos guia. Eu vou atrás, no piloto automático. Minha vontade é de correr. Minhas mãos estão lavadas de suor. Meu coração palpita. Meus olhos estão marejados. Queria poder escolher o homem com quem vou perder a virgindade. Sonhava com um príncipe encantado que me amaria incondicionalmente antes de me tomar, mas nada na minha vida é como sonhei, nada.

— Finalmente a sós, princesa! — pulo assustada ao ouvir a voz rouca do homem próximo ao meu ouvido.

Ele retira a coleira e me manda tirar o vestido. Busco uma brecha por onde possa fugir, mas estamos trancados no quarto. Eu não tenho para onde correr.

— Eu disse para tirar a porra do vestido! — esbraveja e eu me assusto deixando as lágrimas caírem.

Ele vai tirando a roupa e fica nu na minha frente.

— Você não vai querer me desobedecer da próxima vez, princesa, porém, vou relevar essa. Você é virgem e deve estar apavorada. Não vou mentir e dizer que isso não me excita pra caralho. Também não vou prometer ser cuidadoso, pois eu gosto de ver o medo, a dor e a angústia nos seus olhos. No entanto, vou lhe dar um conselho: quando eu mandar você fazer alguma coisa, me obedeça ou será bem pior.

Ele se aproxima e eu, instintivamente, dou um

passo pra trás.

— Ah. — grito ao cair na cama.

Ele aproveita para subir em cima de mim. Tento chutá-lo, mas ele me enforca com as duas mãos. Tento tirar suas mãos do meu pescoço. Eu estou sufocada. O pior de tudo é que minhas mãos doem e eu não consigo afrouxar seu aperto. Desesperada, me agito. Luto em vão. Esse vai ser meu fim, mas talvez isso não seja tão ruim, pois, inconsciente, não vou vê-lo usufruir do meu corpo.

Contudo, quando pensei que fosse desmaiar, estremei ao escutar o som do meu vestido rasgando. O ar frio passa pela janela que esqueci aberta e entra em contato com meus seios expostos deixando-os arrepiados. Chuto tudo que posso para me defender e, ao acertá-lo, ele range de dor e liberta um pouco o aperto em meu pescoço.

Consigo gritar e me debater, porém, logo ele se recupera e volta a me enforcar.

Meu corpo já está entre a escuridão e a lucidez. Esgotada de tentar em vão lutar por minha vida, permito-me ficar à mercê dele. Uma lágrima quente desliza pelo meu rosto. Ela representa a minha vida não vivida, o meu sofrimento, o encerramento dos meus sonhos. Talvez esse seja o meu destino sendo cumprido. Meus pulmões queimam. Sinto que meu fim está próximo e eu não tenho

forças para ir contra a corrente. Fecho os olhos e me entrego.

Quando estou quase inconsciente, uma rajada inesperada de ar enche meu peito. Encaro isso como a vida me dando uma nova oportunidade de lutar. Preparo-me para bater nele, mas o ouço berrar:

— Mas que porra é essa! — grita o homem em cima de mim, soltando-me totalmente.

Continuo focada em respirar. Ainda não tenho forças para abrir os olhos e ver o motivo do seu grito ou da minha liberdade repentina.

— Sinto muito, senhor, mas essa moça não poderá ser sua por esta noite e acredito que em noite alguma. — fala alguém até então com a presença despercebida pra mim. Tomo algumas respirações com uma série de questões rondando minha cabeça: Será que uma pessoa invadiu o quarto para me salvar? Quem faria isso? A única amiga que tenho aqui é a Eliza... E de quem é essa voz masculina?

— O caralho que não! Eu paguei por ela. — xinga e eu sinto seu corpo pesado sair de cima de mim.

Suspiro aliviada.

— Devolveremos seu dinheiro com um acréscimo pelo inconveniente. — prossegue o meu anjo

da guarda enviando por Deus.

Eu me ponho a chorar e agradecer a Ele por me ouvir.

— Isso é o cúmulo! Eu deveria arrancar sua cabeça fora! Saiba que acabam de perder um cliente assíduo. — grita meu comprador furioso.

— Senhor, quero que compreenda que apenas seguimos o que nos ordenam. Agora, por favor, queira nos acompanhar. — diz outra voz, o que significa, que tenho dois anjos da guarda.

— Isso não vai ficar assim! Quando encontrarme com o dono desse estabelecimento, vocês vão se arrepender amargamente. — escuto a voz asquerosa brava se distanciando e, em seguida, o som da chave girar na fechadura.

Um pouco mais recomposta do susto e, principalmente, do enforcamento, abro os olhos. Tudo que encontro é um quarto vazio. Minhas emoções foram abafadas pela adrenalina que ainda não deixou meu corpo e que logo implora por descanso. Mesmo com receio de que ele possa voltar e me estuprar, permito-me adormecer, pois estou esgotada tanto fisicamente como emocionalmente.

— Eu me lembro bem de dizer que a queria totalmente pura e, pelo que vejo, ela esteve nos braços de

outro homem. — acordo assustada com essa voz potente, máscula e rouca falando gelidamente a julgar por seu timbre de voz. É como se nada o atingisse.

Permaneço de olhos fechados e dessa vez não é por falta de condições físicas, e sim, por não ter coragem de ver o que se passa.

— Entendo, alteza, mas, ela ainda é virgem. Nós conseguimos evitar que o ato fosse consumado. — essa voz eu reconheceria em qualquer lugar. É daquela mulher bem vestida que me recebeu aqui duas noites atrás dizendo que seria uma prostituta bonita.

— Conseguiram evitar que o ato fosse consumado. — repete o homem em tom de escárnio, puro deboche. — Isso é uma falta de respeito para comigo. — minha espinha arrepia com a intensidade do seu tom calculista.

— Nunca! Por Alá, príncipe! Realmente, não sabíamos que... — ela parece aflita, nervosa e com vontade de agradar ao homem, tanto é que sua voz some no final da frase.

— Sabe o que eu não tenho? — indaga ele com um tom de voz diferente, muito mais ameaçador, duro como aço. — Vou lhe dizer. Eu. não. tenho. paciência. ou. tempo. para. incompetência. — fala compassadamente.

Ouçõ um osso estalar e minha respiração falha.

— A-alteza m-me...

Procuro coragem para abrir os olhos e observo o que está acontecendo para a mulher gaguejar daquela forma. Imediatamente, meus olhos saltam fora de órbita ao ver o homem mais bonito que já vi na vida, puxar uma longa faca do coldre abaixo de sua jaqueta, movimentando-a em sua mão com um olhar calculista em seu rosto. Mas a pior coisa era o rosto dele. Não havia nenhuma piedade, misericórdia, nada. Não havia excitação ou ansiedade.

Ele virou e agarrou os ombros da mulher por trás.

Ela gritava temerosa. Os olhos dilatados olhavam diretamente em minha direção quando, de repente, ele passa a faca em seu pescoço e a solta. Seu corpo, sem vida, cai inerte no chão em um baque horripilante.

Um grito de terror escapa da minha garganta. Estou aterrorizada. Meu queixo treme incontrolavelmente. Imediatamente aqueles olhos gélidos focam em mim. Ele me avalia demoradamente. Suas sombrancelhas erguem-se em desafio.

Meu corpo treme ainda mais. Sinto pavor pelo que ele acaba de fazer de forma tão cruel e, principalmente, pelo que ele pretende fazer comigo.

Instintivamente encolho-me. O cheiro acobreado de sangue paira como névoa no ar entupindo minha garganta e nariz, parecendo afundar-se na minha pele e enterrando no fundo do meu corpo, as imagens horríveis que pareciam se repetir em minha cabeça.

CAPITULO 02

MASALOM

Cheguei ao palácio estressado, com uma enxaqueca dos infernos, cansado, cheio de problemas e, como se não bastasse tudo isso, agora tenho a certeza de que, em pouco tempo, serei o novo rei da Arábia Saudita, pois além de ser o sucessor do meu pai, ele confessou-me ontem estar com uma doença terminal.

Meu pai é um homem respeitado, apesar dos pesares e dos problemas sociais da população. Também pudera, afinal, ninguém tem conhecimento dos seus negócios clandestinos. Ele não só trafica mulheres para aquele clube, como também faz parte da máfia da Arábia. Pois é, a Arábia tem uma máfia! Não é igual à Cosa Nostra, a Bravta, a Chicago Outfit e às demais máfias poderosas. A máfia da Arábia é pequena, com poucos integrantes, mas, nem por isso, menos influente. Com a morte do meu pai, passarei a ser o chefe dela, Capo, Don ou como desejar chamarem. Ou seja, o homem à frente dos "negócios". Porém isso não me preocupa, já que desde os meus cinco anos fui treinado para exercer os dois papéis: tanto de chefe da máfia, como o de rei da Arábia.

Meus irmãos, assim como o povo arábe, nem

desconfiam das facetas do nosso pai, também não confio a todos os meus irmãos esta informação. O único dos meus irmãos a quem confiaria a minha vida é Horlom. Ele é meu irmão tanto por parte de pai, como de mãe. Nossa mãe faleceu muito cedo. Ela era uma brasileira, como a maioria das esposas que vivem no palácio. Talvez por estarmos rodeados delas, temos o português como nosso segundo idioma. Retomando o assunto confiança, preferi não destruir a visão de herói que meu irmão tem do nosso pai, por isso, nem mesmo Horlom tem conhecimento de tais fatos repugnantes apesar dele frequentar o clube vez ou outra nem desconfia que nosso pai é o responsável por ele existir.

A verdade é que as quatro esposas do meu pai, incluindo minha mãe, deram-lhe dez filhos, sendo três mulheres e sete homens, uma marca considerada pequena na nossa sociedade. Porém o que quero salientar é o fato que meu pai, mesmo com mais seis filhos, escolheu a mim para substituí-lo e isso me revolta. Digo escolheu, pois ele vem influenciando todos ao redor para aceitarem que serei eu a lhe substituir após sua morte. Coralom, meu irmão mais velho, parece querer me destruir por isso. Mal sabe ele que, se pudesse, simplesmente cederia esta responsabilidade maldita.

Tiro meu terno perdido em pensamentos.
Percebo estar parado no meio do salão. Volto a andar e

subo as escadas com a certeza de que Salan cumpriu minhas ordens e tenho minha futura esposa me esperando

— Masalom!? — e por falar no meu irmão Horlom, eis que o dito cujo aparece.

— Sim, irmão. — respondo impaciente. Estou louco para ver minha futura esposa detalhadamente. Afinal não tive tempo, além, é claro, de tomar algo que me livre dessa maldita enxaqueca.

— Irmão?!... Já não sei se somos tão fraternais. — diz com um tom de voz doloroso.

Viro-me para olhá-lo e o que encontro no seu rosto em nada me agrada.

— O que quer dizer? — questiono intrigado com sua atitude pouco convencional.

Horlom é do tipo descontraído, de bem com a vida e, no entanto, no momento ele parece derrotado.

— Quero dizer que o meu irmão mais velho, o meu herói, aquele que me protegia dos sermões do papai, aquele que me aconselhava a respeito das mulheres, brincava comigo, meu espelho de vida, não existe mais. Ou talvez exista, mas esteja sem rumo, aprisionado a sete chaves nesse coração de pedra. — fico congelado no lugar e, pela primeira vez, em muito tempo, fico sem saber o que falar.

Encaramo-nos em silêncio por alguns consideráveis segundos. Minha mente tenta entender sobre o que ele se refere.

— Como você pôde degolar aquela mulher de forma tão fria? — cospe estas palavras quando o silêncio começou a pesar.

— Você, como... — surpreso não consigo concluir a pergunta.

— Se eu vi? Sim eu... — sacode a cabeça. — Nem quero lembrar.

— Horlom, eu... — tento me explicar, mas ele levanta a mão em sinal para que me cale.

— Não quero ouvir suas explicações até porque não há como voltar atrás. Irmão, eu só quero te pedir que reflita sobre os seus atos e... veja o que vai fazer àquela pobre moça que Salan trará pra cá a mando seu. — com isso ele atravessa o salão principal de cabeça baixa.

Encaro suas costas até perdê-lo de vista. Com um suspiro, sento no degrau da escada. Não consigo entender como Horlom soube o que aconteceu. O que ele presenciou. Inferno! Meus homens são uns incompetentes.

Consegui magoar uma das únicas pessoa que me importa no mundo.

Horlom e eu sempre fomos inseparáveis e, após

a morte da nossa mãe, nós passamos a ficar ainda mais próximos como unha e carne. Talvez por isso que ele seja o único capaz de me trazer algum tipo de sentimento. Temo decepcioná-lo ainda mais quando souber tudo o que já fiz ou ainda vou ser obrigado a fazer.

Meu pai me transformou num monstro sem coração ou sentimentos. Reconheço, eu fui uma marionete nas suas mãos. Quer dizer, ainda sou. Para exemplificar tal fato, há uma garota no meu quarto agora. Foi ele quem me mandou ao clube escolher uma mulher para fazê-la minha esposa, pois, segundo ele, uma mulher ao meu lado vai me dar mais credibilidade perante a sociedade. Exigiu que esta fosse uma brasileira, uma vez que, segundo ele, essas são quentes na cama. Meu pai tem fascínio pelas brasileiras.

Eu, como sempre, segui seu "conselho" e fui ontem à noite ao clube.

Logo na entrada, fui informado de que aquela noite haveria um leilão de virgens e que, inclusive, uma delas tinha nacionalidade brasileira. Então pensei: “Se é pra casar, que seja com uma mulher inocente e intocada, assim me divirto um pouco.” Seguindo esta decisão, entrei no salão cheio de homens das mais variadas nacionalidades e faixas etárias.

O leiloeiro estava anunciando a venda da última

candidata a um senhor. Quando olhei para o palco, eu a vi. Seus cabelos castanhos, sua pele clara, boca moderadamente carnuda, seu corpo delicado trajando um vestido verde... De onde estava não dava para ver muito, mas consegui distinguir o terror estampado em seu semblante quando o velho se aproximou.

Sem pensar duas vezes, fui até a direção do clube deixar claro que eu queria aquela garota pra mim pura e intocada.

Em alguns minutos, vi a Lavinia, amante do meu pai e, também, brasileira, fazer o possível e o impossível para atender minha ordem. Ela sabia que se fracassasse eu acabaria com sua vida. Depois de algumas ligações, seu semblante aliviado sorriu em minha direção.

— Pronto, Alteza, já temos sua brasileira virgem. — declarou se levantando. — Eu mesma vou levá-lo até ela. — disse rebolando em direção à porta.

— Não! Espere! — falei ainda sentado. — Se a moça está trancada no seu quarto, ela não vai fugir, não é mesmo? — fiz uma indagação retórica, mas ainda assim a vi assentir. — Se chegamos a um consenso, então sabemos que temos tempo para nos divertir. — declarei e ela mordeu os lábios prevendo o que estava por vir.

Chamo-a com os dedos e, sem qualquer excitação, ela veio ao meu encontro e sentou-se no meu

colo com as pernas abertas, uma em cada lado do meu quadril.

Lavinia é uma mulher bonita, morena, olhos negros, cabelos curtos, encaracolados, pretos e bem cuidados, seios abundantes, cintura fininha, resumindo em uma palavra, ela é gostosa. Em uma coisa tenho que dar crédito ao meu pai, o velho sabe escolher suas amantes.

Segurei sua nuca rudemente e trouxe sua boca à minha. Excitada, ela devora minha boca com voracidade. Prendi seu lábio inferior entre os meus dentes e ela gemeu. Puxei seus seios para fora do decote e os apertei com força suficiente para marcá-la. Gosto de vê-los rosados. Continuei varrendo sua boca com fervor, mas logo a liberto para morder seu pescoço.

— Me come, príncipe! — pediu sem paciência e eu bati em seu rosto deixando ali a marca dos meus dedos em forma de repreensão.

— Vou comer quando eu bem entender e não ouse me dar ordens. — rosno com raiva e abocanho um dos seus seios fartos.

Percebi que anuiu e jogou o pescoço pra trás.

— Aaaaah que delícia essa sua boca aveludada nos meus peitos, Alteza. — exclamou esfregando sua boceta coberta em meu pau.

Levei meus dedos ali e encontrei uma minúsculas calcinha encharcada. Ela estava tão molhada que era um milagre não estar pingando. Subi sua saia até estar amontoada no seu quadril, enquanto ia mordiscando o módulo da sua orelha. Depois rasguei sua calcinha deixando-a nua da cintura pra baixo.

Brinquei um pouco com seu sexo, passando o dedo em seu ânus enquanto o besuntava com o lubrificante natural que ela soltava da vagina. Tinha intenção de comê-la por trás, pois sua vagina já estava arrebetada. Ela se retesou no meu colo temerosa. Seu buraco parecia virgem, o que me deixou excitado. Ao menos comeria um buraquinho apertado.

Acaricieei sua bunda, deslizando a mão ao longo dela. Ela deu um suspiro e então relaxou em meu colo. Aproveitei o momento e empurrei um dedo no seu ânus. Os dedos dela se fecharam em punhos bem cerrados nos meus cabelos. Ela fechou os olhos, deixando escapar um leve gemido por seus lábios.

Lavinia encheu e esvaziou o peito sucessivas vezes. Seu corpo inteiro apoiado no meu colo. Após deixar que ela retomasse o controle dos sentidos, forcei-a a levantar. Depois de instruí-la a ficar de costas e deitar na mesa, abri minha braguilha e puxei meu pau para fora. Retirei um preservativo da carteira e o deslizei ao longo

do meu comprimento.

Passei as mãos na sua vagina novamente levando seus sucos ao buraco de trás.

— Respire fundo. Não lute contra. Vai arder por alguns momentos, mas passa. Se você se mexer muito vou meter sem dó, nem piedade.— declarei louco para rasgar seu canal apertado.

Posicionei-me atrás dela e enfiei de uma vez. Ela soltou um grito quando todo meu pênis estava alojado dentro do seu buraco, até então, intocado.

Agarrando o quadril dela, os dedos cravados em sua carne, segurei-a firmemente enquanto metia cada vez mais com mais força. Seu quadril batia contra o meu, contrastando o barulho alto com o silêncio do escritório.

— Toque-se — mandei com uma voz ríspida. — Use seus dedos, Lavinia. Facilite meu trabalho de possuir você.

Ela pôs a mão em sua vagina, deslizando os dedos sobre seu clitóris.

— É isso. — murmurei. — Estou dentro de você, vadia. Continue se tocando e faça isso ser bom pra você.

Era sexo selvagem, uma corrida ao orgasmo. Eu lhe comia longamente e com força, cavalgando-a com um

ritmo intenso e forçoso que a fazia gemer a cada expiração.

— Se você não acelerar as coisas, vou deixá-la para trás — soltei, pois estava prestes a gozar e se ela não estivesse, problema dela. — Vai logo, Lavinia, não tenho muito tempo. — avisei ao dar um tapa em sua nádega direta.

Ela esfregou com os dedos o clitóris e caiu sob a mesa esgotada pelo orgasmo.

Continuei aumentando gradativamente as estocadas até atingir meu próprio ápice e então retirei-me de dentro do seu canal.

— Vou me limpar. — avisei indo até o banheiro. — E quando voltar espero que esteja composta para mostrar-me minha futura esposa.

Pouco minutos depois, estávamos parados em frente à porta do quarto que deveria ser o da moça tristonha do palco. Devo confessar que estava ansioso para vê-la de perto.

Lavinia abriu a porta e nós entramos.

Observo o quarto e meu olhar encontrou-lhe em meio a uma bagunça, quase uma zona de guerra. No chão havia travesseiros rasgados e cobertores. Foquei na cama e encontrei uma garota nem um pouco parecida com

aquela que vi anteriormente. Minha futura esposa estava encolhida em posição fetal, os cabelos emaranhados, sangue coalhado pairava no seu rosto.

O monstro que há em mim acordou furioso. Essa puta da Lavinia não cumpriu o combinado. Acabei matando-a. No fim, acordei para a realidade com um grito estrangulado vindo da cama. Fito a minha garota. Não tinha a intenção de fazê-la presenciar a cena, deduzi que estivesse dormindo. No entanto, talvez seja bom que tenha sido assim e ela saiba com quem vai casar.

Ergui as sobrancelhas diante da sua reação frágil. Seu queixo batia como se estivesse com frio e com o corpo congelado, o que não era o caso. Então, ela puxou as pernas de encontro a seu peito como se isso fosse protegê-la, caso eu fosse matá-la...

— Alteza, o senhor tem uma conferência com a presidente do Brasil em uma hora. Acho melhor... — virei nos calcanhares para ver quem era o intrometido e deparei-me com Salan.

Salan é meu homem de confiança, consigliere do meu pai e, futuramente, o meu também. Ele é mais experiente e me dá ótimos conselhos, porém, perante a minha família, ele é meu assessor de imprensa.

Ele observou o corpo de Lavinia por uns segundos em silêncio.

— Acho que estava um pouco ocupado, entretanto, agora estou pronto para a conferência, Salan — repliquei sorrindo de lado.

— Por Alá, Alteza! O que aconteceu aqui? — exclamou em fingida surpresa. Como todo bom homem da mafia, ele é um excelente ator e isso é uma das nossas piadas internas.

— O que você está vendo. Cuide de tudo. — ordenei rumando em direção à porta, pois, sabia que ele iria cuidar em sumir com o corpo. — Eu tenho uma conferência em... — comentei sarcástico ao consultar o relógio de pulso. — Trinta minutos.

E, com isso, simplesmente fui embora.

Dei alguns passos e lembrei-me que não disse o que fazer com minha futura esposa. Assim, dei meia volta.

— E você? O quê... — escutei Salan conversar com a moça.

Interrompi-o assustando-lhe:

— Ah, esqueci um pequeno detalhe. Leve minha futura esposa ao palácio e instale-a da melhor maneira possível.

Sem esperar resposta, caminhei às pressas, pois não seria muito sensato deixar uma dama esperando, mesmo que seja apenas para uma conversa relativamente

administrativa...

Estava ali na escada perdido nessas lembranças.

Levanto e quando vou subir para o quarto, Salan vem descendo as escadas aflito.

— Alteza, seu irmão ele... — tenta dizer, mas o interrompo.

— Já nos encontramos, Salan e ele me contou tudo.

Ele suspira.

— Não tive culpa, Alteza. Ele simplesmente apareceu do nada por aquela porta e eu não tive como despistá-lo. Mesmo encenando, seu irmão descobriria. Horlom é esperto.

— Eu sei, Salan, não se preocupe. Deixe que eu cuido disto. Obrigado por sua lealdade.

— Sabe que pode contar comigo, Alteza.

— Sei sim. Você está dispensado. Hoje não tenho mais nada a resolver.

— Obrigado, Alteza. Vou aproveitar o tempo livre.

— Faça isso... E a garota? Como está?

— Estava dormindo em seu quarto da última vez que verifiquei. A verdade é que precisei aplicar-lhe um

calmante, afinal, ela estava muito assustada, porém já deve estar acordando.

— Tudo bem. Pode ir.

Volto a subir para meu quarto com a dor de cabeça me atormentando.

Ao abrir a porta, deparo-me com a minha futura noiva de pé em frente para janela e de costas pra mim.

Escoro meu corpo na porta e observe por alguns segundos seu corpo esguio, porém, torneado e sedutor. Resolvo anunciar minha presença:

— Hum! Vejo que acordou, bela adormecida. — falo e vejo-a se virar lentamente com o corpo escorado no vidro da janela.

Caminho até ela que me observa nervosa. Seus olhos arregalados também estão vermelhos e inchados. Ela andou chorando. Quanto mais me aproximo, mais ela se pressiona ao vidro como um animal encurralado.

— Medo? — questiono. — Você é tão patética. — afirmo e me jogo na poltrona atrás dela. — É muda? — pergunto divertido por ela não falar nada.

Remexo-me ajustando meu corpo no acento. Vejo que ela está realmente com medo de mim, então, paro de rir ao lembrar das palavras de Horlom agora há pouco.

— Seja útil e pega uma bebida pra mim. —

ouço-me mandando e apontando para um armário de vidro na parede oposta onde há algumas bebidas de forma clandestina, já que nós, da Arábia, não bebemos, pelo menos não quando seguimos fielmente a nossa religião. Acontece que este não é o meu caso, pois passei minha adolescência e início da juventude na Inglaterra estudando e adquirir o hábito de beber um pouco, influenciado por amigos e até mesmo por curiosidade. Não bebo para me embriagar, na verdade, é só uma dose quando os problemas são demais para administrar.

Ela abre e fecha a boca antes de baixar a cabeça para cumprir minha ordem.

Parece ter dificuldade para abrir o vidro que protege as garrafas, mas consegue. Ela pega a garrafa de perfume que minha mãe fez exclusivamente para mim e me deu de presente. Foi o último aniversário em que pude receber seu abraço de felicitações. Guardo o perfume como lembrança. Achei que guardando-o ali, ele ficaria seguro e livre da poeira. Abro minha boca para protestar, mas não houve tempo. De repente, ouço a pequena garrafa estilhaçar aos seus pés.

— Sua vadia dos infernos. — berro furioso e me levanto rapidamente em questão de segundos. Seguro seu braço e sacudo-o.

— D-desculpa, eu e-eu não q-queria... —

balbucia trêmula.

— Você fez de propósito, não foi!? — sacudo seus ombros e ela chora.

— Não eu...

— Você o quê? — solto-a e ela cambaleia e desfalece. Rapidamente seguro-lhe antes que caia sobre os cacos de vidro. — Ei? O que diabos... — dou leve tapas no seu rosto para acordá-la, porém, ela não responde.

Droga! É o que penso quando percebo que ela teve a ousadia de desmaiar. Frustado, irritado e furioso, pego-a em meus braços e levo-a até a cama observando que seu corpo é leve como uma pluma, tão pequeno e frágil em relação ao meu... Pego-me analisando seu rosto tranquilo de boneca, porém, machucado graças à maldita incompetência da Lavinia.

Deito-a colocando um travesseiro sob sua cabeça e me sento na beirada do colchão aguardando que acorde para receber seu castigo por ter quebrado uma coisa tão valiosa pra mim. Mais de uma hora se passa e nada dos seus belos olhos abrirem.

Contrariado, decido chamar o Davi para lhe consultar. Segundo as tradições, não deveria deixar outro homem tocar minha futura esposa, mas não ligo muito para os costumes.

Davi é um amigo de faculdade. Hoje ele trabalha como médico para mim e meu pai. Na verdade ele acha que atende meus soldados que voltam da guerra, mas o fato é que os homens são mafiosos feridos, além disso ele tem uma clínica, uma filial, bem requisitada na Rússia, seu país, ou melhor, o país que lhe acolheu.

Saio pela porta imerso em pensamentos e, por coincidência, encontro a Sarah saindo do seu quarto.

— Masalom! — exclama animadamente e se joga contra mim num abraço apertado como se não me visse há décadas.

Sarah é uma menina gentil, curiosa, ingênua, doce e carinhosa. Ela é filha da terceira esposa do meu pai. A mãe da Sarah é a única árabe e é extremamente ligada às tradições e religião islâmica. Praticamente obriga a filha a seguir seus passos também. Sarah é a mais jovem das minhas irmãs. Horlom e eu sempre a tratamos como uma princesa, ironicamente, ela realmente é uma.

— Oi, princesa. — cumprimento-a quando ela finalmente me liberta do seu aperto.

Seus olhos questionadores me avaliam.

— O que aconteceu? Você está diferente. — diz depois de um tempo.

Diferente eu? Indago-me em pensamentos.

Talvez esteja evidente minha fúria com aquela garota. Estava tentando ser sensato e o que ela faz? Quebra um presente dado pela minha mãe, pouco tempo antes de falecer. Ainda por cima desmaia me dando o trabalho de ter que cuidar dela antes de ir descansar um pouco.

— Nada com que precise se preocupar. — é a única coisa que eu digo a ela que assente desconfiada.

— Ah, bom, fiquei sabendo que vai se casar! — diz mudando de assunto.

Sarah sempre foi assim elétrica. Se deixar, ela não para de falar mais. O que me deixa intrigado é o fato dela saber sobre o casamento, sendo que ainda não o anunciei formalmente.

— Como diabos você souber... — ela me fita e por seu olhar travesso já sei como descobriu, ou melhor, quem lhe contou. — Horlom e sua boca enorme. — exclamo.

— Ele só me disse porque eu perguntei quem era a moça que Salan trouxe ontem de madrugada. — parte para defendê-lo.

Sei que se não confirmar a fofoca eu mesmo, ela vai grudar em mim, e, por mais que a ame, isso é o que menos preciso. Por isso, lhe digo:

— Eu vou me casar, princesa, no entanto...—

antes que possa falar qualquer outra coisa, ela se joga novamente nos meus braços dando grintinhos animados como uma criança.

— Por, Alá! Teremos um casamento! Estou tão feliz por você! — aperta minhas bochechas. — Mas me conta, como ela é? — dá pulinhos de alegria em minha frente.

Sem paciência, digo o mais óbvio.

— Um ser humano, brasileira...— vou contando a dedos quando ela me corta.

— Seu insensível. — empurra meu ombro de leve. — O que estou querendo saber é... aí deixa pra lá.

Não falei que ela é hiperativa e mandona?

— Quando vou conhecê-la? — diz mudando completamente o rumo da conversa novamente.

Pretendo fazer um jantar para anunciar meu noivado, mas, se disser isso, ela vai dar um show aqui e iniciar uma série de preparativos antes da hora. Por isso respondo vagamente:

— Em breve, podemos falar sobre esse assunto depois? Porque ela está desmaiada agora e eu estava indo chamar o Davi pelo telefon...

— Ela está o quê? — grita e eu tomo um susto dos infernos. Sem chance de ao menos me recuperar, ela

me empurra para as escadas me apressando. — Anda logo, Masalom, tadinha dela. Vá e não se preocupe porque eu vou ficar lhe fazendo companhia. — fala sem parar.

— Mas... — olho pra trás para falar, porém vejo-a que já está entrando no meu quarto. — Era o que estava indo fazer. — resmungo.

As mulheres são tão confusas. Inconformado, balanço a cabeça e volto a andar em direção ao meu escritório para ligar pro Davi.

Por volta de uns trinta minutos, sua chegada é anunciada.

Desço até o salão onde ele me aguarda. Ao chegar, avisto-o conversando animadamente com Horlom.

— O que é tão divertido, rapazes? — inquiri-os atraindo a atenção deles.

Horlom, que estava de costas, se volta pra mim e o Davi apenas me olha curioso.

— Por que estão me olhando desse jeito? — rosno impaciente.

— Nada demais. Apenas acabei de saber que vai se casar e estava comentando com o seu irmão o quanto vocês têm sorte de poder fazer isso com mais de uma mulher, assim, o sexo não se torna enjoativo e rotineiro.

— E eu estava dizendo que além das esposas, podemos ter amantes, o que de uma forma ou de outra, nos torna solteiros, mesmo depois de casados. — fala Horlom colocando as mãos no bolso da calça social preta que usava.

— Sei... eu te chamo para avaliar minha futura esposa, que está neste momento desmaiada, e vocês aqui de fofoca e conversa fiada. — Aponto para o Davi e rosno, mas o idiota apenas sorri. Já o Horlom me olha furioso.

— Não acredito! — exclama entre dentes. — O que fez com a garota, Masalom? — antes que eu possa responder, ele avança sobre mim deixando poucos centímetros entre nossos corpos e rosna diante do meu rosto. — Pensa que eu não sei o que o pai faz contigo? Acha que nunca percebi quando chegava cheio de hematomas? Questiono-me o quanto subestima a minha inteligência, irmão. Sabe quem é a porra do seu sucessor? Eu! Se por acaso algo te acontecer, eu vou ocupar seu lugar. Quem diabos imagina que cuida daquele clube maldito? Aquelas putas que o pai coloca como diretoras que só sabem dar para o primeiro que aparece? Elas não têm essa competência, Masalom! Eu sou a porra do seu vice assim como você é o do pai.

Encaro-o sem acreditar no que ouvi.

— Eu só queria te proteger! — berro tão furioso como nunca estive em toda a minha vida, pensando no meu pai.— Ele não tinha esse direito! — digo andando de um lado a outro. — Por que não me contou antes? — paro e pergunto. Nunca desconfiei que Horlom não era tão inocente assim quanto ao que me tornei.

— Por que você não me contou? Só fiquei sabendo o porquê de ser eu o administrador daquele clube porque depois de ontem, fui investigar o que estava acontecendo contigo. E quem melhor para perguntar do que a pessoa que você passa a maior parte do seu tempo? Sim, meu pai me disse tudo, Masalom, absolutamente tudo.

— Então, se você é meu "vice" por que ele nunca me disse? E desde quando me esconde que você é o administrador do clube? — pergunto tentando raciocinar.

— Eu não sei, caralho. Ele, simplesmente, me designou para tal papel hoje cedo. Já a respeito do clube, faz algum tempo. Ele apenas deixou claro que suas putas estariam supostamente à frente de tudo para me encobrir e que por ser príncipe da Arábia, nunca poderia ser descoberto e, também, que eu administraria o "negócio".

— Então é por isso que se faz de cliente? Para despistar qualquer suspeita a seu respeito? — pergunto.

— Eu nunca fui um cliente, Masalom. Eu fingia

ser um, quer dizer, isso até ontem quando eu perdi a porra da cabeça e deflorei uma virgem que "comprei" no leilão onde pegou sua noiva. — anuncia passando as mãos por entre os cabelos num gesto nervoso.

— Então sabia que eu estava lá? — digo ignorando o fato dele ter deflorado uma virgem que ele mesmo colocou para ser leiloada e se indignar pelo fato de que a que eu trouxe, está desmaiada.

— Não exatamente. Como eu disse, estava ocupado comendo a loura, mais... — balança a cabeça. — Não sabia, mas sei onde encontraram sua noiva e acho que a pobre garota não merece mais tanto sofrimento.

Olho-o um tanto curioso a respeito da sua declaração. Como assim, onde ela foi encontrada?

— E onde a encontraram? — ponho em palavras meus pensamentos.

— Rumrum! — Davi limpa a garganta nos lembrando da sua presença. — Não acham melhor deixar essa discussão para uma outra hora e me levar até a garota? — ele parece sem graça.

Horlom e eu nos encaramos e, como sempre, com um simples olhar, nos comunicamos. Conversaremos em breve é o que fica subentendido entre nós.

Encaro o Davi e o Horlom vai até a porta do seu

escritório.

— Vamos! Ela está no meu quarto. — digo e saio andando na frente, em silêncio, com ele logo atrás de mim, isso tudo que acabo de descobrir explica muita coisa. Ao entrarmos no quarto, não encontro a Sarah e minha noiva continua desmaiada. Caminhamos até ela e o Davi lhe avalia descaradamente.

— Essa é sua futura esposa? — pergunta admirando minha mulher. Ele é conhecido por ser um mulherengo sem igual e só pegar as mais belas beldades.

— Sim, por que a pergunta? — questiono ríspido.

— Ela é deslumbrante, mesmo nesse estado. Parabéns. — diz olhando-a cobiçoso.

— Vamos logo com isso. Não tenho o dia inteiro, Davi.

Ele pode ser meu amigo, mas, nem por isso, vai desejar o que é meu diante do meu nariz. Talvez agora eu concorde um pouco com meus conterrâneos sobre não deixar médicos chegarem perto das suas mulheres.

O idiota tem a cara de pau de me sorrir debochado, levantando as mãos em sinal de rendição, enquanto diz:

— Nossa...tudo bem, tudo bem não precisa ficar

bravo.

— Então tire suas conclusões, mas guarde-as com você. — deixo claro minha posição e ele toma sua postura profissional.

— Claro, Alteza, posso examinar sua noiva?

Ele tem essa mania de me chamar de Alteza quando quer deixar claro que entendeu o recado.

— Contanto que faça isso hoje. — rosno impaciente com todo esse falatório. Minha cabeça está latejando caramba!

Davi coloca sua maleta sobre a cama, retira dali vários aparelhos de medição. Em seguida, ele mede a pressão arterial da moça enquanto ouve o fluxo do sangue no estetoscópio.

— Disse que ela simplesmente desmaiou, correto? — me indaga tirando os aparelhos distraidamente.

— Sim. — respondo.

— Sabe quantas horas sua noiva está em jejum ou sem solver algum líquido? — me questiona novamente.

— Não. — como vou saber se a conheci ontem? Quer dizer isso é forma de falar, porque nem mesmo seu nome eu sei.

— Sim, não. — volta sua cabeça em minha direção e completa: — Está ajudando muito, Alteza. — gargalha, mas logo para quando ouve a voz da Sarah. Rapidamente, se volta pra ela que está parada como uma estátua na porta olhando bobamente para o Davi.

— Ah...desculpem fui pegar a água que a Savannah pediu. Não queria interromper a consulta. Na verdade, achei que iria demorar um pouco até chegarem. — murmura de cabeça baixa e a única coisa que percebo é a de que acabo de descobrir o nome da minha mulher e adorei a maneira como soa... Savannah, nome de uma vegetação exuberante. Não poderia haver um nome mais perfeito para minha boneca.

— Você pode entrar, Sarah, apesar do seu irmão estar respondendo a minhas perguntas monossilabicamente, já tenho um prognóstico. — esplanada Davi.

— Obrigada, Davi. — responde e então o silêncio reina por alguns instantes.

De onde estou, apenas observo a interação entre os dois e pela primeira vez vejo o que não tinha visto durante todos esses anos. A minha princesa está bobamente apaixonada por esse imbecil.

Sou arrancado dos meus devaneios por Davi que pergunta à Sarah:

— Disse que a moça pediu-lhe água? — ele me fita segurando o riso já sei que lá vem uma de suas palhaçadas.

— Sim, ela disse estar com muita sede. — responde confusa. Então eu entendo, por entre as linhas, que ele está dizendo que a minha noiva estava acordada por todo esse tempo.

Volto minha atenção a ela assim como os dois também o fazem.

— Muito bem, moça bonita, suas pestanas haviam lhe denunciado há tempos, porém, preferi fingir não perceber e ver meu amigo aqui sem respostas para minhas indagações, ao menos uma vez na vida. No entanto, agora a Sarah te desmascarou. Pode então me dizer como se sente para que tenha absoluta certeza do meu diagnóstico? — fulmino-o pela brincadeira, mas ele apenas dá de ombros.

Savanah abre os olhos lentamente com o lábio inferior entre os dentes. Seu olhar temeroso encontra o meu e nós nos fitamos por um tempo antes dela voltar sua atenção para Davi.

— E então? Como se sente? — ele pergunta sorridente.

Ela senta reencostada contra a cabeceira da cama, coloca um travesseiro em meio às pernas e com o

olhar voltado a ele, responde timidamente:

— Eu estou bem, só um pouco tonta... E eu me sinto um pouco fraca.

— Quando foi sua última refeição? — questiona Davi.

— Ontem à tarde, mas, antes disso, não estava me alimentando bem. — murmura colocando uma mexa do cabelo castanho atrás da orelha num gesto tímido, porém sensual pra caramba.

— Vou te aplicar um soro e vou te receitar uma baixa quantidade de calorias. Vamos aumentando o valor gradativamente até atingir o valor ideal a qualquer ser humano. — explica a ela e, então, ele se volta pra Sarah. — Sarah, poderia pedir para prepararem uma sopa de legumes?

Sarah estava hipnotizada nos seus movimentos, mas logo responde:

— Claro! Já volto. — ela se retira apressadamente. Davi parece alheio à paixonite boba da minha irmã.

Ele faz o processo de aplicação do soro em silêncio, aliás como todo o quarto. Isso até meu telefone celular dar sinal de vida. Vejo que é meu pai.

— Preciso atender. Já volto. — saio apressado

porque se trata do meu pai e para ele me ligar só pode ter merda à vista. Por outro lado, foi bom ele ter ligado, pois precisamos mesmo ter uma conversa.

Saio do quarto e atendo a ligação no corredor.

— Fala! — vou direto ao ponto entre nós não existe troca de amenidades. Há apenas negócios.

— O carregamento de armas chegou antecipadamente e preciso que vá pessoalmente recebê-lo. — diz sem rodeios.

— Estou a caminho. — desligo guardando a conversa para uma outra hora.

Deixo minha futura esposa aos cuidados de Sarah e Davi e vou realizar a tarefa.

CAPITULO 03

SAVANAH

A claridade me incomoda quando desperto e sento-me rapidamente na cama onde nem faço ideia de como vim parar. O fato é que ao abrir os olhos, dei de cara com uma criatura vestida de preto dos pés à cabeça, apenas com os olhos extremamente azuis visíveis. Amedrontou-me pra caramba.

A voz da mulher por baixo das vestes é doce, gentil e enrolada ao dizer:

— Olá! Não queria assustá-la! Sou Sarah, a irmã caçula do Masalom. — fico envergonhada por julgá-la pelas vestes e abaixo a cabeça refletindo se estou sonhando.

— Prazer, Savannah. Desculpe-me pela minha reação é que não esperava. Bom, suas vestes. Elas são... hum... — gaguejo enquanto tento me explicar e ela gargalha.

— Não se preocupe. Eu entendo perfeitamente. — diz para meu alívio. — Masalom me disse que é brasileira, por isso não se preocupe. — completa. — Mas e você como está?

Ainda estava tentando lembrar quem diabos é Masalom.

— Estou me sentindo um pouco fraca e levemente tonta. — respondo omitindo o fato das minhas mãos estarem doendo.

Ela que, até então, estava de pé na lateral esquerda da cama, senta ao meu lado e segura minhas mãos. Tento esconder a careta de dor que possivelmente fiz quando ela aperta-as entre as dela, baixando o rosto e fingindo fitá-las unidas.

— Você vai ficar bem. — afirma com tanta propriedade que volto a fitar seus olhos azuis me indagando se estou vendo um anjo. Seria assim a imagem de um? Se for, nós humanos estamos tão equivocados ao desenhá-los com asas e de branco...

Sacudo a cabeça, sutilmente, afastando meus pensamentos.

— Daqui a pouco um amigo de Masalom, vulgo médico, virá examiná-la. — informa e vejo seus olhos ganharem um brilho intenso. Provavelmente está sorrindo também, mas não posso ter certeza com aquele negócio cobrindo seu rosto.

Volto a me indagar sobre esse tal homem que ela fala e resolvo perguntar logo para saciar minha curiosidade:

— Masalom? Desculpe eu acho que não sei de quem se trata. — falo e ela me fita por alguns instantes. Parece meditar se o que eu disse é verdade, uma vez que me olha interrogativa. Então, para minha surpresa, ri histericamente.

— Masalom é o seu noivo, o mesmo que estava aqui contigo quando desmaiou. Sabe, dessa vez ele se superou. Não vai me dizer que ele te disse um pseudônimo.

Caramba! Ela não é um anjo e eu não estava tendo um pesadelo. Era tudo real, presenciei a morte de uma mulher. Imagens inundam minha cabeça como uma avalanche. O cheiro acobreado de sangue entrando em minhas narinas, os olhos negros do assassino me olhando quase que em desafio, eu aqui neste quarto olhando no vidro da janela as marcas que o quase estupro deixou em meu corpo, a garrafa que não consegui sustentar por causa da dor em minhas mãos, ele avançando sobre mim com raiva... Afasto suas mãos das minhas bruscamente fazendo com que me olhe diretamente. Então o nome do assassino é Masalom. Posso até já ter ouvido alguém lhe chamar pelo nome, porém, nas condições em que me encontrava, era difícil ter guardado.

— É, não exatamente. E, hum, é, onde ele está?

— Meu irmão? — me perguntou ainda me

encarando e eu assenti. — Ele foi chamar o médico que te disse. Masalom é uma pessoa maravilhosa... — abaixa a cabeça sem graça. — Desculpa, apesar dele não ter dito o seu verdadeiro nome, você deve conhecer sua personalidade ou não iriam se casar. Só te peço que não discuta com ele por ter omitido esse detalhe. Tenho até uma suposição das suas intenções. Sabe, meu irmão parece não gostar muito de ser o mais indicado ao trono. Talvez ele apenas quisesse ter certeza de que o ama ou se tudo o que você queria com o casamento não era a posição de rainha. — ela tagarela sem parar como se eu estivesse aqui porque quero.

— É sim. — é tudo que consigo dizer depois desse quase inacabável discurso, uma vez que vejo que ela não sabe sobre o lado animalesco do seu irmão.

— Você não parece feliz. — afirma e eu acordo das minhas suposições balançando levemente a cabeça como se esse pequeno gesto fosse capaz de fazer sumir minhas memórias.

— Eu, eu estou... — gaguejo mentindo, pois tenho quase certeza de que ainda vou ter problemas por ter quebrado a garrafa e não quero ser responsável por acrescentar mais um item à lista ao dizer a verdade à essa moça iludida.

Em um rompante, ela se levanta me assustando

novamente.

— Que cabeça a minha. Aqui tagarelando e você passando mal. Quer um pouco de água ou alguma outra coisa? — indaga gentil.

— Água seria ótimo. Estou morrendo de sede. — digo sincera.

— Vou pegar lá em baixo. Você vai ficar bem aqui sozinha? — assinto. — Já volto então.

Ela atravessa o quarto, então, vira a cabeça em minha direção como se estivesse averiguando se eu realmente ficaria bem e só então sai pela porta. Não há maldade nos olhos dela, porém, não posso confiar em ninguém deste lugar, principalmente, depois de tudo o que presenciei. E ela é irmã daquele carrasco.

Uma nova onda de vertigem recaiu sobre mim e, por isso, voltei a me deitar. Fecho os olhos e respiro fundo numa tentativa frustrada de aplacar essa impressão que tenho de que o mundo está girando ao meu redor.

Ouçó passos pesados vindo e, por saber que não se trata da Sarah, finjo ainda estar dormindo ou desmaiada. Percebo que são passos de mais de uma pessoa e que estão cada vez mais perto.

Uma voz masculina desconhecida fala algo. Depois também ouço o tal Masalom. Este timbre eu nunca

esqueceria, por mais que quisesse.

Eles conversam e eu quase não os ouço porque estou tentando controlar o tremor do meu corpo para não ser descoberta, mas isto não funciona depois da chegada de Sarah.

Abro meus olhos relutante e envergonhada.

Aos meus pés, está Sarah do lado do irmão que me olha com atenção. Seu semblante demonstra que está indignado, porém, não está da mesma maneira que os fitei da última vez. Já o medico, para minha total surpresa, não é tão maduro como esparava que fosse. Ele aparenta ter no máximo uns vinte e seis anos, assim como o assassino. Seus olhos são claros, sua pele morena, cabelos pretos e, em seu rosto bonito, paira uma barba rala.

O médico me fez algumas perguntas e eu respondi. Logo ele colocou um soro em meu braço e o silêncio se estabeleceu. Este é quebrado por um toque de um celular. Pelo barulho, logo localizei o aparelho. Masalom tinha o celular em mãos e o olhava com o cenho franzido.

— Preciso atender já volto. — diz e sai a passos largos antes de lançar um olhar significativo para o doutor. Volto minha atenção para o homem de jaleco e então, ao perceber que estamos sozinhos e que essa pode ser minha única chance, uma luz se acende na minha

cabeça.

— Doutor, posso lhe pedir um favor? — Ele me olha com curiosidade.

— Sim. — fala arrastando as letras depois de refletir por alguns segundos.

— Desde criança tomo medicamentos, pois tenho artrite reumatóide nas mãos. — falo de uma vez e continuo ao ver sua face ainda interrogativa e um pouco confusa. — O que queria saber é se tem como você me trazer esses remédios. A verdade é que estou preocupada porque não tomo a medicação há algumas semanas.

— Sinto não ter como lhe ajudar, ao menos, não lhe entregando uma medicação que pode trazer efeitos colaterais. Essa não é minha especialidade e, por isso, sei apenas o essencial para diagnosticar, caso venha a consultar um paciente com tais sintomas. O que quero dizer é que você precisa de um acompanhamento especializado. Esse profissional vai avaliar seu histórico e fazer alguns exames antes de lhe receitar qualquer medicamento.

— Mas, doutor, eu tomo os mesmos há anos. — tento argumentar, porém parece que isso só o deixou ainda mais decidido.

— Como assim? Você não refez os exames periodicamente? — indaga com preocupação.

— Não. — murmuro.

— Vamos fazer assim. Vou te recomendar um amiga reumatologista para você marcar uma consulta com urgência. — retira um cartão do bolso da sua maleta e me entrega. — Aconselho também que leve os seus exames antigos. É fundamental para que ela os compare com os exames que ela fará, podendo, assim, avaliar melhor a eficácia do seu tratamento.

— Mas doutor eu... — quando vou explicar sobre os meus exames antigos, pois não os tenho mais, Sarah entra de supetão no quarto e eu me calo.

Ela equilibra uma bandeja que, provavelmente, é a sopa que o médico pediu para ela ir buscar.

— Aqui está sua sopa, Savannah. — anuncia contente.

— Obrigada. — agradeço inalando o aroma delicioso vindo dali.

— Bem, meu trabalho aqui está encerrado. Vou deixar você se alimentar com tranquilidade e, quanto ao soro, não se preocupe, pois vou pedir pra Sarah retirar. — fala arrumando suas coisas e sorri pidão pra Sarah que afirmou com a cabeça. — Ótimo! Foi bom te ver, Sarah, você cresceu bastante em relação a última vez em que nos vimos

— Foi bom te ver também, Davi. — fala timidamente.

— Até uma outra oportunidade. — Davi diz e caminha rumo à saída.

Fico preocupada agora. Como vou pagar por uma consulta? E, o mais importante, como vou sair daqui para fazer isso? Deus, eu estou perdida.

— Savannah? — sou arrancada dos meus devaneios pela voz da Sarah.

— Oi? O que disse? — falo sem graça.

— Que quando terminar, vou te ajudar a tomar um bom banho. — fala divertida.

— Não precisa! Posso fazer isso sozinha. — murmuro sentindo meu rosto arder de vergonha, só por cogitar a ideia de que ela me veja pelada.

— Tudo bem, então, contanto que se cuide. Parece que veio de uma guerra assim toda rasgada e suja. — completa sem perceber meu desconforto.

— Já estou me sentindo bem melhor para isso. Só vou comer antes. — explico.

— Vou lhe deixar sozinha, então. Depois passo aqui para tirar seu soro. — diz e me deixa terminando de tomar a sopa que, por sinal, estava uma delícia.

Coloco a bandeja do outro lado do colchão e vou tomar banho segurando a embalagem incômoda do soro enquanto avalio o lugar exuberante ao meu redor outra vez. É um quarto gigantesco que mais parece uma casa. Há uma grande janela que leva a uma sacada em um dos seus lados. Em frente à ela, duas poltronas vermelhas e, entre elas, uma pequena mesa com um vaso. Há quadros espalhados pelas paredes brancas. A cama onde estava fica um pouco alta por causa de uma elevação no piso de mármore branco. Esta elevação é redonda e só um pouco maior que a cama. Nela há três degraus detalhados em ouro.

No banheiro, tiro minhas roupas ou o que aquele velho deixou delas. Só de lembrar, sinto um aperto no peito. Quase que ele abusa de mim e, o pior, me mata estrangulada. Mas não quero lembrar disso.

Tiro a foto dos meus pais que guardei no lugar do meu corpo mais improvável que alguém ache e, sim, é onde você está pensando, na minha calcinha. Tudo bem que esse lugar quase foi violentado, mas, se assim fosse, preferia morrer a ter sido estuprada por aquele velho. E vamos combinar que se eu morresse, uma foto não me faria a falta que me faz em vida, já que estaria reencontrado meus pais. Pelo menos quero acreditar que quando me for, os verei novamente.

Ligo o chuveiro e deixo a água me acalmar.

Após passar alguns minutos embaixo da água, decido que é hora de realmente tomar banho.

Desligo o chuveiro e sigo até um armário que tem ali e tomo a liberdade de abrir. Encontro tudo que preciso desde sabonete até toalha. Volto ao chuveiro, ligo novamente e lavo meus cabelos. Dou a mesma atenção ao meu corpo. Logo estou limpa e me enrolo na toalha que encontrei. Em seguida, escovo os dentes com uma escova que achei ainda na embalagem e um pouco de creme dental que peguei de um já usado. Enquanto manuseio a escova olho o espelho diante de mim que reflete minha imagem. Marcas de dedos em um tom azul avermelhado eram visíveis em meu pescoço e clavícula. E há um o corte no meu lábio inferior.

Já no quarto, me lembro que deveria ter pedido uma roupa emprestada a Sarah, mas me recorro das suas vestes e descarto a hipótese. Com um suspiro, me jogo na cama tomando cuidado com a bandeja e o soro que ainda está pela metade. Fecho os olhos repassando os últimos acontecimentos. Parece que agora este é o meu dilema diário: repensar o rumo trágico que minha vida tomou.

CAPITULO 04

MASALOM

Depois do telefonema do meu pai, dirigi até o porto clandestino e, por horas, fiquei averiguando a chegada dos armamentos junto a meus homens. Já eram umas quatro e meia quando o processo é encerrado. Volto para o palácio.

O sol já dava espaço para a lua quando chego exausto em meu quarto. Mesmo que não fosse quase noite, nada me impediria de tirar um bom cochilo logo após um banho, é claro. No entanto, ao olhar pra minha cama, já não sei se essa é a melhor alternativa uma vez que meu pênis extasiado deu uma guinada ao se deparar com a porra da visão do paraíso.

Como a mais bela obra esculpida pelo criador, tenho o privilégio de prestigiar minha noiva completamente nua. Sua pele branca está avermelhada por causa dos raios do sol poente que atravessam a janela e enchem o cômodo lindamente deixando aquele corpo ainda mais sedutor e realçando suas curvas.

E como se não bastasse o corpo para encher meus olhos, ainda têm seus cabelos cor de mel que estão

espalhados pelo meu cobertor, os seus lábios rosados e convidativos entreabertos instigando a minha curiosidade de saber como seria observá-los soltar gemidos em meio ao êxtase do mais inigualável prazer. Os seus seios medianos durinhos e rosados implorando meu toque, o seu abdômen extremamente feminino despertando em mim uma vontade enorme de deixar ali mordidas suaves e fortes tudo ao mesmo tempo, suas coxas definidas cativando meu lado dominador. Minha vontade é de agarrá-las enquanto estoco fundo em sua vagina e, por falar em vagina, Alá, que coisa mais delicada e chamativa é a daquela obra divina rosada. Quanta perfeição!

Com um suspiro de satisfação continuo a apreciar a vista à minha frente, mas, onde estou, observo que em seu braço ainda paira o soro posto por Davi. Eu me aproximo para retirá-lo.

Pego sua mão macia e ela suspira em seu sono. Arranco com cuidado a agulha da sua pele e devolvo sua mão ao seu devido lugar.

Ao seu lado há uma bandeja. Pego-a e caminho até o pequeno balcão da adega para colocá-la ali, onde também se encontra os cacos da minha garrafa de perfume. Tudo vai ficar do mesmo jeito até uma certa boneca recolher.

Volto à cama onde pego a embalagem do soro

para jogar no lixo e a toalha úmida que provavelmente cobria o corpo da minha boneca.

Dirijo-me ao banheiro para tomar um banho e, de preferência, um bem gelado para controlar minha ereção antes que faça uma besteira.

Após o banho e minha higiene noturna estarem concluídas, volto ao quarto da forma que vim ao mundo. A verdade é que sempre dormi assim e isso não vai mudar agora.

Com dificuldade tiro as cobertas de debaixo do corpo da minha boneca e a arrumo confortavelmente antes de deitar ao seu lado puxando seu corpo de encontro ao meu e inalando o cheiro de sua pele sedosa.

Adormeço com a promessa de que no dia seguinte ela vai aprender a não me desafiar novamente, principalmente, depois do seu castigo.

Acordei excitado com uma ereção sem precedentes roçando a pele macia, sedosa e quentinha das nádegas da Savannah. Uma das minhas mãos pairavam na barriga da minha boneca e, confesso, que me vi tentado a escorregar meus dedos um pouco mais pra baixo até seu sexo rosado e acordá-la com o estímulo deles traçando pequenos círculos em seu clitóris.

O meu cheiro estava em seus cabelos castanhos onde meu rosto estava submerso. Seu corpo frágil e

pequeno emaranhado ao meu traziam sentimentos conflitantes, como, por exemplo, a guerra incoerente travada em minha mente ao pensar que, apesar do desejo que me corrói em estar apenas abraçando-lhe, é reconfortante a sensação de serenidade, conforto, comodidade, e ao mesmo tempo... Caramba! Penso desconfortável com o rumo dos meus desvaneios.

Espreguico-me e a puxo em minha direção ainda mais, se é que é possível. Tenho vontade de apertá-la e nunca mais soltar, por isso mesmo ao invés de me levantar, permaneço deitado apreciando todas as sensações que estou sentindo, por mais que estas estejam quase me enlouquecendo.

Ela fica ofegante por causa do meu aperto deixando escapar um pequeno gemido. Então, cuidadosamente, pega meu braço de sua barriga entre as suas mãozinhas trêmulas e se desvencilha dele.

Ela escora os cotovelos no colchão e com um contorcionismo plausível se ergue apoiada neles. Consigo visualizar seu seio desnudo e, logo depois, seu rosto. Este estava na altura do meu peitoral, porém, ela o ergue e eu consigo fitar seus globos oculares que quase saltam dos seus devidos lugares quando seu olhar cruza com os meus.

Observo-a em silêncio e ela me segue um tanto desconfortável sob minha avaliação. No castanho

daqueles olhos, podia ver uma mistura de sentimentos, terror, aflição e antecipação.

Ainda fitando-a, resolvo me aproximar mais. É como se um ímã invisível me instigasse a fazer tais movimentos, precisava com urgência sentir sua pele sob meu tato, mas também não quero que ela se assuste, afinal, devo isso a Horlom e não pretendo machucá-la.

Devagar, ergo uma das mãos e acaricio sua bochecha ganhando o presente de vê-la fechar os olhos em apreço. Tomo o gesto como um sinal verde e me aproximo. Beijo sua bochecha e, sem vê-la negar meu toque, continuo explorando seu pescoço cheiroso — na verdade, o meu cheiro. Acho que ela usou minhas coisas, por isso, faço uma nota mental de sair com ela para compramos as dela quando me sobrar algum tempo. — Beijo seu nariz e, ao morder o nódulo da sua orelha, ouço outro pequeno gemido que faz meu pau latejar. Sem aguentar um segundo sequer daquela tortura, colo nossas bocas.

O paraíso era nada comparado ao sabor da minha Savannah. Tão bom, que precisei diminuir o ritmo e degustar aquele néctar vagorosamente por alguns instantes. Porém, o tesão logo se faz presente e eu subo a mão pela nuca adentrando suas madeixas cor de mel, segurando-as em punho fechado e trazendo seu corpo para cima do meu,

tendo a doce sensação de estar com o pênis tão próximo do meu objetivo. Seus seios estão esmagados por meu peito, além daquelas mãozinhas ali espalmadas. Com a outra mão, toco a pele das suas costas sentindo os pelos eriçados. Seu corpo inteiro treme sob meu toque.

Louco de luxúria e desejo, tento aprofundar o beijo, no entanto, seu corpo congela. Abro os olhos e fitando-os vejo uma variedade de dúvidas. Querendo trazê-la de volta ao clima, prendo seu lábio inferior entre os dentes e sugo-o ainda com o olhar nos seus.

Sua respiração rápida no meu rosto, seu coração acelerado é perceptível quando ela murmura quase sem voz:

— Eu nunca fiz isso. — revela e, logo em seguida, sua pele alva fica vermelha como uma pimenta madura.

— Percebi.— digo e rio da forma como corou com essa simples revelação. Imagina se ela soubesse o que minha mente pervertida quer fazer com esse seu corpo pequenino e perfeito.

Savanah encolhe com os olhos brilhando pelas lágrimas não derramadas olhando, em seguida, para qualquer direção menos pra mim.

— V-você p-pode hum me s-soltar? — questiona com uma lágrima trilhando seu rosto.

— Por que raios está chorando? — pergunto ainda com um tesão do caralho, porém, sem entender o porquê do choro.

Solto-a do meu aperto e ela levanta como uma flecha, tão rápida, que quase caiu no chão. Seu rosto, sempre expressivo, demonstra vergonha, mágoa e até mesmo medo.

Ao se dar conta que está nua, cora violentamente outra vez e puxa o lençol esquecido ao meu lado. Sem nunca olhar em minha direção, corre para o banheiro.

Confuso, sento na cama fitando a porta e tentando entender o que acaba de acontecer. E, mais uma vez, em menos de uma semana, volto a me questionar por que diabos as mulheres são tão difíceis de entender. Frustrado e de bolas rochas, me jogo contra os travesseiros. Ao fechar os olhos, lembro daquele corpo delicado, macio e delicioso, além da visão que tive dele exposto em minha cama ontem só para o meu deleite. Poderia pegá-la de jeito, mas, por incrível que pareça quero que ela seja minha por sua própria vontade.

Sem perceber, minha mão ruma em direção ao meu pênis e inicia movimentos ritmados imaginando minha boneca recebendo meu pau no seu canal apertado. Aqueles pequenos gemidos que ouvi há pouco saindo por entre seus lábios rosados, seus seios medianos em minha

boca enquanto ela se contorcia de prazer.

Merda! Não vou me masturbar feito um adolescente cheio de hormônios pelo simples fato de beijá-la. Aliás que merda é essa que estou fazendo?

Saio da cama e vou até meu closet para escolher meu smoking do dia. E é isso que estou fazendo quando batidas na porta me distraem da tarefa.

Enrolo outra toalha na cintura e vou ver de quem se trata.

Abro uma brecha da porta para que a pessoa lá fora não veja que estou de toalha, mas a porta é escancarada pela Sarah que passa por mim como um furacão.

— Bom dia, irmão. Cadê a Savannah? Vim retirar seu soro, pois ontem acabei adormecendo. — diz procurando a Savannah pelo quarto.

Bufo me escorando na porta com os braços cruzados enquanto a doida da minha irmã procura a Savannah por todo lado até mesmo em meu closet.

— Bom dia, princesa, e não se preocupe eu já cuidei disso. — respondo calmamente observado-a.

— Tudo bem, mas e ela? Onde está? Sei que saí cedo e vim lhe buscar para tomar café comigo. — minha irmã vira em minha direção e, ao perceber que estou de

toalha, vejo que está envergonhada.

— Ela está tomando banho e receio que vá preferir tomar café aqui mesmo. Já pedi ao Salan que o trouxesse.

Vejo-a processando minhas palavras antes dos seus olhos brilharem, provavelmente, formulando alguma explicação sentimentalista uma vez que ela é tão ingênua como uma criança.

— Bom, se é assim, eu vou indo. Diz que mandei um beijo. Aproveita e lhe dê um por mim. — fala maliciosa e me pisca um olho alçando a porta com pequenos pulinhos.

— Até logo, princesa. — exclamo fechando a porta com impaciência.

— Grosso. — berra fazendo birra.

Penso, aturdido, como minha irmã sabe ou desconfia sobre o que acontece quando um homem e uma mulher estão juntos num quarto. Ela nunca presenciou um beijo entre um homem e uma mulher, digo, nunca mesmo. Contato com homens que não fazem parte da família, ela só teve com o Davi, porém, ele nunca olharia pra ela com luxúria, já que suas periguetes são todas fisicamente perfeitas aos olhos da sociedade — não que minha irmã seja feia, quer dizer, isso nem eu sei, mas observando seus genes, duvido muito que sua beleza não seja deslumbrante.

No entanto, para meu alívio, o niqabe, que mostra apenas os seus olhos, esconde sua beleza — mas o que realmente quero dizer é que não sei de onde diabos ela tirou essa de aproveitar e a beija por mim.

Balanço a cabeça encabulado e volto ao meu closet para me vestir. Queria tomar um banho, mas com a Savannah lá, é impossível. Outra maluca que tenho que instruir. Penso me vestindo. Chego a cogitar a ideia de tomar banho num quarto de hóspedes, mas não sei se teria saco para me explicar, acaso alguém me visse. Por isso, decido que o banho fica para quando voltar do escritório.

Imagens da minha boneca nua transitam em minha cabeça quando olho a cama desarrumada e, então, me recordo de que preciso lhe dar algo pra vestir. Vou até o telefone e peço que comprem algo bem comportado o mais rápido possível. Aproveito e mando trazer um café reforçado, além de uma refeição, ambos apresentáveis a uma mulher brasileira.

Enquanto aguardo, escrevo um bilhete informando o porquê das roupas e comida. Deixo claro também que quero os cacos da garrafa recolhidos quando voltar. Depois de pronto, dobro o papel e ponho num envelope.

Esperei ainda uns trinta minutos para que trouxessem o que pedi. Coloquei a caixa e o bilhete sobre

seu travesseiro e só então fui trabalhar deixando minha boneca trancada no quarto.

A manhã passou rápido. Há várias questões econômicas do país que tive que resolver uma vez que meu pai estava muito mal hoje e não pôde cumprir suas funções de rei.

De tarde precisei visitar um dos cassinos da máfia onde um traidor estava. Dei-lhe uma bela lição, quer dizer, lição não porque morto não decora nada, não é mesmo? Enfim, a tarde também passou muito rápida. Depois que voltei ao palácio, ou melhor, ao meu escritório, ainda revi algumas questões.

Sai do escritório um pouco mais cedo tendo em vista que precisava ter uma longa conversa com meu pai. O fato é que ainda não engoli essa do velho envolver meu irmão nessa sujeirada toda. Vou fazer o que for necessário para que Horlom não precise passar pelo mesmo que passei.

Sigo decidido pelos corredores que me levarão até a suíte principal do palácio, que é onde meu pai está.

Sua doença já começa a lançar seu último golpe e este é indefensável até mesmo para aquele velho prepotente. Bato na porta e escuto um pode entrar fraco e distante. não posso dizer que isso me deixa emocionalmente abalado porque eu não sinto qualquer

resquício de pena ou até mesmo um carinho para com aquele homem que me tornou essa pessoa que sou hoje, cruel e frio.

Ao abrir a porta, vejo o que sobrou de um homem um dia temido. Sobre a cama há uma pessoa de aparência desconhecida pra mim. Ele está extremamente magro, pálido e vulnerável — posição que deve estar corroendo-o mais que a doença — caminho a passos firmes até seu leito e nossos olhares se cruzam.

— Achei que partiria sem voltar a vê-lo pessoalmente. — murmura, tossindo em seguida.

Ainda observando seu estado deplorável respondo:

— Sabe, às vezes fico tentando entender como nesse estado você ainda consegue me dar ordens. — exponho meus pensamentos realmente admirado.

Ele se recosta com dificuldade contra a cabeceira.

— Seria pedir muito ocupar um pouco do seu tempo sentando aqui comigo? — pede ignorando meu comentário.

Franzi as sobrancelhas.

— Nossa, o que a morte não faz, não é? Forlam Amir Farid sendo educado! — resmungo sarcástico.

Uma careta se forma em seu rosto cansado.

— Eu mereço seu sarcasmo, meu filho, porém preciso te dizer várias coisas antes de partir.

Meu filho? Essa é boa.

Caminho até a cadeira que uma de suas esposas ocupa, quando passa a noite com ele, e me acomodo ali.

— Sou todo ouvidos.

— Antes de mais nada, quero que saiba que tenho muito orgulho de você. — abro minha boca para dizer umas poucas e boas a esse velho dos infernos. Como ele se atreve? Se ao menos soubesse o que é amor... Porém, ele continua rapidamente sem me dar chance de expor minha indignação. — Não do que eu tive que fazer de você, mas do que você é por si próprio, Masalom. Bom, mas indo às minhas verdadeiras considerações, vou deixar claro que sempre soube que nenhum dos seus irmãos teriam a força necessária para suportar tais responsabilidades.

Arrumo-me no acento.

— Também sabia que me odiaria por ter lhe tirado a chance de viver como um homem normal. Assim como odiei meu pai um dia. Quero que saiba que eu te amo, meu filho, talvez até mais do que a qualquer outro dos meus filhos. Não estou dizendo que não os amo

também, não me entenda mal, mas você e Horlom vieram da única mulher que amei e que conseguiu me amar na mesma proporção, apesar de todos os meus defeitos. E isso faz de vocês mais especiais.

— Está me dizendo que aos seus filhos "especiais" você simplesmente destroi? Que amor é esse? — rosno comedido como ele mesmo me ensinou a ser através de muita surra.

— Masalom, você, especificamente, era o mais apto para tais tarefas. Veja bem, seu irmão mais velho sempre foi um egocêntrico. Ele só pensa em si mesmo e, pra ser rei e chefe de uma máfia, isso é uma característica que o impossibilita. E você não. Você estava sempre ali para aconselhar e ajudar seus irmãos. O Palon é desligado do mundo e nunca sabe como sair das suas enrascadas sozinho. Você, no entanto, nunca precisou da ajuda de ninguém. Era um estrategista nato, enfim, eu avaliei minuciosamente cada um de vocês, meu filho. Você não foi escolhido aleatoriamente. Você foi escolhido porque é o único que eu tinha certeza de que não iria morrer sem lutar. Posso parecer um carrasco aos seus olhos, mas lhe asseguro de que nem mesmo eu queria ver um dos meus filhos mortos.

Bufo sem me comover com uma só maldita palavra.

— E por que envolver o Horlom nisso tudo? —
questiono expondo a única coisa que me trouxe aqui.

— Porque você pode ser forte sozinho, mas ter um parceiro como Horlom o tornará invencível. — tosse ruidosamente antes de prosseguir. — Sei que vocês são muito próximos, você daria sua vida por ele sem pestanejar e ele da mesma forma o faria. Além disso, o Horlom sempre foi minha segunda escolha. Aquele garoto é tão sagaz e esperto que eu fico admirado. — outra crise de tosse. — Enrolá-lo é extremamente trabalhoso. — prossegue e sorri orgulhoso. — Eu que o diga.

Absorvo suas palavras.

— E por que lhe contar só agora? — murmuro uma dúvida que se fez presente.

— Porque você não aceitaria Masalom, você ainda não aceita. Eu também não aceitei quando o meu pai me disse que seu tio era meu underboss.

— E quer dizer que só porque você está morrendo eu vou aceitar? — rio sem vontade.

— Nunca disse isso, mas agora que seu irmão sabe que precisa dele, ele nunca vai abandoná-lo. — responde e eu tenho vontade de esganá-lo com as próprias mãos.

Ele tem razão. Pelo que conheço de Horlom, sei

que terei que carregar sobre os ombros a culpa de destruir seus sonhos e vitalidade.

— Você não tinha esse direito! — fecho as mãos em punhos.

Sempre tentei proteger meu irmão disso tudo e agora... agora não tenho como evitar.

— Masalom, estou fazendo isso para o seu bem, para o bem dos dois.

Fulmino-o com o olhar.

— Não, você está acabando com a vida do Horlom assim como acabou com a minha. — retruco.

Minhas narinas inflam de raiva e o infeliz muda de assunto. Ele sabe que mais um pouco e eu arranco seus miolos:

— Já escolheu sua mulher? — pergunta.

— Sim, eu cumpri mais uma das suas ordens. — rosno irritado.

— Quero conhecê-la amanhã e que você venha junto. — ordena.

Quero mandá-lo tomar naquele lugar, porém cumprindo a promessa que fiz à mamãe no leito de morte, de que o respeitaria mesmo ele sendo como é, contenho-me e afirmo:

— Certo. Mais alguma coisa, majestade? —
levanto as sombrancelhas ao ficar de pé.

— Não, meu filho, era só isso. — murmura.

Transtornado, saio e vou direto para o meu quarto tentar assimilar essas informações e colocar a cabeça no lugar.

Quando alcanço o meu objetivo, procuro as chaves no bolso da calça social preta e a coloco na fechadura abrindo a porta. Já dentro do cômodo, tento acostumar minha vista ao escuro.

— Savannah! — chamo um tanto desconfiado uma vez que as luzes estão apagadas deixando o quarto na perlumbra.

Tateando as paredes, acendo as luzes e meus olhos observam o quarto encontrando-o totalmente organizado. Dormindo, sentada na poltrona, a minha boneca.

Caminhei até ela e vejo que em sua mão, que está sobre o seu colo, há uma fotografia.

Com cuidado e precisão, tiro-a dali e observo a imagem que retrata um casal apaixonado.

A mulher, de uns quarenta anos e cabelos castanhos, lembra o rosto oval e expressivo da Savannah e traz um sorriso estampado no rosto. Já a minha boneca

herdou os olhos e algumas linhas faciais do homem da foto, que aparenta ser bem mais velho que a mulher, uns cinquenta e oito anos e cabelos grisalhos. A verdade é que eles ficaram um tanto ofuscados pelo brilho de uma garotinha sorridente, que está entre eles, com um sorriso de janelinhas, num vestidinho simples na cor vermelha. Ela é tão linda quanto agora... Mas não tem mais aquele sorriso gigantesco que tomou toda a sua face...

Suspiro lembrando de como é estar sem mãe. Após a morte da minha, foi extremamente difícil me situar, me acostumar a viver sem o seu cheiro de lar, seu sorriso acolhedor, seus conselhos sábios, seu carinho.

Se a Savannah continuar vendo aquela imagem, as coisas vão ser mais dolorosas. Ela vai querer reviver apenas por um instante aquele momento. Por mais que eu não entenda o porquê, isso me preocupa. Não a quero se martirizando por pessoas que não vai voltar a ver — ao menos não tão cedo quanto ela quer. Vou levá-la ao Brasil novamente. Também não sou tão insensível assim de nunca levá-la pra vê-los. Sei como é estar distante de quem amamos. E é por saber que aquela imagem vai ser um empecilho até esse dia chegar, que tomo a decisão de acabar com aquela foto e polpar seu sofrimento, ao menos temporariamente, pois também sei que as lembranças em nosso cérebro nunca podem ser apagadas.

Não quero ser hipócrita e afirmar que é irrelevante ter algo que nos lembre de pessoas importantes. Eu mesmo tinha uma garrafa que minha mãe me deu mas, esta era uma lembrança estimada e saudável, não um momento desejado, aguardado e almejado. Se tem alguém nesse mundo que sabe o que é se apegar a um momento, esse sou eu. Eu queria poder voltar à minha infância e ser forte, astuto e menos ingênuo o suficiente para desconfiar e afrontar o meu pai, o homem que deveria ser meu herói, meu exemplo.

Enfim, eu já sonhei em voltar no tempo várias vezes, mas, por mais que este voltasse, eu ainda seria uma criança, ou seja, nunca conseguiria evitar o meu destino.

Observo o rosto sereno da minha boneca e isso só confirma minha decisão de que não quero dor nos seus belos olhos. Neste instante, eles se abrem para o mundo novamente.

Contemplo-a em silêncio por alguns instantes antes de exclamar um "bela foto" para que saiba da minha presença e não se assuste.

Ela rapidamente vira o pescoço em minha direção e esbugalha os olhos ao ver a foto em minhas mãos. Logo em seguida, Savannah levanta num pulo e estica as mãos trêmulas.

— Me d-devolve, por favor. — implora

chorosa.

Confesso que fico tentado a devolver, porém não faço e ela me implora novamente agora com aflição e dor no olhar, justamente o que quero evitar. É melhor sofrer de uma vez a sofrer durante um tempo prolongado.

O fato é que também não posso simplesmente rasgar a fotografia sem uma boa desculpa. No entanto, logo uma me vem à mente e digo:

— Lembra da garrafa que você quebrou? — ela balança a cabeça afirmando ferozmente. — Disse que encontraria o castigo perfeito e agora o encontrei. — continuo com o olhar voltado à foto.

— Qual? — ela inquires num suspiro choroso e isso me instiga a acabar logo com isso.

Rasgo a foto rapidamente e ela berra um não sonoro caindo de joelhos.

Termino o trabalho, enquanto Savannah chora desconsolada.

Deixei-a ali chorando agarrada aos pedaços da imagem e vou tomar um banho antes de dormir.

Ao retornar do banheiro alguns bons minutos depois, ela ainda está deitada na mesma posição porém, chorando baixinho agora.

Retiro as cobertas e me deito sob os lençóis

esperando o sono vir.

Sei que deve estar pensando que estou pouco me lixando para a Savanah ali no chão, mas não é verdade. Também não sou tão cruel, porém quero dar-lhe espaço para se afundar na sua melancolia e vir para cama quando estiver melhor.

O sono recai sobre mim e eu permito que me leve.

Acordo com um frio dos infernos por conta do ar condicionado além da baixa temperatura causada pelo inverno e, estar nu, não ajuda em nada. Cubro-me com outro cobertor que estava bem dobrado ao meu lado e, então, ao ver a perfeição daquele lençol, lembro-me da minha boneca. Quando me viro para seu lado, vejo que está vazio.

Olho ao redor procurando-a e a encontro no mesmo lugar que deixei antes de dormir.

Realmente aflito, me sento num pulo. Se na cama está fazendo esse frio congelante, imagine no chão. Essa louca vai ter uma hipotermia, além de um belo resfriado se não levantar dali.

Desenrolo-me dos lençóis e, quando ponho meus pés descalços no chão, me assusto com o que sinto. É como se pisasse em gelo, além do ar frio que rapidamente envolve meu corpo, deixando-o arrepiado.

Levanto totalmente e caminho a passos decididos até ela.

— O que diabos pensa que está fazendo aí? — rosno furioso com aquela birra infantil e irresponsável.

Ela não me responde, mas eu sei que está acordada porque ninguém consegue dormir com seu corpo inteiro tremendo e seus dentes batendo naquela proporção.

— Estou falando com você, caramba. — berro exaltado, mas nada acontece. Não há nenhuma reação da sua parte.

Preocupado, me agaicho ao seu lado e tiro os cabelos do seu rosto. Ao ver sua expressão, me assusto.

Minha boneca tem os olhos vidrados e estes piscam apenas quando necessário, além de ter um círculo em volta deles. Seus dentes fazem atrito uns nos outros e sua pele facial, que era branca, está roxa.

Ligeiramente, passo os braços por suas pernas e o outro por seus ombros levantando seu corpo trêmulo e molenga.

Praticamente corro até o banheiro com ela nos braços e ligo a água quente colocando-a com roupa e tudo ali embaixo ainda no meu colo.

A temperatura da água está escaldante, mas seu corpo ainda está gelado. Para meu alívio, os dentes batem

moderadamente agora. Saio do box e afasto os cosméticos colocando-a sentada na bancada para ter os braços livres e poder tirar sua roupa.

Puxo a saia, com dificuldade, e tiro também a sua calcinha. Com cuidado, abro a blusa e tiro-a juntamente com o sutiã. Ela fica nua na minha frente, mas não reclama.

Sequei-a rapidamente com a toalha e fiz o mesmo processo comigo. Volto a pegá-la nos meus braços e a levo pra cama deitando-a ali e lhe cobrindo. Pego meu celular. Ando apressado e desligo o ar. Vou até Savannah e me deito ao seu lado, trazendo seu corpo para meu peito. Subo e desço uma das mãos por seu braço para aquecê-la. Ligo para o Salan.

— Aconteceu alguma coisa, chefe? — pergunta sonolento.

— Não, quer dizer, preciso que traga um chá bem quente até meu quarto. Fora isso, nada demais. — me apresso em dizer.

— Claro, mas por que não desceu para buscar? Digo isso porque sei que não gosta de depender de ninguém e... — se enrola todo.

— Eu entendo Salan. — corto sua explicação.

— Ok, chego aí em alguns minutos. — diz mais

firme e acordado.

— Certo. — concordo e desligo.

Olho para minha boneca e vejo que sua coloração normal está de volta, mas seus olhos continuam vidrados e sem vida. Poucos minutos depois, ouço Salan bater na porta e eu me desvencilho da Savannah com delicadeza, uma vez que ela está quase cochilando, e vou abrir a porta.

— Boa dia, chefe. — exclama assim que me vê.

— Boa dia, Salan. — respondo meio confuso.
Com toda loucura, não vi as horas.

— Aqui está o chá. — articula me entregando a pequena bandeja com duas xícaras e um bule. O cheiro de camomila enche meu olfato.

— Obrigado! Agora pode voltar a dormir e me desculpe por incomodá-lo. Sabe que se não fosse necessário, não o faria. — digo ligeiramente incomodado por tirar seu sossego e o de uma das suas esposas.

Ele põe a mão no meu ombro.

— Imagina, Alteza, estou aqui para servi-lo. — diz olhando nos meus olhos.

Salan sempre foi o que esperava em um pai. Eu o respeito como um filho e ele já me disse que me considera assim também.

— Até daqui a pouco, então. — despede-se me deixando pensativo por alguns segundos. Então fecho a porta com uma das mãos e sigo com o chá para minha boneca.

Coloco a bandeja no colchão, pois a minha boneca dormiu. Deito ao seu lado e a trago novamente para meus braços sentindo sua pele nua agora quentinha. Agito levemente seu ombro chamando-a pelo nome.

— Hum. — resmunga sonolenta.

— Quero que tome um pouco de chá para esquentar seu estômago. — explico e ela assente, mas com os olhos fechados.

Suspiro vencido e estico o braço para servir o chá e pegar a xícara.

— Pronto! Abre a boca, mas cuidado para não se queimar, pois está quente. — falo colocando o líquido fumegante entre seus lábios.

Ela toma o chá temerosa, no entanto, ao sentir a temperatura toma-o mais confiante e, é claro, faz algumas pequenas pausas para degustá-lo.

Quando a xícara está vazia, eu a ponho sobre a bandeja e a coloco num pequeno apoio do relógio. Vejo ser quatro e meia da manhã. Cubro nossos corpos, apago o abajur e me permito dormir, dessa vez, completamente

aquecido.

Cedo, como de costume, despertei novamente com minha boneca grudada em mim. E isso é viciante. Com um suspiro, ergo-me sob os cotovelos e ponho sua cabeça que estava no meu ombro em seu travesseiro. Levanto-me em seguida.

Vou tomar um banho rápido, me visto e desço ao escritório permitindo que ela durma um pouco mais, enquanto checo minha agenda e e-mail.

Hoje, por incrível que pareça, as coisas estão tranquilas na minha agenda e o e-mail não tinha nada importante. Não sei se acho isso uma boa coisa ou desconfio de que algo muito mais relevante está por vir, para que o velho tenha me dado tal folga... Mal termino o pensamento, quando meu celular toca. E, como previa, o velho dá o ar da graça.

Pego o insistente aparelho.

— O que você quer? — pergunto observando minha estante de livros.

Ele bufá pela minha pergunta direta.

— Já lhe disse ontem, porém prefiri lembrá-lo. Quero você e sua noiva no meu quarto em uma hora.

— Certo. — desligo.

Fito o lugar ao qual passo a maior parte da

minha vida enquanto busco uma explicação válida para que meu pai queira ver a Savannah pessoalmente, mas não encontro nenhuma que realmente se encaixe. Resignado, deixo o espaço voltando ao meu quarto.

Encontro a minha boneca recostada à cabeceira, com os joelhos dobrados contra o peito e lindamente desgrenhada. Quando fecho a porta, seu olhar recai sobre mim. Consigo discernir quando seu corpo encolhe me fitando atentamente com os olhos temerosos.

Franzo o cenho.

— O quê? — questiono curioso diante da sua averiguação. Subo os pequenos degraus da elevação no piso que me levam até a cama. Vejo quando engole em seco ao me ver afundando no colchão ao seu lado.

— N-nad-da. — murmura desviando o olhar.

Um silêncio desconfortável se faz presente. Ela, com o queixo entre o joelhos, abraçando as próprias pernas e com o olhar fixo pra frente. Eu fico do seu lado também, recostado à cabeceira, as pernas esticadas e observando-a calado.

Resolvo falar o que espero dela, quando o silêncio pesa de forma desproporcional.

— Quero que fique pronta tão rápido quanto puder, pois iremos ver meu pai. — ela tem um sobressalto

quando minha voz corta a calmaria tensa que nos rondava. — Vou até o ateliê do palácio buscar algo para vestir e, mais tarde depois de vermos o velho e que você estiver tomado seu café da manhã, sairemos para comprar suas coisas pessoais e tecidos para seus vestidos. — anuncio tirando os pés do colchão sob seu olhar amedrontado, entretanto, especulativo.

Deixo-a ali outra vez e caminho pelos corredores até o ateliê. Por sorte — ou azar depende do ponto de vista — a Sarah vinha perambulando do lado oposto.

— Masalom, achei que estivesse... — sua voz diminui a cada palavra pronunciada. — Hum, não importa o que pensei. — prossegue. — Aonde você vai? — conclui, a essa altura, parada diante de mim..

— Ao... — lembro naquele instante que não sei escolher roupa de mulher. — Acho que preciso da sua ajuda para... — tento informar, no entanto, me interrompo quando percebo que ela fica estática por alguns segundos.

— Eu. Sarah. Amir. Farid. Juro. Eu. realmente. juro. que. ouvi. meu. irmão. me. pedir. Ajuda? — fala pausadamente e com os olhos arregalados em surpresa.

Bufo e reviro os olhos.

— Por Alá, você vai me ajudar ou não? — inquiri sem paciência.

— Vou! — grita. — Quer dizer eu vou. É só que nunca, digo nunca mesmo, ouvi você pedir ajuda a alguém.

— Princesa, você está tornando uma coisa simples em um show. E eu já estou seriamente reconsiderando meu pedido.

— Nada disso. — ela agarra meu braço e começa a me puxar, mas logo me para bruscamente. — Espera! Você não disse onde íamos nem fazer o quê.

Tomo um gole de ar profundamente.

— Ah, claro! Se alguma vez em sua vida você conseguir ouvir o que as pessoas têm a falar, talvez, só talvez, você soubesse. — repreendo-a.

— Desculpe. — murmura. — Mas onde vamos?

Gargalho reconhecendo que ela não tem jeito.

— Ao ateliê. Preciso que escolha um vestido para Savannah. — digo quanto retornamos à caminhada.

— Vão sair! — exclama alegremente e eu reviro os olhos outra vez.

— Não, princesa, o nosso pai quer conhecê-la.

Entramos em nosso destino e ela corre como uma garotinha entre os manequins sem se importar em ouvir o que eu estava dizendo. Resignado, afundo numa poltrona ali do lado de um espelho e espero por sua

decisão.

Depois de trinta minutos — e sim estava contando os segundos e minutos em meu relógio de pulso. — a Sarah não havia optado por um vestido.

— Princesa, tem como andar logo com isso? — questiono cansado.

Ela se volta pra mim com três vestidos nos braços e a mão pairada sob outro que um dos manequins exibia.

— Considerando a estatura e silhueta da Savannah, este azul escuro ficará perfeito. — diz e sorri.

— Sarah, você estava com o azul praticamente desde quando chegamos, por que então ainda estamos aqui?

— Porque queria ter certeza. — responde para meu desespero. Dou um suspiro impaciente.

— Tudo bem, vamos logo. — falo me colocando em pé e saindo do cômodo com ela ao meu lado segurando o vestido.

Andamos em silêncio pelos corredores. Já em frente à porta do quarto, ela me estende o vestido.

— Obrigada pela ajuda — falo pegando-o de suas mãos.

— Por nada. — murmura enquanto me abraça e logo segue até as escadas.

CAPITULO 05

SAVANAH

Masalom caminhava ao meu lado me mostrando o caminho até os aposentos do seu pai. Confesso que a cada passo meu coração palpitava ainda mais no peito. Não podia distinguir se era por causa da ansiedade ou por medo de estar diante de outro possível carrasco. Falando em carrasco, as recordações do dia anterior ainda rondam minha cabeça.

Acordei hoje sentindo um pouco de dor nas articulações e preferi ficar sentada na cama esperando-a passar. Naquele instante, ouvi um barulho vindo da porta. Olhei e encontrei o causador do meu sofrimento entrando o quarto com aquele olhar intimidador.

Ele caminhou até a cama e confesso que temi quando se sentou ao meu lado. No entanto, ele permaneceu quieto e em silêncio e, quando falou, foi apenas para me informar de que conheceria seu pai e que me arrumasse rápido.

O fato é que ver o homem que agora caminha ao meu lado rasgar em pedacinhos meu único e estimado bem material, foi o suficiente para entender que confrontá-

lo só farão as coisas se tornarem mais dolorosas.

Não sou boba o bastante para dizer que o ódio não me corrói só em pensar nas cenas ocorridas, do quanto doeu na alma me sentir solitária, vazia de sensações e perceber que a vida não me pertencia mais. Relembrar cenas dele me pegando nos seus braços fortes, da minha cabeça recostada naquele peito de aço, do banho que me deu, dele tirar minhas roupas cuidadosamente, do chá delicioso que me ofereceu com delicadeza.

A verdade é que cansei de lamentar em vão. Vou deixar as coisas seguirem seu próprio rumo e, se a felicidade vier algum dia, vou agarrar-me a ela com unhas e dentes. Só me pergunto porque ele é tão ruim e ao mesmo tempo tão... atencioso.

Minha divagação cessa quando ele segura meu cotovelo, pois, sem perceber que ele havia parado, continuei andando. Fico espantada pelo toque. Nossos olhares se cruzam e assim permanecem até ele quebrar o contato e virar para bater com o punho fechado na porta.

— Entre! — escuto um rouco e abafado sussurro vindo do outro lado.

Ele abre a porta dando espaço para que eu entre primeiro e eu o faço um tanto receosa.

Meus pés grudam no chão quando meus olhos viajam pelo lugar que tem uma magnitude indescritível. O

cômodo conseguiu tirar meu fôlego. Pensei que nada mais me surpreenderia depois do exuberante quarto que tenho dormido, entretanto, se alguém os comparar, possivelmente descobrirá que aquele tem apenas dez por cento da beleza deste lugar que mais parece um salão com mobília.

O teto exhibe uma sequência de lustres gigantes posicionados em um triângulo enriquecido de luminosidade o cômodo e, mesmo querendo, não consigo entender os traços do desenho talhado em ouro que se espalha por todo o teto.

Descendo um pouco o olhar, visualizo paredes também recobertas por ouro. Há quadros de homens naquelas roupas esquisitas, e é claro, há outras paredes completamente vazias.

— É um prazer receber em meus aposentos a minha futura nora! — me assusto com o som da voz que retumba por aquele espaço até então silencioso.

Procuro o dono dela e meus olhos recaem sob um senhor magro e pálido que descansa em cima da cama recheada de cobertores vermelhos. Seus olhos cruzam com os meus e ele sorri de lado. Um sorriso que já deve ter sido a perdição de muitas mulheres, mas que hoje não passa de um gesto simpático vindo de um senhor.

— Você é muito bonita, minha filha. Devo

admitir que meu filho tem bom gosto.

Talvez ele não saiba sob quais condições vim parar aqui e esteja querendo ser acolhedor como a Sarah, por isso, me esforço para responder:

— Obrigado. — murmuro.

Ele quebra o nosso contato visual e procura o filho.

— Acomodem-se que o que tenho pra falar é rápido, porém, quero que estejam confortáveis para ouvir. — diz encarando Masalom e aponta para duas cadeiras do lado direito da cama.

Caminho até o lugar apontado e sento cautelosa por saber que o assassino vai sentar-se ao meu lado. Entretanto ele não o faz. Observo os dois homens que se fitam com intensidade.

Após um olhar fulminante para o pai e um do qual não consegui distinguir pra mim, Masalom caminha e afunda no acento ao meu lado.

Acomodado a centímetros de mim, sinto seu cheiro amadeirado, masculino, envolvente e perigoso. Um perfume incrivelmente perfeito para um homem como ele. Observo-o de relance e visualizo seu maxilar cerrado, as veias do braço ressaltadas, pois suas mãos estão fechadas com força. Seu corpo rígido como um felino pronto para

atacar.

— Se Vossa Majestade não tiver mais nenhuma condição e puder ser o mais breve possível, ficarei grato. — sua voz cortante enche meus tímpanos e eu franzo o cenho diante da frieza e sarcasmo que ele trata o próprio pai.

O pobre homem assente.

— Eu vou filho, eu vou... — o senhor limpa a garganta e sucessivamente tosse violentamente. — Sua irmã me disse que levou a... — volta a falar com dificuldade.

— Savanah. — Masalom completa.

— A Savanah para o seu quarto e quero que isso mude. Por mais que você não siga as tradições e eu o respeite, porque sei que sua mãe o criou com ambas as culturas, seus súditos são árabes e você sabe que é terminantemente proibido um casal dormir no mesmo quarto antes do casamento. Enfim, eu os quero em quartos separados ao menos até o casamento, entendeu? — fala imperativamente e eu olho para o homem ao meu lado vendo-o afirmar com a cabeça.

— Era só isso? — questiona Masalom.

— Não! Quero que se casem em três dias. — anuncia e Masalom salta da cadeira ficando de pé.

Suas mãos continuam fechadas em punhos e seus olhos soltam faíscas.

— Eu não vou me casar em três dias. —
Anuncia, porém poucos instantes depois, ele suspira e volta a sentar-se, ainda que visivelmente contrariado.

O que passou por seu semblante foi um misto de... recordações e isso o impediu de afrontar o pai de alguma maneira.

O senhor limpa a garganta também com o semblante confuso, reflexo do que deve ser o meu no momento.

— Bom, prosseguindo. Eu já providenciei tudo para cerimônia, contudo, há coisas em que devem pedir para a Sarah lhes ajudar. — Explica.

— Podemos ir? — Masalom questiona ríspido.

— Podem sim. — ele levanta e eu o sigo. — Foi um prazer lhe conhecer, Savanah. Seja bem vinda à família. — o senhor diz e eu lhe dou um sorriso amarelo, já passando pela porta que seu filho abria pra mim.

Já lá fora, fico sem saber pra onde ir ou o que vamos fazer. aguardo que ele me informe.

— Vamos comer alguma coisa. — fala como se lesse meus pensamentos. — Está com fome?

Faço um gesto dizendo que sim e ele faz um sinal

com as mãos me instruindo a ir na frente. Sigo apressada pelo corredor — ou cômodo já que só a largura dele era do tamanho da casa onde morava.

Havia uma fila de vasos que eram quase da minha altura recostados nas paredes. Estava vivendo um filme de terror num cenário de contos de fadas. A cada passo ficava mais fascinada com a grandeza daquele lugar... No final do corredor tinha um corrimão que se prolongava até o topo de uma escada, — duas, na verdade — era como uma sacada que dividia as duas, uma de cada lado.

— Uau! — me ouvi exclamando ao olhar pra cima e ver varias sacadas laterais de vários e vários outros corredores.

— Impressionante, não?

— Sim. — Respondo mesmo após meu evidente deslumbramento. Inicio a descida dos degraus rapidamente.

Bastou um passo mal calculado para eu tropeçar nas minhas próprias pernas e fechar os olhos esperando rolar aquela imensidão de degraus abaixo. Aconteceu tudo tão rápido, que custou cair a ficha e perceber que não estava caindo.

Permiti que o ar deixasse meus pulmões. A essa altura, meu coração batia com uma intensidade fora do

comum contra minhas costelas. Só então senti as duas mãos que envolveram minha cintura, assim também como minhas costas apoiadas num peito duro.

— Cuidado! — Repreende-me com a respiração ofegante devido à adrenalina, reflexo da minha própria.

Então lentamente ele me vira para si pelo meu quadril, movimento que, ao contrário do anterior, parece demorar horas. Nossos olhares se cruzam e nos fitamos. Fico perdida em meio às suas esferas negras como a noite.

De repente, o clima transforma-se e eu me pego admirando seus lábios bem desenhados. O mundo parece congelar e tudo que existe sou eu e ele, nós dois. Meu corpo estremece diante do seu olhar e do seu contato, já que nossos corpos estão grudados.

Nossos rostos, que antes estavam próximos, passam a ficar a centímetros um do outro. Sua respiração aquecida em minha boca... Os meus olhos que já não suportam o êxtase do momento se fecham delicadamente sem saber o que aguardar quando a resposta vem... O toque sutil dos lábios de Masalom.

Lábios que apenas friccionam os meus, mas, em compensação, mãos que ganham vida nos meus quadris e velozes seguem seu destino: uma adentra as madeixas do meu cabelo e as seguram em punho fechado fundindo ainda mais nossos lábios que agora se esmagam e, a outra,

se arrasta até o meio das minha espinha e o braço másculo me surpreende ao passar pela minha cintura e eliminar qualquer espaço que poderia haver entre nossos corpos.

Lânguida, perdida em luxúria e desejo e, acima de tudo, sem fôlego, entreabro os lábios para tomar um gole de oxigênio. Quando consigo, ganho de brinde algo inigualável, formidável, surpreendente e indescritível que é o prazer de acomodar sua língua em minha boca.

Consumida, vejo-me agarrando seus cabelos sedosos e a camisa por entre os dedos. Sua língua varre cada cantinho da minha boca guerreando contra a minha loucamente. Uma quentura que senti uma única vez e com a mesma pessoa, começa a se formar em meu ventre, assim como sinto líquidos quentes encharcarem minha calcinha.

Sua boca deixa a minha e varre meu pescoço deixando minha cabeça pender pra trás.

— Ah! — gemo ao receber duas pequenas mordidas.

E, então, escorando minha cabeça com a mão, ele retorna à minha boca.

Ávida por algo que não consigo entender, puxo mais sua cabeça e me aperto mais em seu corpo. Então sinto algo que me deixa receosa, temerosa e aflita: uma protuberância dura na minha barriga que me leva a ofegar.

Em seguida, várias questões surgem: o que estou fazendo? Como pude esquecer do mau que ele me fez? É isso que faz quando ele te machuca?

Confusa, abro os olhos.

— Para! — murmuro empurrando-o.

Ele me atende prontamente e me olha interrogativo. Entretanto, nada diz. Livre dele, tento me recompor expirando e inspirando profundamente e ele me acompanha.

Após um silêncio constrangedor que se instalou, limpando, a garganta ele diz:

— Então, vamos?

Envergonhada pelas minhas ações me concentro apenas em descer os degraus cuidadosamente dessa vez sem limitar-me a olhar em sua direção. Escuto seus passos atrás de mim. Quando a descida enfim acaba, sinto sua presença ao meu lado.

Olho de soslaio para Masalom no instante em que sua mão espalma nas minhas costas. Seu cheiro embriagador chega ao meu olfato.

— O salão de refeições é por aqui. — aponta para um ponto à nossa direita.

Em silêncio me ponho a andar guiada por sua mão que me aquece e eriça todos os pelos do meu corpo.

Hipnotizada, deixei de observar os detalhes do lugar, uma vez que minha cabeça só conseguia reviver o beijo de instantes atrás.

Não sei se demorou segundos, minutos ou horas para alcançarmos o tal salão, mas assim que conseguimos, o som de duas pessoas discutindo acaloradamente me faz acordar para a realidade.

— Ah é? Você vai ver só, seu idiota! — grita Sarah.

Uma gargalhada masculina enche o local.

— Vai fazer o quê, princesa? — pergunta irônico e sem fôlego.

— Você vai ver o que eu vou fazer. — ela soa maliciosa e traquina.

Assim que eles entram no nosso campo de visão vejo a Sarah de pé e com uma jarra de suco roxo nas mãos, mas não por muito tempo uma vez que ela despeja todo o líquido na cabeça do homem que estava sentado gargalhando sem parar.

— Posso saber o que diabos está acontecendo aqui? — tenho um sobressalto quando o homem ao meu lado fala firmemente.

Sarah se vira e arregala os olhos.

— Foi ele que começou. — aponta para o

homem todo sujo.

O homem vira em seguida e me lembro dele. É aquele que comprou a virgindade da garota que foi à leilão comigo.

— Mentir é feio, princesa. — acusa tentando inutilmente se limpar com um lenço.

Ela o fuzila e cruza os braços no peito.

— Não fala comigo. — ralha.

Mordo o lábio inferior controlando o riso. Sinto um frio se instalar onde antes tinha uma mão espalmada. Masalom agita as duas mãos juntas enquanto questiona:

— Vocês têm quantos anos? Cinco?

Percebe-se que ele se diverte com a cena, apesar de reclamar e tentar fazer o papel de responsável.

— Você. — aponta para a irmã. — Trate de me arrumar outro suco de uva. — ela revira os olhos, mas some pisando duro. — E você, Horlom, vá tomar um banho.

— Eu não sou mais seu pau mandado, cara! Eu tenho vinte e seis anos. — afirma como se sua idade explicasse tudo.

— E eu sempre vou ser três anos mais velho. — retruca.

Mas Horlom continua comendo o pão fingindo não ouvir. Olho de soslaio para Masalom que sorri de lado.

— Tudo bem, se quiser se atrasar para a reunião da banda, eu não me oponho.

O homem suspira vencido, joga o pão no prato e sai pisando duro na mesma direção que Sarah seguiu minutos antes.

Masalom sorri vitorioso quando olha pra mim e exclama:

— Vamos comer? — assinto e ele desfila até a outra extremidade da maior mesa que já vi.

Esta possui mais de vinte cadeiras e sobre ela um banquete servido com tudo que se possa imaginar. Sigo seus passos e me surpreendo quando ele puxa a cadeira pra mim. Ainda me sentindo desconfortável em olhá-lo, afundo no acento de cabeça baixa.

Ouçó sua gargalhada antes de ouvir:

— Você vai ficar assim toda vez que te beijar? — questiona e eu sinto meu rosto arder. — Gosto quando seu rosto adquire essa cor escalarte. — admite. — Pode se servir, boneca. Eu não mordo, a menos que você me peça para fazer. E se assim for, não vai ser assustador. Muito pelo contrário, garanto que vai ser prazeroso.

Cretino! Xingo em pensamentos, porém permaneço em silêncio e de cabeça baixa.

— Sêrio. Eu acho melhor você comer porque o dia vai ser cheio, boneca. Além disso, mandei preparar um café como o do seu país e você não vai me fazer esta desfeita. — desliza um prato com uma fatia de bolo, torrada, pão e salgados. Meu estômago se agita ao sentir o aroma delicioso. — Você prefere chá, café, leite ou suco? — pergunta e eu crio coragem para erguer o olhar.

— Café. — murmuro e ele sorri derramando o líquido fumegante numa xícara.

— Ótimo. — me estica o objeto. — Pronto aqui está!

Pego o café e como em silêncio, sentindo seu olhar o tempo todo sobre mim, enquanto toma apenas uma xícara de leite.

Ao terminar seu leite vejo pelo canto de olho que ele coloca a xícara em cima da mesa e aguarda pacientemente que eu termine. Com tantos problemas, acontecimentos e notícias para absorver nem tinha me dado conta da fome que estava. Comi tudo que ele pôs em meu prato. Ainda não estava satisfeita, porém não tive coragem para admitir isso e lhe pedir por mais.

— Não vai ser preciso eu pôr o pudim na sua boca, vai? — tomo um susto e, só então, percebo que

estava olhando com desejo um pudim de chocolate com pequenos pedaços de morango. Lembrou-me muito de um que vi numa vitrine enquanto eu vagava sem rumo pelas ruas de São Paulo e morria de fome. Resolvo simplesmente ignorar seu comentário e encaro um ponto qualquer.

Ele solta um suspiro. De canto, vejo que corta uma grande fatia da pudim, coloca-o num outro prato e me entrega declarando:

— Toma! Saiba que quando disse para se servir, era uma maneira sutil de dizer para ficar à vontade e comer o que quiser. — seguro o prato e nossas mãos se roçam. No entanto, ansiosa para saborear a guloseima, ponho o prato sobre a mesa e pego o garfo tirando um pequeno pedaço, levando-o à boca sem dar atenção ao arrepio que percorreu meu corpo. Em êxtase pelo sabor surpreendente do pudim, fecho os olhos ao degustá-lo.

— Masalom, aqui está seu suco de uva. Eu mesma fiz. — fala Sarah com a voz estrangulada em animação. Eu abro os olhos testemunhando sua aproximação. Ela carrega uma jarra pequena e a coloca sobre a mesa.

— Obrigada, princesa, mas eu já tomei um pouco de leite. — fala e ela solta faíscas por suas imensas esferas azuis.

Sarah cruza os braços.

— Está me dizendo que todo meu trabalho foi em vão? — questiona.

Masalom apenas olha.

— Não foi em vão, Sarah, até porque o Horlom ama suco de uva. — o irmão explica naturalmente.

— O que tem eu? — questiona o tal do Horlom que acabava de voltar e instantaneamente atraiu a atenção de todos.

Ele está com os cabelos molhados e, ao invés do smoking preto que vestia, agora usa um cinza. Seus passos são largos e logo ele está sentado à mesa novamente.

— Estava dizendo pra Sarah que apreciava muito o suco de uva. — Masalom explica conseguindo atrair minha atenção.

Olho para o Horlom e vejo, pelo seu olhar, o amor que ele tem pelos irmãos.

— Verdade. — concorda se servindo um pouco. — Hum! E esse está muito saboroso. — elogia ao tomar um gole deixando uma Sarah contente e tranquila se servir também.

Foco no pudim comendo com vontade. Ao terminar, fico completamente cheia.

— Quer algo mais? — pergunta Masalom ao meu lado e eu nego com a cabeça. — Sendo assim, podemos ir comprar suas coisas pessoais. — fala afastando a cadeira e ficando em pé.

Com uma rapidez impressionante, Sarah ergue a cabeça e nos fita sorrindo com os olhos.

— O casal vai fazer compras, é? — fala com interesse e curiosidade.

— Sim! A Savanah precisa ter seus próprios pertences. — diz Masalom enquanto eu me levanto.

— Oh! Trouxe pouco bagagem, cunhada? — questiona comovida. Desconfortável com a pergunta, fico trocando o peso de uma perna para a outra.

Para meu alívio seu irmão Masalom se prontifica a responder:

— Eu que a apressei, princesa, e por isso nada mais justo do que comprar-lhe o que necessita. — diz enlaçando meu quadril. Eu tremo pelo toque repentino. — Ah e quero que você cuide das questões do jantar para anunciar nosso casamento. Se possível prepare tudo para amanhã à noite, pois temos pressa e nos casaremos em três dias.

— Como assim um jantar amanhã? E você só me avisa agora... — berra se levantando. — Não! Espera!

Você disse que se casa em três dias? Por Alá, meu irmão, vai se casar em três dias e eu sou a última a saber?

Horlom também se manifesta:

— Por que raios tanta pressa, irmão? A moça não vai fugir!

Fico tonta virando meu pescoço de um para o outro ao tentar processar o que cada um diz, já que falam tudo de uma vez e sem pausas. Por sorte, Masalom, que ainda tinha o braço em minha cintura, me puxou para fora dali. Bem distante do salão, ainda consigo ouvir a voz dos dois.

— Eles sempre foram...comunicativos. Aos poucos você se acostuma. — fala Masalom. Eu lhe olho me perguntando por que diabos ele está preocupado com o que eu estou pensando.

Após suas palavras, uma caminhada silenciosa se sucedeu e estendeu-se até avistarmos uma grande porta. Passamos por ela.

O cheiro de terra seca entra no meu nariz. Há uma escadaria que leva até dois caminhos asfaltados, porém este é apenas da largura necessária para a passagem de automóveis. Depois do asfalto, tudo é areia.

— Creio que ainda não teve a oportunidade de ver o deserto de tão perto. — comenta após testemunhar

meu deslumbramento pela paisagem.

Por um momento, vi um homem ali. Um homem simples apreciando a visão que a natureza lhe proporciona. Ficamos um ou dois minutos observando a poeira formada pelas partículas de areia dançarem ao som do vento sutil que soprava.

Acabando com o silêncio, um carro preto faz seu caminho pelo asfalto e para diante de nós. Um homem desce do veículo e faz uma reverência a Masalom. Fico boquiaberta ao perceber que é por causa do seu título e que ele realmente é um príncipe.

Masalom faz um leve gesto com a cabeça em cumprimento ao motorista que, àquela altura, já abria porta do passageiro.

— Vamos? — questiona Masalom apertando de leve a minha cintura e me guia em direção ao tal carro.

Acomodo-me no banco observando fielmente os movimentos de Masalom.

Ele dá a volta no carro e se senta ao meu lado. Continuo fitando-o e, ao perceber meu olhar, ele também me avalia com o cenho franzido em confusão óbvia. Nossos olhares ficam fixos um no outro e quando o clima começa a pesar, eu me remexo no acento e volto minha atenção para as dunas de areia que passam pela janela.

Por alguns minutos são só areia e mais areia, porém as coisas começam a mudar num determinado ponto e eu fico impressionada com a multidão de pessoas vestidas como a Sarah transitando para todo lado. Os homens usam algum tipo de véu na cabeça na cor vermelha com detalhes quadriculados em preto. As mulheres, com vestes próprias, estão todas acompanhadas de um homem.

— Elas estão comprando alguma coisa e, por isso, precisam dos maridos, pais ou irmãos, pois só eles têm o dinheiro para pagar por seus gastos. — olho para ele com atenção. — É a tradição na Arábia, que todas as mulheres, mesmo as que trabalham, não possuam nenhum bem material em seu nome, por isso, elas põe tudo sob o poder dos seus responsáveis. — volto a olhar, pensativa, para o movimento do outro lado da janela.

Fico observando aquelas mulheres totalmente cobertas, sem independência financeira. Ao menos é o que eu penso. Posso estar totalmente enganada, mas ter dinheiro e propriedades e ter que depender de terceiros para tocar no que é seu, me parece muito arcaico.

— Pode parecer estranho para você que veio de um lugar onde os costumes são muito diferentes, mas, pra eles que sempre viveram assim, é normal. Pense. Se fosse o contrário e uma dessas mulheres estivessem no Brasil

onde as mulheres costumam ser independentes financeiramente, vestem-se da forma que bem entendem, enfim... É estranho, pois, são duas culturas de países diferentes. — Explica com o olhar fixo em sua própria janela, como se estivesse articulando seus pensamentos em voz alta e, confesso, que vendo as coisas dessa maneira, concordo com ele.

O carro parou segundos depois e antes de descermos, Masalom fala numa linguagem estranha com o motorista que acente e lhe entrega um lenço ou véu — não sei ao certo como nomear aquele tecido. — Sem entender, retorno a observar as pessoas que vêm e vão em direções opostas e simultâneas.

— Savannah! — Masalom chama-me e eu o olho. — Isso é pra você colocar na cabeça. — diz encarando o tecido que pairava entre suas mãos. — É uma forma de mostrar respeito a mim, seu futuro marido, e à sociedade árabe. — argumenta — Chega mais perto para que eu possa colocá-lo em sua cabeça.

Intercalo o olhar entre o tecido rosa com pequenas pedras cravejadas nas duas extremidades e seus olhos, que aguardam uma ação da minha parte. Arrasto-me pelo estofado ficando à uma distância confortável. Ele quebra o gelo agarrando-me e puxando minha cintura e o meu corpo pra si.

Meu rosto fica a centímetros do dele. Sua respiração quente indo de encontro com a minha. Seu cheiro entrando nas minhas narinas. Seu olhar penetrando o meu. O calor do seu corpo aquecendo o meu, enfim, várias sensações desconcertantes.

Ele põe o tecido no colo e suas mãos voltam à minha cintura me virando de costas. Solto um gemido involuntário em surpresa. Ele coloca as mãos em minha nuca por baixo dos cabelos e vai subindo até ter parte dele junto em suas mãos.

— Relaxa, boneca. — sussurra em minha orelha e meus pelos eriçam. Aperto mais ainda meus olhos fechados e meu corpo inteiro estremece.

Ele ri baixinho.

— Acho que descobri uma das suas áreas erógenas. — volta a sussurrar e mordisca o nódulo da minha orelha.

Fico imóvel.

— Adoraria descobrir todas elas, mas, já se passam das dez e precisamos fazer suas compras. — fala e se empenha em juntar minhas madeixas que caíam sobre meus ombros.

Depois sinto o tecido nas laterais do meu rosto. Em seguida, ele o enrola junto ao cabelo no entorno do

meu pescoço.

— Pronto! — fala e volta a me virar. — Ficou perfeito em você. — me elogia observando seu trabalho.

É um pouco desconfortável ter aquilo na cabeça e emaranhado em meu pescoço, mas não reclamo.

O motorista abre a porta do carro quando Masalom fala alguma coisa pra ele. Quando saímos dali olho encantada tudo que se passa ao redor.

— Vem! — diz passando as mãos por meu quadril.

Entramos num lugar bem discreto, porém, quando passamos pela porta, fico surpresa com a exuberância.

Uma mulher que usa um véu como o meu vem ao nosso encontro.

— Alteza! — faz uma reverência com elegância.

— Sandra, pedi que Salan lhe avisasse sobre minha visita e a da minha noiva. Então presumo que já soubesse.

— Sim, recebi o recado.

— Ótimo! Esta é Savannah! — ela faz um gesto com a cabeça e se curva diante de mim.

— Seja bem vinda! Sou Sandra, dona deste

estabelecimento, e vou te ajudar com as compras.

— Oi! — murmuro sem saber ao certo o que dizer.

— Venha comigo. — diz e eu a sigo hesitante. — Este espaço foi construído para as mulheres da realza que, como eu, vieram do Brasil ou de qualquer lugar da América e Europa. — informa enquanto abre uma porta para que eu entre. — Seu noivo, o príncipe, já deve ter lhedito que somos muitas. — continua me apontando uma poltrona para que me sente e assim o faço. — Temos um pouco de tudo aqui, desde tecidos, roupas prontas, produtos de higiene, cosméticos, até serviços de embelezamento.

E assim passei o dia inteiro com a Sandra entre escolher as mais variadas opções de perfumes, tecidos e assim por diante, até conversas sobre assuntos diversificados. Por horas acabei esquecendo da minha sina de casar com aquele monstro de beijos tentadores. No entanto, quando olhei para Masalom, na hora de voltar para o palácio, o sorriso que estampava meu rosto murchou instantaneamente.

Ele também não estava mais com o bom humor de hoje cedo. Sua face estava tensa e cansada. Talvez por isso o trajeto para o palácio foi extremamente silencioso. Cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— Vou deixar você jantar com a Sarah. Quero que quando estiver satisfeita, peça para que ela lhe leve até meu quarto. Peça também para que lhe mostre em qual quarto eu vou estar. Se precisar de algo, é só bater lá e me chamar. — fala massageando em círculos o espaço entre os cílios. O carro para diante da imponente entrada.

Afirmo com a cabeça mostrando que entendi.

— Tenha uma boa noite. — diz e abre a porta do carro me deixando ali sentada. Sem entender nada, apenas observo-o subir os degraus e entrar a passos largos no palácio.

Saio também do automóvel e percebo a infinidade de guardas que cercam o lugar — claro que ele não ia me deixar sozinha se tivesse como eu fugir. Cruzo meus braços sentindo o vento gélido soprar com intensidade pensando em que diabos aconteceu para ele agir daquela maneira.

O vento começa a ficar gélido momentos depois do motorista partir guiando o automóvel para longe. Retiro o véu da minha cabeça e uso o tecido para cobrir meus braços desnudos. Sento em um dos degraus da escada e fico olhando para porta por onde Masalom tinha passado. Ficava na dúvida entre entrar ou procurar uma forma de fugir deste lugar, sendo que tinha absoluta certeza de que a última opção era praticamente inviável.

Passei a observar o céu noturno enquanto escutava os uivos dos ventos. Puxo minhas pernas de encontro ao meu peito e neste momento me lembro de como é horrível vagar pelas ruas sem ter pra onde ir, passando todos os tipos de necessidades, sem uma pessoa que te faça companhia — por ironia, exatamente como estou neste lapso de tempo — com a única diferença de que agora é só criar coragem, enfrentar meus medos, agir com mais maturidade e adentrar aquela porta.

A verdade é que após a morte dos meus pais, tudo que me aconteceu foi um tanto irreal e aterrador. São tantas chicotadas que levei da vida que fica difícil assimilar e avaliar minuciosamente os detalhes com a atenção que cada um merece e, principalmente, ter coragem para enfrentar as que virão.

Primeiro as perdas que sofri que me abalaram ao extremo. O meu sequestro, em segundo lugar, tirando de mim os meus sonhos. Vir parar na Arábia Saudita, em terceiro, deixando-me fora do meu domínio. Ter a virgindade vendida na quarta posição. Quase ser estuprada por um velho, na quinta. Presenciar um assassinato na sexta. Noivar com um homem completamente desconhecido na sétima...

Deus, quando essa lista vai acabar? Olho para a imponência do palácio diante de mim buscando forças

para levantar, cruzar aquelas portas de cabeça erguida e traçar as próximas provações com a dignidade que tenho desde cedo, por mais que esteja difícil.

Seguro o véu nos ombros como se ele fosse um manto de coragem. Ergo-me sob minhas próprias pernas subindo em seguida degrau por degrau, como se cada passo fosse uma decisão importante, e de fato era, de uma forma ou de outra. No topo da escadaria, há um segurança diante da porta. Ele me olha interrogativo e, depois de umas expressões esquisitas, como se estivesse ouvindo alguém, abre a porta sem dizer absolutamente nada. Dou alguns passos e me vejo diante da imensidão vazia daquele lugar. Estaco ali me perguntando pra onde devo ir.

Alguns minutos se passaram até ver Sarah e uma mulher descendo a escada numa acalorada discussão, ou melhor, a Sarah está discutindo porque a pobre mulher apenas assente e anota tudo numa agenda que carrega.

— Não, tem que ser dourado porque... — estava falando, mas quando me vê, se cala. — Ah! A noiva! — grita como se estivéssemos a uma grande distância. — Que bom que está aqui, cunhada. Não há nada melhor do que a própria noiva escolher os detalhes do seu vestido de noivado. — exclama batendo palmas enquanto eu e a pobre mulher a observamos. — O que acha? Posso te

mostrar tudo e você escolhe. — Sarah, enfim, para de tagarelar e me fita.

— Eu confio em você... — murmuro timidamente.

Ela pula em mim num abraço apertado.

— Alá! Eu te adoro! — grita e eu correspondo seu abraço quando me acostumo com o gesto. Olho para a mulher que estava parada um pouco afastada de nós e visualizo um sorriso que ela cobre com a mão. — Seu vestido vai ser o mais deslumbrante da festa! Mas agora vamos jantar. Estão todos esperando. — me solta pegando meu braço e vai me puxando consigo.

— Então é o dourado mesmo, princesa? — indaga a mulher vindo logo atrás de nós.

— Sim, mas só o detalhe no busto. Também quero que compre luvas de seda branca. — diz me soltando e gesticulando no ar. — Os sapatos e as jóias eu mesma vou escolher...E, ah esqueci de te perguntar, por que estava parada sozinha no hall de entrada, cunhada? — vira o rosto em minha direção.

— Hum... Eu, é... — estava procurando o que dizer, mas me calo quando tomo um susto diante da quantidade de cabeças viradas em minha direção ao adentrarmos a sala em que tomamos café hoje cedo.

— E essa quem é? Nunca a vi por aqui. —
Comenta uma das mulheres à mesa.

— Nossa futura rainha uma vez que meu pai está se aposentando. — Sarah diz ao meu lado, porém tudo que eu penso é em como sair dali.

— Sarah, eu não estou com fome. — sussurro pra ela.

— Mas é claro que está! — me puxa e praticamente me obriga a sentar num lugar vago. Ela senta ao meu lado e eu fico sem saber o que fazer, sem reação, na verdade, porque todos estão me olhando como se eu fosse um ser de outro mundo.

A mulher me examina dos meus pés até a cabeça.

— Masalom vai... casar? — questiona descrente e em seguida volta seu olhar matador pra mim.

— Sim, eu mesma estou organizando tudo para o jantar de noivado que acontecera amanhã à noite. Hivina, aliás sinta-se convidada, querida, tenho certeza que a Savannah vai adorar receber a sua ilustre presença. — Sarah fala irônica. Ela parece não gostar nem um pouco da moça e o sentimento parece ser recíproco, uma vez que a outra sorri falsamente ao responder:

— Fico honrada com o convite e virei com toda certeza. — diz com uma voz docemente encenada. Analiso

a moça da mesma forma que ela fez comigo. É muito bonita e deve ter aproximadamente minha idade entre os dezessete e os dezoito. Uma expressão facial invejável, corpo curvilíneo, bem acomodado num vestido vermelho sofisticado e cabelos cacheados extremamente pretos.

O jantar continuou entre conversas paralelas dos demais acomodados à mesa e trocas de farpas entre as duas, enquanto eu apenas continha-me em escutar. No fim acabei comendo um pouco e depois pedi a Sarah que me ajudasse a chegar no quarto do seu irmão, mas ela fez questão de me acompanhar. Já na escada, ela solta uma gargalhada estridente e eu a olho confusa até ouvir sua explicação dada entre um fôlego e outro:

— Viu só a cara dela quando falei que você seria sua rainha? — leva as mãos ao abdômen. — Não, não, a melhor de todas foi quando eu disse que se casaria com meu irmão. — a essa altura estou sorrindo, não da mulher, mas da Sarah que se curva e senta nos degraus de tanto gargalhar. — A lambisgoia achava que seria a primeira esposa do Masalom, mero engano, pobrezinha. — ligeiramente interessada, sento ao seu lado.

— Como assim?

Ela respira fundo se recuperando da sessão de risos.

— Ela atira pra todos os lados em busca de um

homem rico e como meu irmão pegava tudo que era bruaca... — me fita e segura minhas mãos. — Claro que era antes de resolver se casar contigo. — explica. — Aliás seu foco ultimamente é o Davi, então não pense besteira. Davi, você sabe, o médico que te atendeu. — explica e eu assinto.

— Ela mora aqui? — me pego perguntando.

— Não, ela esta aqui na Arábia desde a semana passada. Hivina e minha irmã do meio são amigas de longa data, por isso sempre nos esbarramos por aí.

Um silêncio recai e nós ficamos perdidas nas nossas próprias conclusões.

— Posso te fazer uma pergunta? — quebro a calmaria.

— Quantas quiser. — afirma animada.

Resolvo tentar fazer amizade, ela me parece legal. Vi a raiva em seus olhos quando disse que Hivina estava seduzindo o Davi e começo por aí.

— Você gosta do Doutor, o tal do Davi, não é?

Ela suspira vencida como se fosse doloroso falar desse assunto.

— Gosto, mas ele nunca vai olhar pra mim. — confessa de cabeça baixa. — Ele me vê como a irmãzinha dos seus amigos.

— Vocês já tiveram alguma coisa?

— Não, o que sinto é tipo um amor platônico que nunca me deixa em paz. É só vê-lo e meu coração me trai. — bufa. — E você e meu irmão já... Hum? — inquires e eu sinto meu rosto arder. — Vocês estavam dormindo juntos e eu sei que meu irmão dorme pelado. — aponta.

Fito-a com os olhos aregalados.

— Deus! — exclamo envergonhada com o rumo daquela conversa. — Como você sabe? — indago numa tentativa de fugir do assunto.

Ela revira os olhos e dá de ombros.

— É uma longa história, mas resumindo, um dia quando mais nova eu fui acordá-lo e ele me mandou sair porque estava sem roupa e... Você está fugindo do assunto. — estreita os olhos.

Respiro fundo e ela sorri marota.

— Não, nós apenas nos beijamos e, bom, eu tenho muito medo de... Você sabe dele... E a gente... — gaguejo procurando as palavras certas.

— E se você soubesse tudo que vai acontecer, é isso, ajudaria não? — interrompe minha tentativa de formar uma frase coerente.

Meneio a cabeça pensando por alguns segundos.

— Talvez, mas como saberia se você acabou de dizer que nunca fez nada do tipo? — reflito em voz alta.

— Não estou dizendo em ouvir o que acontece, e sim ver. Eu tenho um filme que roubei do meu primo adolescente. O que acha de assistirmos uma hora dessas? Eu o tenho, entretanto, nunca vi porque tenho medo do que vou ver, mas eu morro de curiosidade e se você for ver comigo pode ser menos aterrador.

Olho pra ela incrédula.

— Está me convidando pra ver um filme pornô?
Ela franze o cenho.

— Estou, quer dizer, acho que estou. Aliás você estará em lua de mel em três dias, então, e daí se vamos ver o que acontece?

Suspiro recordando deste outro pequeno e aterrorizante detalhe. Não posso dizer a ela sob em quais circunstâncias em vim parar aqui e, muito menos, que não quero transar com seu irmão, a quem ela acha que estou perdidamente apaixonada.

— Tudo bem. — concordo relutante.

Ela bate palmas e grita me abraçando.

— Ótimo! Amanhã bem cedo, depois que meu irmão sair, eu venho. — agenda nosso pequeno programa sórdido. — Não diga nada a ninguém. Este vai ser nosso

segredo. Agora acho melhor irmos dormir para estarmos de pé bem cedo.

Assinto e nós subimos o restante da escadas morrendo de rir dessa loucura toda. Paramos diante da porta e ela me dá boa noite e um abraço. Entro no quarto e Sarah segue pelos corredores. Vou direto tomar um banho ainda usando as coisas de Masalom, já que as minhas só chegariam amanhã segundo a Sandra. Também peguei uma de suas camisas e espero não ser castigada por isso. Relaxada e fresquinha, caio na cama com o intuito de dormir. A verdade é que por mais que eu tenha me divertido hoje, estava exausta.

CAPITULO 06

MASALOM

Controlar minha vida nunca foi uma opção. Nunca pude fazer o que desejava e nunca tive o poder pra escolher o que viria a seguir, mas havia uma única coisa que prezava e que achava estar sobre meu controle absoluto, entretanto, para meu desespero, não estava.

Eu poderia segurar o peso do mundo se isso protegesse aqueles que amo. Poderia atravessar um deserto ou simplesmente dar minha vida para não ter que presenciar o que presenciei hoje. Ver meu irmão quebrar diante de mim foi esmagador. Horlom era a minha salvação toda vez que voltava do inferno, o garotinho que fazia piadas tornou-se hoje, no início da tarde um homem sem vida, o homem que hoje cedo brincava como um moleque impicante com a Sarah, ruiu diante dos meus olhos. E eu que jurei protegê-lo o que fiz? Nada!

A culpa do meu irmão estar ferido e em estado de choque é dele. Foi ele quem o quebrou, mesmo quase morrendo, aquele velho infeliz a quem eu odeio com todo o meu ser, o destruiu, assim como fez comigo um dia. Ver Horlom — que a essa hora já deve estar no palácio — é tudo que penso enquanto o carro desliza em direção ao

palácio.

Após o ocorrido, Salan lembrou-me que tinha que ir buscar a Savannah na loja da Sandra. Ao ver minha relutância, me prometeu cuidar do meu irmão, porém mesmo que eu saiba, por experiência própria, que ele é capaz e, até melhor que eu para cuidar de Horlom, quero estar com meu irmão.

Recordo já na frente do hall de entrada do palácio, de avisar à Savannah para jantar com a Sarah e que fosse para o quarto em seguida. Dei-lha um boa noite e saltei do carro louco para ver meu irmão.

Estava ofegante quando alcancei meu objetivo.

Tomo algumas respirações antes de entrar no quarto e, quando o faço, Horlom é a primeira coisa que visualizo, ele está com o ombro direito enfaixado e no momento dorme tranquilamente. Caminho até a cama onde repousa e sento observando-o. Talvez ainda não acreditasse que ele tenha se jogado na minha frente e tomado um tiro que a mim era destinado. Nem sabia que ele estava ali. Na verdade ele não sabia que estaria. Segundo um dos meus homens, ele disse que hoje cedo ao invés de ir ensaiar com sua banda, nosso maldito pai ligou e lhe mandou para aquela missão da máfia.

A verdade é que também busco explicações até agora para a invasão da Bravta. Houve um confronto, no

entanto, parecia que a real intenção de todos era me matar e, se não fosse Horlom, teriam conseguido, uma vez que eu e os meus homens fomos pegos desprevenidos.

Minha divagação vai para o espaço com o barulho que Salan faz ao adentrar o quarto.

— Davi o examinou e disse que em pouco mais de uma semana ele estará novinho em folha. — me informa ao sentar na poltrona ao lado da cama.

— Fisicamente sim, mas psicologicamente eu não tenho tanta certeza. — olho para o rosto sereno do meu irmão. — Matar uma pessoa pela primeira vez é uma experiência inesquecivelmente terrível. E pra ele que considera a vida como uma preciosidade então.

— Talvez ele seja mais forte do que pensamos.

— Ele não é Salan, ele não é. — suspiro. — Porém ele é teimoso, cabeça dura e, agora que nos viu em ação, não vai mais largar do meu pé.

Ele acente enquanto diz:

— Nisso você tem razão.

Olho para Horlom novamente e minha sede de vingança retorna febril.

— Alguma informação sobre quem organizou o ataque? — mudo de assunto, já que meu irmão vai ficar bem, vamos ao que interessa.

Salan nega com a cabeça:

— Nada ainda. Entretanto, já sabemos que não foi um dos grandes. É apenas algum integrante mandando um recado.

Olho pra ele com as sobrancelhas erguidas.

— Recado este que me mandaria para o outro lado. — ironizo — Isso está muito estranho. — reflito. — Por via das dúvidas, mande fechar as fronteiras do país e permaneça assim até uma segunda ordem minha. Não quero a população em perigo.

— Claro, mas e como faremos para aplacar a curiosidade do povo e da mídia?

Por falar em mídia lembro que tenho que anunciar meu casamento, mas isso vou deixar para amanhã.

— Vou pensar em algo, mas por hora a única coisa que quero e tem minha total atenção é encontrar o bastardo que fez isso e o mandar pro quintos dos infernos. Vou deixar bem claro que ninguém me declara guerra desta maneira. — respondo sua pergunta.

Ele me olha interrogativo.

— O que pensa em fazer? — inquires intrigado.

— Você verá meu caro, você verá. — digo levantando-me. — Procure alguém de confiança para ficar

com o Horlom durante a noite e qualquer coisa me comunique. Vou tentar dormir um pouco.

— Pode ir sossegado. — diz quando estou me retirando.

Fui para o quarto de hóspedes que ficava ao lado do meu onde provavelmente a Savannah deve estar dormindo à essa hora. Afundo no colchão e tiro meus sapatos e meias com o pensamento em um bom banho antes de me deitar. E foi o que fiz. Tomei uma ducha rápida e depois afundei nos lençóis macios.

Estava quase caindo no sono, quando gritos de pavor me deixaram alerta. — e olha que pra ultrapassar essas paredes, os berros precisam ser muito altos — Levantei-me rapidamente. Procurei uma cueca às pressas no closet e peguei minha arma na gaveta.

Abri a porta do quarto vagarosamente procurando algum movimento suspeito, no entanto, não havia nada de errado, porém os gritos continuavam. Ligeiramente confuso saí no corredor e, para minha surpresa, os berros vinham do meu quarto — ou melhor do quarto onde a Savannah estava — segurei a maçaneta e a girei silenciosamente.

O quarto estava na penumbra iluminado apenas pela luz da lua que atravessava os vidros da janela. Mas foi o suficiente para que visse o que acontecia. Minha

boneca berrava inconscientemente. Relaxo ao ver que ela estava apenas tendo um pesadelo.

Vou até um compartimento secreto no piso e guardo a arma, antes de ir acordá-la.

Mais perto da Savannah, vejo o suor que escorre em seu rosto, a bagunça de lençóis que a cerca, os movimentos que seu corpo produz e o emaranhado de seus cabelos, além dos gritos de terror que sua linda boca profere. Sem querer prorrogar sua angústia sonâmbula, mas ainda ligeiramente confuso, seguro seus ombros e sutilmente os sacudo chamando seu nome.

Ela se remexe e chuta os lençóis antes de abrir os olhos nebulosos e em seguida se agarrar em mim como se eu fosse sua tábua de salvação. Suas unhas fincam nos meus ombros, quando ela começa a chorar em desespero. Seus soluços são dolorosos e sua respiração entrecortada.

— Ei, boneca, foi apenas um sonho... Vai ficar tudo bem. — consolo-a passando os braços por sua cintura.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro contra meu ombro.

— N-não vai e-eu nunca mais v-vou c-conseguir ser f-feliz. — gagueja entre fungadas e soluços.

Sua declaração me deixa pensativo,

desconfortável e curioso. Talvez, por isso, nada digo.

Arrumo seus travesseiros e me recosto contra a cabeceira puxando seu corpo junto ao meu. Meus braços ainda estão em sua cintura e sua cabeça repousa contra meu peito, enquanto seu corpo fica entre minhas pernas. Sua respiração vai normalizando e seu choro cessando aos poucos e o silêncio se instala.

Fico ali usufruindo do cheirinho de pêssego que exala das madeixas cor de mel da minha boneca, me perguntando por que diabos estou embalando-a nos meus braços como se fosse uma criança assustada? E o pior, por que isso é tão bom? Minha resposta vem quando olho em seu rosto perfeito iluminado pela luz da lua. Simplesmente porque ela é a criatura mais frágil que já conheci.

Seus cílios curvilíneos e longos descansam fechados e as marcas das lágrimas escorrem ao longo da sua face — ergo as mãos e limpo suas lágrimas com sutileza — mas nada que retirasse os títulos aos quais lhe dei no dia em que a vi em cima daquele palco. A minha boneca é a mulher mais deslumbrante, reluzente, bonita, gostosa, vulnerável, inocente, maravilhosa e... Caramba por que diabos eu estou pensando nisso?

Fito um ponto tentando em vão focar em qualquer coisa que não envolvesse a Savannah, casamento

ou o ataque de hoje mais cedo para que, com cabeça livre, consiga dormir. Porém meu inconsciente parece querer não cooperar e o calor corporal da mulher emaranhada em mim, instiga a lembrança acalorada do nosso beijo. Sim. Um único beijo de merda, e nada mais, mas que está tirando meu sono.

O rosto que agora descansa sereno observava fascinado os detalhes arquitetônicos e decorativos do palácio. Tão compenetrada que derrapou em um dos degraus e, se meu reflexo não fosse bom, ela rolaria escada abaixo. Por instinto, minhas mãos voaram até seu quadril e eu puxei seu corpo pra mim. Bastou um mísero olhar para me fazer reivindicar seus lábios suculentos e macios e a pólvora agir por conta própria, tornando-me faminto como labaredas de fogo que se alastram em questões de segundos.

Suspiro vencido e com a certeza de que esta noite irá ser longa até porque meu pau está começando a se animar com essas lembranças e esse corpo convidativo. Preciso transar e logo. Faz dias que não descarrego minha índole sexual e acho melhor fazê-lo ou eu farei uma besteira traçando minha futura esposa sem me importar com seu rótulo de virgem. Decido naquele instante encontrar uma mulher, ou melhor duas, para descarregar minhas frustrações e desejos reprimidos, além de fazer o tempo passar, já que não consigo dormir.

Desvencilho-me da minha boneca sutilmente para não acordá-la e lhe coloco contra os travesseiros, cubro seu corpo sedutor e caminho em direção ao lugar onde pus minha arma para levá-la comigo.

Já no outro quarto, acesso o serviço de putas que meu pai criou, onde os homens da máfia escolhem as suas para fuder a qualquer hora bastando apenas ter internet. — e sim este é mais um dos negócios ilícitos do meu pai que futuramente me será herdado — Pelo meu celular mesmo, vejo fotos de nudez das duas mulheres que terão o privilégio de serem comidas por mim.

A primeira escolhida é uma morena, alta e gostosa, a outra é loura, de altura mediana e esguia, mas com grandes tetas e bumbum avantajado — provavelmente ambos são falsos, mas que terão que servir. — informo à atendente o endereço de um dos meus apartamentos e digo para lhes mandarem para lá uma vez que quero privacidade total, ou melhor, preciso dela para aplacar minha índole sexual.

Eu mesmo dirigi ao local, já que são duas da manhã e eu não quero acordar ninguém, além do mais, o prédio é bem perto, tão próximo que em menos de dez minutos as estava aguardando. As duas prostitutas chegaram mais ou menos três minutos depois e, sem enrolação, a diversão deu-se início.

Levei as duas até o sofá e, sem fazerem-se de rogadas, as duas tiraram a roupa enquanto eu fui à cozinha beber um pouco de água. De lá, eu as observava. A loura terminou o trabalho primeiro e veio ao meu encontro rebolando.

Ela ajoelhou diante de mim e se encarregou de abrir meu zíper deixando meu pau saltar livre, uma vez que quase não uso cuecas. Vejo seus olhos se arregalarem, entretanto, sua boca tenta acomodar meu tamanho. Ela me chupa até onde dá e o resto do trabalho é feito por sua mão. Enquanto ela me masturba, eu me sirvo de um pouco mais de água. Logo a morena se juntou à loura e disponibilizou-se a ajudá-la.

As duas dividiam-se entre meu membro e bolas. Deixando o copo vazio na bancada, puxo os cabelos da morena quando percebo que aquilo não estava funcionando pra mim. Aponto em direção ao sofá que paira na extremidade oposta da sala enquanto ordeno:

— Sente naquele sofá e abra as pernas. — ela assente e segue para cumprir sua tarefa.

A loura prosseguiu chupando meu pênis com voracidade como se fosse o mais saboroso pirulito e eu opto por dá-la o que deseja. Soquei no fundo de sua garganta. Ela engasgou, mas continuou o trabalho acostumando-se com minhas estocadas brucas e tamanho.

Ela ergue seu olhar numa sedução forçada.

— Sua pica é tão saborosa, gostoso! — exclama gemendo genericamente o que me faz recordar dos pequenos gemidos de prazer da minha boneca. Isso me irrita.

Por que diabos estou pensando na minha boneca?

Retiro-me bruscamente da boca da loura e escuto um ploc por causa da força com que ela me sugava. Agarro seus cabelos trazendo seu rosto para cima.

— Masturbe sua amiga. Quero assistir. — ordeno, mas a verdade é que estou confuso.

Caminho até o sofá e sento jogando em seguida minha cabeça no encosto do sofá. Fecho os olhos com força, quando percebo que estou entediado como o inferno.

O que caralho está acontecendo? Questiono-me.

— O que acha de participar do nosso joguinho, gostoso? Estamos precisando de um pau beeem duro, grande e grosso. — ouço aquela voz estrangulada e abro os olhos.

Respondo secamente:

— Vou fuder as duas contanto que não não ouça mais resquícios da sua voz. — falo com irritação visível

surpreendendo a mim mesmo. Já ela fica estática, alguns segundos antes de dar de ombros e voltar a chupar o sexo da morena que geme ensandecida com a atenção que recebe.

Focado em não lembrar da Savannah e apenas saciar-me, pego uma camisinha na carteira e vou até as duas que sorriem com minha aproximação. Seguro o rosto da loura e a ponho na altura do meu pênis. Enquanto ela me leva à boca, enfinho dois dedos no canal da morena que geme ensandecida levantando o quadril indo de encontro com minha mão.

— Aaaaaaah mete, mete com força vai... — murmura rebolando.

Excitada, a sua amiga se agacha deslizando uma das mãos até suas dobras visivelmente encharcadas. E agora sim, a vontade de arrebentar seu artefato surge, e meu antigo eu está de volta. Puxo meus dedos do calor úmido em que estavam. Ofereço o preservativo que segurava na mão livre à loura e ela o desenrola pelo meu cumprimento.

— Suba no sofá e empine o traseiro pra mim. — digo quando estou devidamente protegido e ela sorri de lado obedecendo. — Vou te fuder e enquanto faço isso quero que dê prazer à sua colega. — espanco seu bumbum e abro suas pernas expondo ainda mais seu buraco frontal.

— Hum que delícia! — berra a morena agarrando o cabelo da loura que grunhi ao sentir meu membro abrindo bruscamente seu buraco.

Vejo-a arranhar as pernas da outra que se desespera ainda mais em seu prazer.

— Deus, seu pauzão está me rasgando. — berra tirando a boca por um segundo do clitóris da outra e empinando sua bunda em minha direção. — Tesudo do inferno! Ai, que delícia!

Estoquei com força. Meti num vai e vem rápido sem dó nem piedade até ela me implorar para me cavalgar, algo que não me oponho. Sento no sofá e a morena sobe em meu rosto, enquanto sinto meu membro afundar no buraco da loura peituda. Estimulo o clitóris da morena com minha língua e a introduzo no seu canal encharcado.

— Oh, por Alá! — grita a morena ensandecida rebolando em minha língua como se esta fosse outro pênis.

Bato em sua bunda e ela geme. Ergo meu quadril e aprofundo-me dentro da loura.

— Isso, mete até o talo. — exclama subindo e descendo em mim numa rapidez sobrenatural e me encharcando com seus líquidos para, logo em seguida, desabar no chão após seu orgasmo. — Inferno de pau gostoso. — murmura.

A morena querendo comprovar a teoria da amiga, levanta de cima do meu rosto deslizando seu sexo e bunda por meu peito e abdômen até guiar-me em seu interior. Arremeti com fúria para dentro e fora dela. Minutos depois, ela também caía exausta do meu lado. A loira, já recuperada do êxtase, volta a me chupar.

Fiquei transando com as duas até amanhecer, mas quando deixei o apartamento, ainda estava com o mesmo apetite sexual de antes.

CAPITULO 07

SAVANAH

Os raios de sol que atravessam as cortinas da janela me informam que o dia já raiou. Me espreguiço com um gemido de satisfação. Aprecio a maciez dos lençóis que me cerca e meus olhos veem mais um dia dar-se início. Arrasto-me até a cabeceira e a dor, já corriqueira, dá as caras. Entretanto, procuro esquecê-la. Recostada sobre a cabeceira da cama, noto um objeto refletir a luz que entra pela enorme janela de vidro.

Retiro o lençol que o encobria em parte e encontro um anel. Pego-o entre as mãos e me pergunto como aquilo veio parar aqui. O anel é grosso e tem um monte de pedrinhas azuis. Rodando-o entre os dedos, encontro uma frase talhada na parte de dentro.

Eu te amo, meu amor! É o que diz.

Então flashes da noite de ontem povoam minha mente. A voz, o toque, as palavras, os olhos... Masalom! Era ele! Ele esteve aqui comigo ontem. Foi em seus braços que eu senti esperança. Foi ali que me vi acalentada. Foi com ele que desabafei.

Escuto batidas na porta e, em seguida, esta se

abre revelando o homem em que pensava.

— Achei que estivesse dormindo. — diz andando pelo cômodo. — Vim só pegar uma roupa e alguns papéis. Se quiser pode voltar a dormir. — fala do closet.

Olho a jóia e decido que tenho que falar com ele para devolver. Exatamente nesse momento, ele retorna vestido em um roupão azul e eu respiro fundo tentando criar coragem.

— E-eu encontrei...hã...seu a-anel. — murmuro e ele me olha assombrado.

— Às vezes até esqueço que fala boneca. — ri e olha para sua mão. — O anel que minha mãe me deu. Não sei como ele saiu do meu dedo. — caminha e afunda diante de mim na beirada do colchão. — Sabe, às vezes me pergunto porque está sempre chorando.

Ele ergue uma mão e limpa minha lágrima que eu não havia percebido que caía. Quando ele disse que o anel era presente de sua mãe, eu lembrei que não tinha nada da minha.

— Obrigado por devolver, boneca. Adoraria aproveitar que está falando e conversar mais com você. Porém, o tempo não me permite. — fala baixando a mão e levantando-se para em seguida sair do quarto levando as coisas que veio buscar.

Deixo meu corpo deslizar até cair contra os travesseiros, pensando como diabos ele pode ser tão monstruoso como foi ao matar aquela mulher e ao mesmo tempo tão atencioso comigo e com seus irmãos.

Acho que de tanto pensar nas personalidades distintas do Masalom, acabei caindo no sono outra vez. Porém os berros da Sarah do outro lado da porta me deixaram alerta e fizeram-me pular da cama atordoada.

— Droga, Savannah! Acorda mulher! — grita impaciente e mesmo ainda estando tonta de sono não contenho o riso. — Se alguém me pega com esse filme, minha vida estará liquidada. — escuto ela praguejar baixinho quando estou prestes a abrir a porta.

— Prontinho! — exclamo, mas ela nem me ouve uma vez que pula pra dentro do quarto fechando a porta na chave, enquanto solta um longo suspiro de alívio.

— Quase tenho um treco! — leva a mão ao peito. Eu mordo os lábios para não rir da sua expressão de pânico. — Faz horas que te grito. — reclama me encarando com os olhos cerrados.

— Desculpe, eu não ouvi. Acabei dormindo depois que... — ela acena com as mãos dispensando a minha explicação, enquanto anda pelo quarto.

Pega alguns controles numa das gavetas do móvel ao lado da cabeceira da cama e se joga nela.

— Deixa pra lá. Você pode ir fazer sua higiene matinal, enquanto eu apronto tudo e deixo o filme no jeito.

— Certo, eu já volto. — digo rumando em direção ao banheiro onde escovo os dentes rapidamente e visto também a calcinha que tinha lavado ontem e deixado enxugando, pois só tinha ela à minha disposição.

Faço um rabo de cavalo em meu cabelo e volto ao quarto. Por mais que saiba, ou melhor, tenho uma ideia do que vamos ver, estou curiosa para assistir aquele filme.

Quando consigo visualizar a cama, vejo a Sarah roendo as unhas no mesmo instante em que olha para uma enorme televisão, que eu não tenho ideia de onde surgiu.

Ela me vê e dá um sorriso nervoso.

— Aí está você! — suspira. — Bom...hã... preparada? — me pergunta quando sento ao seu lado na extremidade oposta do colchão.

— Sim, eu acho que estou. — respondo e ela assente pegando o controle. Em seguida o filme começa.

Uma sala com uma mesa de madeira é o primeiro cenário que vemos e nele está uma mulher. Ela está de óculos e terninho. Usa uma meia 7/8 preta e um salto alto na mesma cor. Está sentada atrás da mesa mordendo a caneta sensualmente enquanto avalia alguns papéis. O telefone toca e ela atende prontamente.

— Nádía, você pode me trazer os relatórios? —
questiona o homem do outro lado da linha tomando o
vídeo em seguida.

Ele é musculoso e tem cara de mal humorado.
Cabelos pretos e pele chocolate, além de uma barba rala.
Ele também estava por trás de uma mesa, entretanto, esta
era mais requintada e de mogno.

— Claro, senhor Aleksander. — concorda e o
homem encerra a ligação posicionando entre os dedos a
caneta que até então repousava na mesa e assinando
algumas folhas.

Passos são ouvidos e então a Nádía bate em sua
porta, mas, antes de abri-la totalmente, ela coloca a
cabeça pra dentro.

— Pode entrar e por favor feche a porta. —
responde o homem ainda focado nos papéis que assina
antes mesmo dela se pronunciar.

Nádía obedece e, pacientemente, aguarda suas
próximas ordens diante da mesa. Algum tempo depois, o
tal Aleksander lhe olha de baixo pra cima.

— Traga até aqui, por favor. — pede ainda
analisando o corpo da mulher que caminha. Ela ergue os
braços para colocar a pasta que carregava sobre a mesa,
mas o homem a impede de concluir a tarefa ao segurar seu
braço. Ela deixa cair a pasta quando senta no colo do seu

chefe.

— Por Alá! — Sarah exclama ao meu lado hipnotizada na cena que se segue.

Olho de relance pra ela, mas, rapidamente volto minha atenção para a televisão, uma vez que também quero ver o que vai acontecer a seguir.

A mulher e o homem se encaram e então ele ergue a mão e põe no rosto da mulher puxando-o para si. Ela arregalou os olhos surpresa pelo movimento brusco. A outra mão do homem espalma em sua perna e vai subindo enquanto os dois se beijam com voracidade.

— Ui! Até eu arrepiei! — murmura Sarah, mas eu não consigo olhar pra ela por que o filme tem minha total atenção.

A mão do homem continua subindo, subindo e subindo pela perna dela vagarosamente, enquanto a mulher geme com o afago íntimo. O beijo torna-se feroz e as mãos dela puxam os cabelos dele que grunhi rouco. Ele se desfaz da boca da loura e desce os lábios pelo queixo e pescoço dela. Ela geme. — foco na mão dele. — a mão dele afasta a saia da moça e ela abre as pernas revelando sua calcinha. Os dedos dele tiram a peça do caminho deixando visível o sexo depilado da loura.

— Nossa! Eu senti um troço esquisito! — fala a Sarah e nós nos fitamos compartilhando o sentimento

silenciosamente.

Os dedos do camarada exploram a nova descoberta e a jovem grita em êxtase. Depois ele começa a esfregar um ponto em específico e ela se remexe no colo dele com a boca entreaberta, então o dedo dele desce e afunda em outro ponto da vagina da moça que rebola em sua mão loucamente.

— Caramba, onde o dedo dele está entrando e saindo? — Sarah reflete numa pergunta retórica.

A moça reivindica a boca do homem num beijo caliente que beira a luxúria. Ele continua o vai e vem rápido com o dedo acrescentando mais um e outro até serem três ao todo. Com a mão livre o cara abre os botões com mestria e ao ter a camisa aberta, puxa o sutiã rosa da moça para pôr entre os dentes o bico franzido. A mulher tira a camisa dele também com uma rapidez impressionante e a joga em algum lugar do escritório.

Ele tira seus dedos de onde estava estocando e segura a cintura da loura levantando-a consigo. Essa, por sua vez, enrola as pernas no quadril dele e põe as mãos unidas por trás do seu pescoço. Os dois voltam a dividir os lábios famintos um do outro. Apoiando-a com um só braço, ele usa o outro para se livrar dos objetos que pairavam sob a superfície da mesa, substituindo-os pela loura.

Deitada, Nádia separa as pernas bem abertas e o homem se posiciona entre elas. A loura se ergue apoiada nos cotovelos e abre o seu cinto, o botão e o zíper da calça do homem. O pênis do homem salta fora da cueca quando Nádia abaixa-lhe junto a calça...

— Espera! Puta merda! — Sarah pausa o filme e me olha assombrada. — Ele vai meter aquilo ao invés dos seus dedos? Ele vai rasgar a moça! Que imbecil. — grita revoltada e eu começo a rir, mas confesso que fiquei assustada com a possibilidade.

— Você... — ia falar, mas ela prosseguiu com suas conclusões antes que eu pudesse me pronunciar.

Levanta e anda de um lado para o outro, enquanto eu lhe observo ainda sentada no mesmo lugar.

— A pobrezinha vai morrer de dor. Ela vai sofrer, sem contar que ele ainda vai socar o seu, o seu... bom o "seu" dentro dela. — gargalho da forma hilária que ela gesticula. Mas quando considero suas palavras fico ligeiramente amedontrada.

Sarah volta a sentar um pouco mais calma e logo em seguida o filme retorna.

O homem se curva e abocanha um dos seios da mulher que joga a cabeça pra trás. Ela se endireita e segura seu pênis entre as mãos levando até a entrada da moça que geme ao senti-lo.

— Alá! Eu sinto meu sexo pulsando. — exclama — Está sentindo isso também? Como se sua vagina estivesse pedindo para ser rasgada? — arregalo os olhos com a sinceridade dela. Parece que seu cérebro e boca têm uma relação íntima, e por isso tudo que o que ela pensa, ela fala.

— Sim, sinto. — murmuro.

— Aaaah — o grito da mulher na tela, põe fim na nossa conversa e nos convida a assisti-la.

O homem entrava e saía da mulher e esta gritava rebolando e arranhando o abdômen do cara. Ele colocou uma das pernas dela sobre o ombro ainda movimentando-se. Tudo ficou muito mais exposto na tela e era claro o ato dos sexos se fundindo.

Sentia minha própria vagina derramar líquido quente exatamente como quando beijei o Masalom.

Os dois enlouquecem quando o cara leva a mão até o sexo da loura e esfrega com intensidade.

— Aaaah, estou quase. — diz ela.

— Vem gostosa! Aperta meu pau entre suas carnes macias. — exclama o homem.

— Droga! — exclama a Sarah e eu a olho. — Acho que mestruei. — grita horrorizada.

Sarah saiu em disparada para o banheiro e eu

voltei a assistir.

Na televisão, a mulher se contorcia de olhos fechados e o homem jogava uma espécie de líquido branco vindo do seu pênis na barriga da moça.

E o filme acaba.

Sarah volta do banheiro e, nesse instante, seu olhar me passa confusão.

— Você está bem? — pergunto intrigada.

Ela me olha enquanto caminha e senta ao meu lado soltando um longo suspiro.

— Se ter sua calcinha molhada e não ser sangue da sua menstruação for estar bem, eu estou. — responde e eu explodo numa grande gargalhada. — Isso não tem graça. — estreita os olhos emburrada.

— Desculpa é que...

Ela me corta levantando e pegando os controles. A grande televisão desaparece por entre um compartimento.

— Podemos descer, tomar café e depois eu te levo para provar o vestido do jantar de noivado. Aliás vi meu irmão hoje quando ele ia saindo e ele disse que a mídia estará presente, por isso precisa estar perfeita.

— Por mim tudo bem. — concordo ainda

pensando no filme, ou melhor, se a cena do filme vai ser encenada por mim e meu suposto noivo em três dias. — Você ficou chateada comigo? — pergunto.

— Não, claro que não! Eu só estou digerindo tudo que acabamos de ver. — fala com sinceridade.

Ouvimos batidas na porta e nos entreolhamos assustadas. Logo me dou conta de que preciso abri-la. Caminho hesitante e giro a maçaneta encontrando um homem cheio de sacolas do outro lado. Os olhos dele se arregalam e passeiam descaradamente pelo meu corpo.

— Bom dia, senhorita, vim trazer suas compras. — diz ainda me avaliando. Eu me afasto para o lado e ele passa.

— Pode colocar na cama por favor? — indago e ele assente.

— Princesa! — exclama quando vê a Sarah.

Ela meneia cabeça em cumprimento num gesto idêntico ao do Masalom. O rapaz põe as coisas sob a cama e passa por nós apressado.

— Está maluca, Savannah! — repreende a Sarah quando o rapaz sai e fecho a porta. Olho-a confusa. — Não abra a porta para um homem que não seja da família quando estiver sem véu e muito menos se estiver vestida assim. — aponta para o meu corpo e eu o olho me vendo

vestida na camisa branca do Masalom que vai até bem acima dos meus joelhos.

— E-eu e-esqueci. — gaguejo. — Força do hábito.

— Se meu irmão souber desse seu deslize, não é pra mim que terá que dar explicações. — fala me direcionando uma piscadela. — Veste alguma coisa. Precisamos descer.

Procuo algo nas sacolas e acho um vestidinho longo e simples rosa com mangas até os pulsos. A Sarah fica sentada enquanto eu vou até o banheiro e me visto.

Nós descemos juntas e logo estamos tomando café, enquanto ela me fala do jantar de noivado. Ao terminarmos, ela me leva até um ateliê.

— Esse aí é o seu vestido. — gesticula para um vestido, ou melhor para, o vestido. — exibido por um manequim.

O vestido é azul royal com brilho. Não sei explicar muito bem, mas reflete quando exposto à luz. A parte de cima é composta de bordados de renda e, abaixo do quadril, desce uma saia longa com pregas, ambas as partes separadas por um pequeno cinto prata.

— Que tal? Gostou? — pergunta animada.

— É incrível! Tanto que estou sem palavras!

Nunca vi algo tão lindo, meu Deus! Parece ser feito para uma princesa. — falo contornando a obra de arte ali exposta.

— De certa forma foi, afinal, com o casamento, é isso que será, uma princesa como eu, quer dizer, isso até meu irmão ser coroado porque então será rainha. — diz Sarah em êxtase. — Agora me ajude a tirá-lo do manequim para que possa provar.

E foi assim que a manhã passou... Eu vestida naquele deslumbrante vestido, enquanto duas mulheres me espetavam — quer dizer, o ajustavam ao meu corpo — Segundo Sarah, elas eram costureiras, mas pra mim estavam mais para torturadoras.

Depois que o vestido estava pronto, voltamos ao quarto com ele dentro de uma caixa branca. Havia, também, uma outra caixa que, segundo Sarah, são acessórios, os sapatos e o véu. Ela me mandou tomar um banho e, quando saí do banheiro, tinha bastante comida na bancada do bar — coisa da Sarah — e assim, nós comemos no quarto.

Quando terminamos, ela ligou para mais duas mulheres que me ajudaram com a maquiagem e o cabelo. Elas me aprontaram e foram embora me deixando sozinha em pleno fim de tarde, já que a Sarah precisou ir supervisionar os últimos detalhes da festa, que ia ser no

salão de festas do palácio. Até agora não tinha parado pra pensar que estava fazendo tudo isso para o meu noivado.

Tirei o roupão que usava e coloquei o vestido. Em seguida afundei na cama e coloquei o sapato alto que combinava perfeitamente com o vestido. Na caixa dos acessórios havia uma luva sobreposta acima do véu. Ambos brancos, com a diferença que o vestido tem pedras da cor do vestido e as luvas são lisas.

Totalmente pronta, me olho no espelho e percebo que estou realmente parecendo uma princesa. Caminho e sento na cama esperando alguém vir me buscar. Olho para o móvel onde paira um relógio e vejo que são seis horas e quarenta e cinco minutos, ou seja, faltam quinze minutos para a hora do meu jantar de noivado.

Depois daquele filme, meu medo do que Masalom pode fazer após o casamento aumentou a níveis estrondosos. Mas além do medo, havia uma excitação pela curiosidade que circula em mim. Queria saber na pele como aquela mulher se sentiu ao ser tocada intimamente pelo homem... Droga! De onde saíram esses pensamentos? Bom, eu não quero saber de nada, muito menos, com ele.

Forço meu cérebro a pensar em outra coisa e, assim, permaneço.

Quinze minutos depois, estava sendo guiada para o salão por uma moça que a Sarah mandou vir me

buscar. Minhas mãos suavam quando lembrei que estaria rodeada de desconhecidos.

A moça parou de repente.

— Chegamos, tudo que precisa fazer é descer aquelas escadas. — aponta.

— Obrigada. — murmuro insegura.

Ela balança a cabeça e retorna o caminho que tínhamos feito. Fico ali parada, sozinha e nervosa. Engulo em seco e forço meus pés a andarem.

Estando no lugar quando tenho a visão da multidão de pessoas que está lá embaixo. O pior é quando vejo Masalom cercado de jornalistas. Mas a coisa mais aterradora de todas é quando todas as cabeças se voltam em minha direção. Uns cochicham, outros arregalam os olhos e alguns me avaliam. Meu coração parece querer ultrapassar minhas costelas, minhas pernas viram gelatina e minha respiração falha.

Meus olhos buscam uma solução para sumir dali, evaporar, desaparecer, qualquer coisa para fazer aqueles olhares saírem de cima de mim, contudo, quando meus olhos cruzam com os de Masalom, esqueço um pouco o mundo ao meu redor.

CAPITULO 08

MASALOM

Cruzei os corredores até o último salão onde está acontecendo a recepção para o anúncio formal do meu noivado. Do topo da escadaria que leva até o lugar, tinha uma visão privilegiada das pessoas e da decoração sabiamente distribuída pelos empregados sob coordenação da minha irmã. O mais impressionante é que foi em tempo recorde.

Havia mesas redondas nas duas laterais deixando um corredor livre formado por luminárias — segundo a Sarah para evitar tumulto — mesas bem colocadas, prontas para o jantar que será servido em breve pelos inúmeros garçons. A imprensa agitada está bem próxima à escada.

De repente um anúncio da minha presença ecoa pelos salões.

— Senhores e senhoras deem boa noite ao nosso príncipe!

Quase reviro os olhos. Só não faço porque, a esta altura, deve haver centenas de câmeras focadas em mim. Além disso, eu quase, digo quase, me acostumei a

esse monte de frescura.

A passos confiantes, desço os degraus sendo aplaudido. Assim que alcanço o salão, sou encurralado por uma enxurrada de flashes e perguntas vindas de todos os lados.

— Alteza, qual o motivo este evento de última hora? — questiona um repórter.

— Alteza, as suposições dos jornais têm fundamento? Estamos mesmo em guerra? — pergunta uma moça de olhos claros.

Os seguranças fazem uma barreira de proteção diante de mim, porém isso não impede das indagações continuarem a vir.

— Príncipe, por que fechar as fronteiras? — questiona um homem de meia idade em inglês.

— Alteza, saíram fotos suas ao lado de duas mulheres esta madrugada. Algo a declarar? — pergunta um jovem em português.

— Alteza.... — falam vários outros deles. Eu perco a conta das indagações a mim dirigidas.

Querendo acabar com o tumulto, ergo uma das mãos e o silêncio reverbera pelo cômodo. Assim é bem melhor.

— Entendo que precisem de respostas para

todas essas indagações, mas, se vocês me permitirem, irei dar atenção a cada uma delas, contanto que falem um por vez. O motivo para ter requisitado a presença de todos, não tem relação nenhuma com as questões administrativas do reino ou fofocas publicadas em jornais e revistas. Entretanto, não me oponho a...

— Ooooooh! — todos exclamam observando algo atrás de mim.

Os homens parecem ver um pedaço de bife suculento, aqueles de dar água na boca e você ficar louco pra provar. Já as mulheres admiram com devoção, como se apreciasse uma deusa que elas reverenciam. O fato é que eles todos parecem que perderam a capacidade de raciocinar.

Extremamente curioso para saber o real sentido dessa reação pouco comum, giro nos calcanhares e sinto meu queixo cair diante do brilho que cintila da minha boneca. Porra. Que. Perfeição! O vestido reflete todo o seu corpo, além de moldá-lo lindamente. Há também luvas brancas em suas mãos que vão até os cotovelos e que, junto às mangas do vestido, cobrem seus braços. Em seu rosto um batom vermelho escuro quase preto, em sua cabeça um véu extremamente bem colocado e o melhor de tudo, sua beleza natural. Aquela que me fez querê-la desde o primeiro instante que a vi.

Porém ela está incrivelmente pálida — quer dizer mais pálida do que de costume — e parece que vai desmaiar a qualquer momento.

Preocupado, desvio a minha atenção de sua beleza e foco em ir ajudá-la.

Rapidamente, subo as escadas. Os meus olhos nunca deixando os dela durante o percurso. Vejo o alívio dela quando me vê ao seu lado. Ofereço-lhe meu braço pra ela colocar o seu. Olhamo-nos hipnotizados.

Vejo minha boneca hesitar. Ela olha intercalando entre meu braço e o salão. Parecendo, enfim, decidir, ergue o braço e envolvê-o ao meu. Sinto sua mão trêmula contra minha pele.

— Ei, boneca, relaxa. Eu vou estar do seu lado. Eles são todos seres humanos iguais a você. — digo para acalmá-la e ela assente após engolir em seco.

A cada passo, olhares curiosos nos seguem questionadores.

No filnalzinho dos degraus, um flash atrás do outro clareia em torno de nós. A minha boneca escorrega e eu a seguro rapidamente.

Sorrio de lado olhando em seus olhos. Seu peito sobe e desce ofegante.

— Isso está virando um momento característico

só nosso, boneca. — falo sorrindo pra ela que ainda se recupera do susto.

— D-desculpe. O-os flashes m-me cegaram. — gagueja piscando rapidamente.

— Eu disse que iria estar contigo. Não permitiria que caísse. — sussurro em seu ouvido uma vez que paramos ali.

Ela afasta meu rosto do seu e nossos olhares se cruzam.

— Quem é a moça, príncipe? — indaga um dos repórteres nos transportando de volta para realidade.

— Savannah. — respondo e todos sorriem encantados.

— Mas e quanto às perguntas anteriores? — instiga um deles retomando o assunto anterior.

Para minha tristeza, penso.

— Nós não estamos em risco. Se as fronteiras fecharam é porque estamos justamente prezando pelo bem estar do nosso povo. Soubemos que estavam entrando produtos ilícitos pelas fronteiras e decidimos que por um ou dois dias elas ficariam fechadas até resolvermos o caso. Mas a operação já está no final e logo tudo voltará ao normal.

— Se a moça é sua companhia esta noite, o que

fazia com duas mulheres em um dos seus apartamentos, hoje, por volta das seis horas da manhã? — o jovem volta a perguntar.

Minha boneca fica atenta à minha resposta.

— Eu não acredito que minha vida pessoal vá interessar ao povo, além do mais, não sei de quais mulheres você está falando. Hoje cedo fui a meu apartamento porque estava avaliando qual deles se encaixariam nos meus planos.

— Planos? — indaga esquecendo a questão passada estando, exatamente, onde eu quero que esteja.

— Sim, planos. Como eu dizia antes da beleza deslumbrante da mulher ao meu lado nos hipnotizar, tenho um motivo especial para este jantar. — olho para a Savannah sorrindo. — Savannah e eu queremos compartilhar com todos, o nosso noivado e casamento daqui a dois dias.

Assim que falo a palavra noivado, somos atingidos por uma avalanche de indagações e flashes. Nem tenho certeza se compreenderam o que falei depois.

— Por que um casamento tão rápido? — questiona um senhor.

— Onde se conheceram? — questiona outro senhor.

Suspiro cansado.

— Por favor, senhores, uma pergunta por vez. Tenho certeza que meu irmão irá explicar. — escuto a voz de Horlom reverberar pelo salão quando ele para ao nosso lado sorrindo.

Encaro-o especulativo e furioso.

— O que diabos acha que está fazendo? Devia estar descansando. — murmuro com impaciência.

— Te salvando desses urubus. — murmura de volta com ironia, sem movimentar os lábios, enquanto sorri para as câmeras.

— Qual sua opinião sobre este casamento, príncipe? — questiona uma mulher estrangeira pelo seu sotaque.

Ele procura a voz em meio à multidão de pessoas e microfones.

— Oh... minha cunhada é simplesmente incrível, tem uma personalidade um pouco frágil, pois teve que passar por momentos difíceis recentemente, mas tenho certeza que ela faz meu irmão feliz. Eu já a considero como uma integrante da família.

Franzo o cenho.

— Horlom, do que diabos está falando? — a minha boneca se encolhe.

Ele me ignora e continua.

— Peço a todos que deixem os noivos sentarem em seus devidos lugares para prestigiar esse momento único ao lado de todos os presentes. — passa a mão pela gravata uma vez que hoje se vestiu com um smoking. — E eu também posso ajudá-los com tudo que querem saber, afinal, sou praticamente o padrinho mágico desse romance.

— Horlom... — rosno contrariado.

Ele continua a fazer charme para as câmeras.

— Preciso te mostrar algo, mas não aqui. — fala disfarçando.

— Certo. — concordo relutante.

Puxo a minha boneca pelo braço e desvio de algumas pessoas antes de seguirmos pelo grande corredor.

Savanah parece um robô, já que ela senta automaticamente quando paro diante da mesa que já comporta todos os meus familiares e lhe puxo a cadeira. Eu acabo sentando ao seu lado sem dizer nada.

Sarah cuida de apresentar a minha boneca a todo mundo e eu tento achar uma explicação para as ações do Horlom.

Hoje de manhã sai do meu apartamento e vim direto para o palácio. Tomei um banho no quarto de

hóspedes onde deveria ter dormido e fui buscar algumas coisas no meu quarto onde Savannah tinha dormido. Ela me devolveu meu anel que tinha encontrado. Depois eu tomei café e, nesse meio tempo, encontrei a Sarah e pedi-lhe que fosse buscar a Savannah para tomar seu café, além de lhe avisar que a imprensa estaria presente no evento.

Fui até o quarto de Horlom, que observava um ponto qualquer sentado contra alguns travesseiros.

— Como você está, Horlom? — indaguei alçando sua cama.

— Bem, na medida do possível. Meu ombro já não queima como o inferno e nem dói horrores quando me movimento. Só as lembranças que me afligem a cada segundo.

— Eu sei o quanto é difícil, por isso te trouxe isso. — ergui o diário que carregava e ele sorriu pela primeira vez desde o incidente de ontem.

— Se o seu intuito era me fazer rir, você conseguiu. — responde seu irmão entre risos.

Coço a nuca deslocado.

— Rir também é bom, mas o diário é realmente um presente. — falo fitando-o.

Horlom gargalha fazendo pouco.

— Sei! E o que diabos eu vou fazer com um

diário? — desdenha. — Você bem que podia me dar aquele seu carrão. Isso sim seria um presente.

— O carro é seu, entretanto, o diário também. — agito contido o objeto de capa preta. — Ele é para que desabafe, sabe? Escreva o que quiser contanto que isso te livre dos pensamentos incômodos. — explico, mas Horlom continua paralisado em choque.

— Cara, está me dando aquela relíquia de carro? — me olha incrédulo. — Se soubesse já teria tomado um tiro há muito tempo. — diz sorridente.

Fiz uma careta de desgosto.

— Não diga isso nem brincando Horlom. — repreendo-o.

Percebendo o que acaba de dizer, Horlom se remexe.

— Desculpa, mas é que eu te peço aquele carro desde que me entendo por gente. — murmura.

Suspiro.

— Eu sei. — afirmo revirando os olhos.

— Aliás, eu não levaria outro tiro nem por todo o reino se eu tivesse escolha. Aquilo dói como o inferno. — relembra. — Mas e esse diário? Você está gozando com minha cara, não é? Não vai me dizer que quer que eu fique igual a Sarah escrevendo um monte de besteira

sobre meu dia.

— Está me dizendo que porque eu tenho um diário sou um maricas, é isso? — questiono ofendido.

Horlom arregala os olhos, porém ainda hesita em acreditar.

— O quê? Está me dizendo que tem um? — ergue as sombrancelhas. — Sei... Eu sou Poseidon, o rei dos mares. Acredita? — completa erguendo as sobrancelhas sarcástico.

— Eu realmente tenho, aliás, não só um. Acho que ao todo já passaram de trinta.

Ele franze o cenho.

— Você realmente está falando sério? — inquire e me olha diretamente como me estudasse.

— Sim, estou. O primeiro foi a mamãe quem me deu. Ela sabia do quão fudido nosso pai era e de tudo que eu passei. Ainda lembro das suas palavras. Ela me disse para gravar os ocorridos no papel e lhes tirar do meu coração. — explico.

Ele parece refletir alguns segundos.

— E agora você quer que eu coloque em palavras a morte daqueles homens e as esqueça. — concluí. — Eu não sei como isso te ajuda, mas garanto que comigo não vai funcionar. É como se eu visse o rosto

do homem ficando roxo a cada aperto que eu dava em seu pescoço, sua respiração falhando e então ele agonizando sob meu aperto. Eu não vou esquecer... - suspira apertando os olhos fechados.

Pondero suas palavras.

— Então faça algo que lhe ajude, alguma coisa que te faça esquecer. — aconselho após pensar um pouco.

Ele abre os olhos e me encara.

— Até hoje eu só achei uma coisa capaz de tomar minha total atenção.

— Então se agarre a essa coisa com unhas e dentes. — digo.

Horlom nega com a cabeça.

— Eu não posso. — bufá exasperado.

— Por que não? — questiono confuso.

Ele esfrega o olho com o braço esquerdo, ou seja, o do ombro bom, e se agita desconfortável.

— Por quê? Porque...bom porque eu não posso trazê-la pra esse mundo que estou entrando.

Encaro-o especulativo.

— Ela? — indago genuinamente interessado.

Ele abaixa a cabeça antes de murmurar pouco à vontade:

— A moça do leilão. — admite.

— Você... gosta dela? — pergunto sem saber muito o que dizer, afinal, essa não é uma conversa muito comum entre nós, já que Horlom, assim como eu, não se importa muito com o que deveria ou não vir depois de uma foda.

— Acho que sim. — suspira. — Não sei exatamente como ou porquê. Isso é muito confuso. — me fita.

— Entendo.

Um silêncio confortável se instala alguns instantes.

— Você pretende mesmo se casar com aquela garota que trouxe? — assenti. — Hoje é o jantar de noivado, não?

— Sim. — respondo.

Horlom concorda.

— Nem pense que só porque estou ferido não terá uma despedida de solteiro, meu irmão.— avisa sorrindo.

Estreito os olhos.

— Não ouse levantar dessa cama, senhor Horlom.— aviso irônico, mas ele sabe que falo sério.—

Agora eu preciso ir ver como estão andando as investigações.— falei já saindo.

— Vai lá. — sorri maroto.

Sacudo a cabeça para dispersar as recordações que em nada me ajudaram a descobrir do que exatamente Horlom tem a me mostrar

— Príncipe! Alteza... — Alguém me chama e eu tenho um sobressalto constatando que todos em volta da mesa me olham curiosos.

— Aceita uma taça? — questiona o garçom desconfortável.

Pego uma das taças de suco de uva na bandeja.

— Sim, obrigado. — murmuro.

— É meu trabalho servir-lhe. — Faz uma reverência. — Com licença.

Observo a minha boneca que parece deslocada. Ela continua a observar o chão, enquanto Sarah discute baixinho com a mãe.

CAPITULO 09

SAVANAH

Observava o chão, mas de relance via a Sarah discutir com a sua mãe. A mulher que Sarah me apresentou como Jane, é insuportável. Ela quer controlar até os pensamentos da Sarah que fica irritada a cada palpite dela. Eu as escutava tentando me distrair do fato que minhas pernas ainda tremem mesmo eu estando sentada. Não me recuperei do impacto disso tudo. O pior é ter todos me olhando de segundo em segundo. Como nunca fui de sair e interagir com tantos desconhecidos juntos e, ainda por cima ser o centro das atenções, isso me deixa constrangida, intimidada e nervosa.

— Com licença! — olho para cima vendo umas cinco mulheres vestidas impecavelmente idênticas como Sarah.

Elas estão carregando grandes bandejas pratas e, em cada uma, há mais ou menos, uns seis pratos sobrepostos.

— Este é um menu especial que dedico aos noivos. Desejo felicidades, Alteza. — Fala uma das mulheres.

— Obrigado. — Masalom agradece e as moças vão colocando os pratos diante de cada um que estava sentado no entorno da mesa redonda que acomoda de quinze a vinte pessoas.

Pessoas essas que, por sinal, Sarah me disse o nome de cada uma logo que me sentei, mas eu não consigo lembrar de todos. Sei que há um homem chamado de Corlom, que é irmão dela, uma mulher chamada de Felicia, ou algo assim, enfim são muitos nomes e rostos para distinguir.

As mulheres vão em direção a outra mesa e todos fazem silêncio para saborearem o prato extremamente aromático deixado ali. A comida está com uma cara ótima, no entanto, eu não conseguiria provar nada com aquelas pessoas me olhando. Não era por vergonha, mas não é muito legal comer enquanto várias câmeras gravam você e pessoas te avaliam.

Masalom parecia à vontade com aquela situação. Era perceptível em seu semblante o fato que estava — só na sua cabeça — comendo num lugar tranquilo, privado de qualquer incômodo e sem o olhar avaliativo de outras pessoas.

Olhei para o meu próprio prato e suspirei cansada.

Os familiares dele terminaram de comer algum

tempo depois e voltaram a conversar. Todos satisfeitos, menos eu. Meu prato continuava intocado.

— Boa noite! — exclama Horlom sentando ao lado do irmão parecendo ter se livrado dos repórteres.

— Boa noite! — todos respondemos em uníssono.

Ele e o Masalom começam a conversar baixinho e, por isso, não ouço o que dizem. As mulheres vêm retirar os pratos e uma delas parece decepcionada ao ver que eu não comi nada. Ela se aproxima e cuida pessoalmente de retirar o meu prato, enquanto me questiona:

— Não gostou, senhorita? Eu posso te trazer algo...

Arregalo os olhos ao perceber que sua preocupação era referente à minha opinião.

— Na verdade, eu nem provei. — Murmuro envergonhada por fazê-la achar que estava esnobando seu trabalho. — Desculpe, eu só não estava com fome. — Invento e o alívio é visível nos seus olhos. Isso me deixa aliviada também.

— Compreendo. — Põe o prato na bandeja da jovem ao seu lado e segue andando para outra mesa.

Os segundos passam tão devagar que parecem

horas e, como se não bastasse a tortura de ficar aqui sem fazer nada, minhas articulações começam a doer pra caramba. Quase choro de dor.

Percebo uma movimentação repentina na mesa e ergo o olhar.

— Vamos fazer um brinde aos noivos. — exclama Horlom animadamente ficando de pé.

Os demais o acompanham e pegam suas taças. Sarah e o Masalom também os segue não me deixando alternativa a não ser levantar.

A mídia se aproxima fotografando o momento. Começo a entrar em pânico porque sei que, se segurar uma das taças, essa vai se despedaçar no chão. Todos me olham e Masalom pega uma taça e me estende.

— Eu não posso... — digo olhando para todos os lados aflita.

— É claro que pode. — retruca. — Toma, segura. Não tem álcool. É só suco de uva. Nem precisa beber se não quiser. — sorri de lado.

Horlom escuta a conversa e me avalia como se entendesse o que está acontecendo comigo.

— Ela não precisa brindar, irmão. — diz.

Ele sorri compreensivo pra mim e retribuo em agradecimento, pois minhas pernas fraquejam e eu tento

me recompor.

— Claro que precisa. — contradiz o outro demonstrando estar impaciente.

Minha visão fica turva e eu me apoio na mesa, mas minhas mãos doem muito para suportar meu corpo.

Duas mãos rodeiam minha cintura me segurando em pé.

— Savannah, qual o problema? — indaga Masalom.

— Ela está passando mal, você ainda pergunta. — escuto a voz da Sarah.

— Leve-a ao quarto. Eu e Sarah cuidamos de explicar o ocorrido à mídia e aos convidados e, realmente, precisamos conversar depois. — Horlom se manifesta.

— Consegue andar, boneca. — questiona Masalom e eu afirmo.

Ele começa a me guiar, enquanto, praticamente, me leva flutuando, uma vez que, retém todo o meu peso ao me puxar pelo quadril. Me sinto numa névoa entre a consciência e a perda dela, entretanto, forço minhas pernas a andarem.

Num certo ponto ele para de andar e me força a fazer o mesmo. Sinto um braço rodear minhas pernas e

outra por baixo do meu braço.

— Os repórteres já não podem nos ver, porque estamos em um lugar que poucos conhecem, por isso vou te levar no colo. — explica e me ergue do chão.

Encosto minha cabeça entre o vão de seu ombro e pescoço e fecho os olhos tentando controlar a vertigem. Ele anda rapidamente e fico ainda mais tonta.

Após o que pareceram horas, escuto o barulho da chave girando e, logo depois de alguns passos, meu corpo é colocado no colchão macio. Deitada tenho a sensação de que estou girando em círculos.

Masalom não disse nada, entretanto, ouço os passos dele circulando pra lá e pra cá. Depois de algum tempo, o colchão afunda. Um pano gelado é colocado de repente em minha testa e eu tremo com o contato do frio com minha pele quente.

— É uma compressa. Não sei o que tem, mas acho que vai ajudar, boneca. — fala. — Também te trouxe um copo de água. — coloca o copo contra meus lábios e eu a bebo. A água realmente parece ser milagrosa, pois, sinto um pouco da neblina em minha cabeça se dissipar.

Ele acaricia minha bochecha suavemente e eu suspiro por mais inacreditável que possa parecer em apresso à carícia.

— Está melhor? Ou quer que eu chame Davi para lhe examinar? — questiona após instantes de silêncio.

— Não precisa, está passando. Foi só uma vertigem. — murmuro em resposta.

— Certo, então, descansa. Eu vou tomar um banho. Qualquer coisa grita. — concordo com a cabeça.

A cada minuto parece que minha visão vai abrindo lentamente e as coisas vão tomando foco. Abro os olhos e me vejo num quarto desconhecido. Ele é muito lindo, mas a decoração é um pouco infantil, uma vez que, há carros por todos os lados, desde o papel de parede até uma coleção de miniaturas de carros de corrida.

Há também uma lareira e, sobre ela, um quadro de um menino lindo sorrindo, enquanto segura um carrinho. Ele é tão fofinho que dá vontade de apertar. Olhando com atenção, descubro que aquele sorriso e linhas faciais me remetem a alguém que conheço.

Os passos do Masalom atraem minha atenção. Ele vai até um pequeno armário com uma toalha no quadril e outra no pescoço que ele enxuga os cabelos molhados... e sim ele é a criança da foto. Masalom retira uma camisa branca do cabide e caminha até onde estou.

— Aqui, você pode vestir isso. Esse vestido que está usando é deslumbrante, mas parece ser um tanto

desconfortável para dormir. — me estende a camisa aberta de mangas longas. — Precisa de ajuda? — nego. — O banheiro é por ali. — aponta quando levanto e pego a camisa entre os dedos sem fazer força, afinal minhas mãos ainda doem.

Ele demora a soltá-la e eu o encaro. Olhamo-nos intensamente, suas íris negras estão focadas no fundo das minhas, quando sua mão ergue e ele coloca uma mexa do meu cabelo atrás da orelha.

Minha respiração falha.

Ele desce a palma por minha mandíbula até seus dedos passarem por meus lábios, onde seu olhar recai. Entreabro os lábios e Masalom me olha nos olhos desejoso. Ele diminui o espaço entre nós e sua mão desliza por trás da minha nuca, enquanto a outra envolve minha cintura.

A respiração aquecida em minha pele demonstra que estamos muito próximos quando voltamos a nos fitar. A intensidade do instante misturado com o brilho das suas esferas me fazem fechar os olhos. De repente sou puxada pelo quadril e nuca com força em sua direção e nossas bocas se unem famintas. Sua língua, agora já não mais desconhecida, luta contra a minha loucamente, e eu correspondo do jeito que dá e eu entendo ser o certo.

A sensação do meu sexo pulsar aparece e isso

parece me deixar gulosa por mais. Ele abre o zíper e o vestido cai deixando os meus ombros desnudos. Ele o puxa mais pra baixo e o tecido cai livre nos meus pés quando sua mão solta minha cintura. Agarro-me em seus ombros e meu outro braço abraça seu pescoço.

Logo ele aperta minha nádega descoberta com força antes de puxar minha coxa pra cima me convidando, sem palavras, a subir em seu quadril. Com um pulo que fez nossas bocas se desgrudarem um instante apenas e sua toalha cair, subo em cima dele e ele segura minha bunda.

O beijo se torna voraz, a respiração é ofegante. Sinto sua ereção contra meu sexo encharcado, ambos separados apenas pela calcinha. Assim também como seu peitoral morno está separado dos meus seios franzidos apenas pelo meu sutiã.

Masalom solta meus lábios para trilhar beijos e mordidas pelo meu pescoço me fazendo arrepiar. Sua boca sobe e suga o nódulo da minha orelha.

— Aaah, humm. — gemi baixinho diante das sensações luxuriantes que senti.

Puxo seu cabelo macio e sinto minhas mãos doerem, por isso, solto. Os rastros de fogo que ele trilha em minha pele sensível não me deixa pensar muito na dor.

Ele anda comigo enquanto voltamos a nos devorar com a boca, apreciando o sabor um do outro. Seu

joelho afunda no colchão antes dele nos deitar nos lençóis da cama.

Masalom ergue o tronco e eu deixo minhas pernas caírem abertas soltando seu quadril. Ele abre o fecho frontal do meu sutiã e eu não consigo sentir vergonha quando meus seios são revelados.

— Lindos e suculentos, boneca. — sussurra antes de circular o bico com a ponta da língua.

Jogo a cabeça pra trás quando sua boca quente e aveludada suga um deles por completo.

Tento fechar as pernas para diminuir a pulsação ali, mas como ele tá em cima de mim, só consigo sentir seu pênis bem perto da minha vagina e isso faz uma quantidade considerável de líquido quente escorrer pela minha vagina. Masalom continua chupando meus seios sem pressa, enquanto eu me estico, gemo e remexo embaixo dele.

Ele olha pra cima e seu olhar cruza com o meu, enquanto ele beija meu ventre pouco acima da minha calcinha preta. Masalom se ajoelha e então eu me dou conta de que estou quase nua bem diante dos seus olhos e, por isso, meu rosto esquenta. Cubro meus seios com um braço e fecho as pernas. Ele sorri antes de acariciar meu joelho e separar minhas pernas novamente me fazendo engolir em seco.

— Você é perfeita, boneca! Porém não posso negar que ver todo seu corpo corado te deixa uma coisa de outro mundo. — fala me fitando e, então, baixa o olhar e a cabeça antes de depositar um beijo sobre minha calcinha.

— Oh, Deus! — deixo todo o ar sair dos meus pulmões.

Masalom passa os quatro dedos sobre minha calcinha e esfrega numa lentidão agonizante. Tira os dedos e abaixa a cabeça para morder levemente meu púbis me fazendo gritar em êxtase. Em seguida lambe a minha calcinha e eu sinto o tecido úmido pela saliva contra minhas carnes quentes. Ergue-se e segura as laterais da minha calcinha puxando-lhe pra baixo. Ergui meu quadril para facilitar a tarefa, pois tudo que queria era que me proporcionasse um alívio desconhecido que já vi que ele pode me dar.

A calcinha é descartada em algum lugar do quarto e o ar sopra a pele úmida e desnuda do meu sexo. Gemo atraindo o olhar dele pra mim. Masalom aprecia minhas carnes hipnotizado e leva o nariz até ali, cheirando antes de abrir a boca e morder suavemente meus lábios vaginais. Eu grito quando a agonia em meu ventre aumenta pedindo libertação.

Sua língua varre até um ponto que me faz tremer

e retorna entrando em outro que pede por uma invasão mais profunda. Ele intercala até meu corpo se recluir, porque, quando o faz, ele foca no ponto que agora é um pontinho duro.

Meu coração fica descompassado. Tento apertar as pernas, mas Masalom segura-lhes afastadas. A outra mão dele belisca meu seio e apalpa. E a língua diminui a tortura me deixando maluca e, por isso, rebolo contra sua boca. A sua mão solta minha perna e um dedo dele entra pela metade em mim.

— Preciso de mais. — me vejo dizendo.

Masalom sorri contra meu sexo encharcado e pulsante socando o dedo em mim vagarosamente e, então, sua língua gira de um lado para o outro me fazendo apertar os dedos dos pés nos lençóis.

Mais líquido fumegante escorre para fora melando seu dedo. A dor se torna insuportável e ao mesmo tempo incrivelmente prazerosa.

Uma mão está em meus seios, outra ajudando seu dedo a estocar em mim e sua língua quente sugando meu brotinho. Tudo isso em uma sintonia insuportavelmente perfeita que me deixa sem ar.

— Derrama-se em minha boca, boneca, goza pra mim, quero te sentir. — diz isso e intensifica as carícias.

Meu corpo se estica subindo em busca de sua boca antes de voltar a cair no colchão em uma convulsão destrutivamente deliciosa. Meus ouvidos piam e parecem que minhas forças foram arrancadas de mim e, por isso, deixo minhas pernas caírem abertas.

— O melhor sabor que já provei em toda minha vida, boneca. — fala Masalom ainda me chupando.

Estava lânguida e sonolenta quando senti seus lábios pressionarem contra os meus num selinho doce.

— Se não tivesse doente, juro que te faria minha. — diz esfregando seu pênis em mim.

O colchão se remexe e afunda quando Masalom se deita ao meu lado. Sem saber porque, eu me aproximo dele e deito sobre seu peito. Ele fica petrificado por um instante antes de espalmar a mão em minha nádega.

O dedo dele traçando círculos na minha pele me fizeram dormir com um sorriso bobo nos lábios. Deveria me arrepender de ter deixado ele me tocar tão intimamente, entretanto, não consigo e nem quero me arrepender.

Acordei sozinha e aquilo, por algum motivo, me deixou decepcionada. No fundo eu queria que Masalom estivesse comigo, não sei... talvez me aninhando em seus braços. Minha cabeça anda muito confusa, afinal, ele não é o homem que eu sonhei durante anos, mas meu coração

parece não se importar com este fato.

Me apoio nos cotovelos com o intuito de levantar, entretanto, ao ver um bilhete no travesseiro que ele dormiu, apenas me sento recostada à cabeceira da cama. Pego o papel e o deixo de lado por um instante, para antes trazer o travesseiro que ainda continha seu cheiro másculo até meu nariz. Em seguida deitei a cabeça sobre ele e li o bilhete que dizia que Masalom precisou sair cedo, mas que estaria de volta para me buscar antes do almoço porém, se eu sentisse fome tinha biscoito no baú e suco no frigobar.

Procurei o tal baú e o vi ao lado de uma coleção de miniaturas de soldados. Afastei as cobertas, peguei a camisa que ele tinha me estendido antes de acontecer quilo tudo, essa ainda estava jogada de forma displicente no chão, a vesti. Fui até o tal baú para pegar o biscoito, como não jantei, estava com muita fome.

Passei pelos carrinhos e não resisti e parei para dar uma olhada. Tirei alguns da mesinha de vidro com todo cuidado, pois devia custar uma fortuna aquele pequeno brinquedo pesado e reluzente. Admirei o objeto e devolvi ao seu lugar. Fiz o mesmo processo com os soldadinhos que pairavam em outra mesa em filas bem estruturadas.

Depois de matar minha curiosidade terminei o

percurso até o pequeno baú banhado em ouro — ou ao menos era o que parecia — e abri o objeto que portava um verdadeiro tesouro. Ali tinha biscoitos, chocolates, bombons, bolinhos industrializados, ou seja, todo o tesouro que uma criança queria achar...

Por que será que Masalom armazena tudo isso aqui? Me perguntei mentalmente, antes de sorrir e, gulosa, pegar dois bombons, uma barra de chocolate, o biscoito e um bolinho. Não devia comer esse monte de besteira a essa hora da manhã, mas eu nunca vi tantas coisas gostosas juntas e não consigo resistir. Fecho o baú antes de fazer um malabarismo para carregar todas as embalagens nos braços.

Joguei tudo no colchão e fui pegar o suco no frigobar. Achei muito mais que suco, peguei iogurte e o suco de limão. Coloquei as garrafas e latinha no chão e fechei a porta antes de pegar todas as embalagens nos braços.

Andei depressa e acabei derrubando tudo no chão perto da parede. Acabei me escorando nela e tomei um susto quando essa afastou. Com o coração saindo pela boca, virei depressa e o que vi me deixou admirada. Era um compartimento secreto. Achei que isso só existisse em livros e filmes...

Dentro dele tem um monte de livros de capa

preta, muito bem empilhados em duas fileiras.

Fico indecisa em ver do que se trata ou tentar arrumar uma forma da parede voltar ao normal. Agachei para juntar as coisas que derrubei e, sem jogar nada no chão dessa vez, coloquei tudo na cama. Voltei depressa até a parede e procurei alguma forma de ajustar aquilo. Observei minuciosamente a parede e vi um pequeno botão como um controle remoto, bem pequeno.

Estava quase pressionando meu dedo nele, quando olhei os livros novamente. Desisti de resistir e peguei um deles, antes de apertar o botão e fechar o compartimento.

Voltei para cama com o objeto que parecia queimar em minha mão. Sei que é errado mexer nas coisas dos outros, entretanto, é só uma olhadinha, ninguém vai saber... Sento no colchão e me arrasto até a cabeceira.

Aliso a capa preta antes de abri-la com cuidado...

Na primeira folha tinha risco pra todo lado — percebi que não se tratava de um livro, e sim, algum tipo de caderno — os traços demonstravam raiva e fúria, pois os riscos eram grossos, pesados e sem sentido. Passei a página e encontrei um pé de árvore desenhado.

Na página seguinte estava escrito em uma letra quase ilegível — talvez letra de criança — essa letra foi

usada para repetir a frase: Eu não sou um monstro. É tudo culpa dele. Eu o odeio.

Franzi o cenho imaginando por que uma criança escreveria algo tão penoso e ao mesmo tempo tão rancoroso!

Intrigada folheio a página. Nessa havia um pequeno parágrafo: “Queria poder ser um menino normal como meus primos e irmãos. Queria poder brincar sem ter flashes do que fiz no treinamento”.

As outras folhas estavam em branco, porém manchadas como se o dono do caderno não soubesse o que escrever, ou talvez, por onde começar.

Parei de folhear quando vi resquícios de manchas de sangue em uma página.

Engoli em seco antes de seguir para a próxima. Essa estava enrugada como quando se derrama água no papel e, ao secar, ele encolhe. Passei mais algumas antes de ver uma foto colada numa delas. Era Masalom pequeno como no quadro e um outro garotinho que deduzo ser Horlom. Eles estão abraçados a uma mulher linda. Seus longos cabelos pretos fazem cascata sobre seus ombros e emoldura seu lindo rosto corado e sorridente.

Virei o caderno aberto e deixei descansar no colchão quando minha barriga roncou.

Peguei o bolinho e abri a embalagem com os dentes, deixei no colo para abrir o iorgute. Comi e bebi com gosto e, quando saciada, juntei toda sujeira que fiz e limpei as mãos na camisa que vestia antes de voltar a pegar o caderno.

A folha seguinte continha um verdadeiro texto:

Hoje é meu aniversário de oito anos. Gostaria de poder passar esse dia tranquilamente, brincar com meus carrinhos e terminar o dia ouvindo uma história de duendes e gigantes contada pela mamãe. Ela e meu irmão são as pessoas que mais amo na vida, apesar de que Horlom só tem quatro anos e rouba toda a atenção da mamãe e quebra meus brinquedos. Mas ele é tão engraçado e pequenino que eu não me importo.

Tinha planejado um dia feliz, mal sabia eu que papai já havia agendado todo meu dia...

Tudo começou quando eu fui ao quarto deles chamar a mamãe. Ela chorava e eu não entendia o porquê, por isso eu me aproximei e lhe abracei apertado como ela faz comigo quando estou chorando. Ela me abraçou também antes do papai me puxar dos seus braços e me levar consigo.

Ele me levou de carro ao lugar onde ele me mandava arremessar facas. Não gostava de ir ali, pois tinha um monte de homens grandes e feios. Eles caçoavam

de mim cada vez que eu errava o alvo ou me feria na lâmina da faca. Hoje tinha um velho sentado no lugar do alvo, que eu costumava ter que acertar.

— Toma. — foi o que meu pai disse, enquanto eu observava o homem amarrado.

Meu pai pôs a faca na minha frente e eu olhei pra ele sem entender o porquê do velhinho estar ali.

— Hoje você está mais velho e por isso vamos passar para a próxima fase do seu treinamento. Você terá que acertar a cabeça dele no lugar do alvo. — mostra com a ponta do objeto pontiagudo na direção do velhinho e eu arregalo os olhos.

Nego com a cabeça e ganho um tapa na nuca fazendo-me cair pra frente.

— Levante e, como um homem que você está prestes a se tornar, faça o que eu mandei sem mais negações. — engoli as lágrimas e levantei, pois, se ficasse ali por muito tempo, meu castigo ia ser doloroso.

Engoli em seco e peguei a faca que me era estendida.

Lancei-a no ar e fechei os olhos com força. Não queria ver onde ela acertaria. Mas ainda tive que ouvir o grito e o sangue espirrar da cabeça do velhinho.

Não contente com aquele show de horror, meu

pai me segurou pelo braço e me arrastou. Abri os olhos e me vi diante do furo no centro da cabeça do idoso agora morto. Eu o matei... Caramba! Eu o matei!

— Você vai cortar cada membro dele até conseguir colocar nessa mala. — disse e me apontou a mala preta que só caberia meu tronco.

Eu implorei... Eu chorei.... Eu gritei... Eu me debati... E implorei novamente para não fazer aquilo, entretanto, ele me bateu e mandou andar logo porque não tinha o dia todo, como se tivesse me dado uma ordem natural no estilo que um pai dá ao seu filho como um simples “vai brincar garoto...” Porém não era simples: eu tinha que cortar um homem em pedacinhos.

Eu fiz ainda implorando, eu fiz entre vômitos...mas eu fiz.

Estava chorando quando terminei de ler e nem percebi. Coitado daquele garotinho! Que pai horroroso! Limpei as lágrimas e olhei pra folha sem saber se prosseguia lendo aquelas barbaridades ou guardaria o caderno onde o achei. Levantei ao optar por não ler mais.

Guardei o objeto em seu devido lugar e fechei o compartimento da mesma forma que estava anteriormente.

Peguei minhas roupas espalhadas pelo chão e decidi tomar banho e esperar Masalom vir me buscar. Segui para o banheiro e fiquei encantada com a decoração

do ambiente. Se tivesse um filho queria proporcionar um banheiro assim pra ele cheio de detalhes coloridos. É claro que nunca tive condições pra isso, mas não custa sonhar...

Tirei a camisa, tomei um banho rápido e escovei os dentes com uma escova que tinha ali sem me importar de quem era. Peguei uma toalhinha verde e me enxuguei. Deixei-a estendida e fui pelada até o quarto onde abri o armário de Masalom e peguei uma camisa preta.

Regressei pra cama e peguei o lixo das embalagens jogando no cesto. Sacudi os lençóis para tirar os farelos de bolacha antes de me deitar por baixo das cobertas.

Sorrio ao deitar no travesseiro do Masalom e as lembranças do que aconteceu aqui ontem surgem em minha cabeça. As mãos dele afagando meu corpo, as sensações deliciosas que senti quando ele chupou meu sexo ou quando enfiou parte do dedo em mim, os beijos... Suspiro feliz como nunca mais senti depois da morte dos meus pais e acabei cochilando quando minhas pálpebras pesaram.

Um beijo doce nos meus lábios me despertou e quando abri os olhos encontrei Masalom debruçado sobre mim e as esferas brilhantes dele me fitando.

— Bom dia, boneca! — exclama sorrindo de

lado.

Acabei lembrando daquela boca passando pelo meu corpo e não respondi ao cumprimento. Apenas baixei a cabeça com os lábios entre os dentes.

— Não faz isso. — tira meus lábios do aperto dos meus dentes e ergue meu queixo em seguida com os dedos. — Por favor, não cora desse jeito, boneca. — diz com o olhar perdido nos meus. — Precisamos almoçar e logo depois você vai sair com a Sarah para comprar artigos para decoração do nosso casamento e eu preciso ver meu irmão para saber o que ele tem a me mostrar. — suspira. — Se me seduzir com essa sua timidez encantadora, vamos acabar por não cumprir nada disso, o que será um problema, pois nosso casamento é amanhã ao meio dia.

Ele apruma a postura e leva as mãos ao bolso. E eu o avalio vendo como ele é bonito.

— Acho melhor você levantar antes que eu mude de ideia, boneca. — diz com um sorriso maroto ao me pegar observando seu corpo torneado.

Afastei as cobertas e levantei colocando os pés descalços no chão frio. Ele pega uma sacola no chão e me entrega.

— Trouxe uma muda de roupa e uma sandália mais confortável do que o salto que usava a noite passada.

— Obrigado! — agradeço encantada por ele ter lembrado desse detalhe. — Vou me vestir. — aviso e saio apressada para o banheiro.

Coloquei a sacola na bancada e retirei as coisas de dentro dela. A sacola continha uma blusa de mangas vermelhas, uma saia longa preta, uma sandália também preta e uma lingerie vermelha minúscula... Será que foi ele quem escolheu aquilo para me trazer? Essa peça foi a Sandra, dona da loja, que praticamente me obrigou a comprar.

Tirei a roupa em que estava vestida e, como já tinha tomado banho, só pus a que ele me trouxe, inclusive aquela peça minúscula e desconfortável diga-se de passagem. Regressei ao quarto depois de organizar as roupas, os sapatos de ontem e as camisas dele que usei na sacola. Masalom olhava distraído a coleção de carrinhos e os arrumava por cor.

Fiquei observando ele franzir o cenho em concentração por alguns instantes antes dele perceber minha presença e sorrir.

— Você andou mexendo neles. — afirma apontando os carrinhos.

Baixo a cabeça.

— Sim, mas eu devolvi tudo ao seu lugar. — argumento envergonhada. — Como sabe que mexi?

Ele vira pra mim anda até a porta e abre fazendo um gesto para eu passar enquanto explica:

— Três tons de azul estavam postos em lugares errados. Minha mãe costumava dizer que eu tenho mania de organização, mas eu só acho que tenho uma visão privilegiada.

Concordo observando-o fechar a porta.

Logo estamos andando lado a lado em silêncio, enquanto subimos e descemos escadas.

— Estávamos bem longe do palácio, não é? — pergunto e ele nega.

— Na verdade ainda era o palácio, boneca. Só estávamos distantes da entrada principal. Só te trouxe pra cá porque se fosse te levar para o quarto nos braços sairíamos nos jornais e revistas como um casal que não respeita as tradições e isso deixaria meu pai furioso.

— E de quem era aquele quarto em que estávamos? — indago querendo saber de quem era o caderno de capa preta que li.

— Meu, de quem mais seria? Ali era tipo minha casa na árvore quando era criança. Uma espécie de refúgio só meu.

Estanquei no lugar horrorizada. Ele era o garotinho.

— O que foi? Está se sentindo mal outra vez?

— questiona voltando os passos que tinha dado à frente e eu nego atordoada. — Você está pálida. — segura meu rosto e eu o não hesito em lhe dar um abraço apertado.

Esmagava sua cintura com os braços enquanto minha cabeça descansava em seu peito.

Masalom retribuiu meu abraço segundos depois do susto pelo meu gesto de carinho repentino.

— Tem certeza que está bem? — pergunta em confusão.

Assenti com a cabeça e olhei pra cima antes de sair do seu aperto e lhe soltar também. Olhei o fundo dos seus olhos e pela primeira vez enxerguei algo além do homem frio que ele me mostrou ser. Sorri quando ele me puxou pela mão. Seus lábios buscaram os meus e deslizaram contra eles lentamente. Sua língua explorava a minha e depois os dentes dele prenderam meu lábio. Abracei-o pelo pescoço e ele envolveu minha cintura com aqueles braços fortes. Masalom me ergueu e eu deixei um gritinho escapar. Ele sorriu contra minha boca me dando beijinhos.

— Hrum, hrum... — Alguém limpa a garganta e Masalom me põe no chão. — O casalzinho amanheceu bem animado, hein? Sorte de vocês que não sou uma jornalista. — Diz Sarah entre risos tímidos. — Escondo

meu rosto no pescoço de Masalom.

Num instante sinto meu braço ser agarrado e eu sou arrancada dos braços do Masalom.

— Ah e eu vou levar sua mulher para almoçar antes de irmos porque, pra variar, você a trouxe duas horas depois do combinado. — Sarah avisa me levando consigo.

Deixei-a me arrastar até o salão onde comemos e ela me explicou um pouco do que faríamos. Em seguida rumamos para a saída onde um motorista e um carro já nos aguardava.

Sarah estava eufórica.

— Ai, cunhada, nós vamos escolher a decoração do casamento. Vai ser a festa mais bonita do país. — grita me abraçando.

O motorista abre a porta do carro pra nós com um aceno em cumprimento e ambas lhe agradecemos. Nos acomodamos no estofado do banco traseiro do carro e o motorista fecha a porta. Percebo que outro homem vai conosco e me recordo o que Masalom falou sobre mulheres terem que ir a qualquer lugar acompanhadas.

Sarah me olha interrogativa. Seus olhos brilham curiosos quando o carro desliza pelas ruas.

— Pode contar direitinho sobre você e meu

irmão. — coloca uma perna dobrada no banco e vira pra mim.

Olho apreensiva para o motorista e ela aperta um botão fazendo um vidro subir.

— Pronto, ele não vai ouvir nada. Aliás ele nem iria entender. Agora fala porque eu sei que aconteceu alguma coisa. E nem adianta negar.

Suspirei e, mesmo tímida, relatei o que aconteceu.

Sarah parecia hipnotizada como se eu tivesse anunciado a um índio no ano de mil e quinhentos que o mundo é redondo, ou seja, ela está intrigada, mas parece não compreender nada.

— E quando ele te beijou lá, o que você sentiu? E quando ele te enfiou o dedo como o homem do filme fez com a mulher? — questiona atropeladamente quando termino de lhe contar.

— Eu não sei explicar, Sarah. Era como se eu estivesse quebrado em mil pedacinhos, ido ao céu e voltado em questão de segundos. — murmuro encostando a cabeça no banco enquanto fito a paisagem que passa pela janela.

— E isso é bom ou doloroso como eu pensei que fosse? — pergunta me fazendo olhá-la.

— É prazeroso e viciante como comer chocolate pela primeira vez e querer outro, outro e outro... — falo sonhadora.

— Agora eu quero saber como é... mas só se for com o Davi. — declara e eu gargalho.

Sarah me fuzila com o olhar.

— Que foi? — indaga.

— Nada, é só que você ficou tão abalada com a cena do filme... Até disse que ele ia rasgar a moça e agora você quer experimentar.

— Eu fiquei assustada, Savannah. Caramba o homem tinha uma estaca no meio das pernas. — exclama e depois de um pouquinho de silêncio nós começamos a rir alto.

Parece que estava vivendo em outra dimensão. Nunca tinha me divertido daquela forma em um único dia.

O carro parou e o motorista abriu a porta para sairmos. Logo vi que estávamos diante da loja da Sandra. Sarah entrelaçou nossos braços e juntas, como boas amigas, caminhamos até a entrada da loja.

Sandra veio nos receber sorridente e nos levou até alguns tecidos e almofadas.

Sarah se dispôs a escolher, enquanto eu viajava nas minhas recordações e só parava vez ou outra quando

minha atenção e opinião eram exigidas, mas logo em seguida retornando às minhas divagações.

CAPITULO 10

MASALOM

Minha irmã saiu arrastando Savannah enquanto eu fiquei ali parado observando-as saírem do meu campo de visão. Acabei esquecendo de comentar sobre o anel de noivado que darei à Savannah amanhã no nosso primeiro dia de comemoração do casamento, momento conhecido como Mangni.

Hoje cedo também mandei abrir as fronteiras, porém, ainda não descobrimos quem foi o mandante do ataque à máfia, ou melhor, o ataque contra mim. E isso está me deixando frustrado, mas o caralho que eu não vou achar o filho da puta que feriu meu irmão.

O casamento será amanhã ao meio dia e havia muito o que resolver também — apesar de ter um batalhão responsável por toda a cerimônia que durará três dias — tinha coisas como os vestidos que devo comprar para presentear a minha boneca, as joias e ver como ficará a parte onde deveria pedir permissão do seu pai e ainda precisava ir ver Horlom para saber o que diabos ele quer me mostrar.

— O que está fazendo aí parecendo uma estátua?

Pensando em Horlom...

Tento abrir as abotoaduras da camisa para arregaçar as mangas.

— Nada, estava justamente indo te ver. — respondo concentrado na pequena tarefa.

— Eu também estava indo te procurar. — fala sério. — Podemos ir tomar café. Ainda tenho tempo. — conclui olhando seu relógio de pulso.

Franzo o cenho realmente intrigado.

— Aonde vai? — questiono.

Ele tira os olhos do relógio com a expressão em branco.

— Tenho que cuidar de algumas coisas. — fala evasivo.

Assinto encerrando o assunto, afinal se ele não quer dizer, não sou eu quem vai insistir.

— E o seu ombro como está? — pergunto enquanto descemos a escada rumo ao salão onde o almoço será servido.

— Bem melhor. — responde olhando para o braço.

Seguimos pelo corredor e eu balanço a cabeça em entendimento à resposta. Andamos em silêncio alguns

segundos e eu me lembro da sua confissão sobre gostar da garota do leilão.

— E a garota? — me vejo indagando.

Horlom para e cruza os braços me fazendo parar também.

— Que? Vai me entrevistar agora? Tem que marcar horário na minha agenda. — gargalha e eu rio.

Entre risos e conversas sem sentido algum, seguimos o caminho e enfim alcançamos o nosso objetivo.

Não havia ninguém além de nós dois ali, então, sentamos e nos servimos.

— Me passa os jornais. Quero ver o que aqueles abutres escreveram a respeito do nosso sumiço no jantar. — aponto o jornal próximo a ele após limpar a boca.

Horlom larga os talheres e os pega me entregando em seguida.

— Nada demais. Sarah mente que é uma beleza. — sorri sozinho e isso me preocupa. Às vezes a Sarah não tem filtro entre o cérebro e a língua.

— O que quer dizer? — franzo o cenho.

Horlom volta a comer, limpa a boca e toma um pouco de suco antes de apontar com o queixo para as folhas em minhas mãos e responder:

— Veja por si mesmo.

O príncipe Masalom Amir Farid declara que vai casar! É o que está escrito na manchete da primeira página do jornal mais adquirido do país.

Continuo a leitura.

Em um jantar no palácio para poucos convidados e imprensa ontem à noite, fomos surpreendidos pelo anúncio do noivado relâmpago entre o príncipe Masalom Amir Farid, o mais indicado na linha de sucessão ao trono, com uma brasileira de beleza estonteante.

O príncipe caçula Horlom Amir Farid revelou que a relação foi consequência da viagem que os dois fizeram ao Brasil recentemente, onde o seu irmão teria conhecido a brasileira.

Olho pra Horlom sobre o jornal com as sobancelhas arqueadas.

— Só a Sarah que mente bem é? — ironizo.

Ele dá de ombros sorrindo e eu prossigo a leitura.

O que chocou a todos foi o desaparecimento do casal após um brinde em homenagem ao noivado dos dois. A princesa caçula Sarah Amir Farid explicou que ambos seguiram para lados opostos, pois iriam descansar para as

comemorações que virão.

Amanhã ao meio dia se realizará o Mangni e assim seguirão os dias de festa.

É tenho que concordar que minha irmã convence qualquer um que uma formiga pode atravessar o mar, principalmente, quando aqueles olhos azuis ficam pidões...

— Já descobriu quem está por trás do ataque?
— Horlom questiona ao me ver largar o jornal.

— Não, mas eu vou descobrir. — afirmo.

— Receio dizer que não será necessário.

— Sabe quem foi o mandante? — pergunto confuso.

— Sim, o maldito Gustavo Vitrel. — declara me deixando atônito.

Bufo voltando a bebericar meu suco.

— Claro que não! Por que ele faria isso? — questiono descartando a sua "grande descoberta".

— Porque você o desafiou ao roubar sua diversão. — retruca ainda tentando me convencer dessa maluquice.

— Eu? Irmão, você deve estar delirando. Talvez sejam os medicamentos que teve que tomar. — digo

sarcástico.

— Estou dizendo a verdade. Só me escuta. —
assinto e ele prossegue. — Hoje cedo pedi as fitas de
vídeo daquele dia do leilão aos seguranças. Queria...
queria... bom não importa. O fato é que eu vi que foi
Gustavo Vitrel quem arrematou a virgindade da Savannah
no leilão. Pouco depois ele é visto furioso passando
dinheiro a um dos nossos.

Suspiro.

— Merda! Se é assim você pode ter razão...

— Eu não posso. Eu tenho razão. Coloquei o
soldado contra a parede e sob tortura ele acabou
confessando que o velho queria saber quem tinha acabado
com sua farra aquela noite. O soldado confirmou a Vitrel,
que tinham sido ordens da Lavinia, a seu pedido.

Vou fazer picadinho desse linguarudo de uma
figa.

— Quero ver esse capanga. Vou ensiná-lo a ser
fiel. — declaro empurrando a cadeira que faz um barulho
absurdo ao se arrastar pelo piso e levanto.

— Eu já o fiz, ninguém nos trai desta maneira.
— fala Horlom com um sorriso sombrio.

Caio na cadeira não acreditando no que ouvi.

— Você o matou?!

— Sim. — responde me cortando. — Já fiz antes, qual a diferença agora? — completa e eu assinto mesmo não gostando nada daquilo.

— Então agora eu vou atrás do velho. — levanto outra vez, mas ele segura meu braço me forçando a sentar.

— Calma, tenho outra coisa a te dizer. — tira alguns papéis dobrados do bolso. — Quer dizer mostrar.

— O que é isso? — indago fitando-os.

— Como forma de precaução, mando investigar a vida de todas as moças traficadas assim que elas são trazidas, pois estas podem ter famílias poderosas e acabar por nos envolver em problemas. — explica. — O fato é que e esta semana acabei recebendo este dossiê com as informações da vida de sua noiva e, pelo pouco que li, achei melhor trazer para que pudesse dar uma olhada.

Pego os papéis e abro.

A primeira folha tinha dados pessoais como o seu nome completo que é Savannah Andrade, uma fotografia 3x4 um curto histórico escolar, nome dos pais, data de nascimento, por sinal informava que ela faria aniversário dali a pouco mais de um mês, que atualmente tem 17 anos, nacionalidade brasileira, peso e altura.

Na próxima página um resumo das coisas relevantes que aconteceram em sua vida. Diz que ela sofre

de uma doença chamada artrite reumatóide, que perdeu os pais há pouco tempo — agora entendo por que ela ficou daquele jeito quando rasguei a foto — por consequência de uma troca de tiros entre bandidos. Foi despejada de onde morava e que desde então ninguém a viu.

Solto o ar dos pulmões com força e massageio as têmporas.

— Como você pode ver aí, antes de vir, que dizer, de ser trazida pra cá, a Savannah perdeu tudo, porém, não é isso o que eu realmente queria lhe mostrar, e sim, que a garota sofre com problemas de saúde desde de criança. Pelo que está aí ela não pode ficar muito tempo sem acompanhamento médico ou as consequências serão graves. Não entendo muito bem a respeito, entretanto, podemos conversar com Davi e entender melhor.

Suspiro cansado. Por que ela não me contou? Não que tenhamos conversado muito, mas se ela precisa de tratamento, caramba!

— Eu vou ligar pra ele lá no quarto e pode deixar que vou cuidar do Gustavo também. — aviso e deixo o salão cabisbaixo.

— Tenho algumas coisas que encontraram na casa que ela morava. Vou mandar Salan levar lá no quarto. — avisa alto para que eu pudesse ouvir.

Sei que Savannah não confia em mim por causa

daquele dia em que nos conhecemos e eu matei a Lavinia, entretanto, ontem cheguei a cogitar que pudéssemos ter uma relação, afinal, ela se entregou aos meus caprichos, mas talvez ela ainda tenha medo de mim e eu não a culpo, pois, eu mesmo tenho às vezes. Não me arrependo de ter feito tal coisa diante dela porque esse sou eu. Foi nisso que me tornei e eu já não posso e nem quero mudar. Minha mãe costumava dizer que quando você ama aceita os defeitos do parceiro, talvez um dia eu encontre essa mulher.

Droga estou pensando besteira... O fato é que quando fodi aquelas putas em meu apartamento, o rosto, o sorriso tímido, os olhos cor de mel tristonhos e os lábios delineados da minha boneca eram tudo que me vinham à cabeça, e isso está me deixando louco.

Está me tirando o juízo os flashes de recordações que me atingem a cada instante, os gemidos doces e ingênuos a cada pequeno nível que seu prazer aumenta, os ronronados manhosos quando se recuperava. Eu realmente preciso parar com isso, não tenho nada contra me apaixonar, mas essa merda é muito melosa.

Entro no quarto, me sirvo de uma bebida alcoólica qualquer. Telefono para o Davi em seguida.

— Oi, cara! — exclama do outro lado.

— Eu preciso de algumas informações a respeito

de uma doença cujo nome é artrite reumatóide. — vou direto ao assunto.

— Nossa acabei esquecendo de te contar sobre isso, cara. Essa viagem exigiu muito de mim. É por causa da sua noiva, né!? Bom eu não sou especialista no assunto, mas é uma doença que se não tratada, pode levar a deformidades. Mas não se preocupe. Pelo que ela me falou, seus sintomas são leves. Ela precisa ser examinada e acompanhada por um reumatologista.

— Pode me indicar algum? — pergunto.

— Eu deixei o cartão de uma amiga com ela, mas ela veio para o congresso comigo, então não está aí no momento. Entretanto, tem a doutora francesa Mirian Morgan. Vou te enviar o telefone.

— Certo, você vai voltar quando terminar aí ou vai até a Rússia ver seus pais?

— Meu pai me contatou ontem pedindo que fosse até ele o mais rápido possível, porém eu vou sair daqui antecipadamente e vou até aí prestigiar seu casamento antes de ir vê-lo.

— Ótimo! Bom, você deve estar ocupado, então, até mais. — me despeço.

— Até e qualquer coisa pode ligar. E não se preocupe. A médica que estou te indicando é uma das

melhores na área. Sua noiva vai ter uma vida normal depois do tratamento. — diz e desliga.

Beberico meu vinho e escuto batidas na porta. Levanto e vou abri-la.

— Ah é você Salan. — dou espaço pra ele passar.

— Príncipe Horlom me mandou te trazer essas coisas. — levanta uma sacola.

— Ah sim! Me dá aqui. — pego a sacola. — E aproveitando que está aqui, quero que avise aos homens que foi Gustavo Vitrel o mandante do atentado e que se algum deles o vir é para trazê-lo até mim.

— Vou lá na sede agora mesmo. — diz e sai.

Despejo os objetos da sacola na cama. Ali dentro tem um álbum e alguns cadernos. Jogo tudo de volta decidido a dar aquilo à minha boneca, afinal, eu rasguei aquela foto. Agora compreendo seu desespero e o quanto ela era importante. Nada mais justo dar-lhe outras. Levo a sacola até o closet e guardo ali. Vai ser um complemento ao meu presente de casamento.

Regressando ao quarto, vi que Davi tinha me enviado o número da médica. Liguei pra ela indo até a sacada.

— Consultório da Dra Mirian Morgan, com

quem eu falo? — graceja a atendente.

— Príncipe Masalom, quero marcar uma consulta com a médica. — anuncio e a linha fica muda. — Alô?

— Oh por Alá! — a moça sussurra do outro lado. — Alteza você pode...hã... aguardar um instante. — gagueja e eu rolo os olhos. As pessoas me tratam como se eu fosse um extraterrestre.

— Claro. — respondo. — Dra Mirian falando, alteza. — ouço segundos depois.

— Será que sua agenda teria espaço para uma consulta de última hora, doutora? — questiono já sabendo que se não tivesse, ela abriria um.

— Sim, a que horas, alteza?

— Por volta das cinco da tarde está bom para mim.

— Vou estar aguardando Vossa Alteza nesse horário. — concorda rapidamente.

— Certo, até mais. — desligo.

Olho o jardim lá embaixo quando vejo Sarah descer de um carro estranho, correndo como se o mundo tivesse acabado. Espero a Savannah descer, mas isso não acontece.

Franzo o cenho e ando a passos largos lá pra baixo.

Sarah, soluçando entre lágrimas grossas, corre até mim quando me vê e me abraça.

— O que aconteceu, princesa. Cadê a Savannah? — questiono começando a ficar preocupado.

— E-ela... — gagueja e chora mais alto. — Eles p-pegaram e-ela e...

— Eles quem, Sarah? Do que está falando? — digo segurando seu rosto, fitando seus olhos vermelhos pelo choro.

— Não s-sei... uns h-homens mataram o s-segurança e o m-motorista. Eles a levaram. — funga desesperada.

— O que está acontecendo? — meu querido pai desce as escadas. Como se essa droga já não fosse o suficiente, minha boneca foi sequestrada.

Quando falei que meu pai estava bem, era verdade. O velho pareceu renascer das cinzas como uma fênix. Ou era isso, ou sabia fingir como ninguém. Sarah estava agarrada em mim com desespero quando ele mandou um de seus capangas levá-la até a mãe. Agora estamos sozinhos frente à frente.

— Deve ter sido o Gustavo Vitrel. — Olho-o

interrogativo e quando ia perguntar como ele sabia, conclui: — Seu irmão me relatou os fatos há pouco tempo. Você o desafiou e nem um homem da máfia é desafiado sem dar o troco, mesmo que isso o leve à morte. — fala me olhando com aqueles olhos de rapina que tanto odeio. — Te conheço melhor que ninguém. Eu te ajudei a mascarar seus sentimentos e emoções. Percebo que a garota é importante para você pela forma que a olhou em meu quarto quando estiveram lá. Vou ajudá-lo a encontrá-la, ainda hoje. — afirma com uma certeza fora do comum.

Penso em tudo que ele me fez passar, das coisas que me disse, de como me tratava e trata.

— Nunca precisei da sua ajuda e não vai ser agora que vou precisar. — rosno entredentes.

A única ação no semblante dele que muda é a sobancelha erguida.

— Ora, Masalom, não seja orgulhoso. Eu sou seu pai e quando digo que vou ajudar, você deve me agradecer. — responde frívolo sem nenhum músculo fora do lugar, nada de expressão ou falha na voz. — Ligue para seu amigo Davi e peça apoio.

Os olhos sérios dele faria qualquer um pular da ponte se ele assim mandasse, mas eu, eu já estava acostumado a retrucar suas ordens quando estas não tinham cabimento.

— O que Davi pode fazer? Nada. — falo e ele sorri sombrio, mas logo fecha a boca em uma linha fina.

— Nunca me questione, meu filho. — me fita duramente. — Digo isso porque seu amigo será o mais novo chefe da Bravta, a poderosa máfia Russa da qual, este fedelho que raptou sua noiva, faz parte. — É minha vez de rir sem humor algum.

— Davi? Assumir a Bravta? — abro os braços e desdenho fazendo pouco.

Ele bufa impaciente como se falar fosse cansativo e desnecessário.

— Ele mesmo. Seu pai, o Bartolomeu Petcovit, estava deixando o posto nas mãos de seu filho mais velho, Drigoris Petcovit.

Nego com a cabeça.

— Eu conheço a família de Davi. Passei as férias com eles uma vez e o pai dele é um homem bom e íntegro.

Ele põe as mãos unidas por trás das costas e caminha.

— A máfia Russa presa o anonimato já te disse isso. Eles fingem serem pessoas normais, de boa família. Talvez nem mesmo Davi saiba dessa parte da vida do pai e do irmão. Eles também não saem dizendo, Masalom,

pois não querem pôr a família em perigo. — Ele para de andar um instante.

— Então como sabe disso? — pergunto.

Ele me olha rapidamente e volta a andar.

— Nós, os homens a frente dos negócios, prestamos favores quando este beneficia as duas partes, é claro. Também já te disse isso, te expliquei que ter máfias como aliadas é melhor que como inimigas e eu e o Bartolomeu somos amigos. — revela.

Penso um pouco, e, mesmo que Davi fosse ser treinado para assumir a Bravta, isso demoraria.

— Ainda não entendo em que Davi pode ajudar a encontrar a Savannah. — ponho meus pensamentos em palavras.

— Deixe-me explicar, então. Drigoris não aguentou a pressão e surtou. Bartolomeu queria deixar o cargo nas mãos dele por ser seu filho de sangue. Bom sabemos que Davi foi adotado graças à bondade da senhora Petcovit, entretanto, agora Bartolomeu não tem mais a opção de escolha, pois não é louco de pôr um surtado no comando. Segundo ele, o próprio vai treinar Davi e este assumirá a máfia. — meu pai para de falar uns instantes. — Davi não vai te negar a cabeça de Gustavo Vitrel.

— Mesmo que isso seja verdade, Davi ainda não sabe de nada, falei com ele agora há pouc... — ele abana as mãos me fazendo parar e suspira.

— Masalom, você tem seu irmão que é esperto, mas você também precisa entender nas entrelinhas ou será esmagado neste mundo. — me repreende como sempre fez desde que era garoto. — Não ouviu quando disse que a Bravta preza o anonimato? Davi nunca lhe diria se já estiver em treinamento, assim como você não contou toda a verdade a ele sobre a origem de tantos pacientes feridos que ele atende. Davi está entrando nesse mundo agora e não conhece quem faz parte dele. Por acaso seu amigo está no país? — indaga curioso.

— Ele está... Merda. — exclamo lembrando que ele saiu às presas para um congresso que pode não existir. — Não. — respondo ao velho.

Ele abana as mãos como se dissesse “Ufa! Até que enfim você entendeu”.

— Ligue pra ele e nunca mais me questione, garoto. — diz e passa por mim.

Pego o telefone e ligo rapidamente. Preciso encontrar minha boneca antes que aquele fudido a violente e a mate em seguida.

— Oi, cara! A médica não estava disponível? — questiona Davi ofegante do outro lado.

— Não é isso... Davi você está mesmo em uma conferência? — indago rondando.

Se ele ainda não sabe dos planos do pai, eu não quero ser responsável por lhe dizer isso, ainda mais por telefone.

Um pouco de silêncio se segue.

— Sim estou, por que eu mentiria? — responde seguido de uma pergunta. Eu o conheço. Sei que só faz isso quando está nervoso.

Penso muito no que dizer a seguir e decido que vou lhe dizer primeiro que sou um underboss e, assim, ele vai fazer o mesmo em seguida. A famosa lei do vai primeiro que eu te sigo depois.

— Sabe os pacientes que atende? — Indago.

— Sim, mas não estou entendendo onde quer chegar. — reflete. — O que isso tem a ver com a saúde de sua noiva?

— Davi eles não são os homens que cuida da segurança do palácio...

— Ai meu Deus! — exclama gargalhando antes que possa terminar de falar. — Você é homossexual, vai casar com uma mulher e está desesperado, é isso? — questiona sem fôlego uma vez que a cada palavra ele dava uma gargalhada.

— Há, há muito engraçado! De onde diabos tirou isso? Não fui eu quem beijou um travesti porque lhe achou gostosa e pensou ser uma mulher. — relembro e ele para de rir no mesmo instante.

— Cara, não me lembra disso. Eu estava bêbado pra caramba e você sabe. — aponta.

— Sei, mas como estava dizendo, eles não fazem minha segurança ou vieram da guerra. Bem também, mas eles são integrantes da máfia árabe a qual eu sou o underboss. — solto de uma vez e um silêncio palpável se instala.

— Você? — Indaga quase num sussurro de incredulidade.

— Sim. — afirmo.

— Então você deve saber que... — Reflete em supositório.

Caminho até o degrau e me sento.

— Que você vai assumir a Bravta. — completo.
— E é justamente por isso que liguei. Eu preciso de sua ajuda. — falo sem mais rodeios.

— Minha? Por quê? O que aconteceu?

Lembro da minha boneca nos meus braços gemendo e a vontade de acabar com a raça do infeliz do Gustavo aumenta fazendo meu sangue circular

rapidamente.

— Savanah, minha noiva, foi sequestrada por um de seus homens e eu quero a cabeça dele. — declaro e sei que ele vai me ajudar.

— Quem é o maldito? — simples assim, nem uma pergunta, nenhuma hesitação.

Eu e Davi somos amigos desde a faculdade e, mesmo não dizendo isso em voz alta, o considero da família e sei que ele também me vê assim.

— Gustavo Vitrel. — falo.

— Eu vou ver o que posso fazer por aqui. Assim que descobrir alguma coisa te ligo. — Aviso prontamente.

— Vou estar aguardando. — respondo e ambos desligamos.

Coitada da minha boneca. Perdeu os pais, teve sua liberdade arrancada de si, é doente e ainda por cima vai ter que casar comigo. Posso ser ruim, mas vou encontrá-la e, quando nos casarmos, vou protegê-la. Isso eu juro. Levanto como um furacão. Ainda hoje minha boneca estará em casa.

Estava a caminho do centro de treinamento quando meu telefone tocou. Era Davi me dizendo que tinha localizado os dois em Atenas, na Grécia, e que alguns dos seus homens já estavam agindo para ir resgatá-la, mas eu

disse que não era necessário, pois eu mesmo iria buscá-la. Agradei rapidamente e em seguida liguei para o hangar e mandei meu piloto preparar o avião.

Agora nesse instante estava decidindo quem dos meus homens iria comigo. Por mim, iria sozinho. Não tenho medo de nenhum infeliz, mas tenho que ter ao menos um para fazer minha cobertura, afinal, tudo pode acontecer e não se trata apenas de mim. Tem a minha boneca.

Considerando eventuais problemas no resgate, optei pelo Zolioan. O cara é bom com tiro a distância e sabe planejar saídas para qualquer inconveniente num piscar de olhos.

Embarcaremos em trinta minutos, sem mais delongas, era só o tempo de chegar à pista de decolagem.

Seguimos para o carro que estava disponível pra nós.

— Estamos falando de Gustavo Vitrel, chefe? — inquires Zolioan andando lado a lado comigo.

— Sim, por quê? — pergunto abrindo a porta do motorista e ele dá a volta abrindo a do passageiro.

— Por que se esta operação não funcionar, teremos um plano B. — fala e eu olho para o homem barbudo.

Ligo o carro e dou a partida.

— Qual? — questiono curioso.

— Ele tem uma filha adolescente que vive desprotegida no Japão. Podemos sequestrá-la e negociar uma troca, mas isso só se falharmos nessa operação. — explica olhando a janela que só se avista poeira, uma vez que estou cantando pneus.

— É um bom plano, porém nada vai dar errado. Ele está sozinho nessa. — elogio porque, de fato, seria caso não soubesse que Davi ordenou a seus homens que o encontrasse e não que o apoiasse.

— Acha mesmo que a Bravta não está por trás disso? — vira a cabeça pra mim e eu me concentro em chegar logo na pista de voo.

— Tenho certeza. — afirmo e paro o carro, pois já chegamos.

— Se é assim, vamos buscar sua noiva. — sai do carro e eu faço o mesmo.

Embarcamos e decolamos minutos depois. O voo pareceu demorar dias — o que me deixava mais sedento por sangue — mas só pareceu porque ainda naquela noite estávamos desembarcando.

Zolioan dormiu todo o voo enquanto eu só conseguia relembrar da minha boneca, desde o primeiro momento em que a vi no leilão até ontem quando nos

beijamos antes dela sair com minha irmã. Só então lembro que nosso casamento é amanhã e que tenho que achá-la, pois devemos voltar ainda hoje. Avisto o carro que nos espera um pouco distante e sigo até ele com Zolioan no meu encalço.

— Boa noite, chefe. Meu nome é Curip. — o homem musculoso me cumprimenta saindo do automóvel quando nos aproximamos.

— Boa noite. — respondo já entrando no carro. Ele e Zolioan se cumprimentam também e Zolioan dá a volta antes de sentar ao meu lado.

Então Curip arranca com o carro a caminho do endereço que Davi havia me enviado. Ninguém disse nada na hora que se seguiu. Sabíamos que tínhamos uma missão e que toda nossa atenção deveria estar voltada a ela. Logo Curip parou e nós descemos.

— Tem certeza de que é aqui? — questiono olhando em volta e só vejo árvores e mato.

— Sim senhor. A casa fica a dez minutos daqui. Teremos que seguir a pé. — aponta para uma vereda que eu ainda não tinha visto. — Trouxe lanternas. — nos entrega o objeto e fica com uma.

— Vá na frente. — ordeno após ligar a lanterna e clarear o caminho estreito.

Curip obdece e eu e Zolioan o seguimos. A cada passo ouço os galhos e folhas secas estralarem. O vento faz os galhos balançarem e os galhos às vezes nos dá uma chicotada no rosto. Já estava suando de tanto andar àquela altura.

— É ali. — Curip afirma e nós vemos uma casa velha, porém conservada.

— Vamos nos aproximar. — Zolioan diz passando na frente.

— Ele pode estar acompanhado. Devemos bolar um plano. — Curip exclama temeroso.

— Você fica aqui fora e eu e o Zolioan vamos entrar. — informo ao ver que seu medo pode dar em merda. Sabe o ditado que diz melhor só que mal acompanhado? Pois é.

Ele concorda com a cabeça e eu e Zolioan seguimos atentos a qualquer movimento suspeito. Não escutamos nada. Tomamos cuidado para não sermos vistos. Paramos em frente a uma porta de madeira, embaixo de um telhado esburacado por onde passava um pouco de luz da Lua. Zolioan me pede permissão apontando a porta com a cabeça e eu assinto positivamente pra ele abri-la.

Ele abre sem fazer barulho e eu adentro primeiro. Há uma escada gasta no centro da sala. Ao pisar

na madeira, esta rangeu.

Olhei de um lado pro outro e quando menos esperava, um cara surgiu de algum lugar e pulou no meu pescoço por trás. Com o pulmão ardendo por falta de oxigênio, peguei uma faca no condre por baixo da camisa e, colocando meu braço por trás de nós dois, enfiei nas costas dele que grunhiu e me soltou. Virei rapidamente e tirando outra faca arremessei em sua jugular. O homem caiu agonizando.

Sempre adorei ser encurralado. A adrenalina era excitante e eu era bom em autodefesa. Agachei e puxei a faca no seu pescoço antes de virar o corpo inerte de lado para pegar a outra que o tinha atravessado em consequência da queda. Limpei as duas na camisa dele e olhei pra trás procurando Zolioan. Este arremessava um cara na parede e o enforcava com as mãos. Mas logo soltou o corpo do cara.

Segui pela escada que rangia e algumas madeiras cediam. Ouvia os passos de Zolioan me seguindo logo atrás.

Naquele andar tinha várias portas de um lado e várias do outro como se ali fosse uma antiga pensão. Fui abrindo todas sem fazer barulho e quando achei que eles não estavam ali, a última porta me fez ferver de ódio e o animal que há em meu âmago rugiu furioso antes de me

preparar para o ataque.

CAPITULO 11

SAVANAH

Meu corpo inteiro doí, minha garganta está seca, minha cabeça gira e meus olhos ardem pelo tanto que chorei. Não tinha ideia de quanto tempo tinha passado desde que a Sarah e eu tínhamos comprado alguns artigos para decoração da festa de casamento, muito menos quanto tempo passou depois que nós decidimos ir andando a uma outra loja ou quando tempo levou até sermos encurraladas por uns três homens mau encarados, quando passávamos por um beco pouco movimentado.

Lembro que enquanto lutávamos para nos soltar, o motorista veio nos socorrer, assim como, um homem musculoso que nos acompanhava também partiu para nos defender. Ambos foram mortos a sangue frio na nossa frente. Um homem segurava a Sarah que gritava a plenos pulmões por ajuda e chorava ao mesmo tempo. Quanto a mim, fiquei sem reação naquele instante. Era como se eu estivesse num filme do qual eu participava, mas que logo a cena acabaria e alguém viria dizer corta.

Agora aqui nesse quarto escuro, nua e com os pulsos amarrados, eu caí na real e me perguntava o que eles tinham feito com a Sarah e, principalmente, o que

queriam comigo. Será que esta é minha sina? Sempre que a felicidade dá um sinal de vida vem alguém e me sequestra?

E eu que cogitei que esse dia estava sendo perfeito, o mais feliz desde que vi meus pais pela última vez... Sabe quando parece que a linha começa a entrar na agulha e aí vem um vento e pronto, você tem que lutar para conseguir pôr a linha no buraco novamente? Era o que eu estava sentindo, como se a felicidade que habitava em mim e o sentimento de que, enfim, a minha linha estava entrando no lugar que lhe era designado fossem bruscamente levados das minhas mãos.

Estou com sede, também estou com fome, pois a última vez que comi foram as besteiras no baú do quarto de Masalom. Por falar em Masalom, será que ele ainda é um garotinho cumprindo as ordens do pai, mas que ainda tem um coração? Prefiro pensar que sim e que ele vem me tirar daqui, que sou importante o bastante para que isso aconteça, ou que venha apenas porque tenho que casar com ele amanhã, quer dizer, se ainda houver casamento.

A porta rangeu antes de alguém entrar e caminhar até onde estou a passos firmes e audíveis. Sinto meu corpo inteiro arrepiar temeroso. Não me dou o trabalho de erguer o rosto, afinal, esse movimento vai cobrar muito de mim. Um esforço que no momento é pedir muito para as

condições em que me encontro.

Sinto-me vulnerável. Eu estou nua na presença de um desconhecido. Estou fraca e amarrada.

— Ora se não é a brasileira virgem do leilão!
— exclama o homem e eu percebo que aquela voz não é de um desconhecido, e sim, daquele cara asqueroso que me comprou no leilão.

Começo a entrar em pânico. Tudo que penso é que ele vai me matar. Naquele dia ele quase o fez.

Minha sorte foi aqueles homens que invadiram o quarto quando alguém ordenou... Oh Deus! Nunca voltei a recordar tão detalhadamente aquela noite e, por isso, nunca pensei em Masalom como meu herói até agora, mas ele foi. Foi ele quem mandou aqueles homens. Mas também como eu ia agradecer a um assassino? Deus, eu estou tão confusa... Devo estar começando a delirar.

— Bom, virgem já não deve ser mais... —
reflete e eu vejo seus sapatos pretos bem engrachados entrarem no meu campo de visão.

Ele segura meu rosto e levanta minha cabeça. Sinto o pavor me corroer. Sua outra mão tira o cabelo da minha face e eu temo abrir os olhos e constatar que aquilo realmente é real.

— Sabe, eu quero sentir essa boca bem

desenhada contornando minha pica. — engulo em seco ao ouvir as insanidades ditas por este velho tarado.

Ele soltou meu queixo e eu deixei a cabeça cair para o lado. Logo sinto suas mãos frias mexerem nas cordas que estavam me amarrando e, então, eu caio de joelhos cortando-os nas lascas das madeiras velha do piso. Tento levantar para correr, mas é em vão. Minhas pernas não me obedecem e, muito menos, tenho forças para tal ação.

Escuto o som de um zíper ser aberto seguido por um farfalhar e os batiques dos sapatos contra o piso. Ele se aproxima.

— Meu pau está babando só de ver você tão vulnerável e saber que logo vou usufruir do seu corpo como bem entender, mas antes quero que abra a boca pra eu sentir minha pica entrar e sair da sua garganta. — encolho-me, porém logo sou obrigada a voltar à minha antiga posição, pois sou puxada pelos cabelos.

O puxão dói, mas eu pareço anestesiada e, por isso, não grito.

— Vamos! Abra a boca. — ordena. Entretanto, eu não faço e isso parece irritá-lo. — Estava tentando pegar leve, mas você é uma menina desobediente e meninas desobedientes recebem punições. A sua vai ser me receber, enquanto eu prendo sua respiração. — diz

friamente antes de me dar uma bofetada no rosto que me faz cair pra trás. Em seguida, ele me segura pelos cabelos e eu fico suspensa.

Ele prende meu nariz e me força a respirar pela boca. Ao abrir os lábios para respirar, eu tento gritar, quando sinto seu cumprimento preenchê-los. Tenho ânsia de vômito e, ao mesmo tempo, me engasgo tentando fazer um pouco de ar em meus pulmões. O aperto em meu cabelo fica mais forte. O velho começou a entrar e sair da minha boca com fúria. Busco estômago para morder aquela coisa nojenta e com as forças que me sobraram, mordo-o com toda a força do mundo.

— Caralho, inferno, vadia dos diabos, puta desgraçada. — xinga e solta meus cabelos e nariz.

Desabo no chão tossindo.

— Vou te ensinar como deve ser um boquete.

Recebo um chute na barriga e quase perco os sentidos com a dor insuportável que se alastrou por todo meu corpo.

Ele me puxa pelo pescoço e se coloca em minha boca novamente, enquanto me esgana. Sinto as lágrimas descerem sem controle pelo meu rosto no mesmo instante que ouço a porta ser aberta e abruptamente ele é arrancado para fora de minha boca. Não consigo abrir os olhos naquele momento. Só vomitar e vomitar. Escuto um

grito. Quando forço meus olhos a abrirem, vejo Masalom bem ali. Um alívio sem tamanho recai sobre mim naquele instante.

Entretanto, este alívio não dura muito quando olho nos seus olhos. Antes de minha cabeça processar qualquer coisa, vejo Masalom cortar o pênis do homem, seguido das mãos e de seus pés.

— Não... não, não... para pelo amor de Deus para. — grito vendo o sangue do homem escorrer pelo piso. — Para, para... — Meu corpo inteiro está trêmulo. Meu coração bate descompassado. Minha visão turva, enquanto eu dobro meu tronco e vomito sem parar em decorrência daquele odor acobreado de sangue fresco.

Masalom olha pra mim um instante.

— Leve-a daqui, Zolioan. — ordena com a voz comedida, como se não estivesse mutilando um homem, como se aquilo fosse normal e ele estivesse saboreando a tortura de ver aquele homem que ainda agonizava em vida.

Eu sei que ele queria abusar de mim e me matar, mas há uma grande parte de mim que reluta com as atitudes do Masalom. No fundo eu também quero vingar tudo que ele me fez, mas não assim, não lhe matando a sangue frio.

Mãos me erguem me trazendo à realidade.

— Não faz isso... Masalom, não o torture... o mate de uma vez, mas não faz isso. — berro quando alguém me leva dali.

— Ele sabe o que faz moça. — o homem barbudo e musculoso fala.

Ele me ajuda a descer a escada e eu vejo dois corpos jogados no chão da sala. Desvio o olhar para o outro lado. Já não aguentava mais aquilo. Minhas pernas estavam iguais a uma gelatina. Eu já não me importava com minha nudez.

Podia ouvir meu próprio choro e soluços. Saímos para fora e o vento bate em meu rosto e corpo quando um outro homem sai do mato e eu solto um grito.

— Ele é dos nossos. Não precisa se preocupar. — o cara tenta me tranquilizar.

— E o chefe onde está? — indaga o que se aproximava num português pouco compreensível. Talvez falando minha língua apenas para me acalmar.

— Ele já deve estar vindo. — diz o barbudo.

Sem conseguir mais segurar meu peso em pé, eu me solto dele e sento no chão sentindo a pele da minha bunda ser beliscada por gravetos e folhas secas. Não sei quanto tempo demora até Masalom sair da casa e vir até nós, mas sei que os olhos dos homens nunca me olharam

diretamente. Olho para Masalom e não vejo mais resquícios do homem frio e calculista que vi agora há pouco.

— Clareiem o caminho. — Masalom ordena e se agacha para me cobrir com seu terno e me pegar nos braços.

Recosto a cabeça em seu ombro e me permito relaxar sabendo que, por mais que ele seja um assassino, ele nunca me faria mal ou deixaria alguém fazer, afinal, ele veio me salvar.

O caminho era muito estreito, contudo, ele não me colocou no chão. Andou comigo até uma outra estrada bem mais larga e eu pude ver um carro estacionado ali. O homem barbudo abriu a porta e Masalom me colocou sentada no banco antes de afundar ao meu lado e me levar para seu colo.

Não percebi quando o carro começou a se movimentar. Eu só conseguia chorar. Deixei as lágrimas derramarem e escorrerem grossas por minha bochecha. Pode parecer estranho, mas eu me sentia acolhida nos braços de Masalom. Talvez porque, mesmo de uma forma estranha, ele cuida de mim. Ele me livrou duas vezes daquele homem, ele me impediu de cair da escada duas vezes, ele se importou comigo para vir me buscar, mesmo que seja pelo casamento ou simplesmente porque ele...

não sei e não me importa o porquê, fico simplesmente feliz, pois ele veio.

Masalom acaricia meu braço e meu choro aos poucos vai cessando. Por longos minutos, ninguém diz nada e o silêncio me permite lembrar da Sarah.

— Masalom, a S-sarah e-ela... — levanto a cabeça do seu peito e gaguejo com a voz estrangulada.

Ele olha em meu rosto e sorri tranquilo.

— Ela está bem. Não se preocupe. A intenção dele sempre foi você. — diz calmamente.

— P-por quê? O que eu fiz pra ele? — indago.

— Você nada, mas eu o desafiei quando tirei você dos seus braços aquela noite. — fala e eu volto a deitar a cabeça em seu peito.

— Obrigada, Masalom. — murmuro.

— Pelo quê? — questiona aparentemente confuso.

— Por vir, por não deixar ele abusar de mim depois do leilão e aqui, por estar aqui comigo. — explico e passo os braços em seu quadril, abraçando-o.

Masalom não diz nada, apenas continua a acarinhar meu braço. Minutos depois, ficamos em total silêncio. Pude ver pela janela, um avião quando o veículo

parou.

Masalom desce comigo no colo e logo estamos dentro do avião.

Ele me senta numa poltrona, afivela meu cinto, senta-se ao meu lado e fica olhando para a janela. Uma voz anuncia que iremos decolar e eu me agarro ao seu braço fechando os olhos bem apertados. Esse é meu primeiro voo... Ao menos consciente é. Tenho pavor de altura. Acalmo-me quando percebo que Masalom está do meu lado e que o avião decolou sem problemas aparentes. Algum tempo depois, ele desafivela meu cinto e me pega outra vez no colo me levando a um quarto.

Masalom me coloca no centro da cama. Nenhuma vez seu olhar encontra o meu. Ele se apruma e eu seguro seu braço impedindo-o de sair.

— Fica comigo, por favor, eu tenho pavor de altura. — peço.

Ele suspira, no entanto, concorda. Masalom senta no colchão e se recosta na cabeceira da cama. Eu aproveito e deito a cabeça em sua perna. Ele nada diz, mas suas mãos acariciam meus cabelos. O carinho foi deixando minha cabeça pesada e eu acho que estava cochilando quando o ouvi murmurar:

— Eu não sou a porra de um herói, boneca, nunca vou ser. Estou mais pra um monstro. Mas eu vou te

proteger. Isso eu juro. — acabei dormindo, após sentir um beijo em minha testa.

Quando acordei, já estava em outro carro e Masalom o guiava, enquanto eu estava deitada no banco de trás. Faço um pouco de contorcionismo e me sento.

— Oi! — sussurro e ele me olha pelo retrovisor esboçando um sorriso de canto.

Foco na janela vendo que já é dia, quer dizer, quase dia. Olho para Masalom e vejo que ele está olhando atento para o trânsito.

— Eu não preciso de um herói. Eu já gosto de você do jeito que você é. E se nosso casamento ainda for hoje, eu vou me casar com você porque eu quero e porque sei que você vai ser um bom marido. — digo de repente ao lembrar do que ele disse antes de eu dormir. Mordo os lábios e tenho certeza que minhas bochechas estão coradas.

Masalom é um bom homem e qual o problema se ele não é um santo? O importante é que achei alguém que cuide de mim. Eu não o amo e nem poderia, afinal, nos conhecemos a menos de duas semanas. E desde que nos encontramos, eu só vi minha parte da história, só vi minha dor pelas perdas que sofri e preferi ficar com a pior impressão que tive dele. Mas eu sinto que podemos tentar fazer isso dar certo. Essa não é uma decisão

infundada ou impensada. Estou me baseando nos fatos vividos até aqui. Acho que chegou a hora de virar uma mulher de verdade e não continuar a ser uma garota assustada.

Chegou a hora de crescer e encarar a vida de frente, com os seus obstáculos, com suas alegrias e tristezas. Eu vou me permitir arriscar, afinal, a vida nada mais é do que se jogar no escuro e procurar clarear o caminho com a luz da sua alma. A vida nada mais é do que aproveitar ou tirar lições dos momentos que ela nos proporciona.

Ele estacionou o carro em frente ao palácio e coçou a nuca.

Masalom, que agora me olha com o cenho confuso, também já passou por momentos difíceis. Prova disso é aquele diário. Ele pode se ver como um monstro, mas eu vejo que lá no fundo há um garotinho inocente que cresceu e se tornou um homem marcado. No entanto é um homem que carrega qualidades e sentimentos.

— Podemos nos conhecer melhor, tentarmos estabelecer uma relação de amizade e, se um dia ela evoluir para o amor, saberemos o que esperar um do outro e como completar as partes falhas. — completo enquanto nos fitamos.

O telefone dele toca quebrando nosso contato

visual, quando olhamos para o aparelho.

— Oi, Davi... Sim tudo certo... Sim é... Ótimo! Te vejo logo mais. — Masalom desliga e devolve o aparelho ao seu lugar antes de virar pra mim e dizer: — Eu estou de acordo, boneca, nós podemos tentar. — dito isso ele abre a porta do carro e sai para abrir a minha logo em seguida.

Assim que entramos no palácio, Masalom me trouxe para o quarto e avisou que ia ao seu escritório, mas que voltaria logo. Aproveitei que estava sozinha para tomar um banho e me livrar de qualquer indício do que passei na noite passada. Deixei a água levar qualquer sujeira e, quando satisfeita, me sequei, escovei os dentes e saí do banheiro enrolada na toalha com o intuito de achar algo limpo para vestir.

Não esperava que quando saísse, ele já estaria esparramado na cama usando apenas uma cueca box preta. Sinto minhas bochechas arderem. De repente lembro que já compartilhamos muito mais intimidade que isso e que ele já me viu nua algumas vezes, assim como eu também já o vi.

— Posso vestir uma de suas camisas? — Indago plantada no lugar.

Ele senta na cama e põe os pés descalços no chão.

— Poderia, mas suas roupas estão no closet. —
avisa enquanto examina meu corpo embrulhado com a
toalha.

Faço que sim com a cabeça e segurando a toalha
mais apertado para que não caia, atravesso o quarto indo
procurar uma roupa. Estas estavam muito bem organizadas
num espaço só delas. Procurei alguma coisa confortável e
achei um conjunto de lingerie lilás, uma blusa de mangas e
um short de algodão. Me vesti sem pressa, e regressei ao
quarto no exato momento em que Masalom saía do banho
enxugando os cabelos com uma toalha e uma outra
amarrada ao quadril.

Ele sorriu e eu o observei passar por mim.
Ainda é uma novidade ter um homem quase sem roupa
circulando na minha frente. Ele foi até o closet e eu
resolvi me sentar na cama. Estava exausta pela noite em
claro, além de morta de fome. Minha barriga roncava e eu
me sentia fraca.

Não demorou muito para Masalom regressar ao
quarto vestido com uma camisa branca aberta e uma calça
jeans preta grudada a seu corpo modelando suas coxas
bem definidas. Ele caminhou até o meio da cama onde
eu estava meio deitada e sentou de frente pra mim.

Masalom me fita intensamente e eu o olho da
mesma forma. Ontem eu abaixaria a cabeça envergonhada.

Envergonhada eu estou, porém, também estou me esforçando para ser uma pessoa madura. E se vamos nos conhecer, precisamos conversar de igual para igual, sem timidez ou medo por perto.

Ele busca minha mão e a segura. Sinto um pequeno objeto ser colocado sobre ela. Olho para nossas mãos unidas para ver do que se trata, mas como a mão dele está sobre a minha, não consigo distinguir o que é.

— Este era para ser nosso anel de noivado. — diz e eu o ergo o olhar para observar seu rosto. — Mas como você sugeriu para nos conhecermos melhor, quero que o considere como um presente de um amigo. — sua mão livre ergue e pousa em minha bochecha. — Ele e o nosso casamento podem significar o início da nossa amizade ou da nossa história como preferir. — conclui fazendo movimentos circulares em minha pele.

Ele lentamente aproxima nossos rostos me fazendo fechar os olhos, ao ver que sua intenção é me beijar. Masalom apenas pressionou seus lábios nos meus. Eu fiquei com vontade de explorar mais aquele contato, entretanto, ainda não sabia ao certo o que fazer, ao menos não para dominar a situação.

— Me beija. — pedi sentindo minhas bochechas esquentarem.

Masalom deixou o anel em minha mão e a

utilizou para envolver minha cintura e me levar pra seu colo. Minhas pernas ficaram uma de cada lado do seu quadril e eu acabei enrolando minhas mãos em seu pescoço enquanto sentia sua língua quente e habilidosa dentro da minha boca lutando contra a minha. A mão dele que pairava em minha bochecha deslizou por minha pele e junto à outra envolveu meu quadril, não deixando espaço nenhum entre nossos corpos.

Quando ambos ficamos sem fôlego, ele aproveita para dar uma atenção especial ao meu pescoço e nódulo da orelha. Meus pelinhos se eriçam a cada mordida e lambida que sua língua me proporciona. Sinto meu sexo apertar e acabo jogando o pescoço pra trás com os lábios entreabertos. Ele continua a tortura deliciosa na minha pele sensível. Sinto vontade de rebolar em seu colo, porém, não o faço.

No instante em que Masalom ia beijar meus lábios novamente, alguém bate na porta. Ele suspira e eu procuro recuperar minha sanidade mental. Desço de cima dele e volto a sentar no colchão com as pernas trêmulas e a respiração ofegante. Masalom passa as mãos no cabelo, se levanta e vai caminhando até a porta, enquanto fecha os botões da camisa.

Olho num dos meus punhos que estava fechado, o anel delicado. Este tem uma pedra azul no centro que

brilha lindamente. O círculo é constituído por um aro fino. Ponho-o no meu dedo e o admiro com um sorriso bobo.

Quando ergui o rosto, vi aquele senhor que me trouxe pra cá na noite do leilão entrar seguido de um outro homem. Masalom estava logo atrás. Os dois carregavam duas bandejas e as deixaram na mesinha perto da janela. O outro homem me olhou, mas desviou o olhar rapidamente. Eles logo se retiraram quando Masalom agradeceu. Ele trancou a porta e olhou para meu corpo, logo seu semblante fechou.

— Savannah, mesmo que ainda estejamos nos conhecendo, você vai ter que aparentar ser minha esposa. Eu nunca deixaria minha mulher vestir um short tão curto. Não quando outros homens podem ver o que deveria pertencer só a mim. — fala e suspira ao final do discurso. — Eu sei que no Brasil isso é uma bobagem, entretanto, aqui nós temos tradições. Você pode usar o que quiser, mas deixa pra fazer isso quando estivermos só você e eu. — conclui.

Lembro que Sarah me repreendeu pelo mesmo motivo.

— Eu sei, desculpa, não vai mais acontecer. — digo olhando para o outro lado.

— Tudo bem. Eu que deveria ter dito antes. Isso não é uma bronca. Estou apenas te informando para que

não volte a acontecer. — fala. — Mandei preparar algo para comermos antes de irmos nos preparar para o casamento. — explica mudando de assunto e pega uma das bandejas antes de caminhar até onde estou e pôr a bandeja em meu colo.

Ele voltou para pegar a sua. Eu sentia o aroma do prato no meu colo com a boca cheia d'água. Peguei os talheres para comer, porém minhas mãos começaram a doer. Desisti de tentar segurar o garfo. Masalom sentou diante de mim, me olhando com os olhos cerrados.

— Não vai comer? — nego e suspiro.

Acho que deveria dizer a ele sobre minha doença, afinal, eu também quero que me conte tudo sobre ele sem omitir nenhum detalhe.

— Na verdade, minhas mãos estão doendo. — me remexo desconfortável. — Eu tenho artrite reumatóide. — falo de uma vez. — Às vezes minhas mãos doem muito e têm momentos que eu não consigo segurar os objetos, por isso, eu acabei derrubando sua garrafa naquela noite. Não fiz de propósito. — conto, mas ele não tem nenhuma reação aparente.

— Eu soube ontem. Tinha até te marcado uma consulta antes de ficar sabendo que você tinha sido sequestrada. — eu o olho surpresa. — Pedi para Salan dispensar a médica ontem e mandá-la vir até aqui amanhã

à tarde. — declara. — Por que não me contou antes?

Pisco algumas vezes tentando absorver as informações.

— Porque eu... Não sei, talvez por achar que ficaria bravo e me castigaria. Eu realmente não sei. — ele balança a cabeça e coloca seu prato no colchão.

Masalom pega meus talheres abandonados e eu fico observando o que ele pretende fazer. Então ele me surpreende ao cortar um pedaço do bife e colocar diante da minha boca.

— O que pensa que está fazendo? — pergunto alternando a atenção do seu rosto para o garfo.

— Você disse que as mãos estão doendo e eu estou te ajudando a comer, boneca. — explica. — Agora abra a boca. — ordena.

— Eu posso esperar passar e...

— Ora, Savannah, vamos logo com isso. Eu também estou com fome. É só abrir a boca. — ele fica bravo. Ainda hesitante, abri os lábios e permiti que ele me alimentasse como se faz com um bebê. Acabei comendo tudo. Quando terminei, Masalom comeu sua comida, que àquela altura, deveria estar fria.

Deitei porque precisava que a dor passasse antes do casamento. Sei que deitar nada resolveria, mas

um pouco de descanso físico e emocional talvez fizesse com que abrandasse a dor. Aconchego-me nos cobertores macios e vejo Masalom sair com as bandejas.

Não sei quanto tempo passou até eu ouvir sua voz dizer:

— Não dorme, boneca, a minha irmã deve vir daqui a pouco te ajudar a se arrumar. Não sabe o quanto foi difícil contê-la para que não invadisse o quarto. Você vai poder descansar o quanto quiser depois da cerimônia.

Bocejo e me espreguiço antes de sentar meio grogue de sono. Masalom me deu um até logo e saiu novamente. Logo Sarah entrou como um furacão e se jogou por cima de mim, me abraçando apertado.

— Fiquei com tanto medo, Savannah. — anuncia de olhos marejados.

— Eu também, Sarah, mas já passou. O importante é que estamos bem.

— Verdade, bom... — respira fundo e seca as lágrimas. — Masalom acabou de me entregar seu vestido. Decidi que você vai se arrumar lá em meu quarto, por isso, vim te buscar.

Antes de acompanhar a Sarah, vesti uma saia longa no lugar do short, só então, nós fomos até seu quarto. O espaço da Sarah eu ainda não conhecia. É a cara

dela! Todo cheio de informações, retratos, paredes coloridas e cheio de pôsteres de revistas de moda. Também havia uma verdadeira comitiva me esperando ali contrastando com a bagunça organizada do lugar.

Precisei tomar outro banho, ou melhor me obrigaram, mas dessa vez completo foi com direito a depilação e banheira. Quando terminei duas mulheres se encarregaram das minhas unhas; uma ficou com os pés e a outra com as mãos que por sinal já não estava doendo. Uma outra garota arrumou o meu cabelo e colocou o véu enquanto outra, fazia minha maquiagem. E a Sarah somente palpitava.

Por fim, coloquei o vestido que Masalom me enviou. Não era nada extravagante, mas era lindo. As mulheres foram embora quando terminaram de me arrumar. Assim ficamos apenas nós duas.

— Linda, perfeita, magnífica! — exclama Sarah batendo palmas.

— Obrigada. — murmuro.

— Está quase na hora. — revela consultando um pequeno relógio num móvel ao lado de sua cama.

— Sim. — concordo com um suspiro nervoso.

Sarah caminha até a janela e observa lá embaixo.

— Quem será aquela moça com o Horlom? —
indaga a si mesma. — Davi... — ouço ela murmurar
sonhadora.

— Você realmente o ama, não é? — pergunto me
admirando no espelho.

— Quem? — indaga voltado sua atenção pra
mim.

— O Davi. — respondo.

Ela respire fundo e vai até a cama onde se senta.

— Quando eu era criança, ficava observando ele
conversar com meus irmãos. Prestava atenção no seu
sorriso, na forma como seus olhos refletiam, nas atitudes.
Ele usava óculos, sabe? Eu amava o artefato. Achava
lindo quando eles escorregavam pelo seu nariz e ele os
erguia com o dedo indicador. — divaga com o olhar
sonhador. — Mas ele nunca me olhou, entende? Não da
forma que eu queria e ainda quero que ele faça. Davi me
vê como a irmã mais nova e gentil dos seus amigos. —
seus olhos brilham pelas lágrimas não derramadas. —
Quando ele está perto, eu fico afoita, meu peito se enche
de alegria, minhas mãos suam, minha cabeça parece fora
de foco... Então, por tudo isso, eu acho que sim, eu o amo.
— ergue o olhar me fitando.

— Já tentou falar com ele? Dizer tudo o que
acaba de me contar? — questiono e ela nega.

— Pra quê, Savannah? Você viu como ele é bonito? Sem contar que têm mulheres lindas brigando pela atenção dele. Também tem minha mãe. Ela não me permite tirar essa roupa e daqui a algum tempo meu pai vai me arranjar um marido. Mesmo que me vestisse como você ou as mulheres que ele namora, ainda não sei se estaria a altura dele. — declara limpando as lágrimas e se levanta.

— Claro que estaria, Sarah. Você é linda. — trato de rebater estas considerações errôneas. — A beleza física um dia acaba, entretanto, só a do nosso interior permanece. Não conheci nenhuma pessoa com quem o Davi se relacionou, mas tenho certeza que nenhuma é tão ou mais bondosa e generosa como você. E é isso que conta.

Ela caminha até a porta e abre.

— Obrigada, mas vamos deixar minha vida pra lá. Hoje é seu casamento. Em poucos minutos você será minha cunhada. Eu nem acredito que Masalom vai casar. — sorri mudando de assunto.

Enquanto ela me ajudava com o vestido, tentei voltar à nossa conversa, mas foi em vão, pois ela sempre se esquivava. Parei de tentar quando ela me disse que estávamos chegando ao local da cerimônia. Eu estanquei no lugar, não porque estávamos perto, e sim, pelo que vi. A garota que foi leiloada comigo naquela noite andava

apressada como se estivesse fugindo de algo ou alguém.

— Savannah, o que aconteceu? Parece que viu um fantasma. — pergunta Sarah. A garota loura nos vê.

Só então percebo que ela chorava. Eu precisava falar com ela. Algo me fez querer ajudá-la.

— Sarah, eu esqueci... hum... meu... bom eu esqueci algo importante no quarto. Eu preciso ir pegar. — dou uma desculpa esfarrapada.

Seguro a barra do vestido e o véu.

— Savannah, você ao menos sabe onde é o quarto?! — grita quando eu já saía apressada atrás da menina.

— Sei. — grito em resposta.

Vejo a loura procurando pra onde ir no outro corredor.

— Ei, espera! — grito, mas ela corre. — Espera, por favor, eu só quero te ajudar. — Quando digo isso, ela me olha vencida e cai no chão de joelhos com a mão no rosto.

Corro até ela à medida que meu vestido me permite e escuto seu choro cada vez mais alto.

— Você está bem? — pergunto enquanto me agacho diante dela. Nem sei se ela fala português, mas eu

me vi nela e quero ajudá-la de alguma forma.

— Não eu quero minha vida de volta, m-mas, eu o amo. Eu não sei o que f-fazer, não sei por que o amo, afinal, ele é d-dono daquele l-lugar, mas eu amo. — gagueja com um português de sotaque mais forte entre fungadas angustiadas.

— Ele quem? — indago enquanto tiro os cachos louros de seu rosto.

— Horlom. — sussurra. — V-você também estava lá não? No leilão, quero dizer.

Olha-me esperançosa.

— Sim, olha, eu não sei o que pretendia fazer porém, eu só quero te dizer que eles não são tão ruins quanto parecem. Eu mesma vou me casar com o irmão do Horlom. Eu vou estar aqui se você precisar de mim. — falo a primeira coisa que me vem à cabeça e ela concorda.

— Aí está você, Brena! Estava te procurando há horas. — diz Horlom que nos observava não sei há quanto tempo. — Pode deixar que eu cuido dela, Savannah. Meu irmão está te esperando e acho que já está bastante atrasada.

Concordo com a cabeça e lembro da angústia que passei naquele clube. Lembro-me, também, da Eliza.

— Eu vou te ajudar. E se você souber quem é a Elisa, diga que eu vou tirá-la de lá também. — sussurro para garota antes de levantar e seguir pelo corredor.

Não sei como, mas eu ia ajudá-las. Eu precisava fazer.

Encontrei Sarah parada no mesmo lugar que deixei, afinal, não tinha me distanciado muito e soube exatamente como voltar. Ela parecia impaciente.

— Até que enfim. Eu vou descer e você desce em seguida. É só dobrar aquele corredor, tudo bem? — fala atropeladamente.

— Certo. — concordo agora nervosa.

Sarah desce as escadas e desaparece no corredor. Esperei uns três minutos e desci para aquele que seria meu casamento.

CAPITULO 12

MASALOM

Nunca imaginei este momento, o instante em que estaria esperando aquela que será minha esposa. Minha boneca havia me surpreendido mostrando maturidade quando me propôs para nos conhecermos melhor e basear nossa relação numa amizade que poderia a vir se tornar amor.

Davi tinha acabado de chegar, ainda não tivemos a oportunidade de conversar e nem sabia se teríamos, ao menos, não hoje. Meu querido pai também já estava sentado numa das primeiras mesas que foram postas para as poucas pessoas que assistiriam a cerimônia. Horlom, para minha surpresa, chegou acompanhado de uma garota loura e logo sumiu por um longo tempo. Já estava impaciente, pois nem minha irmã nem a Savannah deram sinal de vida e já estou há um bom tempo esperando.

O dia de ontem foi estressante e meu corpo pede por descanso. Já havia pedido ao profeta para não prolongar as coisas, ou seja, disse para ele falar somente o necessário.

Sarah, enfim, aparece vestida na sua tradicional

roupa preta, mas nada de Savannah.

Passei as mãos no tecido do tobe, que é a vestimenta branca que usava e, em seguida, ajustei o keffiyeh na cabeça. A veste é típica do povo árabe, porém já um pouco desagradável ao meu costume de usar terno. O fato é que nesse meio tempo as conversas paralelas cessaram. Ergui a cabeça e tenho certeza de que meus olhos demonstraram o quanto fiquei abobalhado com a beleza da minha boneca.

O vestido que escolhi para a ocasião lhe caiu perfeitamente bem. A roupa não possuía decote e as mangas longas cobriam seus braços, mas em compensação, havia muitos detalhes em pedras. O rosto dela que está moldado por um véu se encontra corado, porém percebo que minha boneca está tentando não dar importância à atenção que as poucas pessoas ali desferem a ela.

Faltando alguns poucos metros para ela me alcançar, vou ao seu encontro. Savannah sorri nervosa e eu pego sua mão. Juntos alcançamos nosso lugar diante do profeta e das testemunhas. Pedi sua mão a um homem influente que meu pai encontrou, já que o pai dela não poderia estar ali. Ofereci-lhe joias e paguei o dote antes de, enfim, trocarmos as alianças e ambos assinarmos o contrato que passaria a nos definir como marido e mulher.

No dia seguinte ao pedido oficial, não vi a Savannah, pois ela estava no seu dia de noiva, reunida com as mulheres em um salão. Já eu estava junto com outros homens conversando enquanto bebíamos chá e era parabenizado pela união.

No terceiro dia, enfim, me encontrei com a minha esposa. Repetimos a troca de alianças e fizemos algumas juras.

Logo os convidados que, praticamente só eram a família, nos deram os parabéns.

Savannah só sorria forçadamente e respondia com cordialidade as indagações a ela dirigidas.

— Masalom eu não aguento mais ficar de pé. — minha boneca sussurra quando o último casal que nos felicitava seguiu de volta para mesa em que estavam.

Olho pra ela que faz careta mordendo os lábios.

— Só mais uns minutos, boneca. Vou dar um jeito de sairmos logo. — respondo e ela concorda com a cabeça não muito animada. — Precisamos ficar um pouco na festa. — falo. — Vem, vamos nos sentar e logo nós saímos. — completo enquanto levo-lhe pela mão até a mesa mais próxima.

Já na mesa onde Horlom e a Sarah estavam discutindo as bobagens deles como sempre fazem. Puxei a

cadeira pra Savannah. Ao lado estava a garota tristonha que fitava a toalha da mesa, como se aquilo fosse a coisa mais intrigante da face da terra.

— Tenho dois irmãos idiotas. — reclama a Sarah.

— Ei, mocinha! — repreendo-a.

— Ei o quê? Você me disse que tinha uma noiva uma semana atrás. Agora Horlom traz essa menina e nem quer me dizer quem ela é. — bufa indignada.

A garota loura olha pra ela assustada.

— Sarah, você está assustando a garota. — digo me sentando do outro lado da minha boneca.

Ela revira os olhos.

— Qual seu nome? — pergunta Sarah para a menina, que fica toda constrangida.

— Brena. — murmura e morde os lábios olhando pra Horlom, como se esperasse uma bronca por ter aberto a boca para dizer seu nome.

— Então, Brena, você e meu irmão são o quê? — Sarah volta a perguntar.

— Ora, princesa, deixe a Brena em paz já disse! — rosna Horlom levantando. — Vamos embora, Brena. — a menina arregala os olhos, mas levanta trôpega.

Savanah me olha e pergunta em seguida:

— Vai deixar seu irmão tratá-la assim?

Dou de ombros e beberico meu chá tranquilamente. Horlom teria que me explicar o que está acontecendo depois, mas, por enquanto, não posso fazer nada.

Savanah morde os lábios ao ver minha resposta.

— Ela não vai a lugar nenhum. — Savanah puxa o braço da tal Brena fuzilando meu irmão.

— É isso aí. — apoia Sarah. — Se não quer me dizer qual a relação de vocês tudo bem, porém, não vai tratar a menina dessa forma. Nós sempre discutimos por bobagens, mas a Brena não tem nada a ver com isso. Se quiser ir, vá sozinho porque ela fica, a menos que seja a vontade dela ir contigo. — Sarah levanta e enfrenta Horlom.

— Agora chega! Alá! Quando vão crescer? — exclamo. — Horlom, se trouxe uma garota devia saber que daria explicação. Sentem-se os dois. — coloco a xícara sobre a mesa com um baque surdo de saco cheio dessa merda.

Todos me encaram de olhos arregalados, surpresos pela minha explosão repentina.

— Mas...

— Eu falei pra sentar! — exclamo exaltado.

Sarah senta com os braços cruzados. Horlom dá a volta na mesa e pega a menina pelo braço.

— Eu falei pra sentar Horlom. — digo e ele me olha feio.

— Só que eu não sou seu filho para lhe obedecer. — retruca.

Levanto e arranco a menina das mãos dele. Puxo a cadeira e faço-a se sentar. Naquela altura, a tal Brena começa a chorar.

— Não percebe o show desnecessário que está fazendo? — questiono. — Ela fica. — digo por fim.

— Tudo bem. — concorda contrariado e sai como um raio em direção à saída.

Voltei a sentar fazendo uma nota mental de ter uma conversa daquelas com meu irmão. Savannah e a Sarah consolavam a menina que chorava nem sei porquê. Prefери ficar na minha e deixá-las se resolverem. Momentos depois, vejo Davi caminhar até onde estamos.

— A comemoração está animada! Posso me sentar? — fala quando nos alcança e eu assinto.

— Então sobre aquele assunto foi tudo bem? — pergunta bebericando sua bebida, enquanto olhava as três mulheres à mesa com curiosidade.

— Sim, o problema em questão foi para o espaço. — respondo e ele ri.

— Como está se adaptando à nova rotina? —
questiono em código na verdade quero saber como está
levando essa de assumir a Bravta.

— Não estou me adaptando, mas, não é algo que
se possa escolher.

Concordo com a cabeça olhando a minha
boneca. Sarah percebe o Davi ali e se apruma na cadeira.

— Oi, Davi! — cumprimenta.

— Oi, Sarah! Tudo bem?

— Tudo! E com você?

Fico sem saber como essa conversa pode se
tornar mais chata.

— Davi, eu vou levar minha esposa pra longe
daqui, se é que me entende. Depois nos falamos. —
explico levantando. — Sarah, se perguntarem por nós,
invente uma desculpa qualquer. — concluo. Savannah que,
até então, falava com a Brena ergue o olhar pra mim. —
Vamos? — indago e vejo ela hesitar olhando para menina
ao seu lado.

— Não podemos deixá-la sozinha.

— Ela não está sozinha, boneca, está com o

Davi e a Sarah. — retruco.

Horlom volta com a Hivina em seu encalço. Ela, com a mão em sua cintura, e ele, abraçando seu pescoço.

— Vamos, Brena. Vou te levar de volta. — diz. Olho a moça e percebo decepção, raiva, indignação, dor e ciúmes transbordarem por seus poros.

Ela se levanta de cabeça baixa e concorda. Horlom cumprimenta Davi e sai na frente agarrando a Lavinia. A pobre da moça vai lhe seguindo com a cabeça praticamente afundada no chão.

— Vamos, Savanah. — chamo voltando minha atenção pra ela que me olhava com raiva aparente. Ela levanta parando ao meu lado.

Acomodei minha mão aberta em suas costas e a guiei pelos corredores em silêncio até a saída do palácio.

— Aonde vamos? Achei que ficaríamos no palácio. — articula confusa.

Não vamos passar a noite no palácio. Vou tentar fazê-la minha e quero privacidade, por isso decidi levá-la até minha casa.

— Vamos passar a noite na minha casa. — anuncio.

O meu carro já estava estacionado ali como havia pedido, mas acabei me lembrando das fotos que

ficaram no meu quarto e queria dar para a Savannah.

— Boneca, eu esqueci algo no quarto. —
informo. — Fica aqui, enquanto eu vou pegar rapidinho.

Savannah balança a cabeça em concordância e
senta no degrau. Caminhei até o quarto rapidamente e
busquei as coisas que Horlom mandou Salan me entregar,
afinal, tudo ali pertencia à Savannah.

Quando regressei, ela estava sentada no mesmo
lugar onde tinha lhe deixado.

— Pronto, podemos ir. — digo e ela se levanta.

Abri a porta do carro pra ela e dei a volta para
assumir o volante. Savannah ainda parecia brava.

— Por que essa cara, boneca? — pergunto
enquanto dou a partida.

— Acha certo a forma como seu irmão tratou a
Brena? — questiona deixando de observar a janela para
me fitar.

— O que queria que eu fizesse? — desvio o
olhar da estrada e a olho rapidamente. — Vou falar com
ele depois, mas, como ele mesmo disse, ele é maior de
idade e eu não sou seu pai.

Digo-lhe e ela fica em silêncio.

— Você tem razão. — concorda momentos

depois, enquanto deita a cabeça no estofado do banco.

A casa para onde estávamos indo é um pouco afastada da civilização, por isso, levaria aproximadamente umas duas horas para chegarmos.

— Qual sua idade, Masalom? — pergunta, de repente, de olhos fechados.

— Vinte e nove. — respondo. — Você é um pouco mais de onze anos mais jovem. — comento olhando-a de relance. Percebo ela abrir os olhos.

— Como você sabe minha idade, se eu nunca lhe disse?

— Porque eu sei. — respondo evasivo e esta me encara desconfiada.

— Me conta mais sobre você. Se vamos tentar ser amigos, preciso saber quem é de verdade.

Olho pra ela pouco à vontade.

— O que quer que eu fale?

— O que achar que deve. — fala sentando de lado no banco.

— Bom, eu...

— Você o quê? — ri descontraída.

— Eu realmente não sei por onde começar. — confesso olhando-a.

— Certo. Eu vou perguntar e você responde, pode ser? — sugere e eu assinto. — O que você gosta de fazer? Para se divertir, quero dizer.

— Sexo!?! — Pergunto e afirmo ao mesmo tempo.

Savanah limpa a garganta e volta o rosto pra janela.

— Sexo pra você é diversão? — questiona baixinho.

— Não exatamente uma diversão, mas ajuda a me distrair. Só estou sendo sincero, boneca. Esse negócio de relacionamento pra mim é novo, porém, quero que me veja como sou, sem meias verdades.

Savanah assente.

— E você o que fazia pra se divertir?

— Eu gosto de cozinhar, mas nem sempre tive muitas opções. Cozinhava para meus pais quando era possível. — fala e eu vejo um sorriso sonhador brincar em seus lábios.

— Você vai poder cozinhar pra mim agora. — digo e procuro sua mão em seu colo.

Vejo uma lágrima deslizar pelo seu rosto.

— Prometi que não choraria mais, entretanto,

essa dor é muito grande. Eles se foram pra sempre sabe? Eu nunca mais vou vê-los. Não me resta mais nada além de lembranças. — limpa o rosto. — Desculpa é que eu não aguento mais carregar essa dor sozinha. Eu precisava falar.

— Eu te entendo. Também sinto falta da minha mãe, mas agora eu vou cuidar de você, boneca. — diminuo a velocidade do carro e puxo sua cintura pra mim.

Coloco a Savannah em meu colo e ela afunda o rosto em meu pescoço. Dirijo com ela ali, aninhada em mim e... Porra, se isso não é bom pra caramba!

— Me conta sobre eles. — peço.

— Você... sério? — questiona e me olha com os olhos brilhando.

— Sim, sério. — afirmo.

Minha boneca sorri e começa a relatar:

— Eles eram lindos! Os melhores pais do mundo! Minha mãe era tão carinhosa! Os dois eram. Eles sempre me mostravam como eles se amavam e o quanto me amavam. Trabalhavam dia e noite para me proporcionar uma boa vida e... Pagar meus remédios... Sonhei tanto com o dia em que poderia dar a eles tudo que eles mereciam, mas aí do nada vem um bandido qualquer

e os leva de mim. Sinto tanta falta deles... — dirigia ouvindo ela falar dos seus entes queridos e sentia que sua voz ia baixando a cada palavra, então, sei que ela acabou dormindo.

As luzes dos postes clareavam seus cabelos. Isso lhes dava um colorido engraçado. Acabei me distraíndo entre a rodovia e eles. Rapidamente chegamos na casa.

— Acorda, boneca, nós já chegamos. — acaricio sua bochecha com as costas das mãos. Seus cílios, que faziam sombra em suas maçãs rosadas, tremulam e vão abrindo devagarinho. — Nós chegamos. — volto a informar.

Ela assente e ronrona se alongando antes de descer de cima de mim e sentar no banco do carona.

Saio do carro e dou a volta para abrir a porta dela, mas vejo que Savannah dorme novamente.

Peguei-a nos braços e levei-a pra dentro, afinal, era compreensível sua exaustão. Eu mesmo quase não me segurava em pé. Abri e fechei a porta. Em seguida, subi as escadas e a coloquei na cama.

CAPITULO 13

SAVANAH

Não estava no banco do carro quando acordei, e sim, sobre um colchão macio. Já era noite, se bem que, quando Masalom me tirou da festa, já era noite. E por falar nele, posso sentir sua respiração calma contra minha nuca. Sua mão estava no meio das minhas pernas, segurando minha vagina com possessão. Talvez por isso senti meu sexo e calcinha encharcados.

Virei devagarinho nos seus braços para não acordá-lo.

Masalom dormia tranquilamente. A luz da lua que atravessava a janela permitia que eu apreciasse as linhas de expressão relaxadas, os lábios fechados, os cílios espessos que formavam uma sombra perfeita... Ele é tão bonito... Pensativa e instigada, ergo minha mão e traço seus lábios com o polegar. Em seguida escovo sua bochecha sentindo a barba que nascia ali arranhar meus dedos. Masalom acorda de repente e, em um gesto rápido, segura minha mão torcendo-a, enquanto salta da cama, antes de apontar-me uma faca que nem sei de onde havia tirado.

Arregalo os olhos com a respiração presa pelo

susto que tomei, pois, a faca estava apontada para meu rosto.

Masalom suspira e abaixa a arma pontiaguda.

— Droga, boneca, eu quase quebro sua mão. — diz e senta na cama massageando meu pulso.

Permito soltar a respiração que segurava até aquele instante, fitando-lhe. Um silêncio desconfortável se estabelece por alguns instantes. Masalom guardou a faca embaixo da cama sob meu olhar esbugalhado.

— Você é muito inocente para se casar com alguém como eu, mas eu sou muito possessivo pra deixar você ir. — fala momentos depois ainda avaliando meu pulso que sua mão massageava.

— Por que diz isso? — murmuro afastando as cobertas e sento também cobrindo meus seios com os lençóis.

Ele continua acariciando meu pulso e eu o puxo, usando a mão para erguer seu rosto.

— Você deveria fugir. — exclama pensativo.

Nego com a cabeça veementemente.

— Não, eu não devo. Masalom você disse agora há pouco que cuidaria de mim e eu acreditei em você. Também concordamos em fazer essa relação dar certo.

— Talvez você confie muito em mim. — ele passou o dedo sobre a minha espinha e enviou uma nova onda de formigamento em direção ao meu núcleo.

Encaro seus olhos.

— Meu pai uma vez me disse para não correr dos monstros, porque eles me perseguirão e que era para eu enfrentá-los e tentar amansar a fera.

O esboço de um sorriso cruzou seu rosto.

No fundo, uma parte primordial de mim não poderia imaginar estar com alguém que não fosse um macho-alfa como Masalom. Eu tinha necessidade de ter alguém que me protegesse, por mais que ele seja assim tão armado como um soldado, pronto pra guerra, por mais que tenhamos nos conhecido num momento ruim, por mais que eu queira ir devagar.

Não sei o que deu em mim, entretanto, eu o abracei pelo pescoço e subi em suas pernas ficando com uma em cada lado do seu quadril. Senti uma pressão contra minha vagina e tenho certeza que corei de vergonha, quando nossos olhares se cruzaram.

— Como pode ser tão linda? — Fala sorrindo de lado e afagando meu queixo antes de me beijar. Passei meus braços em torno dele e as palmas das mãos descansaram em suas costas.

Masalom mexeu os quadris e a pressão aumentou. Sua língua entrou no fundo da minha boca. Suas mãos traçavam caminho nas minhas costas desnudas e, vez ou outra, encontravam a lateral da minha calcinha. Ele acariciava a pele por baixo dela. As minhas mãos arranhavam suas costas. Cada vez mais meu baixo ventre se contraía numa dor gostosa. Nossas bocas se devoravam com avidez. Estávamos famintos um pelo outro. Ele mordeu meu queixo e eu deixei um gemido escapulir.

Ele inverteu as posições e deixou meu corpo cair contra o colchão, me olhando com os olhos escuros de desejo e fome evidentes. Masalom me observou minuciosamente antes de apertar com as duas mãos meus seios juntos. Entreabri os lábios e me ergui de encontro ao afago.

Ele grunhe antes de deitar por cima de mim e devorar minha boca. Seu peito quente contra o meu me leva à loucura. Criei coragem e descí minhas mãos até sua bunda redonda. Isto fez Masalom se apertar contra mim. Sua boca abandonou a minha para morder o nódulo da minha orelha deixando sua respiração enviar um formigamento ainda maior para minha vagina. Foi minha vez de rebolar contra sua protuberância em busca de alívio.

— Gostosa. — sussurra em meu ouvido.

Beijos molhados deslizam pelo meu pescoço e eu fecho os olhos tentando controlar a respiração acelerada. Nesse meio tempo senti o fôlego quente de Masalom bem próximo ao meu seio direito. A pontinha de sua língua rondou o bico franzido e eu não evitei o gritinho que teimava em ecoar.

— Aaah. — gemi pois aquilo era tão bom.

— Isso, boneca, se entrega quero ouvir seu prazer. — exclama antes de abocanhar meu mamilo completamente, enquanto afaga e belisca o outro entre os dedos. Rolo meus olhos em êxtase e aperto minhas pernas em torno de sua cintura.

Masalom suga a carne macia, morde o bico, numa tortura contínua. Ele dá a mesma atenção ao outro, porém sem pressa nenhuma. Parece se deliciar com meus peitos, enquanto eu gemia. Remexia-me e grunhia com a quantidade de sensações que me atingiam. Ele regressou ao meu pescoço beijando a carne sensível antes de me beijar a boca novamente. Correspondi com loucura puxando seus cabelos.

Masalom tirou minhas pernas de seus quadris e, me fitando, abriu-as. Ele deu um beijo em meu púbis por cima da calcinha e a tirou do meio com os dentes.

— Oh, Deus! — arfo baixinho quando ele passa a língua nos meus lábios vaginais. Minha cabeça caiu

contra os travesseiros e em minha boca pairava um perfeito "o" que se fez presente antes que eu conseguisse prender os lábios entre os dentes.

A língua dele pincelava minhas dobras e minhas pernas tremulavam. Chegou um ponto em que o calor ali estava em erupção e eu precisava deixar as lavas escaparem. O problema é que elas, com a ajuda de Masalom — que sempre parava para morder meus lábios vaginais diminuindo, assim, a carícia e prorrogando meu tormento — me impediam de explodir em lavas de fogo. Rebolei em seu rosto sem pudor enquanto puxava uma hora os lençóis e, em outra, seus cabelos.

— Masalom... — chamo seu nome quando meu corpo reseta. Meus ouvidos tapam e meu coração para por um segundo, antes do meu corpo cair contra o colchão numa inválida massa trêmula.

— Goza, boneca, se derrama pra mim. Quero sentir seu gosto. — diz enfiando a língua em mim.

Ele continua chupando meu broto sensível suavemente, enviando vez ou outra resquísios do que foi a explosão. Masalom beija a parte interna das minhas coxas e põe o dedo em mim, mexendo-o para dentro e pra fora lentamente.

Ele prende minhas mãos sobre minha cabeça erguendo seu tronco sobre mim.

— Seu gosto é incrível. — expressa antes de puxar meu lábio inferior com a mão livre e colocar o seu dedo que estava em mim, dentro da minha boca. — Prova seu sabor, boneca. — circulo seu dedo com a boca, mesmo sem saber porquê, porém o gesto parece fazê-lo perder o juízo, porque ele os arranca dali e afunda a língua em minha garganta.

Sentia-me vulnerável com as mãos presas, no entanto, aquilo era bom. A batalha excitante e faminta que era o nosso beijo, fez a dorzinha gostosa voltar ainda mais forte e intensa.

O corpo de Masalom estava em cima do meu e minhas pernas entre as deles. Podia sentir o seu membro pertinho da minha vagina. Aquilo me deixava mais sedenta. A mão dele afagava meus seios antes de descer pela minha barriga numa carícia suave. Em seguida chegaram em minhas dobras molhadas. Ele esfrega meu ponto já sensível, meu corpo serpenteia de acordo com a intensidade que ele aplica no toque.

— Masalom. — sussurro seu nome ofegante.

— Você está pronta pra mim, boneca, completamente à minha mercê. Receptiva a me receber. Você só precisa me dizer que quer. — declara beijando minha garganta, sugando o nódulo de minha orelha e afagando meu centro.

Minha garganta estava seca. Minha linha de raciocínio parecia retardada. Custava muito para entender que Masalom estava me dando a escolha de decidir se eu queria ou não que ele me tornasse mulher. E esse simples gesto fez qualquer medo, dúvida e hesitação se dissiparem.

— Eu quero... — arfei e fiquei frustrada quando seu toque cessou.

Masalom me olhou com aqueles olhos lindos e nebulosos. Soltei minhas mãos da sua e acariciei seu rosto.

— Eu quero você... — repeti e isso parece ter sido o suficiente para que ele voltasse a me beijar.

Percebi quando Masalom mudou o ângulo do seu quadril e se ajustou ao lugar onde sua língua e dedo tinham estado. Congelei. Eu realmente queria, mas, naquele instante, o receio regressou com força total.

— Vai doer? — questionei com os olhos apertados no mesmo instante em que me aguarrei a ele e enterrei meu rosto na curvatura de seu pescoço.

Masalom parou o que tentava fazer.

— Vai, não vou dizer que não, boneca. — falou com a voz rouca.

Tiro o rosto da sua pele suave para lhe fitar.

Masalom estreitou os olhos e se remexeu fazendo-me virar estátua outra vez quando senti seu pênis na minha entrada

— Eu... — me vi quase desistindo e Masalom deve ter visto isso em meus olhos porque se ergueu e caiu deitado ao meu lado me deixando aflita. — Desculpa, por favor, eu só fiquei com medo. Continua, por favor... — peço envergonhada por ser tão boba e assustada justamente aquilo que prometi que não seria. Masalom me interrompe com um olhar bravo.

— Não tem nada que se desculpar, Savannah. Eu vou ficar bem. Você ainda não confia em mim e isso é compreensível. Dias atrás você nem sequer falava comigo. Você me vê como um assassino e é isso que sou. Aliás, você... — é minha vez de cortá-lo.

— Eu falei que quero, Masalom. Eu só fiquei com medo quando me disse que doeria. — olho no fundo dos seus olhos. — Eu disse que íamos estabelecer uma relação do zero, que queria te conhecer e isso é o mesmo que dizer que vou esquecer essa sua parte desumana, pois sei que tem muito mais de que um monstro dentro de você. Já percebi que aí jaz um homem carinhoso pela forma como você me beija ou pela forma que cuidou de mim naquele dia ao me resgatar.

Ele me olhava atento e eu continuei agora mais

calma.

— Um homem que valoriza a família e isso é comprovado pela maneira que trata seus irmãos. — suspirei cansada pelo discurso sem pausas. — Mas se quer realmente me deixar mais à vontade, basta me deixar ciente do que vai fazer. Preciso saber para me preparar com antecipação. Não sei nada disso e preciso que me guie... Eu quero ser sua. Quero me entregar a você.

Ele vira de lado para me fitar e fica acariciando minha bochecha, enquanto seu rosto parecia pensativo. Beijou os meus lábios de leve e levantou me deixando no vácuo.

— Não comemos nada na festa. O que acha de um lanche noturno? — pergunta me oferecendo a mão.

Suspirei por ele estar desistindo, entretanto, aceitei o convite com um aceno resignado de cabeça. Pus minha mão sobre a dele e me ajudou a levantar. Tentei protestar ao lembrar meus seios desnudos, porém, não deu tempo.

— Masalom, eu preciso me vestir... — digo quando ele abre a porta do quarto.

— Pra quê, boneca? Eu já conheço cada pedacinho do seu corpo. Além disso estamos sozinhos aqui. — diz e me surpreende ao envolver-me em seus braços.

Sentia cada pedacinho de meu corpo pressionando o dele. Masalom beijou meus lábios novamente e me soltou colocando as mãos em minhas costas, guiando-me pelo lugar desconhecido.

Olhei o local. É aconchegante, apesar de enorme. Passamos por um lugar cheio de sofás brancos com almofadas vermelhas, uma mesa marrom no centro deles e, ao fundo, uma grande televisão ficava sobre um móvel.

O ar frio que passou faz meus pelos ficarem eriçados e eu me aconchego mais em Masalom que tinha a mão quente em meu quadril pressionando meu corpo junto ao seu.

Masalom continuou a me levar pelo espaço e, juntos, chegamos à cozinha dos meus sonhos. Era tudo tão lindo... Os armários brancos com verde, uma bancada, duas geladeiras, o fogão brilhava, enfim, tudo exatamente como sonhava em ter quando cozinava lá em casa.

Ele me deixou ali e caminhou exibindo sua bunda redonda e cheia naquela box preta, além, é claro, do conjunto da obra, ombros largos e pernas torneadas. Masalom abriu a geladeira como se procurasse algo, entretanto, parecia perdido ao coçar a nuca.

— Algum problema? — pergunto alcançando-o.

Ele se virou pra mim e me deu um sorriso sem

graça.

— Na verdade não sei o que pegar, muito menos o que fazer depois. Você poderia me ajudar já que gosta de cozinhar. — faz uma careta olhando a geladeira escancarada.

— Você se lembra disso. — sorrio feliz por ele ter guardado a informação.

Masalom franze o cenho.

— Sim, lembro. Como eu poderia ter esquecido? — questiona confuso.

— Deixa pra lá. — exclamo. — Permita-me. — aponto para geladeira aberta e ele dá espaço pra eu observar tudo ali dentro.

Fiquei impressionada e empolgada ao ver a quantidade de coisas disponíveis. Vou retirando tudo que tenho vontade de cozinhar ou preparar.

— Posso fazer o jantar? — questiono enquanto, alegre, vou colocando legumes, verduras e carnes no balcão.

Via Masalom pelo canto do olho sentado num banco perto do balcão observando minha bunda coberta apenas pela minúscula calcinha branca.

— Você pode fazer o que quiser. — fala limpando a garganta. — Posso te ajudar se quiser.

— Claro que quero! Lava a alface pra mim e depois pode cortá-la.

Ele ergue a sobrancelha e olha as coisas do balcão.

— Eu não sei como fazer isso...

— Isso o quê? — olho incrédula.

— Lavar e cortar a alface?! — ironiza com uma careta.

— Isso é brincadeira, não é? — viro nos calcanhares e estreito os olhos.

— Eu nunca precisei fazer isso, então não, eu não estou brincando, aliás... eu vou deixar você sozinha preciso pegar algo no carro. — avisa e levanta me deixando sozinha com a responsabilidade de fazer nossa refeição.

Rolei os olhos e ri sozinha, pois ele parecia estar fugindo de uma tempestade.

Decidi fazer a receita de uma lasanha que vi em uma revista que encontrei jogada em frente à minha casa há alguns anos e que sempre tive vontade de comer, mas nunca pude fazer, pois não tinha os ingredientes. Abri as portas e gavetas de cada armário em busca de panelas, macarrão e tudo que iria precisar. Guardei na geladeira as coisas que tinha no balcão e que não iam ser necessárias.

Preparei tudo rapidamente. Fiquei com água na boca pelo cheiro gostoso que tomou o lugar. Estava me sentindo plena, relaxada e feliz por poder voltar a cozinhar.

Estava lavando a louça que usei, quando os braços de Masalom envolveram minha cintura por trás e seu queixou repousou em minha cabeça. Seu peito quentinho aqueceu minhas costas.

— O cheiro está incrível! Senti lá da sala. — fala e eu sinto sua mandíbula se movimentar, fazendo-me um cafuné não planejado, porém bem gostoso.

— Está quase pronto, só mais uns minutinhos. — revelo colocando a última panela no secador.

Masalom me vira pra ele e pressiona minha bunda na pia.

— Você também está irresistível circulando assim quase nua. — me beija lascivo e eu retribuo passando os braços por seu pescoço.

Masalom segurou minhas nádegas forçando-me a pular em seu quadril e eu o fiz enrolando as pernas ali. Ele me levou até a bancada entre beijos famintos.

— Hum... Masalom, a lasanha. — disse, entretanto, minha voz não parecia estar protestando os beijos.

Ele mordeu meus lábios e me desceu do balcão. Contornei-o e fui até o forno. Tirei a lasanha e levei até onde Masalom surpreendentemente organizava nossos pratos e talheres. Eu nem saberia distinguir qual a finalidade.

— Então você não sabe lavar alface, mas sabe colocar a mesa? — pergunto colocando a lasanha no espaço vazio.

Ele faz uma careta lembrando de alguma coisa.

— Minha mãe contratou uma professora de etiqueta e, como já te disse, tenho uma memória fora do comum, por isso, acabei aprendendo onde cada coisa deve ficar. — revela e aponta para o banco ao seu lado.

Sento-me e ele faz o mesmo.

Cortei as fatias da lasanha e nos servi. Quando coloquei o prato diante dele, Masalom me puxou pra si e abocanhou meu seio direito. Soltei um gritinho surpresa, mas logo virou um gemido.

— Suculento e saboroso. — anuncia depois de soltar meu mamilo e por um pedaço de lasanha na boca.

Busquei recobrar minha sanidade e só então consegui voltar a atenção ao meu prato. Olhei os talheres e os esnobei. Peguei apenas um garfo e me delicieei.

— Você está de parabéns, boneca. Isso está um

manjar dos deuses. — elogia Masalom e me olha interrogativo. Sei que minha boca devia estar suja de molho.

— Que foi?

— Parece bem mais apetitoso e divertido comer assim, sem essa de etiqueta. Posso tentar? — questiona e eu gargalho ao entender que ele está pedindo permissão.

— Claro! Fique à vontade.

Masalom deixava cair mais do que comia. Aquilo acabou nos entretendo e gerando boas risadas até nós dois estarmos satisfeitos. Ia recolher os pratos, quando ele me impediu.

— Deixa aí. Depois alguém limpa. — fala. — Vem. Tenho algo pra te dar. — informa me puxando pela mão até o quarto onde havíamos dormido.

O quarto estava pouco iluminado, pois as luzes estavam apagadas. Nem acreditava que nossa relação estivesse evoluindo tão rapidamente. Isso foi visível durante nosso lanche noturno, como ele nomeou. O fato é que interagíamos bem juntos e Masalom, como previ, demonstrou ser um bom homem, apesar de ser cedo para tirar conclusões.

Masalom acendeu as luzes e eu pude ver uma sacola bonita sobre a cama e outra brilhosa pequenininha

à sua frente. Ele puxou minha mão e me levou até a cama. Sentamos na beirada do colchão e ele esticou o braço para pegar as sacolas.

— Pode abrir. São meus presentes de casamento. — articula colocando-as em meu colo. Puxei minhas pernas para cima do colchão antes de admirar as sacolas de perto.

— Eu não tenho nada pra você, Masalom. — mordo os lábios.

Ele sorri compreensivo.

— Eu sei, boneca, e não precisa. — diz. — Além disso tem algo aí que já é seu. Há também algo que quero te ver usar para me agradar e para que fique ainda mais linda e reluzente. E, por fim, outro que vai servir para nós dois no futuro.

Ergo a sobancelha e aceno em concordância com a cabeça. Abro a sacola pequena primeiro e retiro uma caixinha de veludo vermelha e um envelope ornamentado por uma fita brilhosa.

Masalom observava atento aos meus movimentos.

Retirei os papeis do envelope. O primeiro dizia em letras maiúsculas e lindamente desenhadas: Parabéns pela aquisição!

Franzo o cenho e encaro Masalom que gesticula pra eu continuar e assim o faço. A próxima folha tinha imagens de uma casa e ao fundo desta, o Cristo Redentor. Na outra folha, uma escritura.

— O que isso significa? — questiono confusa.

— Que você tem sua própria casa de férias no Rio de Janeiro. — explica como se estivesse dizendo as horas.

Olho os papéis em minhas mãos e nego veemente.

— Masalom, isso é muito. Eu não posso aceitar...

— Já é sua. — me corta. — Não tem mais como me devolver. — pisca maroto e eu fico receosa de continuar a ver os presentes. — Abre os outros. — me encoraja.

Engoli em seco antes de seguir e alcançar a caixa de veludo e abri-la. Levei as mãos à boca diante da beleza e brilho da jóia que tinha ali. Era um colar e um par de brincos ambos verdes e reluzentes. Com a mão trêmula, ousei tocar e passar a mão por elas sutilmente.

— Isso é lindo! Deve ter custado uma fortuna. — reflito encantada com as pedras.

— São esmeraldas e dinheiro pra mim não é

problema. O que importa é que você gostou. E essa é apenas um complemento à caixa que te dei no casamento.

Fecho a caixinha e estendo.

— Não, Masalom. Isso é demais! Uma casa no Rio e esmeraldas são muito, até mesmo pra você... E eu não sabia que aquela caixa tinha jóias.

Ele bufa impaciente.

— Boneca, você é minha esposa e futura rainha da Arábia Saudita. Essas são só as primeiras de muitas jóias que ganhará. E eu vou ficar realmente bravo, caso não aceite meus presentes. Os presentes que seu marido está te dando.

— Mas... — seu olhar me repreende e eu resfolego. — Eu aceito, porém com a condição de não ter que abrir o próximo.

— O próximo já é seu. Estou apenas te devolvendo. Abra, Savannah. — manda com autoridade e consegue aguçar minha curiosidade ao dizer que já é meu.

— Meu? Como você poderia ter algo meu se eu não tenho nada? — pergunto, mas ele apenas aponta a sacola com o queixo.

Resignada e hesitante, viro a sacola no colchão.

Meu coração quase saiu da boca quando vi, os meus cadernos de receitas... Mas o que mais abalou

minhas estruturas me levando ao choro, foi o álbum de fotografia da minha mãe. Abri vendo um monte de fotos nossas. Deixei o álbum de lado por um instante e me joguei em cima de Masalom que, por não estar esperando isso, caiu de costas no colchão me levando junto.

Aquele foi o primeiro beijo que dei nele por iniciativa minha. Eu era pura felicidade! Felicidade ao ver as fotos e perceber que agora eu não tinha uma lembrança, mas um monte delas retratadas para quando eu quisesse observá-las.

Movimentei minha boca com fúria descontrolada e ele correspondeu da mesma forma sem ao menos pestanejar. Minhas lágrimas salgadas em nada atrapalharam. As mãos de Masalom apertaram minhas nádegas e eu senti a protuberância regressar com tudo. A dor entre minhas pernas também estava de volta e eu não hesitei em rebolar contra a saliência de Masalom.

Ouvi o som de um tecido rasgando e demorou muito pouco para perceber que era minha calcinha ou o que sobrou dela. Masalom rolou e inverteu nossas posições, me deixando contra o colchão e por baixo do seu corpo.

Escorreguei minhas mãos que estavam em seu peito para suas costas desnudas. Arranhei-o com as unhas recebendo em troca um grunhido másculo. Ele procurou

um dos meus braços sem nunca abandonar o beijo faminto e luxurioso. Deixei-o tirar um dos meus braços de suas costas e trazer pra baixo colocando-a no meio de suas pernas. Corei, porém, ainda devorando sua boca. Acariciei-o experimentando a sensação.

— Mais forte, boneca, ele não vai ser arrancado. — fala chupando meu pescoço e eu sinto seu sorriso contra minha pele.

Sentindo-me desafiada, enfiei a mão dentro da sua cueca experimento a sensação de ter seu órgão genital em minhas mãos sem nenhuma barreira.

— Caralho! — exclama e morde o nódulo da minha orelha enquanto eu arfo e arrepio.

Acariciei a pele macia e suave enquanto fechei meus dedos em torno dele sentindo o peso.

— Movimenta a mão, boneca. — ordena e eu faço deslizando-a de baixo pra cima e de cima pra baixo.

— Assim? — pergunto subindo e descendo lentamente a mão.

Ele ergue a cabeça do meu pescoço e olha pra seu quadril antes de cobrir minha mão com a dele aplicando mais força e velocidade à minha.

— Prossiga assim. — olha no fundo dos meus olhos. — Vou me deitar para ficar melhor. — e assim ele

deita do meu lado e eu levanto ficando de joelho ao lado da sua cintura.

Olho o seu pênis erguido diante de mim alguns instantes. Nunca tinha visto um assim tão de perto. É esquisito, mas eu sinto vontade de pôr aquilo na boca. Passo o dedo na ponta, na parte mais grossa e Masalom geme fazendo-me olhá-lo. O som lindo e rouco se reverberou pelo meu corpo e líquidos quentes desceram pelo meu canal. Apertei as coxas. E instigada, fiz como ele havia me ensinado.

— Por que eu quero colocá-lo na boca? — pergunto pensativa e Masalom solta uma gargalhada, antes de grunhir em seguida por causa da minha carícia.

— Alá, boneca! O que eu faço contigo? — questiona com a voz comedida pela mandíbula apertada. — Se você quer, é só fazer, mas não use os dentes. — alerta e eu olho seu pênis antes de baixar a cabeça insegura.

Provo a ponta com a língua e olho pra Masalom em busca de aprovação e coragem. Ele aprova e eu rodeio a pele macia com a boca ainda olhando no rosto dele. Ele fechou os olhos e murmurou um palavrão baixinho em outra língua. Percebi, pelo seu semblante, que estava gostando.

Arrastei meus lábios em volta dele até onde

pude acomodá-lo e retirei antes de fazer novamente. Masalom gemia rouco vez ou outra. Senti um gosto meio estranho na boca, mas não era ruim. Só diferente.

— Boneca, se continuar me olhando com esses olhos cor de mel e essa pele vermelhinha enquanto meu pau entra e sai por sua boquinha rosada, não vou demorar muito. — fala entre grunhidos e eu retiro a boca de seu pênis.

— Quer que eu pare? — pergunto confusa.

— Por agora, sim. — senta e me puxa para seu colo pela cintura, antes de abocanhar meu mamilo. — Hoje você é minha prioridade. Eu vou cuidar de você. — informa e eu, que derretia como sorvete em seu calor, concordo sentindo seu membro úmido pela minha saliva pincelar a parte interna de minha coxa.

Masalom me deita antes de tirar completamente sua box sobre meu olhar avaliativo. Ele então ergue minhas pernas abertas e fica no meio delas tendo a visão da minha vagina molhada. Mordo os lábios agora envergonhada ao extremo.

— Relaxa, boneca, eu já conheço cada pedacinho da sua boceta intimamente. — articula e eu coro ainda mais se é que, isso é possível. Não tenho tempo de pensar muito no assunto uma vez que ele circula a língua em meu clitóris e me leva à loucura cada vez que

ele toca diretamente em meu broto.

Alucinada, segurei seus cabelos em punho fechado e o trouxe mais pra baixo, porém ele resistiu e continuou me torturando com movimentos suaves. Quando já estava sentindo o meu núcleo contrair e soltar líquidos, ele parou de me chupar. Gemi em frustração e Masalom riu baixinho. Ele se ergueu sobre mim e me beijou os lábios vagorosamente.

— Vou tentar fazer com que não doa muito, boneca. — fala e deita entre minhas pernas.

Ele ajustou o quadril e se colocou em minha entrada.

— Vou entrar em sua boceta. — avisa e eu escondendo o rosto na curvatura de seu pescoço. Ele adentrou devagarinho e eu sentia minhas carnes se alargando. Não doeu tanto assim.

— Não está doendo tanto assim. — tiro o rosto do seu pescoço e vejo que seu maxilar está travado.

— Eu ainda não entrei boneca. — revela e força o quadril pra frente.

— Aaaaaaaaah. — grito e sinto meus olhos encherem de lágrimas com a dor que aquele movimento causou.

Senti quando algo rompeu e ele afundou

totalmente em mim, me alargando. Aquilo ardeu como o inferno. Talvez, por isso, afundei as unhas nas costas de Masalom e arranhei sem dó.

— Não se mexe, por favor. — peço com um fio de voz.

Masalom fica parado entretanto, parece que é quase impossível pra ele ficar como pedi.

— Vai passar. — anuncia olhando dentro dos meus olhos e me beija tirando minha atenção da dor que é tê-lo dentro de mim.

Ele colocou a mão entre os nossos corpos instantes depois e afagou meu núcleo antes de se retirar de mim e voltar a se introduzir novamente. Arfava dolorida diante dos movimentos, mas, aos poucos, fui me acostumando apesar de querer que acabasse logo. Masalom mordia meu pescoço e sua mão massageava meu clitóris enquanto progressivamente suas estocadas aumentavam a intensidade.

A ardência foi se dissipando com as carícias dele em mim, e assim, acomodá-lo tornou-se mais fácil. Os gemidos e expressão dele também compensavam a dor e o incômodo. Senti seu corpo enrijecer algum tempo depois e logo jatos quentes foram derramados dentro de mim.

— Pronto, boneca. Agora você definitivamente

me pertence. — beija meu olho e limpa minhas lágrimas. — Da próxima vez vai ser bem mais gostoso para você e juntos vamos apreciar o momento. — diz e retira o pênis de mim. Respiro fundo pela ardência.

Ele levanta e beija minha testa antes de desfilarmos pelo quarto e entrar por uma porta onde deve ser o banheiro. Eu sento na cama fazendo careta com a pontada que sinto entre as pernas. Há sangue na minha vagina e lençóis misturados com uma gosma branca.

Ouçoo os passos dele retornando e volto a me deitar.

Masalom trazia consigo uma toalha. Logo se sentou no colchão ao lado da minha cintura e da mancha.

— Você era bem apertada, boneca. — fala e abre minhas pernas levando uma toalha úmida e quente para o meio das minhas pernas.

Suspiro com o alívio que senti e ele sorri de lado convencido enquanto limpa minhas dobras com cuidado. Ele joga a toalha num canto e me pega nos braços.

— Aonde vamos? — questiono confusa e sonolenta, mas deito a cabeça contra seu peito.

— Para o quarto ao lado, vamos dormir lá. — responde e eu bocejo antes de movimentar a cabeça.

Ele me carregou e abriu a porta do outro quarto. Não tive coragem para observar nada. De repente parecia que eu tinha corrido uma maratona e estava acabada fisicamente. Senti quando ele fez um malabarismo para afastar as cobertas e me depositar nos lençóis. Me aconcheguei e logo senti o colchão afundar ao meu lado.

Masalom colocou uma das mãos em minha coxa e eu aconcheguei minhas costas contra seu peito quente.

— Você está bem? — pergunta atencioso.

— Sim, só arde um pouco. — digo, ou melhor, sussurro.

Ele se mexe e apaga a luz fazendo a escuridão se espalhar pelo espaço deixando em evidência a luz da lua que atravessa a janela.

— Quer conversar? — questiona envolvendo minha cintura com um braço.

— Sobre o quê? — murmuro.

— Eu percebi que é muito mais ingênua do que imaginava em relação ao sexo. Não sei sobre o quê exatamente, mas se tiver alguma pergunta ou dúvida. — explica.

— Não tive amigos pra conversar sobre esse assunto, por isso não sei muito além do que fizemos. — revelo. — Minha mãe ainda não tinha me explicado nada.

Acho que aguardava o momento em que eu tivesse um namorado, não sei, mas como sabe ela não teve tempo. — concluí minhas suposições. — Por que tinha sangue? Vai ser assim todas as vezes? — questiono em seguida.

— Não, boneca, não vai. O sangue é do seu hímen que foi rompido. Ele é o sinal de que uma mulher é ou não virgem. No seu caso, como ele foi rompido, você não é mais. — explica paciente. — Como te disse, as próximas vezes serão melhores.

— E o que é aquilo que sinto quando você... hum... beijou lá?

— Um orgasmo. Isso quer dizer que você atingiu o ponto alto do prazer. Ele pode vir através de estímulos em seu clitóris ou com a penetração, entre outras formas que há. Mas são muito mais difíceis de fazê-lo vir. Mulheres também podem gozar quando o estímulo é intenso antes, durante e depois do orgasmo.

Beija meu cabelo.

— Você sente isso também?

— Sim, mas de forma diferente. Você viu o líquido branco junto ao sangue? Ou sentiu quando ele se derramou dentro de você?

— Sim, eu vi e senti também.

— Ele significa que cheguei ao ponto máximo do

meu prazer.

— Hum, entendi... Eu estou cansada. — anuncio.
— Você pode me explicar tudo direitinho depois?

— Vou te dar alguns livros e qualquer dúvida
você fala comigo. Pode ser?

— Sim. — bocejo.

— Boa noite, boneca. — sussura com o rosto
enterrado em meus cabelos.

— Boa noite. — respondo ouvindo seus
batimentos cardíacos. Sentindo a mão dele subir e descer
por minha perna, fui deixando a exaustão me guiar ao
sono.

CAPITULO 14

MASALOM

Devido ao calor que estava sentindo, acordei suado. Savannah era o motivo para eu estar assim. Ela estava emaranhada em meu corpo de uma forma, que era quase impossível respirar. As suas pernas estavam entrelaçadas às minhas, o seu braço em volta da minha cintura, seu cabelo no meu rosto, seus peitos colados contra meu peitoral e seu rosto enterrado em meu pescoço. Além disso, ainda tinha a sua vagina quase irresistível atormentando meu pobre pau que estava pronto para adentrar seu calor. Só não o fiz porque ela deve estar dolorida da noite anterior.

Ontem quando o clima esquentou entre a gente e ela parecia apavorada, tinha decidido dar um tempo à minha boneca. Tenho plena consciência de que se insistisse um pouco mais, ela acabaria cedendo. No entanto, Savannah passou por momentos traumáticos envolvendo tal tema graças ao maldito Gustavo, por isso, não quis forçar a barra. Acabei decidindo por esperar ela desenvolver alguma confiança em mim. Não precisei esperar muito. Acredito que devolver a ela suas fotos foi o suficiente para ela se dar de corpo e alma pra mim e

meus caprichos.

Tiro as madeixas de seu cabelo do meu rosto e do dela também. Seus olhos estavam fechados suavemente. Ao sentir o toque dos meus dedos, ela ronronou igual a uma gatinha e eu acabei sorrindo.

— Bom dia, boneca. — digo quando ela se remexe em cima de mim.

— Hum... Bom dia. — responde de olhos fechados.

— O colchão está confortável? — pergunto irônico, enquanto vou brincando com seus cabelos.

Savanah abre os olhos devagarinho e colocando as palmas das mãos abertas em meu peito, apoia o queixo ali e olha diretamente pra mim.

— Não muito. Ele se mexe também, sabe? — franze o cenho fingindo pensar e sorri ao declarar: — Eu não compraria. — sua voz tinha um som mais rouco pela manhã e isso lhe deixava sexy.

Gargalho baixo diante da sua declaração consumista.

— Vejo que você acorda bem humorada, boneca. — observo e ela cora erguendo-se para levantar. Eu não deixo e volto a puxá-la pela cintura. — Eu não disse que ser seu colchão é ruim, muito menos que não gosto de te

ver comunicativa e descontraída. — anuncio olhando dentro dos olhos dela.

— Eu sei é que observando tudo isso é meio embaraçoso. — desvia o olhar, entretanto, eu trato logo de fazê-la me encarar de novo puxando seu queixo em minha direção.

Minha boneca morde os lábios e engole em seco.

— Savannah, ontem eu fui compreensivo, pois te devia isso uma vez que além de virgem era ingênua. Porém a partir de hoje, eu quero uma mulher confiante durante nossos momentos íntimos. Quero uma mulher que se entregue pra mim, mas também que seja ousada para me surpreender. — falo. — Quero que me veja como seu parceiro. Quero ser seu confidente e preciso que seja a minha. — ela assente. — Também acho que a palavra vergonha e timidez precisa ser rabiscada em seu vocabulário, não por completo porque eu acho perfeito te ver vermelhinha assim. — reflito acariciando sua bochecha com os dedos ganhando de volta um sorriso.

— Eu entendo, mas você vai ter que ser paciente. Isso é novidade pra mim tanto o casamento e nossa relação como o... — trava e eu ergo a sobrancelha.

— Como o...? — incentivo.

— Como o sexo. — esclarece baixo.

Suspiro para que ela entenda que não gostei do fato dela ter sussurrado a palavra sexo, entretanto, não a repreendi verbalmente. Levei minhas mãos até sua boceta e ela arregalou os olhos. Senti seus líquidos e eles me demonstraram que ela também estava pensando em me ter dentro dela, porém nunca iria admitir.

— Você está muito dolorida? — questiono e deslizo um dedo dentro do seu canal. Minha boneca arfa.

— Dói um pouco, mas não tanto quanto ontem.
— murmura enquanto eu puxo o dedo.

Faço ela rolar para o lado e inverte as posições ficando por cima dela. Ela me olha interrogativa.

— Então se estiver bem lubrificada, acho que conseguirá me acomodar e ainda sentir algum prazer com o ato. — falo em seu ouvido e ela estremece. Aproveito a deixa e mordisco ali antes de sugar o nódulo.

Apalpo seu seio com as mãos enquanto distribuo beijos molhados por sua garganta. Subo mordendo seu queixo antes de circular sua boca com a língua intimidando silenciosamente que ela me peça para beijá-la. Prendo seu lábio inferior entre os dentes e fito-lhe diretamente. Minha boneca leva as mãos aos meus cabelos e tenta me puxar pra baixo. Libero sua boca e estalo a língua em negativa.

— Você vai ter que me dizer o que quer em

palavras, boneca. — informo e ela respira fundo.

— Quero que me beije. — diz baixo.

— Não entendi você falou baixo demais. — me faço de desentendido.

— Quero um beijo seu. — volta a repetir só que agora muito mais alto e eu, claro, atendo seu pedido prontamente.

— Eu te quero assim, sem receio de me dizer o que deseja. — comunico-lhe a um centímetro de sua boca e volto a deslizar nossos lábios juntos.

Fui deixando beijos molhados em seu corpo macio até estar de frente com seu ponto sensível.

— Vou te chupar e quero que goze bem gostoso. — beijo a parte interna de suas coxas e ela se remexe. — Mas só vou fazer isso se me implorar e me dizer que vai me recompensar com seu mel. — digo e ergo a cabeça para ver seu rosto.

Os olhos dela estavam extremamente abertos e o rosto vermelho, porém sua boca estava entreaberta e a respiração ofegante. Para garantir que ela faria, esfrego seu clitóris e ela solta um gemido baixo que quase me faz perder o controle, entretanto, eu paro a carícia e ela resfolega impaciente.

— É só perder que eu te dou o que deseja. —

exponho sorrindo.

Savanah morde os lábios e solta.

— M-Masalom e-eu... — gagueja e eu esfrego um pouco mais seu núcleo estimulando-a. — E-eu quero que m-me chupe. — resfolega quando eu abocanho suas dobras. — Oh! — exclama excitada.

— Termine a frase ou eu vou parar por aqui...

— Não! Espera! — diz com a voz estrangulada.
— Eu vou hum... te recompensar. — completa atropeladamente.

— Muito bem! Só tenho mais uma condição. — pincelo seu clitóris e ela arfa com impaciência. — Não controle seus gemidos eu quero ouvi-los. — acrescento e ela conscente veementemente. — Ótimo, você foi uma boa moça, boneca. — circulo seu canal e mordo seus lábios vaginais.

Usava minha língua incansavelmente para lhe proporcionar prazer, enquanto meu dedo entrava e saía do seu canal apertado que logo o apertava e a minha boneca se contorcia.

— Aaaaaah. — Grita enquanto sugo suas carnes e minha língua traça seu broto diretamente.

— Isso! Deixe-me escutar seu prazer. — elogio parando um segundo de chupá-la.

Savanah afunda as mãos em meus cabelos e força minha cabeça pra baixo. Sorrio da sua gula e continuo a lambê-la com intensidade.

— Masalom, eu... — berra.

— Deixa vir, boneca, quero beber cada gota. — falo e aplico mais força no meu dedo dentro dela e nos meus movimentos.

Ela se remexe e eu seguro sua cintura. Seu corpo endurece e minha boneca atinge o orgasmo gritando meu nome. É uma porra vê-la sucumbir ao prazer! É a coisa mais bonita que já vi. Não tenho tempo para observá-la uma vez que continuo lhe chupando. Suas mãos que apertavam o lençol vêm para meus cabelos e ela tenta a todo custo fugir da minha boca.

— Para, pelo... amor! — grita enquanto seu quadril se remexe e suas pernas chutam o ar. — Masalom... — implora aos gritos, entretanto, continuo. Quero que ela goze. — Isso é muito intenso!

Sua cintura faz movimentos voluntários e eu a circulo com o braço forçando-a a parar.

— Eu não posso suportar... — murmura. — Masalom estou muito sensível... — seu corpo convulsiona. — Cristo... Masalom.. aaaaaaaah — desaba no colchão quando largo seu quadril ao mesmo tempo que jatos de seu prazer atingem-me.

O corpo da minha boneca virou uma massa trêmula de músculo. Sua respiração falhando fazia seu peito subir e descer rapidamente. Seu cabelo estava bagunçado e seu sexo rosado estava completamente molhado. Observei-a de joelhos até que ela se recuperou.

— Agora é minha vez. — Declaro erguendo meu corpo por cima do dela que não se mexeu.

Guiei meu pênis em sua entrada e afundei em seu calor.

— Hum. — Foi tudo que sua boca proferiu.

Estoquei forte como queria ter feito ontem. Savannah gemia baixinho, mas parecia que ainda não tinha encontrado o caminho de volta para a realidade já que seu corpo pairava lânguido.

O ângulo estava ruim e por isso coloquei uma de suas pernas sobre meu ombro indo ainda mais fundo. Apertei seu seio segurando-lhe no lugar, pois, cada vez que socava ele subia, e descia quando eu me retirava.

— Que boceta incrível, boneca. — declarei sentindo o meu gozo vir. — Me morde, vai safada. — falei louco quando ela me apertou.

Dei um tapa estalado em sua coxa deixando a marca de minha mão e gozei como nunca tinha feito. Os jatos se derramando dentro dela melaram meu pau e eu caí

sobre ela. Sem querer esmagá-la, rolei e desabei ao seu lado.

Minha boneca abre os olhos nebulosos e me fita ofegante. Puxo seu corpo pra mim e ela deita a cabeça em meu peito enquanto coloca uma perna sob a minha. Fico um bom tempo traçando um desenho invisível com meus dedos em sua pele macia.

— Vamos tomar um banho? Vou pedir pra Salan trazer nosso café..

Minha boneca boceja.

— Não precisa. Eu posso preparar algo.

— Você realmente gosta de cozinhar para querer preparar algo no estado em que está. — penso alto.

— Muito. — diz e senta no colchão se espreguiçando. Sento também e levanto.

— Vem! — estendo a mão.

Ela me olha.

— Vamos tomar banho...juntos? — pergunta.

— Ora, Savannah, mas é claro que vamos. — respondo impaciente e ela põe sua mão sobre a minha com um suspiro preguiçoso.

Caminhamos até o banheiro. Solto a mão de Savannah para procurar as escovas de dente que Salan

havia comprado junto com mantimentos e alguns itens pessoais para minha boneca e pra mim.

Encontrei tudo muito bem organizado no armário que tinha ali. Havia creme dental, sabonete, toalhas, shampoos, cremes, enfim, tudo o que precisaríamos para tomar um bom banho. Peguei algumas coisas e distribuí na bancada. Logo me virei para falar com a Savannah. Ela ainda estava parada no mesmo lugar onde eu a havia deixado.

— Vamos, Savannah, eu não mordo. — articulo gesticulando e ela engole em seco. Savannah passa por mim e entra no box. Eu vou atrás dela, ligo o chuveiro e entro embaixo da água.

Passo o shampoo nos cabelos e o entrego para minha boneca. Ela pega o recipiente meio hesitante. Me ensaboo e ela fica apenas me observando com o lábio inferior entre os dentes. Cansado, seguro seu braço e puxo-o trazendo-a pra perto. Logo pego o shampoo das suas mãos. Derramo um pouco do líquido nas mãos e, pela cintura, coloco-a embaixo da água.

Devolvo o shampoo a Savannah e lavo seus cabelos enquanto ela observa minhas ações com os olhos arregalados. Dou a volta em seu corpo e pressiono suas costas em meu peitoral, enquanto espalho a espuma por seus mamilos, abdômen e vagina. Minha boneca continua

feito uma estátua sob meus cuidados.

Saio para pegar as toalhas, me enxugo e enrolo uma no quadril.

Regressando ao banheiro, desligo o chuveiro e seco Savannah antes de puxá-la para meu colo.

— Masalom, eu consigo andar... — tenta articular.

— Ah sabe? Engraçado, eu achei que você fosse uma estátua. — me divirto às suas custas e ela ri pousando a cabeça em meu ombro.

No quarto coloco-a no chão e procuro uma cueca no closet e algo para Savannah, que penteava seu cabelo.

— Toma. — estendo-lhe uma calcinha e sutiã que tinha ali e pego uma cueca box preta.

Me visto sob seu olhar. Quando lhe encaro de volta com a sobancelha erguida, ela pergunta:

— Pode me dar uma de suas camisas? — sorrio de lado.

— Até poderia, porém, quero que vista só isso, assim ficará mais fácil te ter quando eu quiser. — declaro e ela cora. Savannah assente e se veste, ou melhor, veste a calcinha e o sutiã, enquanto eu passo a escova em meus cabelos.

— O que você quer comer no café? — pergunta quando termina.

— Você! — digo e minha boneca baixa a cabeça envergonhada.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — murmura.

— Entendi, boneca. — falo deixando o closet e ela vem atrás de mim. Atravesso o quarto e abro a porta. — O que você fizer, vai estar bom. — respondo, agora sem gracinha.

Savanah passa por mim e eu fecho a porta. Coloco a mão em suas costas e lhe guio até a cozinha.

— Você se importa se eu te deixar sozinha? Horlom ficou de cuidar dos negócios da família, porém eu quero saber como ele está se saindo. — explico e ela nega.

— Pode ir. Eu vou fazer nosso café. — completa e eu concordo. — Quando vamos voltar ao palácio? — questiona.

— Amanhã. Hoje quero você só pra mim. — dou uma piscadela e deixo-a ali.

Fui pro meu pequeno escritório. Precisava falar com Horlom. Meu irmão ficou de cuidar do carregamento de armas que chegaria hoje, sem falar que ele anda

estranho. Quando estava me vestindo para a festa de casamento, ele e meu querido pai se ofereceram para cuidar das coisas, enquanto segundo eles, eu e minha esposa nos divertiríamos.

No momento em que meu pai saiu, Horlom disse que estava chateado por não ter dado tempo de fazer uma despedida de solteiro, mas me desejou felicidades e saiu. Fui encontrá-lo novamente na festa com aquela moça.

Sento no sofá e pego o telefone para contatá-lo.

— Oi, Masalom! — exclama do outro lado. Eu o conheço bastante para saber que ele está chateado comigo, porém eu não sei o motivo.

— O que eu fiz? — questiono.

— O quê? — indaga confuso. — Acho que comer sua esposa te deixou gagá.

— Estou falando sério, Horlom. Você só fala assim quando está bravo.

— Não é nada. Coisa minha, aliás, você não deveria estar se divertindo com sua esposa? — foge do assunto.

— Quero saber como vão as coisas por aí. — digo ignorando sua pergunta.

— Normal eu te disse que dava conta.

— Certo, se você diz... Qualquer coisa me liga.

— Ok, preciso desligar.

— Espera! — exclamo ao lembrar que tinha marcado a consulta de Savannah para hoje. — Peça pra Salan ligar para médica que iria até o palácio e dar o endereço daqui. Fala pra ele marcar pras três da tarde. — peço.

— Pode deixar, até logo. — desliga.

Olho o telefone antes de passar os dedos pelos cabelos frustrado por ele ser tão evasivo. Levanto e vou até a cozinha. Já no corredor sinto o cheiro maravilhoso que exala de lá.

CAPITULO 15

SAVANAH

Estávamos deitados vendo na televisão um filme que eu nem estava prestando atenção. O grande relógio na parede marcava pouco mais de uma hora da tarde. O homem que estava atrás de mim me fazia cafuné, enquanto sua outra mão repousava em minha perna. Tínhamos acabado de tomar o café da manhã e, por isso, não tínhamos fome. Eu estava exausta do prazer que ele me proporcionou ao acordarmos. Meu sexo também ardia como se estivesse assado por causa dele. Mas é claro que eu não ousei dizer isso a Masalom.

— A médica que Davi me indicou vem te consultar às três. — anuncia suavemente enquanto brinca com meus cabelos.

— Hoje? — indago virando para ficar cara a cara com ele.

— Sim, quanto mais cedo você voltar a se tratar, melhor. Não quero ter uma esposa doente. — acaricia minha bochecha.

Sorrio encarando-o.

— Mas eu já sou doente, Masalom. — expresso

e ele faz uma careta adorável.

— Sim, mas antes eu não tinha conhecimento dos fatos, porém agora eu tenho. — retruca e aproxima o rosto do meu. — Além disso, você é minha mulher agora. — completa e me beija.

A centelha que há entre nós surge nos deixando ávidos para tirar tudo que der um do outro através daquele gesto. Colocando-me em cima dele, Masalom segura meu cabelo em punho fechado e rodeia minha cintura com o braço musculoso. Meus seios estão amassados diante da firmeza que ele aplica no toque.

Nos beijamos com fúria pouco contida, porém, segundos depois, as coisas foram ficando mais lentas, menos agressivas, e também, mais intensas.

Conseguia sentir seu coração pulsar junto ao meu. Sua língua acariciar a minha. Seu sabor, sua respiração, sua pele, seus toques... Me vi perdida nas sensações... Quando ele beijou meu pescoço... Quando ele olhou dentro dos meus olhos... Masalom sentou comigo enganchada nele e me depositou nos travesseiros que ele mesmo tinha jogado no tapete há pouco.

— Você é irresistível! — murmura me fitando, então, se abaixa colando seu corpo ao meu e volta a me beijar.

Correspondo ao ato enquanto grudo em seu

pescoço, puxando-o pra perto.

Estava hipnotizada com o deslize e encaixe perfeito dos nossos lábios quando ele colocou a mão em minha vagina dolorida. Tentei segurar, entretanto, o gemido de dor escapuliu por entre meus lábios. Masalom se ergue imediatamente com o cenho franzido.

— Você... — apertou meu sexo e eu mordi os lábios com força segurando o grito, mas inevitavelmente fiz careta. — Merda, Savannah. — respirou fundo e sentou puxando em seguida meu quadril para ele.

Com as pernas escancaradas diante dele, Masalom afastou minha calcinha e olhou minhas carnes sensíveis soltando um longo suspiro.

— Você está completamente assada, boneca. — rosna e eu engulo em seco. — Devia ter me dito. Ficou sentindo dor sem necessidade. — ele me encara. Parecia furioso.

— Eu só senti o incômodo durante o café. — argumento e ele levanta. — Aonde você vai? — indago baixinho.

— Vou ver se encontro uma pomada no quite de primeiros socorros. — explica. — Não saia daí. Eu já volto. — ordena em seguida.

Fechei as pernas e olhei pro relógio novamente.

Nossos beijos duraram muito mais tempo do que imaginava, uma vez que faltavam três minutos para as duas. Sentei para organizar as almofadas e, minutos depois, Masalom regressou. Ele parou suas pernas torneadas bem próximas a mim e sentou em seguida.

— Deite-se e abra as pernas. — manda e eu obedeço hesitante.

Ele me puxa pela perna e abre a pomada colocando um pouco no dedo indicador. Depois levando suas mãos até minhas dobras, ele aplica com cuidado e eu sinto um alívio enorme quando a pomada fria é posta na minha pele sensível e ardente.

Concentrado, Masalom aplica um pouco mais e, quando satisfeito, larga a pomada no chão e segura as laterais da minha calcinha forçando-a pra baixo. Levanto meu quadril para ajudá-lo.

— Você não vai poder usá-la por um ou dois dias. — afirma cheirando minha calcinha. Senti minhas bochechas queimarem de vergonha. — vamos nos vestir. A médica chega daqui a pouco. — completa ficando de pé e desliga a televisão com o controle remoto que estava largado no sofá. Em seguida, me estende a mão.

Levantei com sua ajuda e fiquei de frente pra ele.

— Desculpa, eu não consegui te dizer, por favor,

não fica chateado. — sussurro e toco sua bochecha com uma das mãos, Masalom a segura e beija a palma dela.

— Quero que confie em mim. Você pode me comunicar ou pedir qualquer coisa. Quero que perceba que somos marido e mulher.

Concordo e sorrio de leve.

— Eu sei... E estou tentando te oferecer o meu melhor. — digo. — Mas às vezes é complicado pra mim. — completo e ele concorda com a cabeça.

— Vamos nos vestir. — propõe e eu o acompanho.

Fomos para o nosso quarto. Sentei na cama e ele foi para o closet. Num dos cantos, quase caindo, estavam meus presentes, inclusive, o álbum da minha mãe.

Coloquei o álbum no colo e olhei as fotos acariciando vez ou outra o rosto deles ou sorrindo boba relembrando os momentos em que foram tiradas.

— Você fica linda sorrindo. — tenho um sobressalto quando ouço o Masalom. — Deveria fazer mais vezes. — ele estava vestindo uma calça jeans azul colada ao corpo e uma camisa de botões branca. Segurando em um dos braços, um vestido florido e uma sacola. — Você realmente gosta de voltar ao passado... — caminha e senta do meu lado. — Só tenta não se perder

tentando voltar no tempo. Isso não vai te fazer bem.

— Não vou. Só gosto das boas lembranças que as fotos me trazem. Entretanto, por mais doloroso que seja, tenho plena consciência de que não irei mais vê-los, pelo menos, não nesta vida.

Ele assente e me entrega o vestido.

— Vista-se. Já são quase três e a doutora chegará a qualquer instante. — recolho meus presentes e os coloco sobre a cama.

Pego o vestido das mãos dele e coloco. Era difícil me acostumar a nudez diante de outra pessoa, mas tornava-se menos embaraçoso a cada vez que ficava nua, afinal, como Masalom mesmo disse, ele conhece cada pedacinho do meu corpo intimamente.

Ele calçava o sapato quando eu voltei a me sentar no colchão.

— Tem um par de saltos pra você na sacola. — avisa e aponta.

Peguei a sacola e puxei um dos saltos e depois o outro. Masalom tirou-os de minha mão e fez um gesto para que eu lhe estendesse o pé. Encarando-o acatei o pedido. Ele colocou os sapatos em meus pés, levantou me oferecendo a mão e eu aceitei.

Seguimos de volta pra sala e a campainha tocou.

Masalom atendeu e mandou a pessoa do outro lado da porta entrar. Uma morena alta e robusta agradeceu e passou por ele, após uma longa reverência, claro. A médica de meia idade me deu um sorriso educado, enquanto Masalom caminhou até onde eu estava e rodeou meu quadril com um dos braços.

— Essa é minha esposa Savannah Amir Farid e, se tudo ocorrer bem, sua paciente. — apresenta-me à médica que se curva diante de mim.

Olho para Masalom atordoada e vejo ele contendo um riso. Minha expressão deve ter sido de surpresa, susto, incredulidade.

— Oi... — cumprimento-a tímida.

— É uma honra conhecê-los, altezas. — responde a mulher já ereta. — Sou a Dra. Mirian Morgan. — apresenta-se e Masalom indica o sofá.

— Vamos nos sentar. — faz um sinal pra mulher ir na frente e logo a segue ainda me abraçando de lado.

Após o curto percurso, a mulher esperou sentarmos no sofá oposto, para poder fazer o mesmo colocando sua maleta no colo.

— Soube por Davi que tem artrite reumatóide.

— Sim, desde criança. — confirmo enquanto olho de relance pra Masalom que ouvia com atenção.

— Você tem exames recentes? — questiona. — Vamos ter que refazê-los para avaliar seu quadro atual, mas seria importante tê-los para poder compará-los, uma vez, que já tem um longo histórico.

— Eu não os tenho, porém, sei o nome da minha antiga medicação. — digo distraída, perdida em lembranças.

Recordei do roubo, de meus últimos pertences que estavam numa mochila que, inclusive, continha os exames. Naquela noite chorei e implorei por ajuda aos meus pais, enquanto dormia congelando no frio daquela praça.

Ela sorri ternamente.

— Ajuda, entretanto, fica mais evidente que precisamos fazer novos exames. — a médica fala e eu ouço atenta.

— Quando poderíamos fazê-los, doutora? — Masalom se manifesta colocando a mão em minha perna.

— O quanto antes, assim, poderei receitar medicamentos que aliviará as dores da Savannah. — explica. — Por enquanto algumas respostas serão o suficiente, coisas sobre os sintomas que sente ou se notou alguma coisa diferente nos últimos tempos, uma dor mais intensa, essas coisas. — conclui tirando um caderninho da maleta.

Ela me perguntou sobre várias coisas e eu respondia com sinceridade. A doutora anotou algumas observações e eu comecei a ficar temerosa com a possibilidade de meu estado ter piorado. No final, ela disse que, de acordo com o que eu relatei, não via mal no fato de voltar a tomar meu antigo remédio e acabou prescrevendo-o e dando o horário que devia tomar.

Ficou decidido que eu faria os exames para ela prescrever a medicação definitiva, pelo menos, foi o que entendi. Quando a médica disse que seu trabalho estava temporariamente concluído, Masalom que se metia na conversa a cada instante fazendo indagações e mais indicações sobre a doença falou:

— Se é assim, eu ligo assim que possível para agendarmos uma data.

Ele fica de pé e a médica levanta também passando por ele em direção à porta.

— Até logo. — despede-se e eu sorrio murmurando um tchau. — Eu vou aguardar sua ligação, alteza. — fala saindo pela porta que Masalom segurava aberta.

— Irei ligar logo, afinal, a saúde da minha esposa é prioridade. — meu marido fala e ela concorda antes de ir embora.

Ele fecha a porta e caminha até onde estou

sentada, pensativa e com receio de que minha doença tenha se agravado. Masalom senta ao meu lado e me puxa pra ele. Aconcheguei-me contra seu peito sem hesitar. Estava precisando de carinho.

— Não se martirize, boneca. Se ela passou seu antigo remédio é porque as coisas não evoluíram. — ele me acalma.

— Eu espero que você tenha razão. — suspiro cansada.

Ficamos em um silêncio confortável e acho que acabei pegando no sono, pois despertei quando senti Masalom me levar nos braços. A verdade é que já tinha dormido bastante, mas ainda estava um pouco exausta de tudo que havia me acontecido nesses últimos quatro dias. Primeiro, o sequestro, depois o casamento, em seguida o sexo e, por fim, esta consulta.

Masalom percebeu que eu estava acordada quando resmunguei remexendo a cabeça em seu peito.

— Quer comer alguma coisa? Não comemos nada além do café da manhã. — oferece. — Posso pedir para trazerem algo leve pra você. — conclui atencioso.

— Não precisa. Eu não estou com fome. Só preciso descansar um pouco. — bocejo.

— Muito bem, então somos dois. — me colocou

na cama e logo deitou por trás de mim abraçando minha cintura.

Me aconcheguei a ele e voltei a dormir rapidamente.

Acordei com o barulho de um celular tocando e rolei na cama percebendo que Masalom já não estava mais onde dormiu. Procurei por ele e o vi do outro lado do quarto, mais especificamente, na sacada, já atendendo o telefone.

Livre-me das cobertas e fui até ele sem me importar em pôr meus pés descalços no chão extremamente gelado. Masalom estava de pé diante da barreira de proteção olhando ao longe distraído, mas em sua face pairava um sorriso contido.

— O que aconteceu? — pergunto baixinho para não atrapalhar a conversa que ele estava tendo no celular.

Ao me aproximar reconheci a voz da pessoa do outro lado do telefone. Era Sarah e sua voz estava chorosa. Não entendi porque a irmã dele estava chorando e ele, sorrindo.

— Calma, princesa, nós estamos indo pra aí. — anuncia. — Pode deixar que eu vou cuidar de todo o necessário para o velório. Faço questão. — conclui e desliga.

— Meu pai acaba de falecer. — minha boca se abre em choque pelo modo frio como ele falou.

Olho pra ele sem saber o que dizer então simplesmente falo:

— Eu sinto muito. — digo triste por ele. — Sei bem como é a dor da perda.

— Não sinta, pra mim ele já foi tarde. — meu queixo cai e eu olho pra Masalom completamente atordoada.

— Ele era seu pai! Como você pode falar uma coisa dessa? — pergunto incrédula.

— Não, boneca, ele não é e nem nunca será o meu pai. — afirma. — É apenas um homem qualquer, ou melhor, um homem que merece queimar no fogo do inferno. — fala isso com tanta propriedade, tanta mágoa que dou alguns passos pra trás temerosa por não reconhecer o homem à minha frente. Ele não é o mesmo que desde ontem me trata com carinho.

— Vamos! Eu prometi à Sarah que cuidaria do velório e da imprensa. — passa por mim trajando uma cueca box branca.

Vi-o começar a se vestir, mas eu continuava ali parada, sem saber como processar tudo aquilo que ele disse e menos ainda o que fazer para lhe ajudar. Todavia

de uma coisa tinha certeza. Masalom não podia carregar esse rancor e ódio do seu pai. Isso seria prejudicial a ele e às pessoas ao seu redor.

Caminhei até o quarto sem saber realmente o que fazer e optei pelo óbvio que era me arrumar para ir com ele. Prendi meus cabelos no alto da cabeça e arrumei meu vestido que estava amassado. Fui até o banheiro escovar os dentes e lavar o rosto.

Ao regressar para o quarto, Masalom também já tinha se aprontado e me esperava de braços cruzados com as costas recostadas na porta.

Caminho até ele decidida a dar-lhe conforto. Talvez aquela fosse uma barreira de proteção que ele tivesse criado. Diante dele abraço sua cintura. Ele não hesita em me abraçar de volta. Porém quando menos espero, ele me ergue e rodopia comigo nos braços antes de me beijar com fúria.

.....

Faz duas semanas desde o velório do pai de Masalom. Recordo como se fosse hoje aquele dia em que saímos da casa dele. Resumindo foi uma correria.

Procurava explicação para a frieza de Masalom enquanto ele dirigia em silêncio. Por fim, antes de chegarmos ao palácio, acabei lembrando do diário que

havia lido. Ao vê-lo comemorar a morte do pai, tudo que pensei foi o quanto eu daria pra ter o meu de volta, por isso estranhei a forma como ele estava feliz com o fato do seu ter ido. Mas ao recordar das palavras que li, dei razão à sua reação.

Quando chegamos ao velório vi que a pobrezinha da Sarah era a mais abalada com o ocorrido, já os outros filhos pareciam não se importar muito. Era visível que Masalom se continha para não comemorar, enquanto Horlom nem deu-se o trabalho de aparecer. A mídia fez alvoroço até o dia do enterro e o povo, por sua vez, quis dar o último adeus àquele que os governou por anos. Entretanto, meu marido conseguiu controlar os ânimos de todos apenas com palavras. Sua liderança é impressionante.

Foram três dias extremamente desgastantes.

Na noite do enterro, Masalom simplesmente se abriu e contou todo o horror que foi sua infância e que estava muito contente com a morte do pai. Falou tudo isso enquanto estávamos deitados na penumbra do quarto, quase dormindo.

Foram vários minutos silenciosos até ele puxar minha cintura e me colocar sobre seu corpo. Nós nos fitamos, mesmo com a visão um pouco limitada por conta da iluminação. Por fim acabamos nos beijando e

transando pela terceira vez. No início, quando ele entrou em mim, até senti um pouco de incômodo, mas, como havia tido três dias para as assaduras desaparecerem, o ato não foi doloroso. Eu realmente senti prazer com ele estocando fundo em meu sexo.

Suspiro feliz ao relembrar como me senti plena em seus braços.

Todavia voltando para o aqui e o agora, mais especificamente hoje, eu estou aguardando Sarah pra irmos à clínica da doutora Mirian fazer os meus exames. Enquanto ela não chega, estou tentando ler. Masalom havia me deixado duas tarefas antes de viajar há três dias e os exames era uma delas. A outra era ler alguns livros que ele tinha me dado antes de partir. Já li alguns e compreendi muito sobre relações sexuais, inclusive estava mais aberta a conversar com ele a respeito e, quando ele me ligava à noite, eu lhe fazia várias perguntas sobre outras coisas que não entendia. Ele sempre me dava respostas esclarecedoras.

Estava ansiosa pra ver a Sarah, pois ainda não tinha tido a oportunidade de conversar com ela a respeito da minha vida sexual, já que, segundo meu marido, a mãe dela fez com que ela ficasse trancada no quarto em luto pelo pai desde o velório. Aqui estou eu sozinha no meu quarto, desde que Masalom viajou para resolver algum

problema. Ele não me disse o quê, exatamente, mas eu tenho quase certeza que tem haver com a máfia.

Todos os dias em que Masalom e Sarah estiveram ausentes, Salan me ajudou como um guia turístico neste palácio enorme. Ele vinha me buscar para o café, almoço e jantar. Claro que eu sabia que meu marido tinha um dedo nisso tudo. Salan também me trazia os jornais logo cedo e, por isso, eu sabia que o povo estava na expectativa para coroação do novo rei, ou seja, Masalom. Numa das nossas conversas por telefone, ele me disse que isso iria demorar alguns meses para acontecer.

Num dos dias que estava tomando café sozinha, encontrei meu cunhado Horlom. Ele me pareceu bastante abatido, porém eu preferi não perguntar nada a respeito, afinal, nem tínhamos intimidade, mas, para minha surpresa, ele puxou conversa e perguntou como eu estava sem seu irmão e se caso eu precisasse de alguma coisa, que o procurasse. Mediante isso, me senti livre pra me comunicar com ele e, quando percebi, já estava rindo das histórias de infância que ele me contava, coisas como suas brincadeiras com a Sarah ou simplesmente as traquinagens que ele e Masalom aprontavam. Vi que ele era uma boa pessoa naquele instante...

Estava divagando em lembranças novamente,

quando ouço batidas sutis na porta e da Sarah me chamar. Deixei o livro em cima da mesa ao lado da cama, peguei o véu e fui abrir a porta.

— Alá! Que saudades! — grita Sarah. Afoita, assim que me vê, se joga em mim, me abraçando apertado. Eu a abraço forte também.

— Também senti sua falta. — murmuro. — Como você está? — pergunto quando nos soltamos.

A última vez que a tinha visto, tinha sido há dez dias e ela estava muito sentida pela morte do pai. Ela nem desconfiava das maldades dele e talvez fosse melhor assim.

— Um pouco mais conformada. — diz segurando minhas mãos entre as suas. — Vamos? Não podemos nos atrasar ou Masalom vai pôr a culpa em mim. — rio da declaração e energia enquanto aceno com a cabeça.

Fechei a porta e juntas, lado a lado, andamos pelos corredores que eu já estava um pouco mais familiarizada.

— Masalom me disse que sua mãe te trancou no quarto... — paro tentando achar uma forma melhor para me expressar, porém, não é preciso, uma vez que ela começa a falar.

— Sim, segundo ela, orar esses dias era o mínimo que eu devia ao meu pai. — revira os olhos. — Não tive escolha. — conclui antes de me olhar. — E você e meu irmão? Como estão? Nossa estou morrendo de curiosidade. Quero saber como foi. Fiquei contando os segundos para te ver e saber cada pequeno detalhe da sua noite de núpcias. — fala desenfreada.

— Sarah... — ralhei vermelha de vergonha olhando para os lados para ver se alguém tinha ouvido essa louca, mas, no fundo estava doida para falar.

Ela estreita os olhos me encarando.

— Ah não, Savannah. Eu quero saber de tudo! Nem adianta negar ou eu vou colar em você como carrapato em busca de sangue. — adverte e eu só consigo soltar uma risada.

Ergo os braços em rendição.

— Tudo bem! Eu te conto quando voltarmos. — concordo e ela bate palmas animada.

Avistamos o novo motorista que abriu a porta do carro assim que nos viu. Também visualizamos um automóvel estacionado logo atrás do que iríamos e, ao lado dele, tinha três homens de preto gigantescos e musculosos conversando. Ao nos ver, eles entraram no carro.

— Quem são esses homens? — sussurro pra Sarah que parecia tão surpresa quanto eu.

— Não sei, mas levando em conta a última vez que saímos, deduzo que sejam seguranças. — sussurra de volta antes de sorrir para o motorista que nos reverenciou.

O percurso foi rápido e os exames mais ainda, já que a doutora Mirian me aguardava, ou melhor, penso que eu fui sua única paciente aquele dia. Sarah ficou aguardando na recepção vendo uma revista. Logo voltei acompanhada da médica que me informou que quando saísse os resultados, contataria Masalom e veria com ele como proceder nosso próximo encontro.

Despedimo-nos e a volta para o palácio também foi rápida.

Descemos do carro quando o motorista abriu a porta e eu fiquei pensando em como a minha vida tinha mudado. Acho que não sentia mais medo de Masalom. Pelo contrário, eu até gostava dele agora. Morava num lugar que nunca, nem em sonhos, cogitei morar. Tinha uma amiga que, mesmo sendo maluquinha, era amiga. A única coisa que queria agora eram meus pais comigo, entretanto, sinto que eles estão bem e contentes por eu, enfim, estar feliz.

— Savannah... Alá, mulher, acorda pra vida. — Sarah me faz voltar à realidade através de seus gritos e

um cutucão.

— Hum... Oi? — indago piscando os olhos tentando focar em seu rosto coberto.

— Perguntei se quer almoçar agora. — gargalha.

— Pode ser. — respondo e ela agarra meu braço me levando pra dentro.

— Sabe quando Masalom volta? — pergunta e eu lhe olho interrogativa. — Minha mãe me falou que ele viajou. — explica.

— Não sei, ele não disse. — digo com sinceridade enquanto me concentro em não tropeçar nas próprias pernas tentando acompanhar seus passos rápidos.

Sarah para ao chegarmos na mesa e me olha.

— Podemos fazer uma festa do pijama então. Sempre quis fazer isso, mas minhas irmãs eram umas chatas e nunca me permitiram participar das delas. — sugere pulando. — O que acha? — questiona.

Estava cansada de ficar sozinha e como Masalom ia demorar...

— Eu também nunca participei de uma... gostei da ideia. — falo enquanto me sento.

Ela bate palmas no ar antes de se sentar também e vai sugerindo o que podemos fazer. Sarah só para

quando Horlom chega acompanhado pela Brena. Também fiquei intrigada, afinal, era a segunda vez que ele a trazia ao palácio.

— Boa tarde, cunhada. — fala Horlom e eu respondo. — Boa tarde, princesa. — diz pra Sarah que também responde enquanto o observa sentar e mandar a Brena que mordiscava os lábios e remexia as mãos nervosa, fazer o mesmo.

Brena senta e fica olhando o vaso de flores sobre a mesa como uma estátua.

— Olá, Brena, como vai? — cumprimenta Sarah e eu faço o mesmo.

A moça ergue o olhar perdido pra nós e murmura um fraco "Oi". A mulher que servia a mesa trouxe a comida deles e eu e Sarah voltamos a comer fingindo não prestar atenção nos dois. Eu não tinha esquecido da promessa que fiz a ela e precisava arrumar uma forma de perguntar sobre a Elisa.

— Hum... Brena, nós vamos fazer uma festa do pijama e eu iria adorar tê-la conosco. — convidei e recebi a atenção instantânea de Horlom. — Se, bem... se vocês não forem sair. — completo gaguejando e Sarah parte para me ajudar.

— É claro que eles não vão sair e, mesmo que fossem, podem sair outro dia. Por favor, Brena, vai ser tão

legal se você ficar... — implora.

Brena olha pra Horlom como se implorasse pra ele deixar.

— Não íamos fazer nada, ela pode ficar, mas antes vou levá-la para buscar suas coisas. — Horlom diz com o rosto inexpressivo.

Sarah faz uma dancinha com os braços cantando uma música em seu idioma oficial e Brena sorri para Horlom.

Terminávamos de comer, enquanto os irmãos discutiam o porquê de um não passar o sal para o outro. Sarah acabou jogando molho de macarrão na cabeça dele que revidou jogando o copo de água. Brena e eu comíamos sorrindo e contidas.

Depois nós subimos e Horlom, que tinha limpado o rosto, saiu de carro com Brena prometendo trazê-la de volta às seis da noite. Sarah foi ao seu quarto após me deixar em frente ao meu, dizendo que ia mandar preparar aperitivos e que ia ver algumas brincadeiras.

Entrei no quarto e vi que ele estava totalmente arrumado e cheiroso. Com certeza alguém tinha vindo arrumar. Resolvi tomar um banho antes de voltar a ler meus livros, enquanto aguardava a ligação do meu marido e a chegada das meninas mais à noite.

Entro no closet e pego uma lingerie azul clara de renda e a visto. Por cima dela coloco uma camisa branca do Masalom, pois elas são muito mais confortáveis que meus vestidos. Devidamente vestida, de cabelo arrumado num coque e perfumada, fui até a cama e sentei recostada à cabeceira antes de pegar o livro na mesinha.

Abri a página marcada e quando ia iniciar a leitura, o telefone celular que Masalom me enviou através de Salan toca. Fico nervosa como todas as vezes em que ele ligou, mas me apresso em atender. Pego o celular na mesinha e atendo.

— Oi! — exclamo baixinho.

— Oi, boneca! — ao ouvir sua voz masculina sinto uma vontade boba de sorrir. — Como foi com os exames?

— Deu tudo certo. A doutora disse que quando os resultados saíssem te ligava. — falo mexendo na barra da fronha do travesseiro.

— Ótimo, estou quase terminando por aqui. Logo estou de volta. — anuncia. — Continua lendo os livros?

— Sim, mas não tenho nenhuma dúvida. — me apresso em dizer.

— Se é assim, podemos aproveitar esse tempo

com outra coisa. — prendo a respiração esperando ele desenvolver melhor aquela sugestão. — Está no quarto? — pergunta e eu digo que sim. — Sozinha? — volta a indagar.

— Sim. — afirmo novamente.

— Excelente, feche a porta com a chave. — ordena e eu corro para obedecer. — Fez? — questiona segundos depois.

— Fiz. — respondo sem entender nada.

— Coloca a chamada no alto falante e me diga como está vestida, boneca. — com as mãos tremendo eu acato o comando.

— Estou com uma de suas camisas brancas. Espero que não se importe. — completo a última parte rapidamente.

— De forma alguma, boneca, mas você não entendeu. Eu quero que me diga exatamente como está trajada. Quero saber, com detalhes, sobre sua lingerie, a cor, a textura. — engulo em seco e olho pra baixo.

— Hum, bom por baixo da sua camisa tem meu sutiã tomara que caia azul claro e ele tem um laço entre meus... entre meus seios. — paro tímida, mas ele me manda continuar. — É, bom.. e por último minha... calcinha de renda na mesma cor que o sutiã.

— Consegui visualizar sua boceta babando pelo meu pau, coberta apenas pela delicada renda encharcada da sua calcinha, boneca. — entreabro a boca surpresa, extremamente temerosa ao perceber o que ele está querendo fazer. Li sobre isso num dos livros. — Abra os botões da camisa, mas não tire. Quero que sinta meu cheiro. — abri os botões com dificuldade pelas mãos trêmulas, mas não por sentir dor.

— Pronto. — sussurro ofegante.

— Puxe o sutiã pra baixo deixando visível seus bicos franzidos e afaste sua calcinha para o lado me dando a visão das suas dobras rosadas. — continua e eu faço sentindo tesão, sim aprendi que é assim que se chama, acumulando em meu baixo ventre. — Separe as pernas e feche os olhos me imaginando entre elas. — faço sentindo o ar frio soprar ali e por isso fico ofegante. — Ponha uma mão aberta em um de seus seios e apalpe-o.

— Masalom... — me vejo dizendo quando o prazer aumenta.

— Isso, boneca, que gostosa. — me incentiva. — Desça a mão livre pelo seu pescoço lentamente. Sinta o arrepio, boneca. Vá levando a mão até seu mamilo negligenciado e circule o dedo indicador pelo bico imaginando minha língua úmida de saliva.

Gemi baixinho.

— Escorregue esse dedo por sua barriga e circule seu umbigo, minha putinha safada. — traço meu umbigo e jogo a cabeça pra trás ansiosa para chegar na minha vagina.

— Oooh... Deus! — exclamo desavergonhada.

— Sinta a pontada de excitação que seu toque te dá, safada. — eu realmente senti era como se ele soubesse como meu corpo reagiria mesmo antes de acontecer. — Agora deslize a mão até o meio das suas pernas e sinta como você está molhada e me diga, boneca, como se sente tocando os fluidos que seu corpo libera só pra mim? Você é só minha.

— Masalom eu preciso de mais... hum. — murmuro.

— Que putinha mais impaciente. — diz e eu consigo perceber o ar de riso em sua voz. — Muito bem, boneca, sabe aquele pontinho que eu costumo chupar? Seu clitóris está inchado. Toque-se e o encontre. — me ergui sobre os braços e o procurei com os dedos.

— Achei... — falo quase sem voz.

— Desenhe círculos nele, sem cessar. — avisa e eu faço.

— Masalom eu... — grito sem saber o que dizer quando sinto um pouco de líquido quente deslizar pra fora

do meu canal e minhas pernas tremerem.

— Não feche as pernas, Savannah. Eu quero ver seu sexo receptivo pulsar. — me repreende como se estivesse me vendo naquele estado.

Continuei me acariciando e quando achei que era meu fim, ouço:

— Savannah, cheguei abre a porta! — Sarah grita e eu levanto rapidamente.

Arregalo os olhos sem saber o que fazer.

— Masalom, a Sarah, ela...

— Eu ouvi, boneca, mas não abra a porta.

Continue. Não disse pra parar. — esbugalho meus olhos.

— Mas...

— Sem mas Savannah! — me repreende.

— Cunhada! Anda! Abre! — Sarah continua gritando.

Hesitante e ainda mais nervosa, volto a deitar e me posicionar como estava antes. Levo a mão ao meu clitóris e traço os dedos ali. Fico com receio da minha cunhada, que está do outro lado da porta, me escutar. Uma corrente de adrenalina e tesão me consomem.

— Aaaah, Deus! Masalom... ela está... do outro... lado... e hum. — digo entre gemidos sentindo meu

sexo pulsar, os líquidos saírem mais rápido, meu corpo sacudir.

Masalom ri rouco.

— Vamos, boneca, rápido. Ela não pode te ver nessa posição comprometedora. — expressa do outro lado e eu me acaricio mais rápido.

— Aaaaah aaaaahh. — berro loucamente.

— Shiii, não faça escândalo, boneca, ela pode ouvir. — me repreende e eu mordo os lábios com força tentando prender meus gritos. Nesse momento, eu desabo na cama completamente destruída, ofegante e trêmula.

Masalom ainda conversava comigo pelo telefone dizendo que quando chegasse iria me possuir de todas as maneiras, que queria presenciar eu me dando prazer pessoalmente, que ia ouvir ao vivo meus ruídos. Enquanto isso eu, ao me recuperar do orgasmo, arrumei a roupa numa velocidade impressionante, enquanto o ouvia falar safadezas.

— Merda, Savannah, abre essa porta! — Sarah berra estressada.

Já vestida, alcanço o telefone sobre a cama e retiro do modo alto falante colocando no ouvido em seguida.

— Masalom, eu preciso desligar. — aviso sem

fôlego pela correria que fiz pra me vestir. — Sua irmã já está impaciente e...

— Ei, boneca! Respira. — ri do outro lado. — Já pode dar atenção à ela. Até logo, Savannah. — desliga e eu coloco o celular na mesinha antes de sair às pressas para abrir a porta.

Sarah segurava algumas sacolas e caixas praguejando, enquanto tamborizava os dedos numa das caixas. Quando abri, ela estreitou os olhos antes de cair na gargalhada me deixando confusa.

— Você foi atropelada por um caminhão? — ri entrando no quarto. — Seu cabelo está um ninho de passarinho, sua roupa está do avesso e seu rosto completamente vermelho. — diz jogando os objetos na cama.

Mordo os lábios procurando uma desculpa convincente para meu estado atual.

— Hum... eu acabei dormindo de toalha. Quando acordei com seus gritos, me vesti às pressas já que não queria te deixar esperando e... foi isso. — termino ofegante, mas contente por ter me saído bem.

Sarah assente e senta na cama que agora há pouco eu me mastur... masturbei. Acho que é esse o nome...

— Você está esquisita. — afirma minha cunhada.

— Imagina, deve ser sono. Ainda estou meio tonta. — explico sorrindo sem graça.

— Se você diz... deve ser, mas anda, senta aqui que quero saber tudo que rolou na sua noite de núpcias enquanto a Brena não chega. — muda de assunto e bate no espaço ao seu lado da cama.

Caminho até lá e me jogo deitada na cama desarrumada.

— O que você quer saber? — questiono de olhos fechados.

— Como o quê? Detalhes Savannah. Se doeu, como foi, enfim, esse tipo de coisa. — Sarah diz se jogando deitada ao meu lado.

Abro um olho e olho pra ela que me observava atentamente.

— Foi... doloroso quando ele entrou em mim, sabe? — digo relembrando. — Mas, não era uma dor insuportável. — completo e me lembro de quando transamos antes dele partir. — Só senti como o sexo é bom, quando fizemos pela terceira vez. Isso foi pouco antes dele viajar. Eu me senti completamente preenchida e todo meu sangue circulava em uma alta velocidade e Masalom estava em toda parte. Eram beijos no meu

pescoço, seios, boca e até mesmo na minha vagina...

— Alá! M-meu irmão te beijou lá outra vez! — Sarah grita incrédula interrompendo minha viagem de volta ao passado. — Que nojo! Agora essas imagens não vão sair da minha cabeça! — exclama.

— Diz isso porque nunca ninguém fez em você, entretanto, quando experimentar a sensação incrível que é ter a boca de alguém te dando um prazer inenarrável, voltaremos a conversar e você me dirá se é nojento ou não. — falo. — Porque é isso que quero. E quero mais e mais. Aquilo é viciante. — suspiro sentando. — Mas mudando de assunto, o que têm nessas caixas e sacolas. — pergunto e ela também senta na cama alcançando-as.

— São jogos, tintas, acessórios, lençóis, lanternas coloridas e algo que quero experimentar. — ela fala a última parte de forma maliciosa.

— E o que seria? — questiono intrigada.

— Um litro de alguma bebida alcoólica que roubei do quarto de Horlom. — diz tranquilamente.

— Você invadiu o quarto do seu irmão, roubou um litro de uma bebida que nem sabe o que é, e ainda por cima vai beber? Você é mesmo maluca, Sarah! — falo risonha e ela dá de ombros.

— Cansei de obedecer minha mãe em tudo e vou

experimental algo novo. Nada nem ninguém vai me impedir de ficar bêbada como qualquer garota normal da Europa e das Américas. — declara com propriedade. — E tem mais: você e Brena vão beber junto comigo.

— Não sei se posso... — nego lembrando dos meus medicamentos.

— Tudo bem, sua frouxa. Se não quer, eu e Brena bebemos. — rola os olhos.

Alguém bate na porta e nos entreolhamos antes dela correr desembestada e abri-la. Do outro lado estavam Brena e Horlom. Atrás deles, dois homens carregando duas bandejas cada um.

— Entre, Brena! — convida Sarah e aponta para o irmão. — E, você, suma daqui! — Horlom revira os olhos, mas se retira. — E vocês coloquem tudo no balcão do bar. — ordena aos homens que fazem uma reverência à ela antes de adentrar o quarto para acatar seu pedido.

Levanto, caminho até Brena dando-lhe as boas vindas e a puxo até a cama.

— Como você está? — pergunto enquanto Sarah está distraída falando com os homens.

Brena sorri fracamente.

— Estou bem. E a propósito, Eliza te mandou um beijo. — diz tímida. Brena parece ser reservada. Nisto eu

e ela somos parecidas. Eu preciso adquirir alguma confiança nas pessoas para poder me abrir.

— Vou tirar vocês de lá o mais rápido possível. — afirmo lembrando da Eliza. Eu passei tão pouco tempo com ela, entretanto, foi o suficiente para ver que ela é uma mulher maravilhosa por quem desenvolvi muito carinho.

— Eliza pode até ser, mas, a mim, você não vai conseguir me tirar de lá. Horlom nunca permitirá. — murmura e quando ia perguntar por que ela disse aquilo, Sarah solta um grito estrangulado fazendo com que nós duas a observássemos.

— Estou tão feliz! — exclama e se joga em cima de nós nos derrubando na cama. — Essa noite vai entrar pra história. — murmura nos apertando com força em seus braços e todas rimos de suas maluquices. — O que vamos fazer primeiro? Brincar, comer, beber ou contar histórias? — se ajeita entre nós e Brena e eu nos deitamos direito.

Todas ficamos olhando pra cima considerado as opções.

— Espera! — exclama Sarah se erguendo nos cotovelos e alcança o litro. — Eu vou experimentar isso primeiro! — abre o litro e toma um longo gole no gargalo mesmo. — Sarah tosse e Brena e eu explodimos numa gargalhada. — Alá, isso é forte! Já estou tonta! — declara apertando os olhos fechados. — Mas é bom! — completa

bebendo mais e oferece a garrafa a nós.

Eu dispenso, mas Brena aceita ainda que seu rosto transmita receio. Ela cheira e faz uma careta, porém, leva até a boca e bebe um longo gole tossindo em seguida.

— Nunca bebi nada alcoólico, mas sinto que estava precisando. — murmura me entregando a bebida.

— Meninas, sem timidez certo? Somos três amigas que querem se divertir e experimentar coisas novas e inusitadas por uma noite. — fala minha cunhada. — Estamos aqui juntas para extravasar, desabafar e curtir, então, Brena, seja você mesma. E isso serve pra você, Savannah. Deixem essa timidez pra amanhã. — avisa tirando o litro de minhas mãos e bebendo três grandes goles seguidos.

Considero suas palavras e considerando a hora que tomei meus medicamentos, que foi às sete horas da manhã e já passam das seis da noite, decido que uma dose não vai me fazer mal.

— Concordo, me dá aqui. — aponto para a garrafa e ela me entrega. Bebo de uma vez e sinto o líquido rasgar minha garganta. — Uou! Isso é interessante. — bebo mais um pouco e entrego à Brena que não hesita em degustar a bebida outra vez.

Nesse rodízio a garrafa secou e eu me sentia tonta e leve ao mesmo tempo. Sarah ria sozinha e Brena

chorava praguejando sua paixão por Horlom, enquanto eu dormia e não dormia. De repente Sarah levanta ficando de pé em cima do colchão. Depois de quase cair, começa a se despir de suas vestes gargalhando sozinha dizendo algo como “Davi ser um idiota estúpido”.

— Então, meninas, eu sou feia? — indaga só de calcinha e sutiã.

Tento focar minha visão nela, pois estou vendo duas Sarahs seminuas.

Quando consigo, não acredito no que meus olhos veem

— Uau, Sarah! — grito surpresa e tento a todo custo me erguer na cama também. Com meu equilíbrio extremamente castigado, caio duas vezes antes de conseguir. — Merda, Davi é um imbecil! Olha só esse corpaço que o cara está perdendo! — gesticulo e caio de novo no colchão rindo de mim mesma. — Se eu fosse homem, te fuderia sem pensar duas vezes. — falo e Brena cai da cama gargalhando.

Sarah tropeça no lençol e cai também só que no colchão.

— O que diabos é fuder? — pergunta com a voz enrolada.

— Seu irmão me fez ler um monte de livros de

sexo ou erótico, como ele chama. — falo revirando os olhos. — De acordo com o que entendi através deles, fuder é o mesmo que sexo duro.

— Então você está dizendo que faria sexo comigo? — fala e solta um soluço bêbado.

— Ela disse que faria se fosse homem. — Brena ressuscita levantando do chão sentando-se na cama.

— Nós podemos jogar verdade ou consequência com essa garrafa seca. — sugere Sarah. — O mundo está girando! — observa em seguida e leva as mãos à cabeça rindo. — Vou colocar os lençóis no chão e nós podemos brincar lá.

— Vou te ajudar. — oferece Brena.

Não sei se consigo levantar outra vez. Parece que estou flutuando e ao mesmo tempo minha cabeça gira. Do nada meu marido me vem à cabeça e eu sinto saudades dele. Acho que eu estou completamente fora da casinha e a bebida afetou meu cérebro. Entretanto eu queria que ele voltasse logo e me comesse como fez da última vez.

Cristo, só de lembrar meu sexo pulsa!

Lembro dele atrás de mim e eu posicionada de pernas abertas enquanto ele socava seu pênis dotado no meu canal ao mesmo tempo em que apertava meu seio entre os dedos e mordiscava minha orelha me chamando

de gostosa. Dizendo que minhas carnes mordiam seu pau, que meu cheiro era sua perdição, que quando voltasse de viagem iria inaugurar meu buraco traseiro... Tudo isso sem nunca deixar de estocar sua masculinidade fundo e forte na minha boceta.

— Tudo pronto! Vem, cunhada! — chama Sarah.

Suspiro levantando e entre uma trombada e outra, sento no lençol branco que elas estenderam sobre o tapete. Me pergunto o porquê de estender o lençol se já tinha o tapete, todavia, apenas balanço a cabeça em negativa.

— Vou começar! Já sabe se cair no gargalo... — Brena avisa e gira a garrafa que aponta pra mim e pra Sarah.

O gargalo aponta pra minha cunhada que dança batendo palminhas no ar.

— Verdade ou consequência, Savannah? — pergunta alto demais e nós rimos.

— Consequência. — franzo o cenho incerta da minha escolha.

— Quero que fique como eu, só de lingerie. Estou com preguiça de me vestir e se eu estou assim, vocês também vão ficar. — solta uma piscadela bêbada.

Para eu ficar de lingerie na frente dos outros não

é mais um problema e o álcool também ajuda. Retiro a camisa de Masalom depois de muito esforço e giro a garrafa dando continuidade ao jogo.

— Verdade ou consequência, Brena? — indago.

Ela pensa bastante considerando alguma coisa.

— Verdade. — responde redulante.

Formulo uma pergunta que renda bastante assunto e diversão.

— Verdade que você e meu cunhado estão transando? — pergunto e a vejo engolir em seco enquanto os olhos de rapina da Sarah se arregalam em expectativa.

— Verdade. — afirma corando violentamente.

A próxima caiu entre Brena e Sarah. Brena escolheu consequência e Sarah mandou-a tirar a roupa também. Acabamos concordando que o jogo estava chato. Minha cunhada propôs nos ensinar dança do ventre já que nós duas somos estrangeiras e nunca tivemos a oportunidade de aprender.

Brena possui uma desenvoltura melhor que a minha e logo dançava melhor que Sarah. Acabei aprendendo alguma coisa e logo nos mexíamos juntas.

— É isso aí! — grita Sarah afoita batendo o bumbum no meu e depois no da Brena.

Todas pulávamos e, não sei como, mas logo a cama se tornou nosso pula-pula particular enquanto cantávamos:

— Celebrar como se amanhã o mundo fosse acabar. Tanta coisa boa a vida tem pra te dar. — estragávamos o ritmo da música que a Brena colocou com nossos gritos bêbados. — O pensamento leve faz agente gritar, uô, uôu. — acabamos nos entreolhando e Brena despencou na cama chorando de rir.

— Essa música é incrível! — Sarah exclama gargalhando. — Ainda bem que aprendi português desde cedo! — continua murmurando coisas sem contexto algum.

De repente começa outra música.

Esgotada, me jogo no colchão ao lado da Brena e logo Sarah faz o mesmo. Fecho meus olhos e quando meus batimentos diminuem a intensidade, a preguiça tomam conta de mim enquanto meus músculos relaxam.

— Vamos comer alguma coisa. — murmura minha cunhada.

— Amanhã... eu acho que vou dormir. — fala Brena.

— Também voto em tirar uma soneca. — concordo e rolo ficando de bruços.

Ninguém disse mais nada, mas, mesmo exausta,

não consegui dormir. Sentia falta de algo. Me ergui e vi que as meninas já dormiam. Também avistei o travesseiro de Masalom no chão. Alcancei-o colocando por baixo da minha cabeça. Seu cheiro ainda estava na fronha e então acabei caindo no sono.

CAPITULO 16

MASALOM

Agora é oficial. Sou o novo chefe da máfia árabe. Esses dias de viagem tinham o propósito de me apresentar oficialmente aos meus homens. Então, segui pra Itália onde me reuni com o capo da Cosa Nostra. Precisava estabelecer alianças, pois isso pode ser de grande ajuda em caso de problemas futuros.

Acabei de chegar ao palácio. São seis e meia da manhã. Ontem, quando conversei com a Savannah, estava me preparando para regressar. Acontece que preferi omitir meu retorno para pegá-la desprevenida. Quero deitar na nossa cama e ter o prazer de apreciar seu corpo envolto apenas por uma camisa minha, que é como ela tem dormido na minha ausência.

Como sei disso? Mandei Salan colocar algumas câmeras no meu quarto. Queria ver a cara da minha esposa lendo os livros que lhe dei. O fato é que ainda ganhei o presente de observá-la se masturbar sob minhas instruções por telefone. E o melhor era ela fazer isso achando que ninguém veria.

Estava no primeiro corredor que levava ao

nosso quarto, quando Horlom saía do dele. Ele também me viu e sorriu torto antes de franzir o cenho e caminhar ao meu encontro.

— Por que não disse que estava voltando? — pergunta me dando um abraço.

— Na verdade acabei terminando com meus afazeres antes do previsto, aliás, espero que tome mais cuidado por onde anda e com quem a partir de hoje. Como sabe teremos grandes inimigos e você é meu underboss, o segundo mais importante na máfia, enfim... Não por opção minha, mas por opção daquele fudido do nosso pai que deixou tudo decidido. — coloco a mão em seu ombro e Horlom revira os olhos.

— Não sou uma criança, irmão. Sei tomar conta do meu próprio nariz. — fala. — Aliás como foi com Pierre "o estrangulador"? A Cosa Nostra te recebeu bem?

— Melhor impossível. Só tive que cortar um soldado deles em pedacinhos para comprovar minhas teorias fazendo o idiota confessar as traições. Por fim, um don super importante me ficou grato e agora me deve um favor. — respondo me dirigindo até meu quarto, porém meu irmão continua no meu encalço. — Podemos conversar sobre isso depois, pirralho? Se não se importa, quero fuder minha esposa. — digo com ironia quando paro diante da porta.

— Não acho que terão privacidade para tal conduta, caro moleque. — sussurra como se estivesse contando um segredo. Entretanto, conheço-o o suficiente para saber que ele está tirando uma com minha cara.

Bufo não lhe dando atenção e então meus ouvidos captam uma melodia agitada, porém, baixa, quase imperceptível do outro lado da porta. FRANZO o cenho e giro a maçaneta. Quando abro a porta, o som explode livre. Não foi o som, ou a bagunça, ou o cheiro de álcool que me deixou surpreso, mas as três mulheres seminuas na minha cama dormindo feito uns anjinhos.

— Que merda é essa? — Questiono firme e elas vão acordando. Horlom já não estava mais sorrindo também. Ele caminhou até o quarto e pegou uma garrafa que estava jogada no chão.

Savanah tinha a cabeça sobre um travesseiro e as pernas desnudas sobre outro. Ela trajava apenas uma minúscula calcinha azul e um sutiã na mesma cor. Se não estivesse puto por não poder colocar em prática meus planos para aquele corpo, assistiria a cena com admiração, minuciosidade e diversão. Além dela tinham as outras duas garotas. A tal Brena, que conheci na minha festa de casamento, tinha as pernas sobre a outra garota que eu nunca vi ou se vi me foge da memória essa recordação.

— Merda, Brena. Você bebeu, caralho! — exclama Horlom perdendo as estribeiras. — Acordem, agora! — grita caminhando até o celular e aumentando até o último volume a música que tocava.

Savanah puxou o travesseiro e colocou em cima da cabeça numa tentativa frustrada de diminuir o volume do som em seus ouvidos. Brena caiu de bunda no chão assustada e...

— Abaixa esse som! — berra a voz da minha irmã vindo da outra moça.

— Sarah!? — questiono uníssono a Horlom, desnorteado, confuso e surpreso.

Ela senta na cama com cada mão na lateral da cabeça.

— Não, a cuca do sítio do pica pau amarelo! — retruca irônica enquanto pragueja. — Baixa a droga dessa música, Horlom, ou eu te mato! — ameaça lhe direcionando um olhar de um olho só já que o outro está fechado.

— Alá, princesa! — Horlom exclama. — Vai vestir-se. Já pensou se a tua mãe te vê assim? Não gosto nem de imaginar. — provoca.

Concordo com a cabeça.

— Assim como? — Sarah franze o cenho e olha

pra seu corpo. — Alá! Saiam daqui! Droga! — grita se cobrindo completamente com o lençol.

Horlom desligou a música e saiu do quarto rindo. Eu o acompanhei e fechei a porta atrás de mim, enquanto aguardávamos elas se recomporem.

— O que estava acontecendo no meu quarto? — questiono seriamente de braços cruzados.

— Nossa princesinha teve a maravilhosa ideia de fazer uma festa do pijama ontem e praticamente me forçou a deixar Brena participar. — explica. — O que eu não imaginava era que todas iam encher a cara com um dos meus whiskies que, aliás, nem sei como elas tiveram acesso. — divaga.

— Espera! — ergo a mão para me pronunciar. — Como assim "você deixar a garota participar?" — pergunto de sombrancelhas arqueadas.

— Ainda mando naquele clube e nas mulheres de lá, então, é isso que ouviu. Eu tenho que deixar. — argumenta, entretanto, não me parece que ao menos ele aceitou aquele discurso esfarrapado

— Você não me convenc...

A porta se abre e Brena surge timidamente impedindo que eu desse continuidade à minha frase. Horlom pega a pequena mala que ela carregava.

— Vamos, Brena, preciso te deixar no clube. — meu irmão coloca as mãos atrás das costas da mulher e a guia pra longe dali.

Suspiro cansado antes de adentrar no quarto novamente. Sarah já colocava suas vestes e Savannah uma de minhas camisas. Ambas arrumavam a bagunça que haviam feito. Quando me viram, minha boneca sorriu tímida e minha princesa correu ao meu encontro.

— Faz tão pouco tempo que foi viajar, mas já estava com saudades! — exclama me abraçando apertado. — Bom, vou deixar os pombinhos a sós para matarem as saudades, porém, aconselho que usem outro quarto porque este está uma zona. — diz quando se afasta. — Enfim, até mais Sav! — abraça minha boneca rapidamente e se retira do cômodo.

Savannah me olha nervosa enquanto morde os lábios.

— Não vai me dar um beijo, esposa? — indago e a vejo engolir em seco. Ela vem a passos comedidos até onde estou.

Com um passo fechei o resto do caminho e reivindiquei sua boca com fúria. Senti falta do corpo dela pressionado ao meu, dos seus gemidos quase inaudíveis, do seu aroma e sabor.

Minha boneca é muito mais baixa que eu e, por

isso, precisei deixá-la mais ao alcance. Segurei sua coxa e puxei até tê-la com as pernas enroladas em meu quadril. Meu membro estava pronto pra ela desde que a vi naquela droga de calcinha dormindo como um anjo. Sinto-a tremer ao perceber minha excitação contra sua boceta.

A cada beijo que damos percebo que minha boneca retribui com mais segurança e propriedade. E isso me dá um orgulho masculino inenarrável. Saber que ela é só minha, que me pertence, que jamais esteve com outro homem que não seja eu, que seus beijos e boceta apertada receberam apenas a mim... É um sentimento inegável.

Seus braços se enrolam em meu pescoço e as mãos adentram meus cabelos em punho fechado. Nossas línguas, lábios e respiração se confundem neste instante. Caminho com ela e a escoro contra a porta, então, pressiono seu lábio inferior entre os dentes e ela arfa. Traço beijos molhados, chupadas e mordidas ao longo do seu pescoço recebendo gemidos como: humm e aah quase imperceptíveis e, caralho, se aquilo não me deixa maluco de tesão.

— Sentiu minha falta, safada? — pergunto mordiscando o nódulo de sua orelha e o chupando em seguida. Savannah aperta as pernas em resposta e respira fundo. — Responda, boneca. — sussurro dando prosseguimento aos movimentos anteriores.

— Senti! — murmura com a respiração alterada.

— Bom! — aperto seus seios perfeitos. —

Porque eu senti falta de você e não posso negar que isso era o que mais me dava saudades. — seguro firmemente sua boceta enquanto olho em seus olhos cor de mel nebulosos de desejo. — Não que tenha passado muito tempo, mas meu pau reclamava a cada segundo pela casa dele, pelo seu lugar preferido, aconchegante e quentinho. — falo baixinho recebendo sua total atenção já que ela me observava mordendo os lábios. — A ideia de ter sua pele aveludada contra a minha não me deixou em paz também. — arranco minha camisa de seu corpo.

— Aaah! — minha boneca grita surpreendida enquanto os botões voam antes de repousar no piso. — Masalom... — geme meu nome. Percebi que além de gostar de ouvir palavras promíscuas, Savannah gosta de um pouco de brutalidade, como receber alguns tapas no seu grelhinho ao mesmo tempo em que a penetro com força ou um beliscão nos seios, ou até mesmo puxões em suas madeixas capilares.

Passo minhas mão por seu abdômen e lhe beijo novamente. É incrível como minha boneca está completamente receptiva a mim quando deslizo minha mão até suas dobras encharcadas. Acaricio seu clitóris e ela suspira contra minha boca. Logo introduzo dois dedos

em seu canal.

— Aaah, hum, oh Deus! — exclama e se agarra nos meus ombros buscando apoio, assim, ela nem teve tempo para processar quando rasguei sua calcinha com o intuito de ter melhor acesso ao meu alvo.

Nossas bocas se devoravam parando vez ou outra para colocar um pouco de oxigênio nos pulmões.

Quando senti que ela viria, diminuí as estocadas. Meu desejo é fazê-la gozar em meu pau, não nos meus dedos. Minha boneca gemeu em protesto quando tirei os dedos de dentro dela e eu sorri pra ela. Quando dei espaço à sua boca, ela jogou a cabeça pra trás escorandona contra a porta. Daquele jeito seus seios pediram por minha boca e eu não hesitei em prová-los ao mesmo tempo em que abria minha calça colocando meu pênis pra fora dela.

— Masalom, eu preciso gozar! — reclama e logo arregala os olhos como se tivesse dito uma barbaridade.

— Ah, precisa é? Que tal isso. — guio meu pau até sua entrada e com ele acaricio sua boceta. — Quer ele aqui? — indago lhe penetrando só a cabeça.

Savanah grita e arranha meus braços.

— Vai ter que pedir, boneca. — declaro por fim

e, mesmo querendo preenchê-la até o talo, retiro-me do seu canal.

— Masalom! — bufa indignada. — Eu quero, quero você, me coma logo! — diz fora de si.

Grunhi diante de suas palavras e enfimhei meu pau com brutalidade na sua boceta apertada. Ambos gememos. Minhas arremetidas eram duras e minha boneca apertava meu pau me deixando louco.

A pele de Savannah tinha um tom de rosa deslumbrante, sua boca estava entreaberta buscando por ar e quando menos esperei ela começou a rebolar o quadril no meu pau enquanto arranhava meus braços e gritava em êxtase.

O som da sua respiração era alto e constante. Suas pernas acabaram escorregando pelas minhas uma vez que estava segurando-lhe pela cintura. Puxei seu corpo pra mim e a fiz pular no meu pênis. Aquilo era o sexo mais intenso que já tinha feito. Parecia que queríamos nos fundir num só.

— Masalom! — sussurra puxando meus cabelos. — Estou perto! Aah.

— Estou sentindo, boneca! — respondo estocando fundo dentro dela e fazendo uma parada naquela posição. — Você está moendo meu pau. — rugi.

Minha boneca geme e grita antes de virar gelatina nos meus braços com o rosto enterrado em meu pescoço. Suas carnes prendem o meu pênis e assim acabo gozando dentro dela.

CAPÍTULO 17

SAVANAH

O quarto está iluminado pela luz amarelada que vinha naturalmente do céu, a luz mais perfeita que existe para enamorados, segundo as histórias que minha mãe me contava, aquelas onde os casais separados pela distância conversam com a lua como se ela fosse capaz de juntá-los ou transmitir a mensagem. Havia também as histórias onde eles se beijam sob ela, selando promessas e mais promessas de amor, ou aquelas que simplesmente ficam um dentro dos braços do outro compartilhando o calor corporal, a ternura e conforto.

E por mais inacreditável que pareça, aqui estou eu vivenciando o último dos contos românticos que citei. Neste instante um sorriso besta paira nos meus lábios. Minha cabeça repousa no peito de Masalom, minhas pernas envolvendo as dele, um conduzido calor humano ao outro, emaranhados... E senti-lo acariciar meus cabelos, enquanto a luz da lua nos envolve, faz com que me sinta confortável.

O fato é que o dia de hoje foi inteirinho regido a relações sexuais e Masalom conseguiu acabar comigo. Nem ao menos demos uma pausa para um lanche, só

tomamos banho porque podíamos transar no chuveiro.

É estranho dizer que nem sei mais o que é ter vergonha de expor meus desejos a meu marido? Acho que não, afinal, já pedi pra ele me comer. Sim, disse essa frase várias vezes descaradamente. Também implorei pra ele me penetrar mais forte... enfim me tornei uma desavergonhada. Não que Masalom se importasse, porque, pra falar a verdade, acho que era esse seu intuito desde o princípio.

Me aconchego melhor em seu peito, pois seu cafuné já está me deixando com a cabeça pesada, louca de sono, quase cochilando. E a verdade é que o calor humano e o conforto do colchão só pioram as coisas... Acabo de desistir de lutar contra a corrente e me permito dormir.

Não saberia dizer que horas eram quando acordei, entretanto, dizer o porquê o fiz é simples. Meu estômago revira, a ânsia de vômito é horrível e, pra completar meu mal estar, tem a sensação de amargo na boca. Levei as mãos à boca e ergui a cabeça do peito de Masalom. Foi um único movimento, mas já o despertou.

— Sem sono, boneca? — indaga com a voz mais rouca que de costume, consequência do sono.

De repente meu estômago contrai e num pulo salto da cama antes de sair em disparada rumo ao banheiro. Masalom acendeu as lâmpadas antes mesmo que

eu conseguisse alcançar o banheiro, perguntando o que estava acontecendo.

Me agachei diante do vaso e coloquei pra fora tudo que tinha no estômago. Me sinto um caco. O enjôo está destruindo minhas forças. Dou a descarga e sento em cima do vaso com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos na cabeça.

Nem percebi quando comecei a chorar e menos ainda quando meu marido entrou no banheiro. Masalom se abaixou diante de mim e segurando meu queixo ergueu meu rosto.

— Você está bem? Quer que pegue alguma coisa? — questiona prestativo enquanto me fita com atenção e limpa minhas lágrimas com o polegar.

— Eu não sei... me sinto mal. — respondo fracamente, então, respiro fundo algumas vezes. — Acho que vou escovar meus dentes. — falo me levantando e ele faz o mesmo.

Fiz minha higiene bucal sobre seus olhos de rapina e quando terminei que virei pra olhá-lo, minha visão ficou turva. Se ele não tivesse segurado minha cintura rapidamente, teria caído.

— Merda, boneca! — exclama me pegando no colo levando-me em seguida de volta ao quarto onde me colocou na cama. — A que horas foi sua última refeição?

— pergunta colocando a mão espalmada em minha testa.

— Não lembro, talvez ontem na hora do almoço.

— reflito de olhos fechados, mas ouço quando ele respira forte e levanta da cama, pois sinto o colchão mexer.

— Vou buscar alguma coisa para você comer na cozinha. — fala. — Volto logo.

Apenas concordo concentrada em controlar aquele mal estar horrível. Escuto quando a porta bate. Tento voltar a dormir, pois meu corpo ainda sofre pelo sono interrompido, mas é em vão tentar descansar nessas condições, então, fico ali focada em não vomitar ou chorar. Poucos minutos depois Masalom se senta ao meu lado e me põe sentada, colocando alguns travesseiros por trás das minhas costas.

— Consegue comer ou vou ter que te dar na boca? — pergunta humorado talvez querendo me animar, entretanto, fracassa.

Me ajeito naquela posição e abro meus olhos encarando Masalom. Sua mão descansa na lateral oposta do colchão deixando meu corpo preso a ele.

— Eu consigo sozinha. — respondo e ele pega a bandeja na mesa ao lado da cama e coloca no meu colo sobre um travesseiro.

— Então coma, boneca, e desculpe por não ter

me preocupado com sua alimentação antes. — ia colocar um pedaço de torta na boca, mas este ficou parado no ar quando parei para responder.

— Não foi só culpa sua... — argumento e enfim saboreio a torta.— Além de que isso deve ser consequência da bebida que ingeri ontem. — lembro mastigando. — Humm isso está divino! Aceita um pedaço? — questiono pegando outro pedaço levantando o garfo à altura de sua boca, mas ele nega com a cabeça. — Vai aceitar sim. Você também não comeu. — retruco chateada.

— Sou mais resistente do que imagina, Savannah. Passei muito mais que um dia e meio sem me alimentar. Meu corpo já está acostumado, mas não o seu. — diz e abaixa minha mão segurando meu pulso, entretanto, não desisto.

— Também já passei dias sem comer ou tomar banho. Acha que viver na rua é fácil? Acha que tinha comida sempre que meu corpo reclamava? — inquiri e ele me olha por vários segundos. — Custa abrir a boca, droga! — exclamo exaltada e ele ergue as sobrancelhas antes de dar uma gargalhada baixa.

— Gosto do seu lado estourado. — declara, mas apenas o ignoro e volto a lhe oferecer a torta. Dessa vez ele aceita.

Comi tudo que tinha na bandeja dividindo com Masalom. Depois ele desceu até a cozinha para deixar a bandeja e retornou com uma xícara de chá pra mim. Já estou bem melhor em comparação ao que sentia anteriormente. Minha cabeça estava normal e a ânsia de vômito foi embora.

— Sente-se melhor ou devemos chamar uma médica? — questiona deitando e puxando meu corpo pra ele.

— Não precisa, estou melhor. Só quero dormir um pouco. — bocejo me ajustando ao corpo dele.

— Boa noite, boneca! — diz antes de beijar minha testa e desligar a luz.

— Boa noite! — respondo de olhos fechados.

Os raios de sol que atravessam as janelas iluminando meu rosto é um sinal de que já passa da hora de acordar. Me encontro sozinha na cama. O único sinal do meu marido são os lençóis amassados. Empurro as cobertas e vou até o banheiro tomar um banho e fazer minha higiene matinal. Retorno alguns minutos depois ao quarto me sentindo desperta e revigorada para esse novo dia que surge.

Fui ao closet e escolhi uma lingerie branca de renda e um vestido verde escuro bem solto. Em seguida sequei meus cabelos molhados exatamente como a mulher

que os arrumou no meu casamento me explicou. Prendi-os num coque no topo da cabeça deixando alguns fios soltos, depois coloquei as jóias que Masalom me deu e aproveitei para borrifar só um pouquinho de perfume em meu pescoço, uma vez que já tinha passado um creme de pele super cheiroso por todo o corpo ainda no banheiro.

Escolhi um par de sapatos e pronto! Estou trajada e perfumada.

Cantarolando retornei ao quarto e encontrei Masalom sentado na poltrona que ficava na sacada. Estava pensativo, enquanto bebia algo. Ele está lindo naquele terno meio cinza bem cortado. Fiquei parada sem saber se ia até ele, correndo o risco de atrapalhar seu sossego ou se ficava calada pra ele não perceber minha presença. Eu sei que é meio maluquice minha, mas fico com um frio na barriga quando ele está perto e ao mesmo tempo tenho vontade de abraçá-lo. São sentimentos conflitantes.

— Vem até aqui, boneca! — tenho um sobressalto quando sua voz interrompe abruptamente meus pensamentos, entretanto, completo a distância que nos separa e paro ao lado da poltrona.

— Como sabia que estava ali? — pergunto e ele segura meu quadril levando-me a sentar em meio às suas pernas.

Recosto minhas costas contra seu peito. Meu marido põe o copo na mesinha que tem do lado da poltrona, com bombons, rosas brancas, doces... Masalom envolve minha cintura com os dois braços e beija meu pescoço um pouco abaixo da orelha deixando todos os meus pelos eriçados.

— Adoro sua pele macia e esse seu cheirinho de pêssegos. — sussurra em meu ouvido, mordiscando-o em seguida.

Coloco meus braços sobre o seu e exalo fortemente.

— Em que fase estamos agora? — indago lembrando do nosso acordo. — Penso que passamos daquela em que nos conhecemos.

— Penso que você tem razão, boneca. — concorda. — Que tal namoro? É a fase em que estreitamos os laços, adquirimos cumplicidade e nos tornamos o casal que somos. — sugere.

Ergo minha cabeça do seu peito para fitá-lo.

— Certo, podemos começar com... Aquilo. — aponto pros bombons e ele encosta nossos lábios. Sorrio tímida e volto a me acomodar em seu peito. — Você gosta de doces? Porque tinha um monte de doces naquele seu baú. — explico quando ele ri.

— Não exatamente, mas, de vez em quando, quem não gosta? — responde com sinceridade.

— Hum, certo. E sua infância como foi? Não a parte ruim só as boas.

Ele já me confidenciou sua infância cruel, a que era treinado para matar sem dó, piedade ou culpa. Camuflar seus sentimentos, resistir a provas de sobrevivência e, ao final, me pediu para não tocar mais naquele assunto. Foi perceptível, enquanto ele falava, a amargura por não poder ter sido criança e por não receber afeto do pai.

Masalom disse também que não mudará nunca, mas agora que o conheço um pouco mais, sei que ele sente ódio dele mesmo por ser quem é. Eu decidi, desde aquela noite, que tentaria ajudá-lo a carregar tal fardo.

— Minha infância foi baseada na minha mãe, Pamela, uma mulher extremamente afetuosa, doce, simples, delicada e, ao mesmo tempo, resistente e em Horlom, meu fiel escudeiro. Éramos inseparáveis...

— Eram? — interrompo e Masalom respira fundo.

— Ele cresceu. Não sei explicar. Eu o amo muito, mas, nos últimos meses, sinto que nos distanciamos. Ele já não me conta tudo e eu não me sinto no direito de exigir nada, uma vez que nunca lhe contei a

respeito da outra vida que levo paralela a esta. — seus dedos acariciam minha cintura enquanto fala. — Mas voltando ao que dizia, minha infância teve também o Davi que conheci numa festa aqui no palácio, e minha princesa, Sarah, a menininha sapeca de olhos azuis que me deixava maluco, quer dizer deixa até hoje. Minha princesa maluquinha é a única dos meus irmãos a quem amo como ao Horlom. Ela, assim como ele, era meu refúgio do mundo sombrio. Ambos viviam, quer dizer, vivem brigando por bobagens e eu me divertia acalmando-os. Conseguia esquecer de tudo quando estava com eles e imaginá-los criança.

Estava chorando diante de suas palavras, porém limpei as lágrimas e me ergui virando e sentando-me em seu colo. Passei os braços no pescoço de Masalom e o beijei lentamente. Quando precisamos de ar, paramos para respirar com as testas coladas. Ele sorri bem próximo à minha boca.

— Está querendo sexo, boneca? — pergunta e prende meu lábio inferior entre os dentes, enquanto nos encaramos. — Peguei pesado com você ontem e, além disso, você passou mal. Estou louco por você, mas vou ter que resistir, por enquanto. — fala beijando minha bochecha. — Vem, vamos pra dentro. O sol está esquentando. — e me pega nos braços.

— Eu consigo andar! — digo o óbvio, entretanto, a resposta que recebo é um beijo que vamos combinar me deixa sem argumentos.

— Não tenho nada com que me preocupar hoje e vou passar o dia contigo. O que acha de um filme? — pergunta e eu assinto.

Meu marido me colocou na cama e abriu a gaveta retirando os controles dali. Em poucos segundos uma televisão surgia. Ele foi até lá com o cenho franzido.

— Não me lembro de ter deixado um DVD aqui... — reflete e imediatamente recordo do que se trata.

Pulo da cama atordoada, nervosa, suando frio e com o coração em disparada.

— Masalom, não... — tento dizer, mas era tarde demais.

As cenas do filme que vi com a Sarah aparecem na tela e eu fico como uma estátua no meio do quarto. Masalom observava entre mim e a tela. Seu semblante reflete diversão e confusão. Após ver mais que o necessário, ele retira o filme.

— Andou vendo pornô, esposa? — questiona de sobranceiras arqueadas. — Onde conseguiu isso, Savannah? — volta a indagar quando não respondo.

— Eu é... — gaguejo. — Eu... — minha

capacidade de raciocínio parece mais lenta que o comum, talvez porque estou sob pressão e o olhar de Masalom é extremamente frio e impenetrável.

— Você? — indaga me encarando sem piscar.

Engulo em seco procurando uma desculpa que não prejudique a Sarah, mas não consigo pensar em nada, por isso, baixo a cabeça.

— A Sarah trouxe para vermos. — murmuro.

— Alá! A Sarah? — pergunta abismado. — Quando? Não vi nada pelas câmeras. — diz e franze o cenho.

— Que câmeras? — é minha vez de ficar confusa e intrigada.

— As câmeras que pedi para Salan instalar quando fui viajar.

— Foi muito antes de sua viagem... Espera! — exclamo exaltada quando processo o que ele acaba de dizer. — Você disse câmeras? — questiono incrédula. — Estava me vigiando esse tempo todo?

— Sim, estava. — concorda na maior cara de pau. — Salan não poderia estar sempre contigo e decidi que assim seria melhor te socorrer caso sua doença se manifestasse.

— Isso é inacreditavelmente sem fundamento. —

abano as mãos. — Não estou com uma doença terminal para precisar de vigilância. — rosno.

— Claro que não, mas também não está saudável, boneca. Você praticamente desmaiou diante de mim nessa madrugada. — argumenta e dessa vez eu não tenho como retrucar, entretanto, me sinto completamente chateada com ele. Mesmo que suas intenções sejam honradas, isso não lhe dava o direito de me manter em vigilância vinte e quatro horas por dia sem meu consentimento. — Você não tinha esse direito de qualquer forma. — volto a sentar na cama.

— Savanah, isso é o de menos. — responde e eu estreito meus olhos pra ele.

— Não é Masalom! Estou muito chateada. — declaro cansada.

— Certo, podemos conversar depois. Agora preciso arrumar um marido pra minha irmã com urgência. — fala e sai a passos decididos em direção à porta.

Salto da cama e corro para o impedir não acreditando no que ele acaba de falar. Agarro o braço dele com o coração a mil por hora. Masalom vira lentamente.

— Como assim arrumar um marido pra Sarah? — indago ofegante e tenho certeza que meu rosto passa o assombro que estou sentindo.

— A honra dela irá parar na lama caso alguém descubra que ela assistiu aquele filme. — passa as mãos pelos cabelos. — Minha irmã vai ser apontada na rua e eu sou o responsável por impedir isso já que nosso pai faleceu. Além disso em alguns meses serei o rei e devo ser o maior exemplo para o povo e seguir nossas tradições, é um deles. — beija meus lábios e segue seu caminho. Meu braço escorrega pelo seu. Eu fecho a porta e me encosto ali com as mãos na cabeça.

— Tadinha da Sarah! — murmuro pra mim mesma.

(...)

Continuo brava com Masalom uma semana depois que descobri sobre as câmeras. O ruim é que não consigo negar sexo a ele quando este me procura à noite. Na verdade era o contrário, sentia falta quando ele chegava muito tarde e não me acordava.

Nessa semana que se passou tive que consolar a minha cunhada que pareceu perder todo o seu brilho e alegria. Praguejei bastante comigo mesma por ter esquecido aquele DVD e mais ainda por não ter conseguido inventar uma mentira a respeito dele.

— Ouviu o que eu disse, boneca? — Masalom me questiona tirando-me das minhas divagações, no momento em que estávamos no carro indo encontrar minha

médica.

— Não, o que disse? — pergunto voltando minha atenção a ele.

— Comentei que você fica ainda mais linda quando usa as jóias que te dei. — Masalom se aproxima e sussurra em meu ouvido. — Está pensativa. — observa.

— Estava pensando na sua irmã. Ela anda tão triste com essa história de casamento. — suspiro deitando minha cabeça em seu ombro. — E é tudo minha culpa. — completo.

— Tenho certeza de que essa tristeza vai passar logo. — afirma e eu ergo o rosto para vê-lo sorrir misterioso.

— Como pode ter tanta certeza? — indago.

— Depois eu te explico se me prometer manter o silêncio, porém, por agora vamos focar apenas em sua saúde. — diz e eu concordo. — A doutora já me adiantou que seu estado não se alterou, mas, segundo ela teremos uma surpresa. — reflete cheirando meus cabelos.

— Se meu estado é estável, o que poderia nos surpreender?

— É o que vamos descobrir. — coloca meu véu e o motorista abre a porta para sairmos do carro uma vez que acabamos de chegar à clínica.

Desço e Masalom cerca minha cintura. Então eu me surpreendo quando uma grande quantidade de repórteres nos cercam e, mais ainda, quando um monte de seguranças nos protegem.

— Alteza, quando irá ser coroado? — ouço um dos repórteres perguntar.

— Sua esposa está doente? — pergunta outro.

— Pretende se casar novamente? — indaga um terceiro e depois uma enchente de questões surge e eu não consigo distinguir mais nenhuma, já que as vozes e flashes se misturam.

Masalom parecia focado em entrar na clínica rapidamente e me puxava junto consigo. E eu? Eu estou atordoada com tamanha loucura. Estávamos praticamente correndo quando adentramos a clínica.

A própria médica veio nos dar as boas-vindas.

— Príncipe e princesa! — Dra. Mirian nos reverencia.

— Como vai, Doutora? — Masalom pergunta.

— Muito bem, alteza. — sorri e aponta para uma porta. — Vamos nos acomodar na minha sala. Tenho boas notícias. — olha carinhosa pra mim. Já falei que gosto dela? Acho que não, mas estou falando agora.

O braço de meu marido ainda me circulava

quando seguimos a médica até sua sala. Masalom puxou uma cadeira branca bem moderna pra que eu sentasse e em seguida ocupou o lugar ao meu lado. Mirian, a médica, ocupou seu lugar atrás da mesa e pôs seus óculos de grau quadrados. Ela é muito exuberante, de qualquer forma.

— Primeiramente, gostaria de saber se tem tomado seus remédios direitinho, alteza.

— Tenho sim. — respondo. — Nos horários estipulados. — completo.

— Ótimo, então. Já adiantei para seu esposo por telefone que seu estado não sofreu alterações, por isso continuaremos com essas medicações. — explica pacientemente. pega alguns papéis em sua gaveta e olha pra Masalom. — Como o príncipe me pediu, realizamos na sua mulher uma bateria de exames e tirando a artrite reumatóide, ela se encontra em perfeita saúde. Todavia, me surpreendi com um detalhe que fará toda diferença na vida do casal de agora em diante. — ela passa as folhas pra meu marido que franze o cenho.

— Do que se trata? — questiona me fitando rapidamente antes de voltar a observar a médica.

— Uma gravidez. — anuncia e eu perco o fôlego por alguns segundos. — Vocês serão pais, altezas. Parabéns! — declara. Porém uma única palavra parece um letreiro na minha mente GRAVIDEZ. Deus, eu estou...

grávida?

Masalom não disse nada e eu me viro pra ele hesitante.

A doutora limpa a garganta e pede licença, mas Masalom diz que não precisa ela sair, pois nós é que já estávamos de saída. Mirian concorda e lhe dá o número de uma outra médica pedindo pra nós que a procurasse, pois ela cuidaria de mim e da minha gravidez.

Então Masalom, que continuava mudo, levantou e eu fiz o mesmo automaticamente. Não sabia bem o que pensar, o que fazer ou no fato de que tem um bebê crescendo dentro de mim.

A saída da clínica foi um borrão pra mim. Ouvia, mas não entendia. Via, entretanto, não focava em nada específico. Já dentro do carro que se movimentava, levei uma das mãos à minha barriga e, distraidamente, a acariciei.

— Vamos ter um filho, Masalom. — murmuro emocionada e o olho, porém, não sei se deveria. Meu marido parecia aflito e seu semblante era impassível. — Você não quer? É isso? — me vejo indagar e foi exatamente neste momento que percebi. Masalom não me tocava como quando fez na vinda. Ele apenas me observava.

Quando o medo dele rejeitar nosso filho me

enchou, ele enfim me puxou para ele. Um abraço onde me mantinha agarrada a ele como se eu fosse sua tábua de se firmar no presente.

— Alá! Uma criança, boneca... — me aperta com força contra ele e me solta segurando minhas bochechas. — Savannah, eu... eu juro que vou cuidar da melhor maneira possível do nosso filho. Vou ser um bom pai, eu juro. — disse espalmando a mão em minha barriga e eu encosto a testa na dele.

— Eu sei que sim! — olho no fundo dos seus olhos que me encaram com atenção. — Você é bom para os seus irmãos, você sempre cuidou deles e eu sei que vai cuidar do nosso bebê. — afirmo, pois tenho aquela certeza no fundo do meu peito. Masalom consegue se sobressair em qualquer coisa que se proponha a fazer e ser pai, sem dúvida, será uma delas. — E eu vou estar ao seu lado. — completo e nos beijamos.

Um beijo cheio de promessas para nosso futuro. Ele é um assassino frio, um verdadeiro monstro, mas durante esse período em que estamos juntos, consegui ver seu lado humano também, o lado que sofre pela forma como foi tratado pelo pai, que se exalta, brinca e sorri como qualquer outro homem normal.

Nossas bocas se acariciam com sofreguidão. Meus braços circulam seu pescoço e as mãos dele fazem

pequenos círculos em minha cintura. Ficamos assim entre beijos durante todo o percurso e eu já podia afirmar que estava apaixonada por ele há tempos, todavia, só percebi agora. Estou apaixonada por ele porque me sinto segura ao seu lado, mas, ainda assim, fico nervosa.

O automóvel para e eu desço do seu colo passando as mãos por meu vestido amassado. Ao descer com a ajuda de meu marido que me estendia a mão, vi que não estávamos no palácio, mas na mesma casa em que passamos a noite de núpcias. Na mesma casa que permiti que ele nos unisse da forma mais bela, íntima e prazerosa que um homem e uma mulher podem se completar. Naquela noite nos tornamos um só e, de alguma maneira sinto que aquele instante foi um grande avanço para nos tornarmos verdadeiramente marido e mulher, esposo e esposa... um só.

Masalom me puxa pela mão para dentro da casa que ele abriu com uma senha.

— Achei que merecemos privacidade para comemorar a vinda de nossa criação mais perfeita. — revela parado à minha frente e se agachando para beijar minha barriga. — Nosso filho. — ergue o rosto com a cabeça encostada em meu abdômen. — Entretanto, preciso te alimentar antes dessa vez. — declara ficando de pé e me guia com a mão espalmada em minhas costas até a

cozinha.

— Posso cozinhar? — indago afoita com a ideia.

— Pode, na verdade, eu iria propor exatamente isso. — sorri coçando a nuca. — E enquanto você cozinha, eu vou preparar a mesa na área de lazer próximo à piscina. — fala alcançando os armários e procurando as louças.

Não me faço de rogada e abro a geladeira e armários procurando ingredientes para ver o que posso fazer pra gente. Sorrio achando as receitas perfeitas e tipicamente brasileiras. Trata-se da nossa culinária mais simples, porém, incrivelmente saborosa: arroz de forno, feijão, bife, batata frita e salada de alface com cebola e tomate. Se houver algum brasileiro... ou melhor qualquer ser humano que resista a tal prato, este ainda não me foi apresentado.

Masalom logo me deixou ali sozinha e saiu equilibrando algo que não vi exatamente do que se tratava. Cozinhei cantarolando baixinho e estava tudo pronto quando meu marido apareceu na cozinha.

— Humm... — expira profundamente seguindo até o fogão e abrindo a panela de feijão. — Alá! — exclama me fazendo olhá-lo. — Você fez... nossa, faz tanto tempo que comi feijão. — tampa a panela. — Acho que foi na época em que minha mãe era viva. — reflete

caminhando até o balcão que é onde estou organizando as batatas numa tigela e a salada em outra. — Ela valorizava muito a culinária de seu país e queria que todo mundo visse o quanto maravilhosa é. E ela conseguiu, porque tanto eu quanto Horlom, Sarah, Salan e até o velho do seu marido somos fanáticos por cada pequena coisa daquele país, desde a culinária até os sotaques. — ri perdido em pensamentos. — Lembro que fomos com minha mãe de visita ao Brasil e nós tentávamos imitar um cara que falava: oxente, vixe Maria, que passou por nós gritando na praça. Houve outro que esbarrou na Sarah e ficou desesperado falando: não te vi guria, tu estás bem?... Enfim seu país é uma miscigenação de culturas e raças que eu aprecio muito.

— Nossa que lindo isso que disse! — digo sorrindo.

— Seu país é que é lindo! Precisa ver a paixão da Sarah por um tal de sítio do pica pau amarelo. — gargalha. — Ela assiste e tem livros de Monteiro Lobato até hoje. — abana a cabeça.

Rio baixinho. Também eu era doida pelo sítio. Lembro que queria ser a Iara.

— Admiro seu senso crítico baseado em fatos reais. Na escola, alguns dos poucos professores que tive, diziam que nosso país é tido como um bando de foliões

sem compromisso, de bandidos e de mulheres fáceis. — sorrio triste. — É triste saber que têm pessoas que julgam sem conhecer, sabe? Nosso país é alegre? Sim é, e é esta alegria que nos faz vencer os obstáculos a cada dia. Sabemos o momento de nos controlar. É uma alegria boa, inspiradora e energética. E isso não significa dizer que somos um bando de arruaceiros.

— Nosso país tem bandidos? Sim, mas me diga um que não tenha. Os bandidos de lá são mais visíveis porque a justiça é flexível e prende um bandido hoje, amanhã ele está solto novamente, ou seja, um trabalho feito em círculos que sempre aponta para o mesmo lugar e nunca a chegada. A culpa é do povo? Não, não é. A culpa é de um bando de irresponsáveis que estão nos "governando".

— No Brasil as mulheres são fáceis? Nunca! Apenas buscamos a liberdade de nos vestir da forma que queremos. Somos receptivas a novas amizades? Sim, meu país tem um povo acolhedor, entretanto, não quer dizer que saímos fazendo sexo a torto e a direito com um cara que trocamos algumas palavras. Essa visão é completamente equivocada. Enfim, o Brasil não seria Brasil sem nossa garra, perseverança, coragem, união, miscigenação, determinação e alegria... Bom, mas vamos comer que está esfriando. — rio ao me dar conta que me estendi bastante e acabei saindo do real sentido da nossa

conversa.

Masalom também sorri antes de me surpreender com um beijo intenso.

— Escolhi a mulher ideal para ser minha companheira. — diz e eu reviro os olhos.

— Anda logo, seu bobo. — aponto para as coisas no balcão. — Leva aquelas, depois voltamos para pegar o resto.

Masalom pegou as tigelas sorrindo lindamente e me mostrou o caminho até a tal área de lazer.

CAPÍTULO 18

MASALOM

A paternidade não estava nos meus planos apesar de que nunca me importei em usar proteção com a Savannah. Pensando bem, sempre agi de forma diferente com ela. Não a trato como minhas outras fodas, talvez porque ela não seja só uma foda qualquer. Ela é doce, inocente e delicada. Gosto de vê-la acanhada, feliz, dormindo, pensativa, enfim, uma série de pequenas coisas que a fazem ser intrigante.

Mas voltando ao bebê, a notícia me deixou sem reação. Sempre gostei de crianças e, ao contrário dos caras da máfia, que acham arriscado amar alguém por ficarem vulnerável, eu não tenho este problema uma vez que vou protegê-los com minha vida. Não vou deixar ninguém tocar minha boneca ou meu filho, porque quem o tentar será mutilado sem dor nem piedade.

Meu único problema com a gravidez da Savannah é o medo de ser igual ao meu pai. Sei que vou tentar ser um bom pai, mas e se não conseguir?

— Em que você está pensando? — minha boneca pergunta acariciando minha mão.

Tínhamos devorado aquela refeição que ela preparou, eu sugeri que viéssemos até a piscina e ela aceitou. Neste momento estamos sentados embaixo de um guarda-sol. Savannah está com o corpo recostado ao meu peito, enquanto nossas mãos estão emaranhadas à sua cintura. Empurro seu cabelo para o lado e percebo um leve tremor em seu corpo.

— Estava pensando em como te convencer a entrar comigo na piscina. — sussuro em seu ouvido e ela arfa. Aquilo não era um invertebrado. Meu pau está duro feito pedra só de tê-la assim tão perto.

— Não sei, nem estamos com roupas de banho. — aponta fracamente enquanto beijo seu pescoço.

— Quem disse que precisamos, hum? — digo chupando o nódulo de sua orelha. — A piscina é só um pretexto para te ter nua em meus braços e roupas não são bem vindas. — falo e ela geme. — De nenhum tipo, de banho, de festa, do dia a dia... Só sua pele lhe cobrirá.

— Masalom! — resfolega. — Não podemos andar pelados por aqui. — geme quando afago seu seio. — Alguém pode nos ver.

— É essa a graça! Nós podemos ser vistos. — minto porque sei que a ideia lhe atrai. Ela amou se masturbar sob a possibilidade da Sarah lhe ver ou escutar na outra noite.

Vou satisfazê-la sexualmente. Claro que não deixaria alguém, além de mim, vê-la nua. Não corremos este risco porque estamos muito afastados da cidade e os muros no entorno da casa são altíssimos, porém minha boneca não vai saber disto.

Subo vagarosamente sua saia deslizando sutilmente a mão por suas coxas.

— Deixe-me possuir sua boceta aqui, boneca. —
peço passando o nariz por seu pescoço e ela ofega. —
Quero te ter na piscina. — falo afastando sua calcinha para o lado. Ao perceber, minha boneca tenta protestar, mas não consegue, principalmente, quando eu afasto suas pernas e deslizo um dedo para dentro dela. Ela está completamente encharcada e solta um gritinho de prazer.

— Meu Deus, Masalom, isso é errado... Ooooh!
— exclama quando arranco sua blusa e sutiã deixando seus seios desnudos. — Para ou eu não vou conseguir... resistir. — murmura.

— Não quero que resista! — arremeto meu dedo e enfio repetidas vezes pressionando seu ponto G. — Se tiver alguém nos observando, já viu tudo que tinha pra ver. — falo e ela joga a cabeça no meu peito excitada. — Você já está nua, boneca. — arranco sua calcinha e saia que, por sorte, era bem delicada e fácil de rasgar.

— Aaah, hummm. — geme rebolando o quadril

em meu dedo e eu acrescento mais um. — Eu quero você. — declara sem se importar que está nua.

— Então vamos entrar na piscina. — tiro minhas mãos de seu corpo fazendo ela grunhir frustrada. — Só vou te fazer gozar se aceitar minha proposta.

— Isso não é justo. — reclama, mas levanta. — Pronto, vamos! Anda logo. — diz mandona e eu sorrio vitorioso.

— Seu desejo é uma ordem, boneca. — declaro ficando de pé e tirando meus trajes rapidamente. — Que safada a minha esposa! — brinco parando pelado diante dela e a puxando pela cintura.

— Culpa sua. — cora fazendo uma pontada de tesão atingir diretamente meu pau.

Agarrei sua nuca e ela veio toda derretida para meus braços. Devoro sua boca. Apalpo seu bumbum com a mão livre, enquanto nossas línguas discutem por espaço. As mãos dela estavam em meu pescoço e uma delas arranhava minhas costas. Fiz Savannah se encaixar no meu quadril e descí as escadas da piscina com ela ali ainda varrendo minha boca.

Quando a água alcança nossos quadris, não perco tempo e enfio meu pênis na sua boceta. Minha boneca joga a cabeça pra trás com a boca entreaberta e a respiração rasa. Aproveito para morder seu pescoço.

— Aaa....ãnh! — geme com as garras enfiadas na pele dos meus braços. — Ssss... aaah... — grita quando rebolo meu pau em seu canal dando a devida atenção a cada pequeno espaço.

— Rebola no meu pau, boneca! — mando e ela assim faz mordendo os lábios. — Puta merda, gostosa! — belisco a bochecha de sua bunda com a mão.

A água da piscina formava pequenas ondas ao nosso redor de acordo com nosso movimento. Savannah ainda mantinha um pequeno "O" desenhado nos lábios enquanto eu estocava fundo nela e esta me devolvia rebolando. Sentia meu pau sendo sugado cada vez mais forte e quando isso acontece Savannah vai à loucura e me leva junto. Sentia o esperma se acumulando em minhas bolas pronto para se derramar dentro dela.

— Mais rápido marido, necessito de mais... — berra apertando as pernas em minha cintura.

Soco pra dentro e pra fora dela com fúria pouco contida e, em questão de segundos, o corpo de Savannah convulsiona nos meus braços e sua vagina lateja puxando meu pênis pra dentro e, em seguida, o empurra pra fora e puxa novamente repetidas vezes. Aquilo é mais que o suficiente para me fazer gozar.

— Ooooooh! — murmura ao sentir meu gozo quente se derramar em seu interior.

Ficamos recuperando o fôlego e, minutos depois, Savannah ergue a cabeça do meu pescoço e me beija sorrindo.

— Deus, o que foi isso? — pergunta mordendo os lábios. Apenas sorrio dando de ombros e caminho pra fora da água com ela pregada em meu pescoço.

Levo-a em seguida para dentro de casa, mais especificadamente até o nosso quarto, onde tomamos um banho e nos deitamos.

— Será que tem sorvete na geladeira? — minha boneca questiona e vira a cabeça pra me observar.

— Deve ter. Isso já é desejo de grávida? — indago curioso e ela ri baixinho.

— Não, acho que não. Só me deu vontade. — traça círculos em meu peito e beija meus lábios. — Vou olhar. — fala, mas eu não a deixo se levantar.

— Eu vou buscar pra você. — declaro e ela sorri agradecida.

Levanto e caminho até a cozinha deixando-a ali esparramada na cama. Via pela janela que o sol já tinha ido embora e lá fora já estava dando lugar para a escuridão. Eram umas seis horas da noite.

Encontro um pote de sorvete na geladeira, pego uma colher no armário e regresso ao quarto. Savannah

estava sentada com seus álbuns no colo. Caminho até ela, ela ergue a cabeça e os guarda na gaveta do móvel ao lado da cama.

— Meus pais iam ficar felizes em ter um netinho. — acaricia a barriga e me olha com os olhos brilhando em lágrimas. — Obrigada por encontrá-los. — gesticula para gaveta. — Nosso filho ou filha vai poder saber como eram os rostos dos seus avós.

Aceno com a cabeça e lhe estendo o pote.

— Seu sorvete. — ela passa a língua pelos lábios e os morde.

— Humm. — cruza as pernas em cima da cama e coloca um travesseiro ali onde deposita e abre o pote.

Afundo na cama ao seu lado e lhe estendo a colher.

— Minha mãe também ficaria feliz com a notícia, assim como eu estou. — reflito. — Acho que deveria comer algo mais saudável que sorvete. — aconselho, mas ela nega.

— É só por hoje. — coloca a colher na boca. — Nossa. — ela enche a boca com outra colherada e então me oferece. Ignoro a colher e abocanho sua boca com gosto de morango e chocolate.

Recebo um beliscão no braço e lhe olho

surpreso.

— Você vai sujar tudo. — fala fazendo bico.

— Não é muito aconselhável bater num mafioso, boneca. — declaro sério. — Sorte sua que eu sou bonzinho. — pisco pra ela que ri e volta a tomar seu sorvete.

Me ajeito na cama e deito com o braço embaixo da cabeça.

— Poderíamos ir ao Brasil antes que eu assuma o trono e que sua barriga fique enorme. — dou a ideia e minha boneca me encara com os olhos brilhando. — Gosta da ideia? — questiono.

— Muito, sinto falta de lá. — diz entre uma colherada e outra. — Quando vamos? — pergunta colocando o pote vazio no móvel ao lado da cama e se arrasta até onde estou deitando a cabeça em meu tórax.

— Em dois dias. Seria só o tempo de nos organizarmos e anunciar sua gravidez ao povo árabe, afinal, se for ele, um garoto, este provavelmente poderá governar a Arábia depois que eu morrer. — explico com os dedos massageando seu coro cabeludo fazendo o cheiro de pêssegos adentrar meu nariz. — Tem também as negociações com o noivo da Sarah e eu preciso chegar em um acordo. — lembro enquanto observo o pote vazio. — Você tomou tudo? — gesticulo para onde o pote está e ela

assente.

— Você precisa mesmo obrigá-la a se casar? —
apoia o queixo nas costas da mão que está aberta em meu
peito.

— Sim, mas antes vou dar algo que ela quer
muito desde pequena. — digo omitindo o quê, pois sei que
ela correria até minha princesa para contar. — Seu futuro
noivo é compreensível e concordou com minhas
condições.

— Masalom, coitada da Sarah. Ela ama o Davi.
— murmura voltando à sua posição anterior.

— Vamos deixar esse assunto pra lá por
enquanto. Você precisa descansar.

— Isso é injusto. — reclama, mas fica quieta.

O silêncio reverbera no cômodo e em pouco
tempo sinto seu corpo relaxado. Resolvo preparar as
coisas para a viagem, já que iremos depois de amanhã.
Depositei a cabeça de Savannah contra o travesseiro, cubro
seu corpo e levanto com cuidado para não acordá-la.

Caminho até meu escritório e sento na minha
cadeira. Telefono para Salan.

— Sim, alteza. — atende.

— Boa noite, Salan! — cumprimento. — Preciso
que marque uma coletiva de imprensa para amanhã de

tarde e um café com a família reunida para manhã.

— Aconteceu alguma coisa, chefe? — pergunta preocupado.

— Não, Salan, só quero que o mundo saiba que vou ser pai. — declaro esperando sua reação.

— Alá! — exclama animado. — Parabéns, alteza!

— Obrigado, entretanto ainda tem mais uma coisa. Quero que marque uma reunião com meus homens. Preciso decidir quem te ajudará durante o tempo que vou ficar no Brasil com minha esposa. — detalho enquanto alcanço uma caneta que estava em cima da mesa.

— Vai viajar? Bom, seu irmão deveria ficar em seu lugar. — observa.

— Não, Horlom ainda não está pronto para assumir essa responsabilidade. — esclareço. — Preciso deixar tudo nas mãos de um cara experiente. Não quero ficar preocupado com o que acontece aqui enquanto durar a viagem.

— Entendi, Alteza. Vou fazer tudo agora mesmo. — fala prestativo.

— Obrigado, Salan. Quando eu voltar, será você que tirará férias ou quem sabe se aposente de vez...

— Fiz alguma coisa errada? — me corta aflito.

— Não, Salan, nada. Muito pelo contrário. Você é um dos meus melhores homens, porém precisa aproveitar o resto de sua vida tranquilamente. — explico. — Mas ainda há tempo para decisões. Ainda preciso muito de você durante minha ausência. — falo. — Até logo.

— Até! — desligo o telefone e deixo o escritório regressando ao quarto.

Savanah dormia quando me desfiz das roupas e deitei ao seu lado no colchão. Como todas as noites, assim que a puxei para perto pela cintura, minha boneca ronronou feito uma gatinha manhosa e se aconchegou ao meu corpo.

— Boa noite, boneca. — sussurro beijando o topo de sua cabeça.

Amanhã será um longo dia, mas, depois, terei minha esposa só pra mim sem interferências durante algum tempo... Pensando nisso, acabo dormindo.

CAPITULO 19

SAVANAH

Uma boca bulinava meu sexo quando acordei. O fato é que já meio que me acostumei com isso. É sempre assim todo dia de manhã. Ele me acorda com uma carícia que nos leva ao sexo, seja abocanhando meus seios, seja minha boca, meu pescoço, meus pés, chupando meus lábios vaginais — como faz agora — ou simplesmente me penetra e eu acordo com ele dentro de mim.

Espreguiço-me, ou melhor, tento, pois estou em chamas com a boca do meu marido chupando meu ponto sensível.

— Bom dia, boneca! — sussurra ao ver que acordei e ao mesmo tempo vai subindo em cima de mim. — Não há melhor café do que seu gosto em minha boca. — xaveca com o rosto diante do meu. — Quer experimentar? — questiona e pressiona nossos lábios.

É amiga, como não acordar? Responda-me. Eu simplesmente acordei pra vida em instantes com a boca quente e sedenta de Masalom devorando a minha, com seu pau enorme pressionado a minha entrada, me levando ao

delírio, já que só um movimento seria o suficiente para todo o material adentrar meu canal além das mãos grandes passeando em todo meu corpo.

Meu marido enfiou seu pau na minha boceta e eu gemi contra seus lábios. Suas arremetidas eram lentas e sem pressa aumentando meu desejo. Quando enrolei meus pés em sua bunda ele inverteu nossas posições como se eu não pesasse nada. O fato é que fiquei deitada em cima dele e aquilo era novidade pra mim.

— É só rebolar e pular no meu pênis, boneca. — diz como se lesse meus pensamentos e pisca pra mim levando as mãos até meu quadril me mostrando o movimento.

Subia e descia em seu órgão genital, enquanto, vez ou outra, dava uma rebolada nele, recebendo por prêmio seu gemido rouco ou a contração de seus músculos faciais. As mãos dele escorregaram da minha cintura e um de seus dedos pressionou meu segundo buraco. Resetei quando ele forçou um pouco.

— Vou te comer por aqui durante a nossa viagem. — ele se movimenta me penetrando rapidamente enquanto empurra vagorosamente o dedo e retira. — Vamos prepará-lo a cada transa e quando acontecer vai ser bom pra você também. — segura minha nuca com a outra mão estocando veloz.

O meu prazer foi se construindo rapidamente com o vai e vem gostoso e logo eu gozava desabando no peito de Masalom que também atingiu o ápice em seguida.

Ficamos recobrando a sanidade e, um tempinho passou, até que decidimos por um banho. No banheiro fizemos sexo outra vez e em seguida fomos à cozinha onde lhe preparei o café da manhã.

— São quase oito e meia e temos que chegar em casa no café. — ele diz tomando uma caneca de leite enquanto consulta o relógio de pulso. — Ontem pedi que Salan marcasse uma reunião familiar e à tarde uma coletiva. Ambas são para anunciar a vinda de nosso bebê. — esclarece e eu concordo.

Estou sentada na mesa da cozinha diante dele comendo um sanduíche delicioso e Masalom me olha sobre a caneca de leite.

— Iremos viajar amanhã a que horas? — pergunto antes de morder o sanduíche.

— Provavelmente pela manhã. — responde pousando o copo agora vazio no tampo da mesa.

Acabei de me alimentar em silêncio, entretanto, vez ou outra nossos olhares se cruzam. Eu particularmente observava o corpo do meu marido que apenas me aguardava paciente. Masalom é perfeitamente lindo. Seus músculos, nada exagerados, eram o suficiente para me

deixar abobalhada. Ele ainda tem aquele rosto bem desenhado pra atingir o ápice da perfeição e me atormentar ainda mais. Ele é, sem dúvida, o homem mais bonito que já vi.

Quando não restava mais nada em meu prato, Masalom se ergue e me estende a mão que eu alcanço levantando da cadeira.

Caminhamos abraçados até a saída da casa e percebi que o motorista já nos aguardava. O senhor fez uma reverência e abriu a porta pra nós. Masalom fez um gesto pra eu entrar primeiro e eu o fiz sentando no acento. Em seguida ele se acomodou ao meu lado. O motorista fechou a porta e tomou seu lugar ao volante.

— Você não tomou seu remédio, boneca. — observa me puxando para seu colo.

Aproveitei para deitar a cabeça no vão entre seu pescoço e ombros antes de responder:

— Eu não os trouxe, mas vou tomar assim que chegarmos. — afirmo inalando seu cheiro masculino e amadeirado, enquanto sua mão traça linhas retas em meu braço.

— Vou mandar Salan comprá-los e deixar no nosso quarto para que não os atrase cada vez que viermos aqui. Aliás fiquei refletindo esta manhã. Acho que devemos morar numa casa só nossa. E por mim seria esta.

Quero que meu filho cresça com liberdade e privacidade.
— beija meus cabelos e espalma a mão em minha barriga.
— Quando voltarmos de viagem, teremos que ver isto, afinal, vai ser como burlar a tradição, mas a felicidade de meu filho é mais importante. — fala e eu ergo o rosto para vê-lo.

Sinto que ele tem receio de ser igual ao pai a cada vez que nosso filho é assunto.

— Ele ou ela será feliz, Masalom, tenho certeza.
— acalmo-lhe e beijo sua boca voltando a deitar, porém, agora, de olhos fechados. — Vou dormir, posso? — indago alisando sua camisa.

— Pode, claro. Quando chegarmos, eu te acordo.
— diz distraído.

Peguei no sono algum tempo depois. Estava sonhando comigo dizendo aos meus pais que eles teriam um netinho ou uma netinha quando um movimento me desperta. Era Masalom que me levava no colo pra dentro do palácio e, em seguida, para o nosso quarto.

Bocejei e me espreguicei quando ele me acomoda na cama.

— Onde estão seus remédios? — pergunta e eu aponto para o closet.

— Dentro de uma bolsa de couro de jacaré que,

por sinal, eu nunca vou usar. Credo! — completo e ele ri. — Sarah disse que ela custa uma fortuna, mas, caramba como não custaria se mataram um animal pra fazê-la? — divago sozinha já que Masalom entrou no closet.

— Aqui está! — coloca a tal bolsa de pele na cama e eu levanto observando ele ir pegar água no frigobar e me trazer. Procurei os comprimidos e coloquei na boca antes de pegar o copo com água e beber um pouco.

— Obrigada. — agradeço.

— Por nada. — responde. — Vamos descer ou ainda não despertou? Acho que estão nos esperando. — anuncia me fitando.

— Vamos sim. Já acordei. — murmuro com preguiça.

Não me preocupei com vestes, pois usava um vestido amarelo que serve para qualquer ocasião, então, apenas alisei o amassado que tinha na saia esvoaçante e arrumei meus cabelos num coque no topo da cabeça deixando alguns fios soltos e pus um véu antes de seguir para a porta com Masalom logo atrás.

Descemos e encontramos todos reunidos à mesa, desde Sarah e Horlom até os outros irmãos e primos do meu marido. Eles conversavam entre si, mas se calaram ao nos ver de pé diante deles.

— Qual o motivo dessa reunião em família, Masalom? — pergunta Sarah antes mesmo que alguém consiga dizer alguma coisa.

— Bom dia pra você também, princesa. — repreende-a com carinho e puxa a cadeira pra mim antes de sentar na sua ao meu lado. — Bom dia a todos! — exclama inexpressivo.

Observo todos à mesa e percebo que temos toda a atenção. Me remexo desconfortável na cadeira e prefiro olhar pra Masalom fingindo que não há mais ninguém além dele e eu ali.

— Antes de tomarmos café, tenho um anúncio extremamente relevante a fazer. — olha pra mim seriamente mostrando oponentia diante de sua família. — Minha esposa está grávida. — declara e uma sequência de exclamações surpresas enchem o cômodo. — Além disso quero deixar-lhes informados que assumirei o trono após voltar do Brasil. — fala depois que o burburinho acaba e gesticula para o garçom ou mordomo que estava parado de pé um pouco afastado da mesa. — Pode servir o café da manhã.

Não demorou muito para sua ordem ser atendida e todos estarem comendo. Uns em silêncio, outros cochichando e outros conversando normalmente. Percebia olhares raivosos do irmão mais velho de Masalom para

ele e aquilo me preocupou. Entretanto, vi que era visível o fato que ele teme a meu marido também e isto me tranquilizou um pouco.

Enquanto todos quebravam o jejum, eu belisquei uma panqueca uma vez que já havia tomado café. Também rezava para que aquilo terminasse logo para que eu pudesse sair daqui. De repente recebo um chute por baixo da mesa. Ao erguer o olhar, vejo Sarah segurar o riso. Reviro os olhos e ela respira fundo antes de mexer a boca disfarçadamente na seguinte frase: Vai me explicar essa história direitinho. Eu vou ser tia? Revirei os olhos outra vez e voltei aos meus pensamentos tediosos.

Foi um longo tempo, mas por fim todos terminaram de se alimentar e pudemos deixar a mesa. Masalom me ajudou a levantar, enrolou o braço em minha cintura e foi assim que nos afastamos dali.

Espero sairmos para lhe alertar:

— Seu irmão parece que não gosta muito de você. Toma cuidado com ele. — digo enquanto caminhamos.

Masalom me olha com as sobrancelhas arqueadas.

— Acha que não sei? — questiona gesticulando para a saída do palácio. — Ele me odeia porque fui oficialmente escolhido para assumir o trono. — diz

calmamente e nem um pouco preocupado. — Venha! Quero te mostrar o lago artificial enquanto os repórteres não chegam. — me guia até o tal lago.

Gostei da caminhada que tivemos que fazer para o alcançar. Nem havia percebido que estava cansada de ficar naquele mundo da barbie, cheio de glamour, luxo e muitas vezes sufocante.

A paisagem é deslumbrante. O lago de água esverdeada forma um círculo perfeito. O entorno da água é bem arborizado, enquanto o chão é todo de grama aparada. É interessante! Parece uma miragem no meio do deserto.

Ao nos aproximarmos mais um pouco, vejo uma toalha branca estendida debaixo de uma árvore com algumas almofadas vermelhas e uma cesta de piquenique sobre ela.

Olho pra Masalom com as sobrancelhas arqueadas num questionamento silencioso e ele dá de ombros.

— Quando você fez isso? — pergunto enquanto me sento sobre a toalha.

— Não fui eu. Pedi a Salan por mensagem durante o café. — explica e se acomoda ao meu lado deitando em seguida. — Acredito que vá precisar de tranquilidade antes de enfrentar a enxurrada de perguntas

que aquele bando de curiosos farão. — fala e eu me deito no tórax dele.

— Acha que não vou conseguir segurar a barra?
— pergunto magoada.

— Não disse isso, boneca! — murmura acariciando meu braço. — Às vezes nem eu mesmo os suporto e como é a primeira vez que você vai estar verdadeiramente na pontaria das suas bocas afiadas...

— Entendo. — corto-o e ergo a cabeça. — Vai demorar muito para eles chegarem? — pergunto nervosa.

— Não muito, mas não precisa se preocupar. Vou estar lá. — me puxa pela cintura e me coloca em cima dele. — Entretanto, tenho informações de vias seguras sobre uma maneira agradável de te relaxar. — passa as costas da mão em minha bochecha enquanto nos fitamos. Logo ele beija meus lábios com carinho.

Masalom rola me deixando por baixo e morde meu queixo levemente então dá atenção aos meus lábios novamente, enquanto sua mão fica espalmada em meu rosto. Não era um beijo rápido que nos levaria ao sexo, mas era tão excitante quanto. Degustamo-nos em movimentos sutis, entretanto, intensos ao mesmo tempo, pois sentia meu coração bater descompassado no peito e uma felicidade desconhecida o acertar vez ou outra.

Minutos depois de muito namorarmos trocando

apenas beijos e carícias, paramos para comer as guloseimas e frutas da cesta. Ao terminarmos, estávamos satisfeitos. Meu marido consultou o relógio e disse que teríamos que regressar ao palácio.

Foi o que fizemos e seguimos direto ao salão onde os repórteres estariam nos aguardando.

E pra meu desespero, eles realmente estavam. Havia um grande número de pessoas ali quando cruzamos o salão. Ouvia-se também uma grande algazarra. Todo mundo falando com todo o mundo. As conversas foram encerradas assim que os repórteres nos viram.

Eu suava frio. Estava verdadeiramente nervosa e acredito ter sido descoberta uma vez que meu marido apertou minha mão.

— Vai dar tudo certo. — disse baixinho tentando me acalmar, mas, na verdade, não funcionou muito.

Tomamos o lugar que nos era designado que, por sinal, era um verdadeiro trono, do tipo que só se vê apenas na televisão. Fiquei admirada.

— Boa tarde a todos vocês, repórteres e aos cidadãos árabes. — Masalom se pronuncia com sua voz imponente. — Esta coletiva tem o objetivo de informá-los sobre alguns assuntos políticos e também compartilhar com todos a minha felicidade. — ele pega a minha mão me fazendo olhá-lo. — Assumirei o trono formalmente

daqui a alguns meses e talvez até lá já serei pai. — declara e as reações são as mais diversas. Uns sorriam, outros cochichavam e outros me olhavam.

Alguém pede a palavra e Masalom fala pra este ficar à vontade.

— Parabéns, alteza! — felicita e meu marido responde com um obrigado firme. — Tenho uma curiosidade que, por certo, muitas jovens sonhadoras compartilham comigo. — completa. — Vossa alteza parece-me realizado com sua única esposa, mas pra quando planeja um próximo casamento? — Indaga.

Aquilo foi como cravar um punhal em meu peito. Minha reação foi encolher-me no acento fitando Masalom, enquanto esperava a resposta, talvez até mais ansiosa que qualquer outra pessoa. Não gostava da ideia de ter que dividir sua atenção, muito menos queria que meu filho o fizesse.

— Utilizando suas próprias palavras, eu estou satisfeito com minha mulher e não creio que vá casar novamente, pois ela já me dá muita dor de cabeça. Imagina duas. — sorri divertido fazendo charme pras câmeras. — Brincadeiras à parte, minha resposta é que não haverá outro casamento pra mim. — segura minha mão e a beija. — Vou me contentar com uma só. — declara me encarando.

— Como se sente ao saber que será a única esposa do príncipe? — questiona o repórter.

Eu nem tinha percebido que a indagação era direcionada a mim até receber de meu marido um aperto na mão outra vez.

Respiro fundo, mas de forma comedida, tentando aplacar o nervosismo.

— Me sinto honrada por saber que sou o suficiente. — sorrio pra Masalom. — De onde eu venho não há bigamia e talvez eu não soubesse lidar com ela. Na verdade eu admiro aquelas que conseguem compartilhar seu marido e entendo que é uma tradição ao qual vocês estão habituados. Todavia, pra mim, é novidade. — olho para as câmeras e completo: — Mas o que importa é a felicidade independente de qualquer quantidade ou gêneros. — volto a cabeça pra meu marido e vejo que sorri orgulhoso.

Os repórteres foram embora após milhares de perguntas em línguas desconhecidas. Naquele momento minha cabeça implorava por descanso. Aquilo era exaustivo. Todavia Masalom não aparentava cansaço algum. Tanto que depois de me trazer para o quarto, tomou um banho e disse que precisava sair para resolver algumas questões antes da nossa viagem que aconteceria no dia seguinte cedinho.

Quando ele saiu, também tomei um banho e vesti uma calcinha de renda branca confortável e uma de suas camisas. E agora estou separando algumas das minhas vestes para levar na viagem querendo ocupar o tempo até ele voltar. Já são quase sete da noite, mas não vou descer para o jantar. Meu marido disse que traria o meu para o quarto quando regressasse. Mas, na verdade, nem tenho fome.

Coloco um vestido longo e azul na mala e fico observando com o dedo indicador nos lábios o que mais me seria útil. Minha reflexão cessa quando alguém bate na porta. Será que já era Masalom? Deixei o closet e a mala aberta em cima de uma poltrona vermelha que tem ali e fui até a porta. Quando abri a porta, me surpreendi ao receber um abraço da Sarah.

— Por que não me disse que seria tia? — pergunta adentrando o cômodo ao me soltar. — Achei que merecia ser a primeira a saber. — faz bico.

Fecho a porta e vou até o closet com ela logo atrás.

— Nós descobrimos ontem Sarah. — respondo me defendendo. — Então seu irmão me levou até aquela casa em que passamos a noite de núpcias e dormimos por lá. — explico. — Enfim, vocês da família foram os primeiros a saber.

— Estou tão contente por vocês! — sorri. — Mas como vocês receberam a notícia? Deve ter sido aterrador e ao mesmo tempo incrível. — fala sentando no braço da poltrona.

— Eu fiquei em choque ao ouvir a palavra gravidez, mas quando pensei que tinha uma criança dentro de mim, sabe, meu filho... Então passei a amar a ideia. — aliso minha barriga.

— Meu irmão vai ser um pai super protetor. Estou até o vendo não querer deixar a criança sozinha um segundo sequer. — gargalha. — Quando eu tinha uns seis anos, ele ainda me levava no colo pra lá e pra cá. — balança a cabeça.

— Eu sei. Inclusive ele quer que, após a viagem, vamos morar sozinhos para o bebê ter espaço pra brincar e privacidade para crescer como qualquer criança. — digo pegando um cabide com uma camiseta leve. — Mas e você Sarah? — olho pra ela. — Masalom não me disse quem será seu marido, entretanto, disse que ele era compreensível e que lhe dará um presente.

Ela suspira triste.

— Ele não me disse nada ainda, porém não quero que se culpe, cunhada. Eu já sabia que chegaria este momento em que eu seria prometida. — levanta e olha minhas coisas. — Deixa eu te ajudar. — se oferece e eu

aceito. — Também sei que Davi nunca me olhará, Savanah. Eu o amo, entretanto, nem sei se é um sentimento que eu inventei ou se é real. — puxa alguns vestidos e coloca na mala. — Faz tanto tempo que o admiro que talvez tenha virado uma obsessão.

— Acha que pode vir a amar seu marido? — questiono.

— Por que não? Se for um bom homem, quem sabe? — franze o cenho. — Tenho certeza que meu irmão não me entregará a qualquer um. — afirma. — Bom e por falar nele, aonde ele foi? — indaga me fitando.

— Não faço ideia, mas ele me disse que tinha que resolver algumas questões antes da viagem.

— Hum. — murmura. — Nossa, eu também queria ir ao Brasil. Adorei aquele lugar.

Aceno positivamente com a cabeça.

— Estou em êxtase diante da expectativa de voltar pra casa, mesmo que seja apenas para uma visita. — concordo.

— Promete que vai me ligar todo dia para me contar tudo? — implora com as mão juntas.

— Prometo. — passo o zíper na mala que quase não fecha diante da quantidade de coisas que Sarah pôs.

— Então... Boa viagem e até logo. — me abraça.

— Agora vou deixar você descansar. Boa noite. — sai do closet e eu lhe sigo.

— Boa noite. — caminho até a porta e abro pra ela que sai depois de me dar outro abraço.

Cheguei na cama e puxei as cobertas antes de apagar as luzes e me acomodar ali para dormir um pouco enquanto Masalom não chegava. Custou um pouco até eu cochilar. Quando estava quase dormindo, senti a cama afundar. Meu marido deitou atrás de mim, afastou minha calcinha e me penetrou lentamente, todavia, foi o bastante para que eu ficasse enchacada e alerta.

— Masalom... hum. — coloquei o braço pra trás e me aguarrei à sua nuca enquanto ele escorava minha perna aberta na sua e me penetrava.

Meu corpo subia e descia contra o travesseiro de acordo com suas investidas. Sua mão apertava meu seio por cima da camisa dele que eu vestia e cada carícia me deixava louca.

— Sua boceta é tão quentinha e apertada, boneca. — grunhi. — Que delícia! — declara e eu me perco no prazer que vai se construindo no meu baixo ventre.

Como se não fosse o suficiente, ele desliza as mãos até o meio de minhas pernas e circula meu clitóris. A carícia é meu limite e o orgasmo me atinge forte.

Convunciono de prazer enquanto gemo e logo Masalom vem também.

Ele demorou um pouco para se retirar de dentro de mim, entretanto, levantou e foi ao banheiro voltando, como sempre, com uma toalha úmida pra me limpar. Enquanto ele abria minhas pernas para passar a toalha, eu cochilava. Masalom me repreende dizendo que trouxe minha refeição, mas quando digo que estou cheia, ele sossega e me deixa quieta entre a inconsciência e a lucidez, sentindo, apenas os seus braços e ele me desejando boa noite.

Ao acordarmos repetimos a dose da noite anterior e logo estávamos a caminho do aeroporto. O avião e o pessoal responsável por mantê-lo no ar, já nos aguardava. Tinha um piloto, um copiloto, enfim... tinha até uma aeromoça peituda que olhava para Masalom com malícia! Nunca que aquela mulher era árabe.

Embarcamos na aeronave que logo decolou. O avião é super confortável, mais parece uma sala de estar de uma casa. Meu marido está esparramado na sua poltrona ao meu lado. E é assim que ele está quando a peituda da aeromoça veio até nós.

— Poderia lhe ser útil, alteza? — questiona em português diretamente a Masalom, alisando o ombro dele com intimidade, como se eu fosse invisível. Isso me

deixou irritada.

— Eu estou bem. — ele responde.

Ela se abaixa e sussurra no ouvido dele alto o bastante pra eu ouvir.

— Posso te fazer aquela massagem que você adora.

Foco neles instantaneamente observando a reação de meu marido que apenas nega e pede uma água. Meu sangue quase sai pelos ouvidos de tanta raiva, mas me controlo. Não vou fazer barraco com essa vagabunda, mas Masalom me paga.

Rapidamente ela vai atrás da água dele e regressa.

— Obrigada. — ele agradece bebendo a água.
— Quer alguma coisa, boneca? — pergunta pra mim. Eu não me dou o trabalho de olhá-lo ou de gastar minhas cordas vocais, assim, apenas nego com a cabeça.

Vejo de relance a vagabunda parar a boca a centímetros da dele e dizer que estaria sempre à disposição para qualquer coisa. Aquilo foi quase o meu limite. Fiquei na minha e esperei-o mandá-la para o raio que o parta, mas ele não o fez.

Quando ela nos deixou sozinhos, eu descansei a cabeça contra o estofado do acento possessa de raiva,

magoadada e me segurando para não acabar com a raça da bruaca e da dele também. E assim permaneço por mais de uma hora.

— Tem um quarto aqui, boneca. Você pode dormir lá. É mais confortável. — anuncia e eu não lhe dou bola, apenas levanto e procuro o tal quarto sem lhe dirigir a palavra.

Ao encontrá-lo vejo que no centro há uma cama de casal e me deito nela. Não demora muito para as lágrimas virem. Não sei de onde ou por que mas, simplesmente, vieram. Eu me virei de lado deixando elas fluírem livres. Senti quando meu marido chegou e deitou ao meu lado. Ele tentou me puxar pra si, mas eu não fui, apenas desviei de seus braços. Ainda estou muito chateada.

— Boneca, o que aconteceu? Você está bem? — indaga quando desvio do seu toque. Nunca lhe neguei sexo, mas, dessa vez, eu não me esforcei muito para fazer. O problema é que agora os malditos soluços vieram juntos às lágrimas. — Droga, Savannah! — pragueja virando meu corpo de frente pra ele. — Por que está chorando? — pergunta suavemente limpando minhas lágrimas com o polegar.

— Eu não sei... Só me deixa sozinha, por favor. — peço fitando qualquer lugar menos seus olhos.

Ele tenta me acalantar e uma fúria sem sentido enche meu peito.

— Me larga! — esbravejo lhe empurrando. — Eu não quero que me toque!

Ele levanta da cama.

— Caralho, Savannah. Quer me dizer o que está acontecendo? Eu estou perdido aqui. — perde a paciência. — Você nunca me disse não, porra. — grita e eu choro, mas também perco as estribeiras.

— Você não precisa de mim. Tem uma puta lá fora se oferecendo! E você nem teve a descência de dispensá-la. — grito histérica. — Vai lá! Come ela e me deixa em paz. — digo entre soluços sobre seu olhar incrédulo.

Masalom passou a mão entre os fios de seu cabelo e respirou fundo.

— Isso tudo é ciúme? — pergunta com o cenho franzido. — Boneca, eu já comi aquela vadia de todas as maneiras que se possa imaginar! Com ela eu te garanto que não senti um terço do tesão que sinto por você. — o maldito assume que transou com aquela vaca diante de mim e ainda me compara a ela.

Não me controlo e meu sangue ferve. Pego os travesseiros que têm em cima da cama e arremesso nele.

— Sai daqui! — grito. — Sai, Masalom! —
pego outro travesseiro e fico de pé no colchão antes de
jogar nele outra vez. — Sai, seu idiota! — berro entre o
choro. — Como você ousa dizer pra mim que já a fudeu.
— sem ter mais travesseiro, arremesso os lençóis.

Devo estar parecendo uma maluca, mas porra!
Ele confirmou na minha cara e ainda me comparou com
aquela puta. Logo eu que carrego um filho dele. Continuo
jogando tudo que tem ao meu alcance sobre ele que se
defente com o braço.

— Eu vou. E quando você crescer, poderemos
conversar. — diz seriamente e me deixa sozinha.

— Isso vai lá! — grito, mas não queria que ele
fosse. Queria que ele mandasse aquela mulher ficar longe
e me pedisse desculpas.

Sento na cama e me jogo deitada em seguida. Eu
não sei por que estou fazendo uma confusão por tão
pouco, mas eu tenho medo que ele transe com ela, afinal,
ele me disse que eu tenho muito a aprender e que tem
muita coisa sobre sexo que não conheço. Então, e se ele
for procurá-la? A puta peituda deve saber tudo o que lhe
agrada.

De repente me dá uma náusea e eu levo a mão à
boca. Levanto à procura de um banheiro e o encontro. Me
agacho e ponho tudo pra fora. Também estou suando frio e

com vertigem. Consigo dar a descarga na privada, escovar meus dentes e lavar meu rosto antes de tentar voltar pra cama me escorando nos objetos ao longo do curto caminho.

Quando me deito, fecho meus olhos com o propósito de me acalmar e, se possível, amenizar o mal estar. Também tomo algumas respirações. Ouço rangidos após esse meio tempo e tenho plena consciência de que é Masalom.

Para minha surpresa, ele nada disse. Talvez ache que estou dormindo. O fato é que apenas senti o colchão afundar e o seu cheiro adentrar minhas narinas. Masalom não me tocou. Simplesmente virou para o lado oposto.

Minha cabeça ainda gira e o enjoo, ao invés de diminuir, só aumenta. Sinto que respirar não vai ser o suficiente dessa vez e pulo da cama do jeito que dá. Caminho trôpega, mas alcanço o banheiro. Tive razão ao dizer que não conseguiria aguentar. Foi só chegar até a privada para bile subir à garganta outra vez.

Novamente lavei o rosto e escovei os dentes para tirar o suor e o gosto horrível da boca. Ter meu estômago revirando é muito ruim, é desesperador, na verdade. Sinto como se não fosse acabar nunca. Olho meu reflexo no espelho pequeno que tem ali e vejo que lágrimas trilham meu rosto.

Cansada, resolvo voltar para o quarto de cabeça baixa para não agravar a vertigem, entretanto, não funciona muito e minhas pernas cedem. É quando sinto duas mãos me segurarem.

CAPITULO 20

MASALOM

Ontem durante a coletiva de imprensa deixei claro para Savannah e o mundo que ela era única. Confesso que talvez nunca entenderei a merda da cabeça de uma mulher. Agora há pouco, por exemplo, ela ficou histérica quando falei que seu ciúme é infundado, mas porra! É verdade, se quisesse a droga da aeromoça — que por sinal nem recordo o nome — teria me casado com ela há muito tempo, já que a conheço há anos. E foi exatamente o que disse para minha boneca. Tudo bem que usei outras palavras, entretanto, dá na mesma. O sexo que tive com ela não tem nem comparação com o nosso.

Jogo a cabeça no estofado do acento e suspiro antes de erguer o pulso para ver as horas. Acredito que chegaremos ao Brasil amanhã pela manhã. Já agendei alguns passeios para levar minha boneca. Mande preparar a casa que lhe dei e avisei ao motorista que fosse nos buscar no aeroporto. Marquei até com uma médica para daqui a oito dias. Fiz tudo isso ontem.

Deixei a máfia e o reino nas mãos de Salan e de Zolioan, que está se tornando um dos meus homens de confiança. Tudo isso sob muita discussão com Horlom.

Falei também com o noivo da minha irmã que me pediu para não revelar quem ele é ainda, pois logo este viria conversar com ela e lhe dar o presente que combinamos.

Me ajeito no acento e levanto. Talvez minha boneca esteja mais calma e consiga conversar de forma civilizada. Caminho até o quarto e a primeira visão que tenho dela, deixa meu pau animado.

Seu vestido está espalhado contra o cobertor branco que cobre a cama. O corte que há na saia da roupa revela o contraste de sua pele branca contra o vermelho vivo da veste. Os cabelos castanhos cobrem o rosto da Savannah que me parece dormir.

Tentando não fazer ruídos, alcanço a cama e me aconchego do seu lado. Minhas mãos anseiam por tocá-la, todavia me seguro e não o faço, afinal, sei que ela está brava e minha intenção não é a de acordá-la, por isso, viro para o lado contrário ao dela e fico sentindo seu aroma delicioso e suave.

Levou alguns minutos para o colchão remexer e a Savannah pular dele antes de correr para o banheiro. Confuso sento na cama e fico decidindo se devo ir atrás dela ou não. No fim acabo optando por ir sim.

Levanto e sigo o caminho que ela fez.

Minha boneca estava escovando os dentes depois de vomitar bastante. Queria ir ajudá-la de alguma

maneira, entretanto, optei por observá-la, afinal, se ela ainda estiver brava como estava agora há pouco, minha presença só vai piorar as coisas.

Ela inspira algumas vezes e quando decido anunciar minha presença, ela cambaleia e eu a seguro rapidamente. O corpo mole de Savannah demonstra que ela desmaiou. Peguei-a nos braços e a levei para a cama. Na verdade não tenho ideia do que devo fazer e confesso que estou preocupado.

Coloco minha boneca no centro do colchão e a passos largos vou procurar algo que lhe ajude. Lembro das aulas de primeiros-socorros que Davi deu a meus homens e regresso às pressas até Savannah esperando que aquilo funcione.

Juntei alguns travesseiros e ergui sua cabeça com cuidado os posicionando ali. Depois segurei suas duas pernas pelos tornozelos no alto e aguardei. Não lembro qual a finalidade disto que estou fazendo, apenas recordei que Davi explicou que ajuda a pessoa desmaiada retornar, talvez porque faça o sangue circular... Passaram-se um ou dois minutos até minha boneca piscar e suas pestanas se separarem.

— Alá, boneca! Que susto! — exclamo recolocando suas pernas contra o colchão. — Como você está? — pergunto sentando ao seu lado enquanto seguro

sua mão.

— Enjoada. — responde e puxa sua mão das minhas fracamente e eu libero o aperto.

— Vou pegar água pra você! — anuncio ficando de pé.

Espero ela dizer alguma coisa, mas nada vem. Minha boneca apenas fecha os olhos e respira fundo levando as mãos ao estômago. Então eu vou buscar a água.

Quando estou cortando algumas frutas que pensei ser útil para o enjôo da minha boneca passar, sinto duas mãos me acariciarem e logo em seguida segurar meu pênis — por um instante achei que fosse a Savannah. Mas ela não seria tão ousada, não ainda. E também ela estava doente e brava comigo. — Soltei a faca que usava e apertei as mãos da aeromoça.

— Que foi, alteza? Não quer comer minha bocetinha? — indaga em meu ouvido. — Ela está sedenta por seu pauzão socando brutalmente dentro dela. — sussurra tentando ser sexy, que nem de longe consegue superar uma simples face corada da minha boneca.

— Não. E se você ainda não sabe, tenho uma esposa a quem exigo respeito. — rosno pegando o prato com as frutas e a água de Savannah saindo dali sem ao menos olhá-la. — Ah e assim que o avião aterrissar, acerte suas contas e considere-se demitida. — digo-lhe

encarando-a.

Ela arregala os olhos.

— Príncipe, eu... — gagueja. — Não pode estar falando sério. Basta apenas se satisfazer e me dar prazer. Juro que sua esposa sem sal nunca descobrirá. Aposto que ela nem sabe te dar praz... — deixo ela falando sozinha, afinal, estou quase a ponto de arrancar seu pescoço e isso não seria nada bonito.

Caminho até o quarto onde deixei minha boneca e a encontro sentada com um travesseiro no colo. Assim que ergue o rosto para me olhar, vejo lágrimas molhando-o.

— Você demorou demais para ir pegar uma água. — aponta. — Estava com ela não era? — soluça e eu suspiro. Minha boneca sabe ser insegura quando quer.

— Estava, não da forma que está pensando, mas estava. — confesso não gosto de mentiras, porém, é claro que elas são importantes no mundo da máfia. Entretanto, aprendi a separar minha vida de príncipe, marido e irmão, da vida no crime.

— Ah claro! — cospe com asco e é minha vez de perder a paciência.

Olho pra ela seriamente.

— Savannah, não preciso mentir pra você. No

meu país trair a esposa é mais que normal. Casar com quatro delas também. Está mais que na hora de você agir como uma mulher e não como um animalzinho assustado. Você mesma disse que era hora de crescer. Eu estou esperando, merda! — ela se encolhe ao meu tom de voz, mas eu continuo: — Como minha esposa, preciso de uma mulher forte, segura e imponente ao meu lado para governar a Arábia. Sempre tive a convicção de que queria uma única esposa, pois via o sofrimento da minha mãe quando meu pai dormia com uma de suas outras mulheres ao invés dela. Escolhi você naquela noite no clube e quando me casei contigo estava te dando minha fidelidade também. — suspiro cansado e baixo a voz. — Agora você vai ser mãe e, para seu bem e o do bebê, tem que tentar ser forte. Como pai e seu marido vou cuidar de vocês, mas há coisas que terá que se virar sozinha e eu preciso confiar que você é capaz.

Minha boneca agora chora copiosamente todavia eu não paro:

— Eu estava cortando essas frutas para lhe trazer quando a aeromoça me abordou. Acabei de demitila por isso. — explico e ela me olha surpresa. — Sou um homem, Savannah, não um moleque inconsequente com os hormônios à flor da pele. — concluo e lhe estendo o prato e o copo d' água.

Minha boneca pega-os com raiva e eu franzo o cenho diante das suas mudanças de humor e comportamento, porém, nada digo.

Ela come a maçã e pera, mas faz careta para a laranja e, ainda calada, me devolve os objetos após tomar a água.

— Está melhor? — pergunto quando ela volta a deitar.

— Sim, estou. — responde e cobre a cabeça com o lençol.

Suspiro cansado pela birra infantil. Parece que tudo o que lhe disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Volto até a minúscula cozinha do avião e deixo as coisas sujas ali. Regresso ao quarto e me acomodo ao seu lado.

Demorou um pouco, mas o sono veio. Estava quase cochilando, quando minha boneca se aconchegou junto a mim. Abri os olhos rapidamente e depois os fechei, mas já foi o bastante pra ver que ela dormia. Inspirando o aroma de seus cabelos, deixei o sono vir, mas este se negou a me levar, uma vez que meu pênis está mais que desperto.

Acredito que passei horas ali apenas com ela nos braços e com um tesão desenfreado. Bastava apenas um de seus movimentos, ronronados ou toques sutis no

meu corpo, para que meu amigo voltasse a reerguer. Eu me negava a acordá-la e atrapalhar seu descanso merecido e também tem o fato de que ela estava passando mal há pouco.

Tirei o braço de sua cintura para ver as horas e percebo que estamos chegando ao nosso destino. Agora acho que devo acordá-la, pois restará um tempo para ela acordar realmente.

— Boneca! — chamo acariciando seu rosto tranquilo. — Boneca, acorda. Estamos chegando ao seu país. — anuncio e ela se espreguiça comedida antes de abrir os olhos. — Melhor? — pergunto enquanto puxo seu queixo para beijá-la.

Savanah vira o rosto e eu estreito os olhos após beijar sua bochecha ao invés da boca. Ela levanta apressada sem nem ao menos me dar atenção.

— O que foi agora!? — rosno e seu corpo tem um pequeno sobressalto.

Savanah me olha com os olhos faiscando.

— Tirando o fato que você praticamente me engoliu agora há pouco, me chamou de imatura e que serei uma péssima mãe, nada, você não disse nada. — seus olhos ficam marejados e logo ela começa a chorar. Eu juro que estou ficando louco. — Ainda ontem me comparou com aquela vadia. — funga calçando as

sandálias.

— Merda! Você vai deturpar tudo o que digo agora! — exclamo sentando. — Em primeiro lugar nunca te comparei a ninguém. Estava apenas explicando que ela não era você. — falo e passo as mãos pelos cabelos. — Em segundo nunca falei que será uma mãe ruim. — bufo. — Concordo apenas com a parte que te chamei de imatura, isso porque é o que vejo, pois quase sempre você se fecha no seu próprio mundo ou então reage como uma criança.

— Então procure uma "mulher". — me fita furiosa fazendo aspas com os dedos.

— Eu já tenho uma. Só preciso que ela seja mais madura e desinibida. — falo antes de segurar pela cintura e lhe jogar na cama.

Savanah solta um gritinho assustado.

— Escolhi a mulher perfeita para ser a mãe dos meus filhos. — articulo beijando seu pescoço enquanto ela respira ofegante embaixo de mim. — Porém ela precisa confiar mais nela mesma e eu vou ajudá-la quer ela queira ou não. — a cada palavra dita, beijo, chupo ou mordisco uma parte do seu pescoço.

Afasto seu vestido e afago sua coxa.

— Mas ela é muito ciumenta, sabe? — sugo o

nódulo de sua orelha e ela joga a cabeça pra trás gemendo.

— A mulher quase te beijou na minha frente. — sussurra entre uma respiração e outra. — E você nem deu um chega pra lá nela. — reclama antes de gemer quando minha mão alcança sua boceta por cima da calcinha.

— E por que você não fez por mim? Hum? Você tem todo o poder para tal, boneca. — retruco mordiscando seus lábios.

— Queria que eu batesse nela? — indaga com dificuldade.

Coloco a mão dentro de sua calcinha encontrando sua vagina depilada.

— Não, mas poderia demiti-la, como eu fiz. — retruco traçando círculos em seu clitóris.

— Não posso tirar o sustento de ninguém porque ela se insinuou pra você... — deslizo o dedo indicador para dentro dela. — Assim fica difícil raciocinar. — murmura. — E você vai achar que está certo. — arfa. — Era você que tinha que pará-la. — geme e puxa meus cabelos pela nuca.

— Esquece isso, boneca. Se houver uma próxima vez, irei até você e demonstrarei à fulana que tenho uma dona incrivelmente ciumenta e possessiva. —

falo beijando seus lábios e ela enrola as pernas em meu quadril. — Agora me deixa te fuder.— peço apertando seus seios.

Altezas! Pousaremos daqui a dez minutos, por favor queiram colocar os cintos.

Praguejo quando a voz de alguém que não é a aeromoça corta o ambiente e minha boneca gargalha divertida.

CAPITULO 21

SAVANAH

Colocar os pés no meu país me enche de alegria e satisfação. Passei por muitas coisas boas e ruins nessas terras, mas não mudaria nada. Consigo olhar para o meu passado e ter plena consciência de que vivi o que tinha pra viver, que durante este período fui digna e honrada. Só queria ter o poder de fazer nossos governantes terem consciência para que também possam ver seu passado da mesma forma que os cidadãos trabalhadores podem ver os seus, pessoas que lutam dia após dia por um país desenvolvido.

Masalom estava carrancudo pela interrupção que tivemos no avião. Eu também estou frustrada, mas a cada vez que olho pra ele, minha vontade é de rir. Já estamos no carro indo para casa que ele me deu. Nem acredito que ele conseguiu planejar tudo em tão pouco tempo, e isto me impressionou. Masalom planejou minuciosamente cada segundo dessa viagem.

No momento estou em seu colo como já é de praxe. Meu marido nunca me deixa sentar no banco do automóvel...

— O que vamos fazer amanhã? — questiono alisando a gola do terno cinza que ele veste.

— O que você quiser. Achei que estaria cansada da viagem. — explica acariciando meu braço.

— E eu estou, mas podemos dormir um pouco e à tarde eu queria visitar o túmulo dos meus pais. — exponho.

— Estou de acordo. Podemos sim ir ao cemitério. — diz beijando meus cabelos.

Foram necessários mais alguns minutos para o carro parar. Curiosa, olhei para fora do automóvel pela janela e meu queixo caiu diante da majestosa mansão diante de mim. Saí do colo de meu marido quando o motorista abriu a porta e deixei-o descer. Masalom o fez e logo em seguida me estendeu a mão ajudando-me a sair.

— Seja bem-vinda ao seu país. — me abraçou por trás e sussurrou estas palavras em meu ouvido.

— Não era pra ser o contrário!? — digo sorrindo. — Eu que te dou as boas-vindas, marido. — viro em seus braços e lhe beijo os lábios rapidamente.

— Obrigada, esposa. — sorri de lado lindamente e tira os fios soltos dos meus cabelos que o vento jogou sobre meu rosto. — Vamos entrar que eu tenho o dever de alimentar meu filho e minha boneca e

ainda tem o fato que preciso concluir um certo trabalho que iniciei com ela no avião. — me dá um selinho e pisca pra mim.

Me levando pela mão, seguimos até a entrada da casa e ele a abre com um código.

— As casas que você compra não têm chaves?
— observo ao mesmo tempo em que pergunto.

Masalom sorri pra mim e me puxa pra dentro pela cintura.

— Questões de segurança e vamos combinar que é bem mais prático. — revela me beijando levemente. — Aliás a senha de todas é seu nome sobrenome e mais a data do seu aniversário. — sussurra em meu ouvido e eu me afasto olhando para ele, surpresa por saber que é tudo sobre mim.

Ele me puxa novamente e a cada mordida no nódulo da minha orelha para pra sussurar a senha.

— Hum. — arfo enquanto coloco os dedos por entre seus cabelos. — Masalom eu quero tomar um banho. — articulo e fujo dele.

Quando vou correr é que vejo o lugar onde acabamos de entrar. A decoração é toda preta e branca. Até as escadas possuem uma mistura das duas cores. A sala é tão grande quanto a casa dele lá na Arábia. Tinha

dois grandes sofás brancos com algumas almofadas pretas, um mesa de centro com tampo de vidro e um vaso repleto de rosas vermelhas. Atrás dela, uma grande cortina.

Como sou curiosa vou até lá e as puxo dando de cara com a praia de Copacabana ao longe. Fico tão encantada com a vista que só percebo a presença de Masalom por trás de mim quando este retira meus cabelos para o lado e cheira meu pescoço enquanto me abraça.

— Gostou? — indaga apoiando o queixo em minha cabeça.

— Sim, é tudo lindo! Só a decoração que é pouco impessoal, mas ainda assim, deslumbrante. — reflito observando. — É outra realidade comparada à que vivi também. — explico e dou um suspiro de satisfação quando meu marido acaricia minha barriga onde nosso filho está se desenvolvendo.

— Vamos comer? Teremos muito tempo para ficarmos ali fora observando e até mesmo para ir até o mar quando você quiser.

— Sim, estou com fome mesmo. — respondo.

— Pedi que a mulher responsável pela arrumação deixasse algo pronto pra gente na geladeira, então, só precisamos esquentar. — fala soltando minha cintura e pegando minha mão.

Caminhamos até a cozinha e eu aproveitei para observar o espaço. Percebi que é tudo muito bem planejado, cada pequeno espaço tem algo que atrai olhares. Quer seja pelos quadros artísticos que as paredes ostentam, quer seja pelos vasos ou objetos. Enfim, tudo foi pensado com inteligência.

Chegamos à cozinha que, só de observar, sinto vontade de cozinhar.

— Não hoje. — meu marido diz de repente e eu o fito.

— Não hoje o quê? — questiono confusa.

— Outro dia deixo você cozinhar, mas hoje eu quero servi-la. — arqueio as sobrancelhas quando ele adivinha o que estava pensando.

Meu marido segue até a mesa e puxa a cadeira pra mim. Eu caminho até ele e me acomodo nela sem reclamar.

— Tudo bem, porém como adivinhou meus planos? — pergunto e ele sorri.

— Seus olhos brilharam lindamente. — diz simplesmente.

— Oh... hum... — baixo a cabeça envergonhada e ele gargalha baixo indo até a geladeira. Ele abre e retira alguns potes e coloca sobre o balcão que divide o espaço

em dois. O espaço que estou tem o armário e uma pequena mesa e, a verdadeira cozinha, com fogão e os demais utensílios de uma, estão no outro espaço.

Ele também retira uma jarra de suco e traz até onde estou.

— Bebe um pouco enquanto esquento tudo. —
manda e segue para os armários abrindo todos até encontrar os copos.

Não percebi que estava com sede até sentir o soboroso suco de laranja descer pela minha garganta seca. Masalom, que estava colocando alguns recipientes no micro-ondas, vira pra mim e sorri. Bebo meu suco o observando. Ele tira o terno cinza e coloca no balcão antes de arregaçar as mangas da camisa preta que tinha por baixo. Está fazendo um calor tremendo e acredito que ele devia estar torrando dentro de tanta roupa.

Sem perceber minhas olhadelas, ele retira os recipientes do micro-ondas e inicia uma nova procura nos armários, agora por pratos e talheres. Seus músculos se contraem de acordo com os movimentos que ele faz para retirar as coisas dos armários e pôr sobre balcão. Estes mesmos músculos me deixam praticamente babando.

Quando percebo que ele vai vir até a mesa onde estou, tomo outro gole do meu suco e disfarço. Masalom faz várias vezes o mesmo caminho servindo a sopa,

trazendo os pratos e talheres e, por fim, uma pizza. Ele se acomoda na cadeira de frente pra mim antes de me fitar com um sorriso malicioso.

— Fui uma boa distração? — pergunta erguendo as sobrancelhas.

— Talvez. — respondo perguntando-me como ele percebeu.

— Talvez é? — sorri pondo a sopa em nossos pratos. — Posso melhorar essa colocação. Vem aqui. — Chama-me e eu levanto hesitante parando diante dele.

Meu marido me puxa para o seu colo e deposita um beijo no meu ombro. Ele puxa seu prato e me oferece um pouco da sopa. Masalom me alimentou e eu fiz o mesmo com ele. Depois nós subimos para o quarto e já encontramos nossas malas ali.

— Eu vou tomar um banho antes de ir me deitar. — articulo abrindo minha mala.

— Vou contigo. — comunica.

Estava debruçada procurando uma roupa leve que desse para dormir, quando ele agarrou meu quadril pressionando sua protuberância à minha bunda.

— Você não vai precisar de roupa alguma, boneca. — expõe quando eu me aprumo. Ele procura o zíper do meu vestido e o abre fazendo-o cair aos meus pés

deixando-me apenas de lingerie. — Perfeita, esposa. — Fala ao virar-me de frente.

Antes que eu conseguisse raciocinar, ele segura minha bunda e faz com que eu circule seu quadril com as pernas. Só então percebo que ele usa apenas uma cueca box preta. Ofegante olho dentro dos seus olhos e enlaço seu pescoço com os braços. Masalom caminha comigo até o banheiro e eu aproveito para sentir o perfume do seu pescoço e distribuir mordidas ali.

Já embaixo do chuveiro, ele liga a água e pressiona minhas costas na parede.

— Tentando me deixar maluco, esposa? — indaga sério e com meu peso sustentado pela parede e sua cintura, ele, com as mãos livres, arrancou meu sutiã já encharcado. — Vou comer sua boceta até você pedir para eu parar.

— Nunca vou te pedir pra parar. — retruco circulando os biquinhos dos seus peitos franzidos.

— Bom saber, boneca. — rasga minha calcinha e o pano passa pelo meu clitóris fazendo-me soltar um gemido. — Gosta disso não é, safada? — morde meu seio com um pouco de força e por alguns instantes a dor me deixa sem ar, porém o prazer que desce ao meu baixo ventre segundos depois, é mil vezes melhor.

— Gosto. — resfolego sem pudor instantes

depois.

Masalom desliza a mão pelo meio dos meus seios e para pra circular meu umbigo lançando-me um olhar safado vez ou outra. Então seu braço circula minha cintura e, com brutalidade, me leva para junto ao seu peito pressionando nossos corpos com força, esmagando meus seios.

Não demora muito para ele colocar a mão por baixo dos meus cabelos e, puxando-os, sucumbir nossas bocas enquanto a água cai sobre nossas cabeças. Sua língua trabalha incansavelmente contra a minha e eu gemo enquanto ele grunhi. Sinto seu pênis ereto por baixo do pano da sua cueca e, impaciente, a puxo pra baixo até onde consigo. Coloco a mão em volta dele e o masturbo um pouco antes de o posicionar em minha entrada.

Recebo um tapa na nádega, ao mesmo tempo em que ele penetra em mim de uma só vez.

— Aaaaah. — grito completamente excitada.

— Grita, boneca! — exclama e soca seu pau em mim com força parando lá completamente enterrado na minha boceta pulsante. — Vamos, minha tesuda, rebola no meu pau. — morde meu ombro entrando e saindo de mim ferozmente e eu rebolo nele.

Com a ajuda da sua mão em minha bunda, sinto que estou perto. O sexo com Masalom só melhora. Calor

líquido desliza de dentro pra fora da minha vagina lubrificando tudo. Isso o faz o seu pênis ir mais rápido. Estou sentindo o orgasmo bater à porta, quando Masalom se retira de mim.

— Não para... Oh Deus! — murmuro frustrada e ele gargalha rouco.

— Eu não vou! — anuncia e desliza pra dentro de mim novamente de uma vez arrancando de mim um orgasmo avassalador.

— Puta merda! — sussurro jogando a cabeça pra trás enquanto meu corpo trêmulo perde toda as forças.

— Isso, boneca! Engole meu pau, safada. — ele mete no meu buraco que o aperta e solta. — Delícia! — exclama liberando jatos quentes no meu canal latejante e abocanha meus seios.

Minha cabeça ainda repousa em seu ombro enquanto recupero o oxigênio. Meu marido desliza seu pênis pra fora do meu canal e seu gozo escorre por minhas dobras.

— Não consigo me mexer. — reclamo preguiçosa.

— Então acho que terei que banhar minha esposa. — expõe divertido e fazendo alguns malabarismos, lava meu sexo e todo meu corpo, assim

também como os cabelos.

Masalom me coloca na bancada e procura a toalha para me enxugar. Ele seca um pouco dos meus cabelos também e enrola uma toalha no quadril antes de me pegar nos braços e me levar para cama.

— Agora eu vou tomar o meu. — fala beijando minha testa. — Já volto. — conclui me cobrindo.

Ouçõ seus passos e o chuveiro sendo ligado novamente. Suspiro feliz e sorrindo bobamente me aconcheço no colchão. Ponho uma mão por baixo do travesseiro no mesmo instante em que fecho os olhos.

Não demora muito pra meu marido deitar no colchão e levar meu corpo para perto do dele.

— Vamos descansar um pouco, boneca. — sugere beijando minha bochecha e acariciando minha barriga murmura: — Você também, garotão.

— Talvez seja uma menina. — sussurro quase dormindo e ele ri.

— Então, sendo assim, descanse, fadinha. — deseja me fazendo sorrir.

— Fadinha?

— A chamaria de princesa, mas já tenho a Sarah, então, como as meninas gostam de fadas... — responde simplesmente.

— Sua filha ou filho adorou o apelido carinhoso.

O silêncio pairou depois que ele cheirou meu cabelo e eu dormi rapidamente lembrando-me que iríamos ao túmulo dos meus pais no dia seguinte. Estou louca para contar-lhes sobre minha felicidade, sobre Masalom e seu neto.

CAPITULO 22

MASALOM

Savanah, como quase sempre acontece, ainda dormia quando acordei. Gosto muito de despertar com o perfume de seus cabelos adentrando meu nariz, com a perna dela jogada em minha cintura, com seu rosto enterrado em meu pescoço e o calor do seu corpo macio aquecendo o meu.

Desvencilhei-me dela sutilmente para não lhe acordar, ao menos não agora. Gosto de fazer seus olhos abrirem nebulosos de sono e submerso em prazer enquanto eu lhe proporciono alguma sensação sexual. Sento no colchão me espreguiçando e observo o relógio em cima do móvel do lado da cama. São quase quatro horas da tarde.

Dormimos bastante, mas vou fazer minha higiene antes de acordar minha boneca. Tenho que ligar para Horlom ou Salan também, afinal, preciso saber como eles estão se virando sem minha presença.

Passo as mãos nos cabelos e me ponho de pé indo em direção ao banheiro meio titubeante de sono. Ao chegar no banheiro, tomo uma ducha rápida, faço a barba,

penteio os cabelos e escovo os dentes. Em seguida regresso ao quarto e procuro uma cueca na mala. Quando olho pra minha boneca com as pernas meio separadas revelando seu sexo depilado e rosado, acabo deixando todos os meus planos anteriores para segundo plano e caminho até a xoxota deliciosa que fez meu pau erguer.

Parei aos pés da cama e abri um pouco mais suas pernas. Beije suas coxas e enfiei meu rosto na sua bocetinha deliciosa obtendo um estremecimento da sua parte. Pincelei seu clitóris com a língua no mesmo instante em que ergui o rosto para vê-la. Minha boneca entreabre a boca e se espreguiça gemendo, enquanto seu peito sobe e desce rapidamente.

— M-Masalom... — gagueja rouca o meu nome.

— Sim, boneca, sou eu. — respondo antes de introduzir a língua em seu canal.

— Humm... — ronrona impaciente e, enfim, abre aqueles olhos cor de mel pra mim. — Você... humm... é insaciável. — declara agarrando meus cabelos assim que lambo seu buraquinho enrugado. — Cristo! — Grita no momento em que belisco seu clitóris e ela se quebra em mil pedacinhos, saborosamente se contorcendo enquanto eu olho seus semblantes mudarem a cada fração de segundos... linda, gostosa, tesuda do caralho.

Ergo meu tronco sobre ela e me posiciono na sua

entrada antes de deslizar até o talo naquelas lavas que são suas carnes. E é minha vez de grunhir. Procuro a boca de minha boneca que rodeia meu pescoço com os braços me dando as boas vindas. Nos beijamos sem pressa enquanto eu mexo o quadril levando meu pênis de encontro à sua abertura e o tirando para depois repetir as ações anteriores de acordo com a velocidade empregada ao nosso beijo.

Instantes depois de prosseguirmos naquela posição, dou um fim temporário aos nossos beijos e me retiro de dentro do seu canal sobre seus gemidos de protesto.

— Vamos tentar algo novo. — anuncio e seus olhos pousam nos meus, curiosos. — Deita de bruços pra mim, boneca. — mando suavemente e ela faz. — Agora empina essa bundinha. — peço e ela vira a cabeça pra mim hesitante.

— Masalom não sei se... — tenta protestar, porém não permito e eu mesmo puxo seu quadril.

Coloco um travesseiro embaixo de sua barriga, pois não quero machucar meu garotão ou minha fadinha... Será que isso é possível? Digo machucá-lo? Não creio, mas por via das dúvidas é melhor não arriscar.

— Confia em mim, Savannah? — indago e ela balança a cabeça ainda que assustada. — Bom, prometo

que você vai gostar.

Já tinha planejado tirar a virgindade de seu traseiro e acho que este é o momento. Desço da cama e caminho até minha mala com o intuito de pegar o lubrificante e uma camisinha.

— O que você está planejando? — Savannah pergunta.

— Vou tentar comer seu ânus, esposa. — digo depositando as coisas no colchão.

Quando fito minha boneca, percebo que seus olhos estão arregalados e a boca levemente aberta.

— Não se preocupe. Não vou te machucar. Qualquer coisa é só me avisar que eu paro imediatamente. — articulo rasgando a embalagem da camisinha e desenrolando no meu pênis.

— Você nunca... hum... — aponta para o meu pau envolto na camisinha corando instantaneamente.

— Não posso simplesmente tirar meu pau de seu ânus e o enterrar na sua buceta. Se não for assim, boneca, poderia acarretar uma infecção tanto em você quanto em mim. — explico. — Não vou necessariamente te comer por aqui neste momento. — despejo um pouco do lubrificante no seu ânus e espalho passando um pouco em meu dedo. — Temos que te preparar algumas vezes e, por

isso, ainda pretendo me enterrar em sua vagina sedenta.
— concluo e ela balança a cabeça dizendo sem palavras ter entendido a função da camisinha.

Circulo seu buraco enrugado com o dedo e, acariciando seu clitóris com a outra mão, vou enfiando-o aos poucos. Savannah fica tensa.

— Relaxa, boneca. — peço aplicando mais intensidade na carícia em seu clitóris e funciona, pois a sinto relaxar enquanto solta um pequeno gemido.

Aproveito a oportunidade para deslizar todo o dedo pra dentro do seu ânus.

— Pronto, esposa. — aviso e abaixo para beijar seu ombro, enquanto puxo o dedo e o introduzo novamente repetidas vezes.

Quando sinto que ela está prestes a gozar novamente, paro de estimular seu clitóris e retiro meu dedo de seu ânus. Segurando meu pênis, guio-o à sua buceta e me enterro nela.

— Humm... ah. — Savannah geme ensandecida.

Estoco no seu canal mais algumas vezes e o forço no seu buraquinho enrugado.

— Vou te penetrar aqui... — esfrego a cabeça do meu pau em seu buraco traseiro. — E se a dor for insuportável me mande parar, tudo bem? — indago e ela

assente antes de afundar a face no travesseiro.

Procuro o lubrificante e despejo uma quantidade generosa no meu pênis e no seu buraco. Empurro a cabeça do meu pau pra dentro devagarinho e minha boneca fica tensa, por isso, volto a trabalhar em seu ponto sensível, aproveitando cada momento do orgasmo que ela atinge para empurrar um pouco mais.

— Quase lá, boneca. — aviso quase louco com a sensação que é lhe possuir por ali me proporciona. — Pronto. — anuncio quando estou até às bolas dentro dela e minha boneca grita de dor. — Calma, por hoje é só. Deixa seu corpo se acostumar com meu tamanho um pouco. — falo acalmando-a, enquanto belisco suas nádegas com a palma da mão.

— Masalom, não dá arde muito. — choraminga e eu esfrego seu clitóris com intensidade retirando meu pênis do seu ânus.

— Aaah. — Savannah grita, mas não consigo distinguir se é por dor ou prazer.

Com rapidez e, modestia à parte, eficiência, tiro a camisinha e a amarro jogando no chão onde pegaria depois para jogar fora. Minha boneca apertava os lençóis com força e respirava fundo.

— Tudo bem com você, boneca? — indago desvirando seu corpo e percebo que seus olhos estavam

fechados.

— Sim, arde um pouco, mas já está passando. — responde e abre os olhos pra me fitar.

— Consegue me receber na sua vagina? — pergunto e ela cora, mas concorda mordendo os lábios.

Não me controlo e puxo os seus lábios dos seus dentes com o polegar, antes de me debruçar sobre ela e provar sua boca novamente. Savannah arfa, enrola as pernas em minha cintura e coloca a mão entre nossos corpos me guiando à sua entrada.

— Hum... — respira fundo, agarra o lençol entre os dedos e joga a cabeça pra trás quando me afundo entre sua pele macia.

É deslumbrante vê-la sumcubir ao prazer! Tão meiga e doce que me faz perder a cabeça indo mais fundo e mais rápido.

Seus suspiros e gemidos em contraste com minha respiração ofegante preenche o cômodo durante algum tempo até que tudo se torna insuportável demais para aguentar e ambos desistimos de tentar prorrogar.

— Masalom, está quase anoitecendo e você prometeu que me levaria ao cemitério hoje. — Savannah murmura assim que recobra a respiração deitando no meu peito como sempre faz.

— Então vamos tomar um banho e comer alguma coisa que eu te leve, boneca. — digo acariciando seu cabelo.

Ela se remexe e senta no colchão juntando os cabelos e os amarrando com as próprias madeixas no alto da cabeça.

— Ok, estou indo tomar um banho, porém a comida deixamos pra depois. — levanta nua e eu observo com o braço embaixo da cabeça ela procurar uma roupa. — Eu nem acredito que estamos mesmo no Brasil. — reflete baixinho e segue para o banheiro.

Fico ali deitado aguardando ela sair do banho para ir tomar o meu uma vez que, se for junto, acabaremos transando novamente o que, com certeza, faria com que não saíssemos de casa hoje.

Minutos depois, ela regressa penteando o cabelo e já vestida com uma blusa verde limão de mangas e short preto minúsculo. Sento na cama imediatamente.

— Você só pode estar brincando, boneca! — rosno e ela que estava de cabeça baixa, me encara assustada. — Não vai a lugar nenhum com esse pedaço de pano que mal cobre sua bunda. Aliás onde você comprou isto? — grunhi bravo. Também pudera, aquela merda revela cada pequeno pedaço da pele de suas pernas.

— Marido, estamos num país tropical. — diz

como se isso explicasse tudo. — Não vou sair por aí com roupa parecendo uma burca, só porque você quer. — fala e ao perceber que me deixou ainda mais furioso, se corrige. — Eu sempre me vesti assim... — rola os olhos e aponta para seu corpo.

Estreito meus olhos pra ela que suspira.

— Não sei se percebeu, mas somos casados e, como seu marido, digo que não vou levá-la a lugar nenhum vestida nesses trajes. Trate de se trocar. — declaro decidido e sigo para o banheiro.

— Ótimo, só lembre-se que estou no meu país e, aqui, eu sei me virar. Posso ir sozinha aonde eu quiser. — esbraveja quando eu estou ligando o chuveiro.

Não dou muita importância às suas palavras e tomo meu banho tranquilamente. Minha boneca não me desobedeceria.

Ao regressar ao quarto, encontro uma série de sapatos no chão e um copo próximo a uma cartela de comprimidos. Faltava um, sinal que ela tomou sua medicação.

Visto uma camisa branca de mangas e uma calça jeans antes de ir até a cama para calçar um sapato. Ao terminar de me arrumar, sigo para a cozinha onde espero encontrar minha boneca. Porém ao chegar lá, vejo que ele está vazio... Bom, quem sabe ela se perdeu pela casa...

Procuro pela Savannah em cada pequeno espaço, mas não a encontro. Ótimo, só lembre-se que estou no meu país e aqui eu sei me virar. Posso ir sozinha aonde eu quiser. Suas palavras rondam a minha mente. Não! Ela não fez isso! Ou fez?

Puxo meu celular e acesso às câmeras de segurança. Vejo minha boneca abrir a porta da frente. Eu que fui burro o bastante para lhe dar a senha. Procuro as câmeras do exterior e, por uma delas, visualizo minha boneca caminhar até a rua e pegar um táxi, sob os protestos de um dos seguranças que tenta abordá-la, mas esta não dá a mínima pra ele.

— Caralho, Savannah! — esbravejo e puxo os cabelos.

Andava a passos largos até a garagem, quando meu celular toca.

— Sim!? — questiono sem paciência. Preciso encontrar a irresponsável da minha esposa antes que algo de ruim lhe aconteça, ou melhor, lhes aconteça porque parece que nem a segurança do bebê passou pela droga da sua cabeça.

— Alteza, não sei se o senhor percebeu, mas sua espos... — faz um rodeio.

— Seja direto!

— Sua esposa fugiu, mas eu vim atrás dela.

— Não a perca de vista. — ordeno. — Onde ela está indo? — Indago mesmo que desconfie a resposta.

— O táxi acaba de parar em frente a um cemitério. Vou mandar o endereço.

Bingo!

— Não saia da sua cola. Eu estou a caminho. — digo e desligo a chamada.

Segundos depois, o telefone vibra anunciando a mensagem com o endereço. Ligo o GPS antes de arrancar com o carro.

Estou puto com a Savannah. Além de estar quase sem roupa, foi imprudente pondo em risco sua segurança e a do nosso filho. Ela não cogitou a possibilidade de ser abordada por meus inimigos e, menos ainda, de ser sequestrada novamente.

— Porra, boneca, quando vai entender que é casada com um mafioso, merda! E que ainda por cima é quase rainha da Arábia Saudita? — esbravejo e esmurro o volante.

O trânsito está infernal! Essa porra não anda. Olho a rota e percebo que falta pouco para chegar.

Dirigi como um louco, mas compensou, pois logo parava diante dos portões do cemitério. A noite já

caía e a iluminação do lugar era precária. Saí do carro e adentrei o lugar numa fração de segundos procurando o segurança e minha boneca.

— Chefe! — escuto um sussuro e me viro em sua direção encontrando-o. — Lá está ela. — aponta para Savannah bem à frente sentada na grama. — Fiquei um pouco distante para lhe dar privacidade. — explica.

— Ok, pode ir agora e... me ligue depois. — ordeno. — Você será promovido e cuidará unicamente da segurança da minha mulher. — anuncio e me afasto dele indo em direção à minha boneca.

Aproximei-me, mas ela estava tão entretida que não percebeu eu me encostar numa árvore atrás dela.

— ...Sinto tanta falta de vocês... — ouço ela falar chorosa. — Queria que estivesse aqui, mãe, pra me ajudar a compreender melhor a vida de casada... Bom, mas não se preocupe. Acho que estou me saindo bem, apesar dos pesares. — sorri acariciando a lápide. — Pai, você terá um netinho ou uma netinha como sempre sonhou, acredita!? — soluça e toca a barriga enquanto sorri por entre as lágrimas.

Ela fica em silêncio observando o horizonte.

— Obrigado aos dois por me ouvir quando implorei por ajuda naquele dia em que meu desespero me corroía naquela praça. Perder vocês foi como perder uma

parte do meu coração. — leva as mãos à boca para abafar o choro. — Obrigada por me levar até Masalom daquela forma torta e tempestuosa, mas, no final tudo deu certo e eu estou feliz graças à intercessão que fizeram a Deus por mim. — limpa o rosto e funga. — Ele é um bom homem da maneira dele e, por enquanto, não tenho o que reclamar... quer dizer pensando melhor tem uma coisa. — diz esfregando os braços.

Savanah respira fundo.

— Ele é um assassino, entretanto, não creio que goste disso. Só não tem escolha, pois ele foi treinado a vida toda para isso pelo próprio pai que o deixou no comando de tudo... Posso conviver com isso se não presenciar tal atrocidade. Não me entendam mal. Não considero essa sua personalidade algo aceitável, porém, eu nada posso fazer. No entanto, aquele clube me tira o sono e eu sinto que devo fazer algo a respeito. O tráfico tira as possibilidades de vida de mulheres inocentes. Muitas delas foram arrancadas de suas famílias, outras deixaram filhos pra trás, enfim, estou procurando uma maneira de falar com meu marido... Acham que ele daria fim àquele lugar por mim? Pelo nosso bebê?

— Sim, Savanah, eu posso acabar com o clube! — falo e ela tem um pequeno sobressalto. — Aquele lugar era mais um parque de diversões do meu pai do que um

negócio da máfia. — encaro-a e caminho até ela que ainda mantém os olhos arregalados em surpresa. — Só preciso de alguns meses e de uma promessa da sua parte. — condiciono.

— O quê? — indaga num sussuro.

— Que entenda que hoje você se arriscou muito vindo aqui sem segurança. — pego sua mão quando me sento ao seu lado. — Prometa que nunca mais vai fazer isso. — peço limpando sua lágrima.

— Eu prometo. — funga e me abraça pelo pescoço. — Obrigada, eu... eu te amo. — Gagueja e eu sorrio antes de me disvencilhar dela e agarrar sua cintura lhe beijando.

CAPITULO 23

SAVANAH

Ontem quando saímos do cemitério, Masalom me trouxe em casa onde tomei um banho e acabamos indo a um restaurante jantar. Ele não me deu o seu “eu também te amo” em nenhum momento, mas dizem que os árabes não são de demonstrar sentimentos, embora a mistura brasileira com árabe que a família dele carrega deturpa algumas dessas tradições... Enfim, o importante é ele demonstrar como fez ontem ao voltarmos do restaurante e como vem fazendo sempre.

Pode parecer o fim do mundo eu amar um mafioso, assassino, porém, eu não acho. Masalom cuida muito bem de mim desde que me tirou daquele clube. Claro que ele é possessivo e, muitas vezes, limita minha privacidade como fez ao me vigiar durante aquela viagem. Entretanto, ele nunca levantou a mão pra me bater ou fez algo contra minha vontade. Ele nunca me maltratou. Então eu te pergunto, é absurdo amar uma das únicas pessoas que se importa com você, que presa por sua segurança, que é responsável pelo bebê que carrega em seu ventre, que te faz feliz, que te aconselha, que é seu parceiro e amigo e, por fim, que acata seus desejos?

Claro que não é aconselhável se envolver com alguém com todos os defeitos dele, mas foi inevitável quando o conheci. Ele sabe separar as duas faces de sua vida. Ele é um bom irmão, um bom marido, já demonstra que será um bom pai e eu tenho certeza de que será um bom rei. Claro que sua outra face é, sem dúvida, fria, horrenda, desumana enfim, monstruosa. Todavia também é triste e traumática, principalmente, para alguém que sonhava com uma vida diferente como ele mesmo deu a entender algumas vezes.

Mas voltando ao aqui e agora, já são quase quatro e meia da tarde e eu estou procurando uma roupa adequada para nosso passeio. Para o dia de hoje combinamos de ir à praia e ele já está me esperando na sala, quer dizer, ao menos foi o que ele prometeu depois da nossa tarde de preguiça vendo um filme na cama e bom... Nem preciso dizer que não assistimos nem metade dele. Estou com as partes íntimas doloridas da intensa maratona de sexo que praticamos.

Reviro as malas que ainda não tinha desfeito e encontro um biquíne branco e uma saída de praia amarela bem comportada que se assemelha a um vestido cheio de buraquinhos.

Visto o biquíni, coloco a saída por cima e vou ao seu encontro.

Das escadas já posso ver meu marido de costas olhando pela janela com as mãos no bolso de sua bermuda branca. Masalom parecia distante, perdido em pensamentos e completamente sexy com aqueles cabelos bagunçados e ombros largos desnudos.

É visível que meu marido está menos armado e menos vigilante a qualquer sinal de perigo. Ele parece mais leve.

Desço os últimos degraus que falta e caminho até ele.

— Estou pronta! — anuncio e ele vira em minha direção com sorriso de arrancar calcinhas. Sorriso que aos poucos vai desaparecendo quando ele analisa meus trajes. — De novo não, por favor... — imploro assim que ele abre a boca.

Masalom me olha com o cenho franzido.

— De novo não o quê? — pergunta confuso.

— Você ia reclamar das minhas vestes e antes que o faça, quero que saiba que não vou trocar. — falo e ele estreita os olhos. — Ontem disse que te amo e nenhuma roupa ou olhar de outro homem sobre mim vai mudar isso. Além do que, foi você mesmo que me aconselhou a ser mais decidida, forte e madura, então, é o que estou fazendo. Não vou trocar nada e ponto final. — concluo e cruzo os braços.

Ele me olha sorrindo e ergue as mãos.

— Eu não disse nada esposa. Mas gosto de te ver emburrada. — declara enquanto caminha em minha direção. — Sua pele adere a um tom de vermelho, se bem que eu acho que prefiro seu sorriso tímido. — para diante de mim e afaga meu queixo antes de descruzar os meus braços e me puxar pela cintura colando assim nossos corpos.

Ele é um pouco mais alto, por isso ergo a cabeça para fitá-lo.

— Masalom... — murmuro quando sinto sua ereção pressionar minha barriga, mas sem me dar ouvidos, meu marido assalta minha boca.

Seus lábios dançando contra os meus já me deixam sem raciocínio para argumentar e eu o correspondo levando a mão à sua cabeça trazendo-o pra mim, enquanto a outra arranha suas costas. Ele por sua vez percorre meu corpo com as mãos e, vez ou outra, aperta minhas nádegas enquanto varre minha boca com a língua.

Masalom foi me guiando de costas naquela pegação de mãos por baixo da saída de praia, acariciando minha coxa e bunda. Eu estava ficando sem ar. Sinto quando a parte de trás das minhas pernas batem no sofá.

Ele me depositou no estofado lentamente e, deitando sobre mim, começou a distribuir beijos

molhados pelo meu pescoço. O arrepio que o gesto me causou, além de me fazer gemer, me influenciou a separar minhas pernas para dar-lhe espaço.

A cada mordida no nódulo da minha orelha, eu respira fundo, a cada apalpanda no meu corpo eu arfo, a cada beijo eu gemo entregue... Minha vagina pulsava de tesão e meu biquíni estava encharcado.

Os grunhidos que ele profere, sua respiração acelerada e a evidência do seu desejo por mim me desnorteiam.

Sua língua faz caminho por minha pele até sua boca voltar à minha, mas é perceptível que ele está desacelerando as coisas e o beijo não é mais afobado e feroz, mas sim carinhoso. Uma troca de afeto e paixão, degustação e amor... Ele não me respondeu em palavras, mas eu sei que ele me ama.

Sua mão desliza por minha perna. Sinto seu corpo colado ao meu e as batidas dos nossos corações quando, por falta de oxigênio, encostamos nossas testas para recuperá-lo.

— Se não pararmos agora, a praia terá que ficar para outro dia. — sussurra contra meus lábios.

A contragosto afasto minhas mãos dele ainda ofegante.

— Então vamos parar porque eu quero ir à praia. — murmuro e ele concorda se erguendo e pegando minha mão para me ajudar a levantar também.

Alcançamos a porta sem dizermos nada... Não era necessário.

Quando chegamos do lado de fora, seguimos a pé, pois estávamos realmente próximos à praia. Era só atravessar a rua.

Depois de chegarmos na areia, eu me escorei nele para tirar as sandálias. Adoro andar descalça. Lembro que minha mãe me perguntava se eu não tinha sandálias, mas a verdade é que a sensação dos meus pés na areia me atrai.

Quando enfim estou descalça, ergo o rosto e vejo o semblante inquisidor de Masalom.

— Gosto de andar descalça. — explico dando de ombros. — Devia experimentar. — instigo e ele parece refletir um pouco olhando de mim para as suas próprias sandálias. — Experimenta. Se não gostar é só calçá-las de novo, além disso, você vai ter que se desfazer delas em algum momento. — falo incentivando-o.

— Tudo bem. — concorda e as retira.

Olho para o mar diante de nós e me perco na sensação de liberdade que é o cheiro da brisa, o calor dos

raios de sol contra o meu rosto, o contraste frio e quente da areia. Fecho os olhos e respiro fundo absorvendo no âmago todos esses detalhes deliciosos.

— Perfeito! — ouço meu marido murmurar e abro os olhos para lhe responder, mas acabo não fazendo uma vez que, percebo que não é do mar ou do sol que ele está falando, mas sim, de mim.

Masalom me admira intensamente e eu fiquei sem graça.

Meu marido caminha em minha direção com aquela cara de safado que ele faz quando quer me possuir, porém eu sou mais rápida e desvio antes de correr dele que vem atrás de mim e logo me alcança pelo quadril fazendo com que perdêssemos o equilíbrio. Ele meio que amorteceu a queda me segurando pela cintura, mas não teve jeito e eu acabei ficando contra a areia e seu corpo.

— Merda, Savannah, você está grávida porra. Não pode ficar caindo. — rosna bravo, mas eu só consigo rir da sua preocupação desmedida e do nosso tombo.

Ele se levantou apressado e me pegou no colo como se eu estivesse quebrada. E eu rolo os olhos.

— Não se preocupe, marido, nós estamos bem. — digo, entretanto, ele não me escuta e continua a me levar nos braços pra onde quer que ele pretende ir. — Masalom! — insisto. — Me coloca no chão quero ir até a

água. — peço batendo de leve em seu ombro para atrair sua atenção.

— Vamos a um hospital. Nada de praia pra você.
— me encara sério.

— Disse pra me pôr no chão. Eu estou bem, já disse. — artigo me sacudindo para sair do seu aperto.

— Boneca... — murmura me repreendendo.

— Se estivesse sentindo algo, seria a primeira a querer ir, Masalom, mas não estou. Aquilo nem pode ser considerada uma queda. — falo com calma.

Masalom suspira e me coloca no chão a contragosto.

— Tem certeza que está bem? — indaga em desconfiança.

— Tenho, seu bobo. — afago seu queixo e fico na ponta dos pés para dar um selinho em sua boca. — Quero entrar no mar, vem comigo? — peço enquanto nos encaramos.

— Claro. — responde tirando a madeixa do meu cabelo que caiu no meu rosto colocando-a por trás da minha orelha.

Fomos em direção a água de mãos dadas. Paramos na areia um pouco antes do mar ele para ele tirar a bermuda e eu, a saída de praia.

— Alá, boneca! Isso lá é roupa de banho!? — reclama ao ver o meu biquíni. Eu o ignoro entrando no mar, após dar uma boa avaliada nas pernas dele, que agora trajava apenas uma sunga azul escuro.

Percebo que a água está na temperatura ideal para um banho, enquanto sigo até ela ficar um pouco abaixo dos meus seios.

Não demorou muito para Masalom chegar por trás de mim me abraçando, ao mesmo tempo em que deposita um beijo em meu pescoço e suas mãos vão para a minha barriga que está imersa na água. Posso sentir sua ereção cutucar minha bunda e, por isso, suspiro.

A praia está um pouco vazia, pois é fim de tarde e o sol também já está se pondo no horizonte. O silêncio reina enquanto recosto a cabeça no peito dele e cubro suas mãos com as minhas observando a obra de arte muito bem arquitetada pelo criador se desenvolver no céu, enquanto o dia vai dando espaço à noite.

Meu marido coloca meu cabelo pro lado e deposita o queixo em meu ombro. Quando o sol desaparece por completo e a lua toma seu lugar, ele sussura em meu ouvido:

— Eu também te amo, boneca! — um sorriso brotou em meus lábios e uma lágrima caiu pelo meu rosto.

Foi inevitável não lembrar das palavras sábias

da minha mãe. Ela tinha razão ao dizer que Deus escreve certo por linhas tortas e que tudo de ruim que nos acontece é uma provação de que somos capazes de lutar, perseverar e vencer para, enfim, alcançar o que realmente o Criador tinha planejado, pois aí saberemos que veio por merecimento.

E meu bebê, meu marido, minha felicidade, minha amizade com a Sarah, Eliza, Brena enfim, tudo e o que sinto ao ouvir essas palavras veio porque resisti às turbulências da vida e é claro vou continuar firme e forte para continuar lutando, mas agora eu não estou mais sozinha e ao relento. Agora eu tenho... meu monstro.

Viro-me em seus braços e fitando o fundo dos seus olhos respondo:

— Te amo! — enlaço seu pescoço e beijo seus lábios com todo meu carinho e ternura.

(...)

A lua estava lá no alto e podia ser vista através da janela. Havíamos acabado de voltar da praia e para tirar a areia e o sal do meu corpo tomei um banho, mas proibi Masalom de ir comigo. Quero lhe fazer uma surpresa e necessito do tempo que ele vai demorar no seu banho para organizá-la. Meu intuito é mostrar o quanto aquela declaração foi importante pra mim.

Por isso enquanto ele entra para tomar seu

banho, eu procuro aquela lingerie minúscula que fui instruída a comprar e coloco numa sacola. Aqueles livros que ele me fez ler tiveram suas utilidades. Ele que se prepare.

— Masalom, vou fazer nosso jantar! — grito pra que ele ouça mesmo com o barulho do chuveiro. — Quando terminar venho te chamar, tudo bem? — pergunto recebendo um ok.

Saí do quarto e me direcionei até a cozinha rapidamente.

Tenho que fazer algo que tenha um preparo rápido para que dê tudo certo. Mas o quê? Isso! Já sei.

Hoje não vou cozinhar. Vi uma pizzaria aqui perto quando fugi para ir até o cemitério. Vou ver se um dos seguranças pode comprar pra mim... Mas preciso do cartão de crédito que Masalom me deu.

Corri para o quarto novamente.

Tenho que pegar o cartão na minha bolsa antes que ele saia do banho. Entro no quarto sorrateiramente e o procuro, olhando sempre para a porta do banheiro. Acho o cartão e volto em disparada para a cozinha onde chego sem ar pela adrenalina, tensão e correria. Apoio-me no balcão para recuperar o fôlego e olho sorridente para o cartão que tenho nas mãos.

Com a respiração em ordem novamente, sigo para a porta da frente e abro com a senha que meu marido me falou. Bastou puxá-la para um homem correr em minha direção.

— Hum... Boa noite. — troco de pernas envergonhada.

— Boa noite, alteza! — responde e faz uma reverência.

Sorrio pra ele desconfortável.

— Então... posso te pedir um favor? — indago e ele põe aqueles olhos negros nos meus com o cenho franzido.

— Claro, alteza! O que deseja? — pergunta prontamente.

— Vi que tem uma pizzaria aqui perto e queria que você comprasse umas cinco pizzas. — digo-lhe estendendo o cartão.

Ele me olha desconfiado, mas o pega.

— Certo. — fala e chama outro homem que estava distante.

O cara caminha até onde estamos e o outro lhe pede para ir atender meu pedido.

Preferi esperar do lado de fora, pois, caso eles

tocassem a campainha, estragaria meus planos. Ficamos num silêncio desconfortável até o cara voltar com as pizzas um tempo depois.

— Aqui está, alteza. — diz me entregando todas as cinco. Peguei apenas uma e o cartão.

— As outras são pra vocês. Deve ser difícil passar a noite em vigília. — exponho e eles me olham surpresos. — Obrigado. — agradeço e entro carregando as pizzas deixando os dois boquiabertos.

Deixei a caixa na mesa da sala e regressei à cozinha onde peguei dois pratos e os talheres. Eu vou comer com as mãos, mas ele eu não sei. Pego também duas taças e uma vela vermelha bonita que achei numa gaveta. Peguei uns lenços da mesma cor também e voltei para deixar tudo organizado na sala.

Com tudo em ordem, vou à cozinha novamente e decido me trocar ali mesmo. Alcanço a sacola no balcão e retiro o vestido e calcinha que estou vestida. Passo meu creme de pele com aroma de pêssegos por todo o corpo, prendo meus cabelos num coque e visto a lingerie que é uma calcinha fio dental preta com um babado vermelho no cóis e um sutiã também preto tomara que caia. Para completar, deslizo um pompom combinando com a calcinha pela perna até minha coxa. Por fim ponho a camisa preta de mangas de meu marido para cobrir tudo.

Pronta, vou até a geladeira onde separo alguns cubos de gelo, chocolate derretido e morangos para a sobremesa. Coloco tudo em potes de vidro, que se assemelham a pequenas tigelas, e os tampo.

Respiro fundo e penso em tudo que fiz para ver se não falta nada. Satisfeita, me direciono à escada, subo degrau por degrau me preparando psicologicamente para tudo que virá e é assim que alcanço a porta do quarto.

Masalom estava sentado na cama com os cotovelos apoiados nas pernas e as suas mãos puxavam os cabelos. Seu telefone estava jogado no colchão ao seu lado. Fui até lá e me agachei diante dele.

— Ei, o que foi? — questiono enquanto procuro seu rosto.

Meu marido sorri e me ergue fazendo-me sentar em seu colo logo em seguida.

— Nada com que deva se preocupar. — fala passando a mão por minha bochecha.

— Claro que devo. Você é meu marido. — retruco e ele sorri novamente.

— É só que... Eu não tenho ideia do que fazer para trazer meu irmão de volta. Ele não está agindo como... ele. Salan me disse que ele bebeu ontem. — expõe e suspira.

— Bebeu? Mas você também bebe. Qual o problema?

— Não costumo cumprir as tradições, já ele sim. Bebidas alcoólicas estão fora de cogitação para o nosso povo. — explica. — Estou preocupado.

— Naquele dia a Sarah levou uma das bebidas dele para nossa noite das garotas... — reflito e logo me dou conta da merda que fiz dizendo isso em voz alta.

— A minha irmã tem sede de conhecer o mundo. É assim desde que entrou na adolescência.— fala ao ver minha aflição. — Não a condeno, apenas espero que sua mãe não descubra. — beija minha testa. — Quanto a Horlom, vou puxar sua orelha quando voltarmos. — acaricia minha coxa. — A culpa é minha. Devia ter lhe protegido melhor. — passa minhas pernas por sua cintura e eu fico enganchada nele.

O silêncio paira e eu resolvo cortar.

— Ele é um homem, Masalom, precisa aprender a atravessar a má fase sozinho. — deito a cabeça entre seu ombro e pescoço. — Você fez o que podia.

Ele beija meus cabelos e inala

— Adoro esse seu cheiro. — fala e eu ergo a cabeça para lhe fitar.

— Você já disse... Vim te chamar para jantar. —

expresso me colocando de pé. — Vamos? — pergunto e ele anui também levantando.

— Liguei para o palácio e conversei com minha irmã. Ela queria falar com você. — diz abrindo a porta pra mim.

— Prometi ligar pra ela, mas acabei não fazendo. — exponho quando ele me abraça pelos ombros e juntos seguimos pra escada. — Mas amanhã eu ligo. — completo.

Masalom tenta me levar em direção à cozinha.

— Na verdade decidi que comeríamos na sala. — explico olhando-o e o vejo concordar.

Caminhamos para a sala onde deixei apenas uma vela e a luz que vinha lá de fora clareando. A mesa estava perfeitamente posta. Apesar da pizza não ser um prato para um jantar romântico, o resto lembrava um.

— Fez tudo isso enquanto eu estava lá em cima? — Masalom questiona ao me encarar surpreso.

— Fiz sim, tirando as pizzas que pedi para um dos seus seguranças comprarem. — explico sentando no tapete e me lembro que esqueci de trazer o refrigerante. — Esqueci o refrigerante pode ir pegar?

— Já volto. — concorda e eu fico abrindo a caixa. — Trouxe refrigerante apenas pra você, pois eu

quero um pouco de vinho. — expõe ao voltar e ergue as duas garrafas sorrindo.

Ele senta no tapete onde seu prato está e despeja nossas bebidas nos copos antes de sorrir pegando a pizza com a mão ao me ver fazer.

— Como você fez para consegui-la? — pergunta entre um pedaço e outro e aponta para a caixa.

— Pedi para seu segurança ir comprar. — acho que já havia lhe dito isto, mas repito e dou de ombros. Talvez ele não tenha ouvido já que ainda parece preocupado com Horlom.

— Ao menos não se arriscou indo sozinha. — comenta degustando seu vinho, enquanto eu como revirando os olhos em resposta.

— Não sei que mal tem cruzar a rua... — retruco após engolir.

Ele limpa a boca e a mão no guardanapo antes de procurar a minha que pairava sobre a mesa enquanto busca meus olhos.

— Boneca, tenho inimigos em todo o mundo. — passa o polegar pelas costas da minha mão. — Como sabe, sou um mafioso e você não pode ir a lugar nenhum sozinha. — leva minha mão à boca e beija. — Não quero correr o risco de te perder agora que lhe encontrei.

— Não vai. Eu vou tomar cuidado. — sorrio pra ele que me fita com intensidade, porém limpa a garganta e solta minha mão voltando a comer.

— Amanhã iremos ao Cristo. — anuncia mudando de assunto. — O governo brasileiro soube que estamos aqui e querem nos receber, ou seja, amanhã teremos uma manhã tumultuada, mas à tarde, poderemos continuar com aquilo que planejei pra nós. — continua a bebericar o vinho.

— Por mim tudo bem. — concordo empurrando a caixa da pizza. Já estava satisfeita. — Masalom, e o clube? Quanto tempo levará para você pôr fim nele? — pergunto, pois tenho pressa em tirar as meninas de lá.

— Quando voltarmos, resolverei isso. — responde pousando a taça na mesa de centro.

— Terminou? — indago pronta para dar início aos meus planos para esta noite.

— Sim, já estou satisfeito.

— Tenho a sobremesa, entretanto, se preferir, podemos comer no quarto. Eu estou um pouco cansada e assim já aproveito para dormir depois que comermos. — proponho levantando.

Masalom também se ergue e apaga a vela.

— Então pode subir. Me diz o que é e eu levo.

— se oferece prontamente.

— Não precisa. Pode subir, logo te acompanho. Não estou caindo pelos cantos, só cansada. — falo e ele aceita desconfiado, porém deixa um beijo rápido nos meus lábios, afaga minha barriga e caminha em direção às escadas.

Fico esperando e quando ele desaparece por completo, vou até a cozinha e pego os morangos, chocolate derretido e gelo. Com tudo em mãos, faço o mesmo percurso que ele e sigo para nosso quarto.

Equilibrando os potes um em cima do outro em uma só mão, giro a maçaneta. Masalom estava deitado na cama com um braço por baixo da cabeça super à vontade e completamente pelado... Ele só dorme assim na verdade. E isso torna as coisas mais fáceis para o que tenho em mente.

Coloquei os potes na extremidade livre do colchão e abri cada um deles sobre o olhar atento de meu marido que, a essa altura, apoiava o cotovelo no colchão e a cabeça na mão. Seu semblante arquitetava um sorriso safado.

Sem falar nada, subi em seu quadril deixando um joelho de cada lado do seu corpo. Ele se virou para me observar ainda sorrindo sedutor, mas parecia curioso. Levei as mãos aos botões da camisa dele tentando não

pensar que minha calcinha — que nem pode ser considerada assim — era a única barreira entre seu pênis e minha vagina. Comecei a desabotoá-los um a um.

— Hum vou ganhar um strip, esposa? — morde os lábios e escorrega uma das mãos por minha coxa e, traçando círculos com o polegar, vai subindo, subindo e apalpa minha bunda.

Seus olhos percorrem cada pedaço de pele que vai ficando desnuda ao abrir dos botões... Minha calcinha está enopada só com o poder do seu olhar luxurioso. Vejo-o tomar uma respiração afiada quando abro a camisa por completo.

— Perfeita! — elogia e rodeia minha cintura com um braço para me segurar quando ele senta comigo no seu colo.

Fitando meus olhos, ele empurra o tecido da camisa dos meus ombros. Esta escorrega pelos meus braços e eu o ajudo a tirá-la jogando-a longe. Sua atenção prende em minha boca e eu enfio os dedos em seu cabelo sedoso trazendo-o para mim.

O beijo é muito diferente do nosso primeiro beijo. Ele é compartilhado. Sei exatamente o que fazer, cada movimento... Já nos encaixamos perfeitamente em cada pequena demonstração de afeto.

Seus lábios soltam os meus para trilhar um

rastro de fogo por minha pele. Seu hálito e respiração quentes escorregam pelo meu queixo, pescoço... Jogo a cabeça pra trás e ele continua a provocação até os meus ombros. E, por fim, coloca todo meu mamilo direito na boca. Gemi e rebolei em seu colo.

A boca quente e aveludada dele, a língua pincelando os bicos frisados do meu seio me levam ao delírio e grito de prazer, enquanto o calor líquido escorre pela minha vagina. Quando penso que aquilo me daria um orgasmo, meu peito esquerdo é agraciado com a mesma desenvoltura.

— Hã! Masalom... — arfo me remexendo contra seu sexo em busca de alívio.

— Minha boneca! — murmura me encarando. — Seus seios são tão saborosos. — me dá um selinho.

— Assim não vale você está acabando com meus planos. — reclamo baixinho acarinhando seus cabelos.

— Ooh, desculpe, mas não consigo resistir a você. — diz e volta a deitar-se. — Porém vou fazer um esforço... Prossiga, boneca.

Alcanço os morangos e escolho um deles mergulhando-o no chocolate.

— A intenção era degustar a sobremesa, lembra?

— posiciono contra os lábios dele que logo se entreabrem dando uma mordida. — Hum... está gostoso? — questiono e ele assente com a cabeça, enquanto eu o dou a outra metade. — Deixe-me provar. — passo a língua por seus lábios antes de lhe beijar. — Delicioso. — concordo.

Procuro novamente o pote do chocolate e saio do colo dele.

— O que se passa por essa cabecinha? — perguntou quando eu parei com o lábio entre os dentes criando coragem para fazer o que tinha escrito num dos livros.

— Nada. — exponho e despejo o chocolate numa linha reta desde seu peito até seu pau ereto. — Vou apenas saborear minha sobremesa. — explico olhando sua face que se contorce em excitação.

Baixo minha cabeça e lambo a trilha vagorosamente recebendo uma arfada. Pauso um pouco para engolir o chocolate que tenho na boca e solto um gemido de apressado antes de continuar meu caminho da felicidade. Coloco a cabeça do pênis dele na boca e recebo um grunhido.

— Que boquinha... Alá! — murmura e eu o engulo até onde consigo cobrindo a outra parte com minha mão e, com movimentos ritmados, dou-lhe prazer.

Masalom me encarava metuculofo.

Após limpar todo o doce, alcanço o gelo sem tirar o pau de minha boca. Passo o gelo por seu peito trazendo-o para os meus lábios. Com o gelo e seu pau na boca, eu o mastubo e ele fecha os olhos com força procurando meus cabelos.

— Não vou durar muito. — avisa forçando minha cabeça de encontro ao seu sexo.

Meu intuito de lhe provocar foi cumprido, por isso, o libero dos meus lábios e vejo ele abrir os olhos quase que instantaneamente. Regresso ao seu colo e afasto a tira da minha calcinha antes de segurar seu pau com a mão e guiando-o para dentro de mim. Bem devagarinho, desço nele e enfio o seu pau na minha vagina.

— Hum... Hã! — balbucio de olhos fechados.

Ao abrir os olhos visualizo meu marido me assistir com admiração. Vou descendo até estar deitada contra seu peitoral e com a testa junta a dele. Sussurro contra seus lábios:

— Eu te amo.

Masalom sorri carinhoso enquanto eu subo e desço em seu cumprimento. Sua boca sela a minha por um longo tempo.

— Eu também te amo, boneca. — exclama e eu sou pega de surpresa quando ele inverte a posição me

colocando contra o colchão tomando o controle do momento.

E assim ele me amou por longas horas... Foi carinhoso, gentil e amável... preocupou-se com meu prazer antes do próprio e me presenteou com palavras doces a noite inteira... Fizemos amor. Não foi uma foda. Foi amor, mostrando seus sentimentos e eu entregando-lhe os meus.

No dia seguinte, acordei com ele beijando minha barriga ainda lisa e conversando baixinho... Ele vai ser um bom pai, disso não tenho dúvidas... Peguei no sono novamente exausta, feliz e com um sorriso tranquilo nos lábios ouvindo-o falar coisas desconexas com nosso bebê.

(...)

Hoje faz exatamente um mês desde que chegamos ao Brasil. Masalom já me levou ao Cristo, ao Pão de Açúcar e a vários outros pontos turísticos do Rio de Janeiro. Ele me fez uma surpresa de aniversário incrível, além de me fazer aceitar várias jóias. Segundo ele, é seu dever quando há alguma data comemorativa.

Como já havia dito, ele planejou muito bem nossa estadia aqui, inclusive para hoje, estava "agendada" a minha consulta com uma obstetra. Se dependesse dele, tínhamos feito oito dias após o início da nossa estada aqui no Brasil, porém, após uma conversa com Davi, ele optou

por adiá-la, já que só seria possível identificar e ouvir os batimentos cardíacos do bebê, após cinco semanas de gestação.

— Vamos, boneca, já está na hora, senão chegaremos atrasados. — meu marido diz ao entrar no quarto onde estou terminando de me arrumar.

— Vamos sim. — concordo indo até ele e amarrando meus cabelos.

Masalom enlaça minha cintura e, após ter meu coque pronto, rodeio a sua também. Caminhamos até o carro que já nos esperava lá fora. Tinha um carro preto nos aguardando na entrada e, ao lado dele, o motorista.

Ao nos aproximarmos, ele nos faz uma reverência, nos cumprimenta gentilmente e abre a porta do automóvel. Meu marido me auxiliou a sentar e ocupou o lugar ao meu lado. Segundos depois, já me puxou para seu colo.

O caminho até a clínica foi feito rapidamente enquanto eu lembrava da forma como fomos recepcionados pelo governo alguns dias atrás e de como estou contente por poder estar vivendo meus sonhos e, o melhor, ao lado daquele com quem menos esperava. Quando voltarmos à Arábia Saudita terei que me inteirar mais das tradições.

— Pode nos aguardar aqui mesmo. — meu

marido disse para o motorista quando este estacionou o carro interrompendo minhas divagações.

Vejo o homem acenar com a cabeça em concordância ao descer para abrir a porta pra nós. Masalom, outra vez, me ajudou no processo. Parecia que eu ia quebrar a qualquer momento diante de tantos cuidados. Ele ficou mais atento a mim desde a queda na praia.

— Não precisa me tratar como se eu fosse uma enferma. — ralho com ele assim que piso na calçada. — Só estou grávida. — cruzo os braços. — Já parou pra pensar quantas mulheres já passaram por isso? — expresso lançando-lhe um sorriso sem dentes para amenizar a bronca.

Ele concordou contrariado observando em todas as direções e eu também o fiz por curiosidade. Do outro lado da rua tinha dois carros pretos parados. Os homens que estavam junto aos carros fizeram sinal de positivo para meu esposo.

— Quem são? — questiono temerosa buscando aconchego em seus braços onde sou muito bem recebida.

— Meus homens. Agora que todos sabem onde estamos, precisamos de segurança. — revela erguendo meu queixo com os dedos e me beija levemente no meio da rua.

Sempre fui meio tímida e demonstrações de afeto em público não são o meu forte, por isso, por instinto, assim que nos separamos, procuro ver se o motorista nos viu e percebo que ele já havia tomado seu lugar dentro do automóvel. Sem mais delongas, Masalom pousa a palma da mão em minhas costas e me guia para as grandes portas de vidro da clínica.

Ao adentrarmos no lugar bem moderno e elegante, somos recebidos por um sorriso gentil da moça bonita que está atrás de um balcão cinza. Vemos também, um pouco afastados da recepção, em uma sala sofisticada, uma mulher com a gestação bem avançada e seu respectivo companheiro aguardando por sua vez.

— Bom dia, temos uma consulta marcada com a doutora Sandra Alcântara. — Masalom diz para a moça que sorri gentil e cora violentamente.

— Bom dia, poderia por favor me informar seus nomes? — pede teclando no computador à sua frente.

— Senhor e senhora Amir Farid. — fala meu marido.

A garota olha pra nós como se não acreditasse.

— Oh claro! — admira-se. — Vi vocês na televisão. São os futuros reis da Arábia Saudita! — exclama, mas em seguida, limpa a garganta e logo tenta voltar ao seu trabalho quando Masalom lhe lança um olhar

impaciente. — Quer dizer... eh... podem aguardar um instante, altezas? A doutora já está terminando com uma jovem e logo depois daquele casal serão vocês.

— Certo. — concorda Masalom daquele seu jeito intimidador.

Gentil, ela se levanta do seu posto e, parando diante de nós, gesticula para o espaço onde o outro casal aguarda.

— Vocês podem esperar ali. Sigam-me, por favor.

— Obrigada. — agradeço e levo meu marido pela mão até o sofá.

— Aceitam um chá, café, água...

— Não, obrigada. — Masalom a interrompe bruscamente.

— Hum... certo. — a garota regressa à sua mesa praticamente correndo e eu belisco Masalom que me olha com os olhos estreitos.

— Precisava ser grosso? A menina estava fazendo seu trabalho. — murmuro irritada.

— Não estava sendo grosso. Só não deixei que ela gastasse seu discurso conosco, se não queremos nada. — argumenta colocando a mão em minha perna e eu rolo os olhos à sua resposta preferindo não comentá-la.

Em silêncio observamos o casal ao nosso lado conversar animadamente. Minutos depois a recepcionista guiou os dois até a sala da médica deixando apenas Masalom e eu ali. A mão de meu marido ainda acariciava minha perna ericando meus pelinhos no momento em que alcanço uma revista sobre o móvel ao lado do sofá.

— Do que se trata? — indaga ele quando folheio as páginas e paro em uma parte designada a nomes para bebês e o seu significado.

— Uma revista. — respondo o óbvio.

— Me refiro ao conteúdo. — retruca e eu ergo o rosto olhando seu sorriso irônico.

— Nomes de bebês. — digo e aponto. — Esta coluna é destinada a meninas e esta, a meninos.

Foi assim que nos entretivemos com a revista. Ele achou o nome Analu bonito para menina e para menino Erik já eu prefiri Cecília como minha mãe ou Murilo como meu pai.

— Altezas!? Desculpe interrompê-los, mas a médica os aguarda. — a moça da recepção aparece acabando com nosso debate.

— Oh sim, obrigada! — levanto e meu marido também.

— Eu os levarei até ela. — explica caminhando

na frente.

A jovem abriu a porta e pude ver uma senhora elegante e sorridente por trás de uma mesa de vidro.

— Bom dia! — cumprimenta enquanto entramos e a moça fecha a porta atrás de nós se retirando.

— Bom dia. — respondemos em uníssono.

— Sentem-se, por favor. — pede e nós o fazemos, ocupando as duas cadeiras diante dela.

— Pelo que vejo sua gravidez é recente. — reflete observando minha barriga.

— Sim, descobrimos há pouco tempo. — afirmo e procuro a mão de Masalom para segurá-la. — Mas, meu marido cismou que precisamos acompanhá-la ainda que seja o início.

— Faz muito bem. — elogia. — Tem idéia de quantas semanas está?

— Entre cinco e seis. — Masalom responde por mim e eu o olho surpresa por ele estar contando se nem mesmo eu sabia.

— Iremos fazer um ultrassom transvaginal para identificar o local da implantação e determinar a idade gestacional. — explica levantando. — Podem me acompanhar? — indaga e nós nos erguemos indo atrás dela. — Tome, querida, vista-se. — ela me entrega uma

daquelas roupas de hospital e aponta uma porta.

Vou até ela encontrando um banheiro. Tiro meu vestido e lingerie. Coloco a veste que ela me entregou e regresso à sua sala onde a médica e meu marido, com as mãos no bolso, me aguardavam.

— Pronta? — pergunta e eu digo que sim. — Ótimo deite-se aqui. — pede ocupando uma cadeira e mexendo nos equipamentos.

Faço o que ela pediu e Masalom, que veio me ajudar a deitar, segura minha mão. A doutora abriu minhas pernas e eu arregalei os olhos sentindo meu rosto arder quando esta enfiou algo na minha vagina.

Voltando a sentar-se, a médica ficou em silêncio analisando a imagem preta e branca na tela.

— Ora, ora! — exclamou instantes depois.

— Tem alguma coisa de errado com ele? — Masalom perguntou quando a médica fez uma cara esquisita.

Apertei sua mão e o fitei com o coração na boca.

— Errado? — inquires voltando seu olhar pra nós. — Não, muito pelo contrário! Foi algo muito certo. — conclui misteriosa e pisca o olho para meu marido divertida.

Franzo o cenho em confusão e vejo Masalom

fazer o mesmo.

— Está vendo este pontinho? — indaga apontando para a tela.

— Sim. — respondemos uníssono e aflitos.

— Esse aqui é o bebê de vocês. — afirma.

Observo o pequeno pontinho na tela e uma lágrima de felicidade desliza pelo meu rosto.

— Espera, mas se esse aí é nosso bebê, tem mais dois deles... Alá! — meu marido reflete incrédulo, entretanto, sorri de orelha a orelha.

— Vocês terão trigêmeos. — revela a doutora. — Não um, ou dois, mas três bebês. — sorri. — E você está com seis semanas e dois dias.

Ainda ouvimos os batimentos cardíacos deles. Não conseguimos controlar a emoção antes dela retirar de dentro de mim o aparelho e sair nos deixando a sós.

Estou tão tonta com a informação que Masalom é quem me veste. Estava preparada para um deles, no entanto, terei três...

Não sei se sorrio contente como nunca estive na vida, se fico apavorada com a ideia de ter que parir os três, ou se fico me questionando como cuidarei de todos... Todavia quando meu marido me puxa para seus braços e me beija como se não tivesse amanhã, todo e qualquer

misto de sentimentos se dissipa e fica apenas uma alegria infinita.

— Obrigada, boneca! — agradece contra meus lábios.

Sáímos do banheiro e a doutora prosseguiu com a consulta junto com meu marido, uma vez que eu divagava imaginando como será o rostinho dos três, se serão todos de um único sexo ou se não.

Escutava por cima Masalom perguntar se minha doença seria um problema e ela responder que não, mas explicou um negócio de genética que depois perguntaria a ele do que se tratava.

Por fim, ele me guiou até a saída da clínica e nós voltamos pra casa.

— Boneca, acho melhor voltarmos para casa. — diz me carregando no colo até nosso quarto.

— Já não estamos em casa? — indago irônica.

— Sua casa agora fica na Arábia, Savannah. — explica e eu encosto a cabeça em seu ombro concordando. — Segundo a doutora, você vai precisar de apoio e descanso quando a sua barriga começar a crescer. — fala me colocando na cama.

— Tudo bem. Você tem razão. — murmuro. — Tenho a Sarah lá e... Masalom? — chamo quando ele deita

atrás de mim.

— Sim? — responde beijando meu ombro.

— Tenho a pessoa ideal para me auxiliar a criar nossos filhos. — digo sentindo suas mãos subirem por minhas coxas por baixo do vestido.

— Quem? — indaga em meu ouvido afastando minha calcinha para ter total acesso a mim e eu respiro já excitada.

— Conheci uma mulher muito doce no clube. Tenho certeza que ela irá atrás do filho quando você acabar com o lugar. Podemos ajudá-la a encontrá-lo e lhe propor que me ajude a criar as crianças enquanto o procuramos. — falo e suspiro quando seus dedos entram na minha vagina. — O que você diz?

— Você é quem sabe. Tem meu apoio. — morde o nódulo da minha orelha enquanto trabalha seus dedos em mim.

Meu coração regozija só em imaginar ter a Eliza por perto outra vez e ainda poder ter a oportunidade de ajudar no seu encontro com o filho.

— Obrigada, Deus não poderia ter me dado esposo melhor. — digo me remexendo contra seus dedos.

Ele os puxa da minha vagina e eu gemo frustrada. Ouço o som do zíper da sua calça e logo o sinto

friccionar na minha vagina, me provocando. Sua mão livre puxa meu vestido e o sutiã pra baixo, assim ele pode apertar meu seio. Já estou quase no meu limite.

— Masalom... — sussurro.

Seu pênis desliza para dentro de mim. Ele sussurra na minha orelha com seu hálito quente ericando meus pelinhos:

— Eu te amo, boneca! — uma estocada. — Usarei todos os nossos dias para te fazer feliz. — outra. — Para fazer nossos filhos felizes. — mais uma. — Obrigada por me amar mesmo com todos os meus defeitos. — outra. — Obrigada por me presentear com sua doçura. — a essa altura já não sabia se gozava, se sorria ou se chorava.

Virei pra ele e acabei quebrando nosso contato, todavia logo tratei de guiar o seu pênis para a minha vagina novamente e, em seguida, segurei seu rosto entre as mãos.

— Nossa história está apenas começando, meu amor. — beijo sua bochecha e ele sorri. — Quanto aos nossos filhos estaremos juntos para lhes dar todo nosso amor. — beijo seu olho. — Ao ser traficada, achei que Deus tinha esquecido de mim, mas ele apenas estava me dando o caminho até você. Você merece ser amado, meu amor, todos merecem... — olho em seus olhos. — Esse

sentimento infinito e inquebrável que eu sinto por você nasceu sob tempestades turbulentas em meu coração, no entanto, criou raízes e para não explodir, vou compartilhar contigo por toda minha vida. — beijo seus lábios. — Ao seu lado serei uma boa mãe, esposa, rainha e no fundo, lá no fundo, sempre serei uma garota que foi traficada para pertencer a um monstro que nem é tão monstro assim, porém muito, mas muito safado.

Ele gargalha estocando em mim e me beija com paixão, fervor, ternura, amor e promessas de um grande futuro que a nossa família formada por mim, ele e nossos trigêmeos trarão. Sinto, no fundo do meu âmago, que nosso relacionamento sempre será inusitado. Gozamos juntos não só pelo prazer carnal, pois nosso relacionamento vai muito além.. E esse é apenas o início de uma longa jornada.

EPÍLOGO

MASALOM

Após a consulta e a notícia de trigêmeos, optei por encerrar nossa estada nesse país tropical maravilhoso. Estou em êxtase por saber que terei três miniaturas rechonchudas para cuidar muito em breve.

Savanah está deitada descansando, na realidade, eu obriguei-a a descansar. No momento sua posição me dá uma enorme vontade de ir até ela e lhe fuder com vontade outra vez. Aqueles olhinhos faiscando de raiva, aquele bico franzido e seus cabelos pós-coito jogados no travesseiro lhe deixam sexy como o inferno.

— Pode tirar esse sorriso convencido do rosto!
— responde estreitando os olhos em minha direção.

— Não estou sorrindo, boneca, estou apenas organizando nossas bagagens. — defendo-me fechando o zíper da mala.

Ela empurra o lençol e com os olhos pidões se senta.

— Me deixa te ajudar, marido, eu não estou cansada. — insiste outra vez.

— Não é necessário porque já terminei. —

expresso olhando-a nos olhos. — E você está cansada sim, uma vez que não te dei folga desde ontem quando voltamos da clínica. — retruco sorrindo ao lhe piscar o olho.

Minha boneca bufa e volta a deitar cobrindo os seios com o lençol.

— A que horas viajaremos? — pergunta chateada.

— Daqui a três horas. — respondo consultando rapidamente o relógio de pulso. — Por que não dorme um pouco? Te acordo com tempo suficiente para um banho. — sugiro pegando as bagagens e colocando-as para fora do quarto. Dali o motorista as levaria para o carro.

Os minutos pareceram correr e, após algumas ligações, tinha o avião nos esperando. Salan foi informado sobre minha volta. O motorista estava nos aguardando com tudo pronto. Faltava, apenas, acordar minha boneca que dormia feito um anjinho.

Aproximei-me e deixei um beijo em seus lábios fazendo-a gemer manhosa.

— Acorda, boneca! — sussurrei em seu ouvido, mas ela não pareceu disposta a atender. — Vamos, meu amor, temos que voltar para casa agora. — insisti acariciando seu rosto.

— Me deixa dormir, Masalom. — murmura virando de lado.

Suspiro e pego seu corpo nos braços levando-a em direção ao banheiro. Sentei uma Savannah sonolenta na bancada e abri suas pernas.

— Vou te acordar de uma outra maneira, boneca. — expliquei quando ela abriu um olho com o intuito de ver o que eu estava aprontando.

Ela estava nua, o que facilitava as coisas. Abaixei a cabeça e pincelei seu clitóris com a língua.

— Oh, marido! — exclama surpresa e já totalmente desperta.

— Agora você acorda né, safada? — indago inalando profundamente seu cheiro inebriante.

Belisquei os bicos franzidos dos seus seios entre os dedos, enquanto mordi levemente seu monte.

— Ah! Ai que delícia, marido! — grita agarrando-se aos meus cabelos. — Tão intenso... — sussurrou através da respiração acelerada.

Enfieei minha língua na sua vagina molhada e a retirei sem pressa. Repeti o mesmo movimento algumas vezes e pude sentir seu corpo convulsionar, no mesmo instante em que seus lábios vaginais sugavam minha língua.

— Masalom, eu... — balbuciou tentando fechar as pernas, mas não permiti e as segurei separadas.

Substituí minha língua por dois dedos e, enquanto estocava para dentro e para fora dela, suguei seu clitóris com a boca.

— Oh, eu não posso mais! — respirou se contorcendo.

— Deixa vir, boneca, goza em minha boca! — falei antes de voltar a lambar seu monte. — Não canso de provar seu néctar feminino. — revelei e enterrei meus dedos no fundo de sua boceta. Deixei um tapa estalado em sua pélvis e mordi, em seguida, outra vez seu clitóris.

— Masalom! — Savannah gritou meu nome quando seu corpo tenso em antecipação ao que viria serpenteou diante do seu orgasmo.

Admirei-a enquanto puxava meus dedos da sua vagina e os chupei degustando-os. Minha boneca estava corada e com os lábios entreabertos. Sua respiração estava acelerada, seus cabelos revoltos, sua pele branca tinha a marca vermelha das minhas mãos em cada lugar onde elas apertaram. Sua vagina rosada brilhava e seus olhos castanhos estavam reluzentes quando encontraram os meus.

Retirei a calça moletom que trajava antes de puxá-la para os meus braços, a fim de tomarmos banho.

Embaixo do chuveiro, banhei minha boneca e não resisti reivindicar seu corpo para mim outra vez antes de partirmos para a Arábia Saudita.

Após o banho nos vestimos e descemos até a porta da frente onde o motorista aguardava. Em seguida seguimos até o hangar de onde partiríamos.

— Eu estou tão feliz, Masalom. — minha boneca diz de repente ajustando minha gravata enquanto eu a segurava enganchada de frente pra mim no banco do carro. — Cheguei a cogitar que nunca mais me sentiria assim... — sussurra com a voz embargada e uma lágrima desliza pelo seu rosto enquanto um sorriso paira em seu rosto.

— Ei, meu amor, está tudo bem. Eu vou cuidar de você e dos nossos filhos. — digo enxugando a lágrima antes de beijar sua testa.

Ela anui e solta um longo suspiro ao depositar a cabeça entre o meu ombro e o pescoço.

— Eu sei que vai. É só que senti a necessidade de te dizer isso e eu o fiz.

O silêncio se instala e cada um de nós dois digerimos pensativos as suas palavras. Senti o cheiro dos seus cabelos e, quando menos esperava, o carro parou e o motorista avisou que havíamos chegado.

Savanah ergueu a cabeça e quando segurei sua

cintura para colocá-la de volta no banco com o intuito de deixarmos o automóvel, me surpreendi com o fato de receber um beijo. Minha boneca agarrou minha camisa e parecia desesperada por meus lábios. Forcei as mãos em seu quadril e puxei seu corpo para perto. Sem hesitar ela se enroscou mais em mim.

Levei uma das mãos à nuca dela e emaranhei os dedos entre suas madeixas.

— Eu te amo, Masalom, eu te amo. — murmura ofegante.

— Também te amo, boneca. Contudo não entendo o motivo desse seu fogo todo, já que menos de uma hora atrás te possui no banho.

Ela sorri e sai do meu colo dando de ombros.

Passei as mãos nos cabelos e desci do carro dando a volta para lhe ajudar a sair, porém ela já me esperava do lado de fora. Bufei e caminhei até ela, circulei um braço em sua cintura e juntos seguimos para o hangar.

O avião ainda estava sendo preparado e, por isso, fiz Savannah se sentar numa cadeira que tinha ali. Foi quando ouvi tiros serem disparados lá fora e fiquei em alerta.

Quando um dos meus homens veio correndo em

minha direção gritando, soube que havia algo errado:

— Estamos sob ataque, chefe!

Olhei para minha boneca que tinha os olhos esbugalhados e a face pálida.

— Faça nossa proteção enquanto converso com minha esposa. — ordenei ao homem moreno que assentiu observando tudo ao nosso redor com atenção.

Agachei diante da minha esposa e segurei suas mãos trêmulas entre as minhas.

— Preciso que seja forte, boneca, eu vou ter que ir ajudá-los para que estes imbecis não invadam o hangar e assim te manterei segura.

— Não, Masalom, por favor, não vai. — ela começa a chorar agarrando meus braços.

— Shiii, Savannah! Escuta. Nós não temos tempo. — levo os dedos aos seus lábios calando-a. — Eu prometi há pouco que cuidaria de você e dos nossos filhos e é isto que estou fazendo.

Ela assente e me solta a contragosto ainda se debulhando em lágrimas. Deixo um beijo em seus lábios e levanto indo ao encontro do soldado.

— Fique aqui e a proteja com sua vida se isso for necessário. — falo apontando o queixo para Savannah que estava de cabeça abaixada.

— Farei isso, chefe. — concorda e eu o vejo se aproximando da minha boneca e já se pondo diante dela.

Segui para fora enquanto puxava uma arma no condre escondido debaixo do meu paletó. Observei tudo à minha volta com atenção e quando vi meus homens, havia confusão estampada nos seus cenhos franzidos.

— Chefe, não há ninguém. — anuncia um deles.

— Como assim não há ninguém? — indago. — Ouvi claramente tiros serem disparados. — respondo pensativo.

Foi como se minhas palavras fossem o combustível essencial para o que estava por vir. Senti o cheiro de fumaça adentrar minhas narinas e virei nos calcanhares a tempo de ver o hangar explodir e o fogo se alastrar em questões de segundos. Atordoado, não pensei duas vezes antes de regressar correndo para o lugar onde deixei minha família.

— Chefe, não é uma boa ideia. Há galões de gasolina lá dentro! — gritou um dos meus homens, o que me fez correr mais rápido ao perceber que o tempo que tinha para salvá-los era ainda mais curto.

— Outra explosão vai acontecer assim que o fogo chegar próximo a um deles, chefe. Pode não ter ninguém vivo aí! — anuncia outro, mas eu estou determinado.

Savanah tinha que estar viva. Se ela não estiver, eu também não estarei. Essa angústia no meu peito e minha respiração acelerada são a confirmação de que a amo com todas as minhas forças.

Coloquei o braço no rosto para me proteger da queimadura, antes entrar no hangar por onde o fogo ainda não tinha se alastrado.

— Savanah! Boneca! — gritei desviando das chamas no piso. Quando avistei o local onde a havia deixado, vi seu corpo inerte embaixo do segurança que deixei fazendo sua proteção.

Corri para puxá-lo de cima dela.

— Savanah! — disse aflito jogando o cadáver do meu segurança para o lado e me agachei próximo dela.

Antes de qualquer coisa, busquei seu pulso e agradei quando senti o leve pulsar ali. Minha preocupação então se transferiu para tirá-la dali. Àquela altura, eu mesmo já tossia sem controle por causa da fumaça. O suor lavava meu rosto.

Peguei minha boneca no colo e corri para fora sem pensar muito até porque o tempo era meu inimigo. Sorri quando consegui visualizar a claridade no exterior do hangar, contudo, o sorriso foi arrancado do meu rosto quando uma nova explosão me arremessou para frente. Consegui me segurar de pé com Savanah nos braços

desacordada, mas sabia que aquela era apenas mais uma de uma série que viriam.

Meu peito ardia e respirar estava se tornando difícil, por isso, o meu controle para situações de perigo foi levado de mim, já que a fumaça está toda nos meus pulmões e a minha família correndo risco em meus braços, eu busquei me concentrar em meus pés e vez ou outra no meu objetivo que era chegar até a saída.

Comparei o peso de Savannah a uma pluma quando lhe peguei no colo pela primeira vez, todavia, agora ela parecia pesar toneladas por causa das minhas forças que estavam se esvaindo. Mas eu conseguiria tirá-la dali. Faltavam só mais alguns passos. Segui apressado e, quando o ar puro circulou em meus pulmões, o alívio que senti foi surreal.

Meus homens vinham ao meu encontro quando o galpão desmoronou e explosões seguidas, outra vez, me arremessaram para frente. Dessa vez tive apenas tempo de inverter de posição com minha boneca ainda no ar e, ao aterrisar, caí com ela sobre meu corpo. Bati forte as costas no chão perdendo o ar por alguns segundos. Tenho certeza que quebrei meu braço direito por causa do impacto também, mas nem isso me impediu de circular a cintura da minha boneca com o braço esquerdo e procurar me erguer junto a ela.

— Chefe, deixe-me ajudar! — disse Zylan correndo em nossa direção.

— Se quer me ajudar, ache um carro que possa levar minha esposa a um hospital.

— Já providenciei isto, daqui a pouco... — e interrompeu a frase quando o carro estacionou diante de nós. — Aqui está ele. — completa abrindo a porta para que eu pudesse colocar Savannah.

Fiz milagre com uma mão só, mas consegui colocá-la dentro, entrar em seguida e trazê-la para meu colo. Então pedi para o motorista ir para o hospital mais próximo e me permiti averiguar o estado da minha boneca. Era difícil dizer se ela estava bem ou não, pois, para mim, seu rosto sereno refletia apenas que ela estava desacordada. Entretanto, me preocupava seu estado de saúde e também os dos nossos bebês.

Meu braço dói horrores, mas posso dizer que sobrevivi com dores muito maiores.

O carro para e eu me apresso em sair com a minha esposa para que ela possa ser atendida. Uma equipe de enfermeiros a colocam numa maca. Dentro do hospital levaram Savannah para emergência e me deixaram responsável por fazer uma ficha. Respondi às perguntas da garota da recepção, mas minha cabeça estava voltada à minha mulher. Não posso perdê-la. Ela é responsável por

minha parte humana. Sem ela nada de bom restará em
minha vida... Eu a amo com todas as minhas forças.

CONTINUA EM "REI MAFIOSO"

(Data prevista para lançamento da continuação em abril de 2017).

Mas fiquem ligados a autora lançará na Amazon em fevereiro seu livro: **UM MULHERENGO.**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para a realização deste sonho. Obrigada mãe pelo incentivo sempre, amo você. Obrigado pai, pelos sermões para que saísse do quarto quando estava passando dos limites, eu o amo muito e aprecio sua preocupação. E claro, não posso esquecer do meu irmão por comemorar comigo cada pequena conquista, você sabe que é meu melhor amigo, meu maninho do peito, amo-o.

Não poderia deixar de mencionar também meus leitores do Wattpad que acompanham as postagens, votando, deixando comentários que me deixam imensamente feliz, as minhas monstrixas do grupo no whatsapp, minha revisora sensacional, Rita Ribeiro, e a você que acaba de se tornar mais um integrante da nossa família literária. Obrigada por acreditarem na literatura nacional.

Finalizo deixando aqui registrado o amor que dedico a todos vocês, meus leitores fantásticos.

CONTATOS DA AUTORA:

Entre em contato com a autora em suas redes sociais para saber mais sobre os projetos e próximos lançamentos:

Wattpad: LuaDaves

Instagram: luadavesautora

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na Amazon indicando-o para futuros leitores.

Obrigada (o).